

O UNIVERSO HOLOGRAFICO

O pesquisador americano Michael Talbot aproxima a ciência moderna e as religiões antigas, ao analisar uma das teorias mais fantásticas de nosso tempo. Desenvolvida por dois eminentes pensadores, o físico David Bohm, da Universidade de Londres, e o neurofisiologista Karl Pribram, de Stanford, trata-se de uma nova conceituação da matéria, inspirada no princípio da holografia, a reprodução tridimensional de imagens por laser, segundo a qual todo o universo não passaria de um holograma gigantesco, um tipo de imagem criada pela mente, contendo tanto a matéria quanto a consciência, na forma de um campo único. Esse novo modo de encarar a realidade, que vem conquistando um número crescente de adeptos no meio científico, explica não apenas muitos dos enigmas insolúveis da física, como também ocorrências misteriosas como a telepatia, experiências fora do corpo ou no limiar da morte, os sonhos "lúcidos", e mesmo vivências místicas e religiosas. Um livro audacioso, perturbador, escrito numa linguagem deliciosamente simples, ainda que firmemente i enraizado nas melhores tradições científicas,

O Universo Holográfico está destinado a se tornar um clássico no gênero.

PÁGINA DEIXADA PROPOSITAMENTE EM BRANCO

PÁGINA DEIXADA PROPOSITAMENTE EM BRANCO

O UNIVERSO HOLOGRÁFICO

Michael Talbot

Para Alexandra, Chad, Ryan, Larry Joe e Shawn, com amor

Tradução de MARIA DE FÁTIMA S. M. MARQUES

EDITORA BEST SELLER 'M

CÍRCULO DO LIVRO

Titulo original: *The Holographic Universe*

Copyright © Michael Talbot, 1991

Publicado sob licença de Harper Collins, Publishers, Inc.

Licença editorial para o Círculo do Livro

por acordo com a Editora Nova Cultural Ltda.

e o detentor dos direitos autorais.

Direitos exclusivos da edição em língua portuguesa no Brasil

adquiridos por EDITORA NOVA CULTURAL LTDA.,

que se reserva a propriedade desta tradução.

EDITORA BEST SELLER uma divisão da Editora Nova Cultural Ltda.

Al. Ministro Rocha Axevudu, 346 - CEP 01410 - Caixa Postal 9442 São Paulo, SP

CÍRCULO DO LIVRO

Caixa postal 7413 01051 São Paulo, Brasil

Fotocomposto na Editora Nova Cultural Ltda.

Impressão e acabamento: Gráfica Círculo

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO

PRIMEIRA PARTE: UMA NOVA E IMPRESSIONANTE VISÃO DA REALIDADE

1 O Cérebro como Holograma

2 O Cosmo como Holograma

SEGUNDA PARTE: MENTE E CORPO

3 O Modelo Holográfico e a Psicologia

4 Eu Canto o Corpo Holográfico

5 Um Punhado de Milagres

6 Vendo Holograficamente

TERCEIRA PARTE: ESPAÇO E TEMPO

7 Tempo Desvairado

8 Viajando no Super-holograma

9 Retorno ao Tempo do Sonho

NOTAS

Os novos dados são de uma importância de tão longo alcance que podem revolucionar nosso entendimento da psique humana, da psicopatologia e dos processos terapêuticos. Algumas das observações transcendem a estrutura da psicologia e da psiquiatria e representam um sério desafio ao atual paradigma newtoniano-cartesiano da ciência ocidental. Eles podem mudar drasticamente nossa imagem da natureza do homem, da cultura, da história e da realidade.

— Dr. Stanislav Grof, sobre os fenômenos holográficos em

A Aventura da Autodescoberta

AGRADECIMENTOS

Escrever é sempre um esforço conjunto e, de diversos modos, muitas pessoas contribuíram para a realização deste livro. Não é possível nomeá-las todas, mas umas poucas merecem referência especial. São elas:

David Bohm, Ph.D., e Karl Pribram, Ph.D., que foram generosos tanto com seu tempo como com suas idéias, e sem cujas obras este livro não teria sido escrito.

Barbara Brennan, M.S., Larry Dossey, M.D., Brenda Dunne, Ph.D., Elizabeth W. Fenske, Ph.D., Gordon Globus, Jim Gordon, Stanislav Grof, M.D., Francine Howland, M.D., Valerie Hunt, Ph.D., Robert Jahn, Ph.D., Ronald Wong Jue, Ph.D., Mary Orser, F. David Peat, Ph.D., Elizabeth Rauscher, Ph.D. Beatrice Rich, Peter M. Rojcewicz, Ph.D., Abner Shimony, Ph.D., Bernie S. Siegel, M.D., T. M. Srinivasan, M.D., Whitley Strieber, Russell Targ, William A. Tiller, Ph.D., Montague Ullman, M.D., Lyall Watson, Ph.D., Joel L. Whitton, M.D., Ph.D., Fred Alan Wolf, Ph.D., e Richard Zarro, que também foram totalmente generosos com seu tempo e suas idéias.

Carol Ann Dryer, por sua amizade, discernimento e apoio, e pela generosidade infinita quando veio partilhar seu profundo talento.

Kenneth Ring, Ph.D., por horas de conversa fascinante e por introduzir-me nos escritos de Henry Corbin.

Stanley Krippner, Ph.D., por gastar seu tempo me telefonando ou me escrevendo um bilhete sempre que encontrasse algum exemplo novo dentro do universo holográfico.

Terry Oleson, Ph.D., pelo tempo dispensado, e por gentilmente me permitir o uso de seu diagrama do "homenzinho na orelha".

Michael Grosso, Ph.D., pela conversa instigante e por me ajudar a encontrar várias obras de referência obscuras sobre milagres.

Brendam O'Regan, do Instituto de Ciências Mentais, por sua importante contribuição ao assunto dos milagres e por me ajudar a encontrar informação sobre o mesmo.

Meu velho amigo Peter Brunjes, Ph.D., por utilizar seus contatos na universidade, ajudando-me a obter diversas obras de referência de difícil acesso.

Judith Hooper, por me emprestar inúmeros livros e artigos de seu extenso acervo particular sobre o universo holográfico.

Susan Cowles, M.S., do Museu de Holografia de Nova York, por me ajudar a encontrar ilustrações para o livro.

Kerry Brace, por partilhar suas reflexões sobre o universo holográfico aplicado ao pensamento hindu e a partir de cujos escritos adotei a idéia de usar

o holograma da Princesa Leia, proveniente do filme *Guerra nas Estrelas*, para abrir o livro.

Marilyn Ferguson, fundadora do *Boletim Cérebro/Mente*, uma das primeiras escritoras a reconhecer a importância da teoria holográfica e a escrever sobre ela, e que também dispôs de seu tempo e sua atenção com generosidade. O leitor atento vai notar que minha síntese da concepção do universo, que resulta de quando se consideram as conclusões de Bohm e de Pribram em conjunto, no final do Capítulo 2, na realidade é apenas uma leve reformulação das palavras que Ferguson emprega para enunciar a mesma opinião em seu *bestseller* *A Conspiração Aquariana*. Minha incapacidade em exprimir a concepção holográfica de outra maneira e melhor deveria ser vista como um tributo à *clareza* de Ferguson e a sua concisão como escritora.

O pessoal da Sociedade Americana para a Pesquisa Mediúnica, por seu auxílio, indo ao encalço de referências, recursos e nomes dos indivíduos adequados.

Martha Visser e Sharon Schuyler, por sua ajuda no exame do livro.

Ross Wetzsteon, da *Village Voice*, que me pediu para escrever o artigo que deu início a tudo.

Claire Zion, da Simon & Schuster, que foi a primeira a sugerir que eu escrevesse um livro sobre o universo holográfico.

Lucy Kroll e Barbara Hogenson, por serem os melhores agentes literários possíveis.

Lawrence P. Ashmead, da HarperCollins, por acreditar no livro, e John Michel, por sua edição criteriosa e delicada.

Se existe alguém que foi inadvertidamente deixado de fora, por favor me perdoe. A todos, citados ou não, que me ajudaram a produzir este livro, meus sinceros agradecimentos.

INTRODUÇÃO

No filme *Guerra nas Estrelas*, a aventura de Luke Skywalker começa quando um raio de luz é disparado do robô R2-D2, projetando uma imagem tridimensional em miniatura da princesa Leia. Luke assiste fascinado enquanto a escultura fantasmática de luz implora para que alguém chamado Obi-wan Kenobi vá em seu socorro. A imagem é um *holograma*, uma reprodução tridimensional feita com a ajuda de laser, e para se obterem tais imagens é necessária uma magia tecnológica impressionante. Mas o mais surpreendente ainda é que alguns cientistas já começam a acreditar que o próprio universo é uma espécie de holograma gigante, uma ilusão esplendidamente detalhada, nem mais nem menos real do que a imagem da princesa Leia que incita Luke a sair em seu enalço.

Dito de um outro modo, existem evidências sugerindo que nosso mundo e todas as coisas nele — desde os flocos de neve até as maiores árvores, das estrelas cadentes aos elétrons em rotação — também são apenas imagens fantasmáticas, projeções provenientes de um nível de realidade tão além da nossa própria, que está literalmente além, tanto do espaço como do tempo.

Os principais autores desta surpreendente idéia são dois dos mais eminentes pensadores do mundo: o físico David Bohm, da Universidade de Londres, protegido de Einstein e um dos mais respeitados físicos quânticos; e Karl Pribram, neurofisiologista da Universidade de Stanford e autor do clássico livro de neurofisiologia *Linguagens do Cérebro*. De modo intrigante, Bohm e Pribram chegaram a suas conclusões por caminhos independentes, enquanto trabalhavam partindo de duas direções muito diferentes. Bohm se convenceu da natureza holográfica do universo só depois de ficar insatisfeito com a incapacidade dos modelos teóricos para explicar todos os fenômenos encontrados na física quântica. Pribram convenceu-se por causa da falência dos modelos teóricos do cérebro em explicar diversos enigmas neurofisiológicos.

De qualquer modo, depois de chegarem a suas concepções, Bohm e Pribram rapidamente perceberam que o modelo holográfico explicava também diversos outros mistérios, incluindo a aparente incapacidade de qualquer teoria, independente do quão abrangente seja, de responder sempre a todos os fenômenos encontrados na natureza; a capacidade de indivíduos com audição em só um ouvido de determinar a direção de origem de um som; e nossa capacidade de reconhecer o rosto de alguém que não vemos há muitos anos, mesmo se a pessoa mudou consideravelmente nesse ínterim.

Mas o que mais surpreendia no modelo holográfico era que ele de repente dava sentido a uma gama imensa de fenômenos tão difíceis de compreender que eram em geral classificados como exteriores ao campo de entendimento científico. Entre estes incluem-se a telepatia, a premonição, sentimentos místicos de união com o universo e até a psicocinese, ou a capacidade da mente de mover corpos físicos sem ninguém tocá-los.

Na verdade, rapidamente se tornou óbvio, a um crescente número de cientistas que chegaram a adotar o modelo holográfico, que este ajudava a explicar virtualmente todas as experiências místicas e paranormais, e nos últimos seis anos mais ou menos tal modelo continuou a interessar os pesquisadores e a lançar luz num número cada vez maior de fenômenos antes inexplicáveis. Por exemplo:

- Em 1980, o dr. Kenneth Ring, psicólogo da Universidade de Connecticut, sugeriu que as experiências no limiar da morte podiam ser explicadas pelo modelo holográfico. Ring, que é presidente da Associação Internacional para Estudos de Experiências no Limiar da Morte, acredita que tais experiências, assim como a própria morte, não são na verdade nada mais do que o deslocamento da consciência de uma pessoa de um nível do holograma da realidade para outro.

- Em 1985, o dr. Stanislav Grof, chefe de pesquisa psiquiátrica no Centro de Pesquisa Psiquiátrica Maryland e professor-assistente de psiquiatria na Faculdade de Medicina da Universidade John Hopkins, publicou um livro no qual concluiu que os modelos neurofisiológicos cerebrais existentes são inadequados e apenas um modelo holográfico pode explicar coisas como experiências arquetípicas, encontros com o inconsciente coletivo e outros fenômenos incomuns vivenciados durante estados alterados de consciência.

- Em 1987, no encontro anual da Associação para o Estudo dos Sonhos, na cidade de Washington, o físico Fred Alan Wolf fez uma conferência na qual afirmava que o modelo holográfico explica os sonhos lúcidos (sonhos extraordinariamente vividos nos quais quem os experimenta percebe que está acordado). Wolf acredita que tais sonhos são na verdade visitas a realidades paralelas e que o modelo holográfico nos permitirá enfim desenvolver uma "física da consciência" que nos capacitará começar uma exploração total destes níveis da existência em outra dimensão.

- Em seu livro de 1987 intitulado *Sincronicidade: A Ponte Entre a Matéria e a Mente*, o dr. F. David Peat, físico da Universidade de Queen, no Canadá, afirmou que as sincronicidades (coincidências que são tão incomuns e tão significativas psicologicamente que parecem não ser resultado só do acaso) podem ser explicadas pelo modelo holográfico. Peat acredita que tais coincidências são na verdade "falhas no tecido da realidade". Elas revelam que nossos processos de pensamento estão muito mais relacionados com o mundo físico do que se suspeitou até hoje.

Estas são apenas umas poucas idéias instigantes que serão exploradas neste livro. Muitas dessas idéias são extremamente controvertidas. Na verdade, o próprio modelo holográfico é altamente controvertido e não é aceito de jeito nenhum pela maioria dos cientistas. Entretanto, e como veremos, muitos pensadores respeitados e importantes o apoiam e acreditam que ele pode ser a imagem mais correta da realidade que temos atualmente.

O modelo holográfico também recebeu algum apoio experimental expressivo. No campo da neurofisiologia, inúmeros estudos corroboraram as várias previsões de Pribram sobre a natureza holográfica da memória e da percepção. Da mesma forma, em 1982, um experimento notável realizado por um grupo de pesquisa liderado pelo físico Alain Aspect, no Instituto de Óptica Teórica e Aplicada, de Paris, demonstrou que a rede de partículas subatômicas que compõe nosso universo físico — o verdadeiro tecido da realidade em si — possui o que parece ser uma propriedade "holográfica" inegável. Estas descobertas também serão discutidas no livro.

Além da evidência experimental, vários outros argumentos dão peso à hipótese holográfica. Talvez as considerações mais importantes sejam o caráter e as realizações dos dois homens que deram origem à idéia. Bem cedo em suas carreiras, quando o modelo holográfico não passava de uma vaga idéia em seus pensamentos, cada um acumulou realizações que inspirariam a maioria dos pesquisadores a passar o resto da vida acadêmica descansando sobre os louros. Nos anos 40, Pribram realizou um trabalho pioneiro sobre o sistema límbico, uma região do cérebro envolvida com as emoções e o comportamento. Já o trabalho de Bohm sobre as propriedades físicas do plasma nos anos 50 também é considerado um marco.

Mas, de maneira ainda mais significativa, cada um deles acabou se diferenciando dos demais de um outro modo ainda. Um modo que mesmo os homens e mulheres mais evoluídos raramente podem reivindicar a si, pois não é avaliado simplesmente pela inteligência ou o talento; é medido pela coragem, a extraordinária decisão que exige sustentar a própria convicção mesmo em face de opressiva oposição. Bohm, certa feita, enquanto era ainda um pós-graduando, fez um trabalho de doutoração com Robert Oppenheimer. Mais tarde, em 1951, quando Oppenheimer foi submetido ao interrogatório da Comissão de Investigação de Atos Antiamericanos do senador Joseph McCarthy, Bohm foi chamado para testemunhar contra o cientista e se recusou. Como resultado, perdeu seu emprego em Princeton e nunca mais lecionou nos Estados Unidos, mudando-se primeiro para o Brasil e depois para Londres.

Igualmente Pribram, bem cedo em sua carreira, enfrentou uma prova de coragem semelhante. Em 1935, um neurologista português chamado Edgar Moniz inventou o que acreditava ser o tratamento perfeito para as doenças mentais. Descobriu que, perfurando o crânio de um indivíduo com uma broca cirúrgica e separando o córtex pré-frontal do resto do cérebro, podia fazer os

pacientes mais difíceis se tornarem dóceis. Chamou o método de *lobotomia pré-frontal*, e próximo aos anos 40 tal prática se tornou uma técnica médica tão popular, que Moniz foi agraciado com o Prêmio Nobel. Nos anos 50, a popularidade do método persistiu, vindo a tornar-se um instrumento, assim como os interrogatórios de McCarthy, para aniquilar os intelectuais indesejáveis. Seu uso para este propósito foi tão aceito que o cirurgião Walter Freeman, o mais sincero defensor do método nos Estados Unidos, teve a coragem de escrever que as lobotomias "faziam bons cidadãos americanos" dos desajustados da sociedade, "esquizofrênicos, homossexuais e radicais".

Por essa ocasião, Pribram surgiu na cena médica. Entretanto, ao contrário de muitos de seus pares, achou que era errado adulterar tão temerariamente o cérebro de outra pessoa. Tão profundas eram suas convicções que, enquanto trabalhava como cirurgião iniciante em Jacksonville, Flórida, opôs-se a aceitar o conhecimento médico da época e se recusou a permitir que fossem feitas lobotomias na ala sob sua supervisão. Mais tarde, em Yale, sustentou sua posição controversa, e suas opiniões radicais na época quase o fizeram perder o emprego.

O compromisso de Bohm e de Pribram em defender aquilo em que acreditavam, indiferentes às conseqüências, também está evidente no modelo holográfico. Como veremos, colocar suas reputações nada insignificantes em apoio a uma idéia tão controvertida não é o caminho mais fácil que um ou outro poderia tomar. A coragem de ambos e a visão que demonstraram no passado novamente dá peso à holografia.

Um exemplo final de evidência em favor do modelo holográfico é a própria paranormalidade. Este não é um detalhe pequeno, pois nestas últimas décadas surgiu um notável grupo de evidências, sugerindo que nosso entendimento atual da realidade, a confortante e sólida imagem do mundo feita a ferro e fogo que aprendemos na aula de ciências da escola, está errada. Uma vez que essas descobertas não podem ser explicados por nossos padrões científicos, a ciência os ignorou na maior parte das vezes. O volume de evidências, porém, atingiu um ponto em que esta não é mais uma situação sustentável.

Para dar apenas um exemplo, em 1987, o físico Robert G. Jahn e a psicóloga clínica Brenda J. Dunne, ambos da Universidade de Princeton, declararam que, depois de uma década de rigorosa experimentação no Laboratório Princeton de Pesquisa de Anomalias da Engenharia, acumularam evidências inequívocas de que a mente pode influenciar a realidade física. Mais especificamente, Jahn e Dunne acharam que, por meio de concentração mental apenas, os seres humanos são capazes de afetar a maneira de determinadas máquinas funcionarem. Esta é uma descoberta

surpreendente e algo que não pode ser respondido em termos do nosso padrão de imagem da realidade.

•Entretanto, pode ser explicado pela concepção holográfica. De modo inverso, uma vez que os eventos paranormais não podem ser explicados por nosso atual conhecimento científico, clamam por um novo modo de encarar o universo, um paradigma mais científico. Além de mostrar como o modelo holográfico pode responder à paranormalidade, o livro também examinará como evidências acumuladas em favor da paranormalidade parecem, por sua vez, necessitar na verdade da existência de um tal modelo.

O fato de que a paranormalidade não pode ser explicada por nossa atual concepção científica do mundo é apenas uma das razões de tal condição permanecer tão controvertida. Uma outra é que a questão da mediunidade é muitas vezes muito difícil de ser comprovada em laboratório, fazendo muitos cientistas concluírem que, portanto, tal função não existe. Este artifício óbvio também será discutido no livro.

Uma razão ainda mais importante é que, ao contrário do que muitos de nós veio a acreditar, a ciência não está livre do preconceito. Aprendi isso pela primeira vez vários anos atrás, quando perguntei a um físico de renome o que ele pensava sobre um determinado experimento parapsicológico. O físico (que tinha a reputação de ser cético a respeito da paranormalidade) olhou para mim e, com grande autoridade, afirmou que os resultados não revelavam "nenhuma prova de qualquer comportamento mediúnico, absolutamente". Eu ainda não tinha visto os resultados mas, por respeitar a inteligência e a reputação do físico, aceitei sua opinião sem questionar. Mais tarde, quando examinei eu mesmo os resultados, fiquei espantado ao descobrir que o experimento fornecia prova muito surpreendente de capacidade mediúnica. Percebi então que os cientistas de renome podem ter falhas e preconceitos.

Infelizmente, essa é uma situação que ocorre muitas vezes na investigação da paranormalidade. Num recente artigo no *American Psychologist*, o psicólogo de Yale Irvin L. Child investigou de que maneira uma famosa série de experimentos sobre a manifestação de percepção extra-sensorial (PÉS) realizados no Centro Médico Maimonides, no Brooklin, Nova York, foram tratados pela instituição científica. Apesar de expressiva prova confirmando a presença de PÉS pelos experimentadores, Child achou que o trabalho deles foi quase totalmente ignorado pela comunidade científica. De maneira ainda mais desanimadora, ele concluiu que, nas poucas publicações científicas que se preocuparam em comentar os experimentos, a pesquisa foi tão "seriamente distorcida" que sua importância ficou completamente obscurecida.¹

Como é possível uma coisa dessas? Uma razão é que a ciência não é sempre tão objetiva quanto gostaríamos. Encaramos os cientistas com um pouco de medo e, quando eles nos afirmam algo, nos convencemos de que deve ser verdade. Esquecemos que eles são apenas seres humanos e sujeitos aos mesmos preconceitos culturais, filosóficos e religiosos que todos nós. Infelizmente, pois, como este livro vai mostrar, existe um sem-número de evidências de que o universo abarca consideravelmente mais do que nossa concepção atual do mundo permite.

Mas por que a ciência é tão resistente especificamente no que concerne à paranormalidade? Esta é uma questão mais difícil. Ao comentar sobre a resistência que experimentou por sua própria visão não ortodoxa sobre saúde, o dr. Bernie S. Siegel, cirurgião de Yale e autor do famoso livro *Amor, Medicina e Milagres*, afirma que é porque as pessoas estão viciadas em suas crenças. Siegel diz que é por isso que, quando você tenta mudar a crença de alguém, ela age como um viciado.

Parece haver muita verdade na observação de Siegel, e talvez seja a razão pela qual a maioria das descobertas e dos avanços da civilização tenham sido acolhidos com recusa tão veemente pela primeira vez. *Somos* viciados em nossas crenças e *agimos* como viciados quando alguém tenta arrancar de nós o poderoso ópio de nossos dogmas. E, uma vez que a ciência ocidental se devotou durante tantos séculos a não acreditar na paranormalidade, não vai capitular diante de seu vício alegremente.

Tenho sorte. Sempre soube que havia mais no mundo do que era em geral aceito. Cresci numa família de médiuns e desde a mais tenra idade experimentei com primeira mão muitos dos fenômenos sobre os quais se falará neste livro. Ocasionalmente, e quando for relevante para o assunto que estiver sendo discutido, contarei um pouco de minhas próprias experiências. Embora essas experiências só possam ser encaradas como evidências anedóticas, para mim elas forneceram a prova mais veemente de todas de que vivemos num universo ao qual apenas começamos pesquisar, e as incluo por causa da compreensão que elas propiciam.

Finalmente, porque o conceito de holografia ainda é uma idéia em formação e um mosaico de muitos conceitos e evidências diversas, certos pesquisadores argumentaram que não deveria ser chamado de modelo ou teoria até que esses conceitos diferentes fossem integrados numa totalidade mais unificada. Como resultado, alguns pesquisadores referem-se às idéias *como paradigma holográfico*. Outros preferem *analogia holográfica*, *metáfora holográfica* e assim por diante. Neste livro, por razões de diversidade, empreguei todas estas expressões, incluindo *modelo holográfico* e *teoria holográfica*, mas não significa concluir que a idéia holográfica atingiu o *status* de um modelo ou teoria no sentido mais estrito desses termos.

Neste mesmo sentido, é importante notar que, embora Bohm e Pribram sejam os criadores da idéia holográfica, eles não adotam todos os pontos de vista e conclusões apresentados neste livro. Em vez disso, este é um livro que se inclina não só para as teorias de Pribram e de Bohm, mas também para as idéias e conclusões de inúmeros pesquisadores que foram influenciados pelo modelo holográfico e que o interpretaram a seu próprio modo, algumas vezes controverso.

Ao longo de todo o livro também discuti várias idéias provenientes da física quântica, o ramo da física que estuda as partículas subatômicas (elétrons, prótons, nêutrons e assim por diante). Uma vez que já escrevi sobre esse assunto antes, estou ciente de que algumas pessoas ficam intimidadas com a expressão *física quântica* e têm medo de não serem capazes de entender seus conceitos. A experiência me mostrou que, mesmo quem não sabe nada de matemática, é capaz de entender o tipo de conceituação proveniente da física de que trata este livro. O leitor nem precisa de conhecimentos científicos, mas de manter a mente aberta se acontecer de bater o olho numa página e vir um termo científico que não conhece. Reduzi essas expressões ao mínimo e, nas ocasiões em que foi imprescindível utilizá-las, sempre explico antes de prosseguir com o texto.

Assim, não se impressione demais. Uma vez vencido o "medo da água", acho que você vai concluir que nadar em meio às idéias fascinantes e estranhas da física quântica é muito mais fácil do que imaginava. Acredito que também achará que refletir um pouco sobre essas idéias pode mesmo mudar o modo como você encara o mundo. Com certeza, espero que as idéias contidas nos próximos capítulos realmente mudem seu modo de encarar o mundo. É com este desejo modesto que ofereço este livro.

PRIMEIRA PARTE

UMA NOVA E IMPRESSIONANTE VISÃO DA REALIDADE

Sente-se diante dos fatos como uma criança e prepare-se para sacrificar todas as noções preconcebidas, prossiga humilde por toda parte e por todos os abismos a que a Natureza o levar, ou você não aprenderá nada.

— T. H. Huxley

O CÉREBRO COMO HOLOGRAMA

Não é que o mundo das aparências esteja errado, nem que *não existam* objetos lá, em nível de realidade. É que, se você penetra o universo e o vê como um sistema holográfico, chega a um ponto de vista diferente, a uma realidade diferente. E essa outra realidade pode explicar coisas que até então permaneceram inexplicáveis cientificamente: os fenômenos paranormais, sincronicidades, a coincidência aparentemente significativa de eventos.

— Karl Pribram numa entrevista a *Psychology Today*

O enigma que deu o primeiro empurrão a Pribram no caminho da formulação do modelo holográfico foi a questão de como e onde são armazenadas as recordações no cérebro. No início dos anos 40, quando ele se interessou pela primeira vez por esse mistério, acreditava-se de maneira geral que as lembranças estivessem localizadas no cérebro. Acreditava-se que cada recordação que uma pessoa tinha, como a lembrança da última vez que você viu sua avó ou a do perfume de gardênia que você sentiu quando tinha 16 anos, tivesse uma localização específica em algum lugar nas células cerebrais. Esses registros deixados por um fato na memória foram chamados de engramas e, embora ninguém soubesse do que os engramas eram feitos — se eram neurônios ou talvez até um tipo especial de molécula —, a maioria dos cientistas estava certa de que era apenas uma questão de tempo até que um deles fosse encontrado.

Havia razões para essa certeza. Pesquisas lideradas pelo neurocirurgião canadense Wilder Penfield nos anos 20 apresentavam provas convincentes de que lembranças específicas tinham localizações específicas no cérebro. Um dos aspectos mais singulares do cérebro é que ele em si não sente dor diretamente. Desde que o couro cabeludo e o crânio tenham sido amortecidos com anestesia local, a cirurgia pode ser realizada no cérebro de uma pessoa totalmente consciente sem causar nenhuma dor.

Numa série de experimentos decisivos, Penfield usou este fato a seu favor. Ao operar o cérebro de epiléticos, ele estimulava eletricamente várias áreas de suas células cerebrais. Para sua surpresa, ele descobriu que, quando estimulava os lobos temporais (a região do cérebro atrás das fontes) de um de seus pacientes totalmente conscientes, este reexperimentava lembranças de episódios passados de sua vida em vívidos detalhes. Um homem de repente reviveu uma conversa que tivera com amigos na África do Sul; um menino ouviu sua mãe falando ao telefone e, depois de vários toques do eletrodo de Penfield, foi capaz de repetir a conversa inteira; uma mulher achava-se em sua cozinha e podia ouvir a filha brincando do lado de fora. Mesmo quando Penfield tentava enganar seus pacientes, dizendo a eles que estava estimulando uma área diferente quando não estava, descobriu que, ao tocar o mesmo ponto, sempre evocava a mesma lembrança.

Em seu livro *O Mistério da Mente*, publicado em 1975, um pouco antes de sua morte, ele escreveu: "De imediato, ficava evidente que não se tratava de sonhos. Eram ativações elétricas de um registro sequencial de consciência, um registro que tinha sido formulado durante a experiência anterior do paciente. Este 'revivia' tudo aquilo de que tinha tido consciência naquele período de tempo anterior como *numflashback* de um filme cinematográfico".¹

A partir de suas pesquisas, Penfield concluiu que tudo o que já vivenciamos está registrado em nosso cérebro, desde todos os rostos desconhecidos que já olhamos numa multidão até cada teia de aranha que observamos na infância. Ele concluiu que essa era a razão de lembranças de eventos tão insignificantes surgirem em sua amostragem. Se nossa memória é um registro completo até das nossas experiências cotidianas mais banais, é razoável admitir que mergulhar fortuitamente em tais massas de lembranças acumuladas ao longo do tempo produz uma boa quantidade de informação insignificante.

Ainda em sua residência como neurocirurgião, Pribram não tinha nenhuma razão para duvidar da teoria do engrama de Penfield. Mas então aconteceu algo que mudou seu pensamento para sempre. Em 1946, ele foi trabalhar com o grande neuropsicólogo Karl Lashley, no Laboratório de Biologia de Primatas de Yerkes, então no Parque Orange, na Flórida. Por cerca de trinta anos Lashley esteve envolvido em sua pesquisa contínua dos fugidios mecanismos responsáveis pela memória e lá Pribram foi capaz de testemunhar

em primeira mão os frutos do trabalho de Lashley. O surpreendente é que não só Lashley fracassou na tentativa de produzir qualquer prova do engrama, como sua pesquisa realmente parecia puxar o tapete de baixo de todas as descobertas de Penfield.

O que Lashley fazia era treinar ratos para realizar uma variedade de tarefas, tal como percorrer um labirinto. Então ele removia cirurgicamente várias porções do cérebro dos animais e tornava a testá-los. Seu objetivo era literalmente extirpar a área do cérebro dos ratos que continha a memória de sua habilidade de percorrer o labirinto. Para sua surpresa, ele descobriu que, não importava qual porção do cérebro cortasse, não conseguia erradicar a memória dos ratos. Muitas vezes, a habilidade motora dos ratos era prejudicada, e então eles tropeçavam desajeitadamente pelos labirintos, mas mesmo com porções maciças de seu cérebro removidas, a memória deles permanecia obstinadamente intacta.

Para Pribram, eram descobertas inacreditáveis. Se as lembranças possuíam localizações específicas no cérebro do mesmo modo que os livros possuem localizações específicas nas prateleiras da biblioteca, por que as remoções cirúrgicas de Lashley não tinham qualquer efeito sobre elas? Para Pribram, a única resposta parecia ser que as lembranças não se encontravam em locais específicos do cérebro, mas estavam de alguma maneira espalhadas ou *distribuídas* pelo cérebro como um todo. O problema era que ele não sabia de nenhum mecanismo ou processo que pudesse dar conta de um tal estado de coisas.

Lashley estava ainda menos seguro e mais tarde escreveu: "Sinto às vezes, ao revisar as provas da localização do registro de fato deixado na memória, que a conclusão necessária é que o aprendizado simplesmente não é possível, de jeito nenhum. No entanto, apesar de tais provas em contrário, o aprendizado algumas vezes acontece".² Em 1948, ofereceram a Pribram um cargo em Yale e antes de partir ele ajudou na redação final dos trinta anos da monumental pesquisa de Lashley.

A Superação do Limite

Em Yale, Pribram continuou a considerar a idéia de que as lembranças estavam distribuídas por todo o cérebro e quanto mais ele pensava sobre isso mais convencido ficava. Apesar de tudo, os pacientes que tinham tido partes do cérebro removidas por razões médicas nunca sofriam a perda de lembranças específicas. A remoção de uma parte grande do cérebro podia fazer a memória de um paciente ficar nebulosa no geral, mas ninguém nunca saiu da cirurgia com qualquer perda seletiva de memória. Do mesmo modo, os indivíduos que sofriam ferimentos na cabeça em acidente de carro e outros acidentes nunca esqueciam metade da família, ou metade de um romance que tinham lido. Mesmo a remoção de partes dos lobos temporais, a área do cérebro que figurou

com tanto destaque na pesquisa de Penfield, não criava nenhuma lacuna nas lembranças de uma pessoa.

O pensamento de Pribram foi ainda mais fortalecido pela inabilidade, tanto dele como de outros pesquisadores, de reproduzir as descobertas de Penfield na estimulação de cérebros outros que não de epiléticos. Mesmo o próprio Penfield foi incapaz de reproduzir seus resultados em pacientes não epiléticos.

A despeito do aumento de provas que as lembranças estavam distribuídas, Pribram ainda estava perplexo de como o cérebro podia realizar um feito aparentemente mágico. Então, em meados de 1960, um artigo que ele leu na *Scientific American* descrevendo a primeira construção de um holograma atingiu-o como um raio. Não só o conceito de holografia era deslumbrante, mas fornecia também uma solução para o enigma com o qual estava se debatendo.

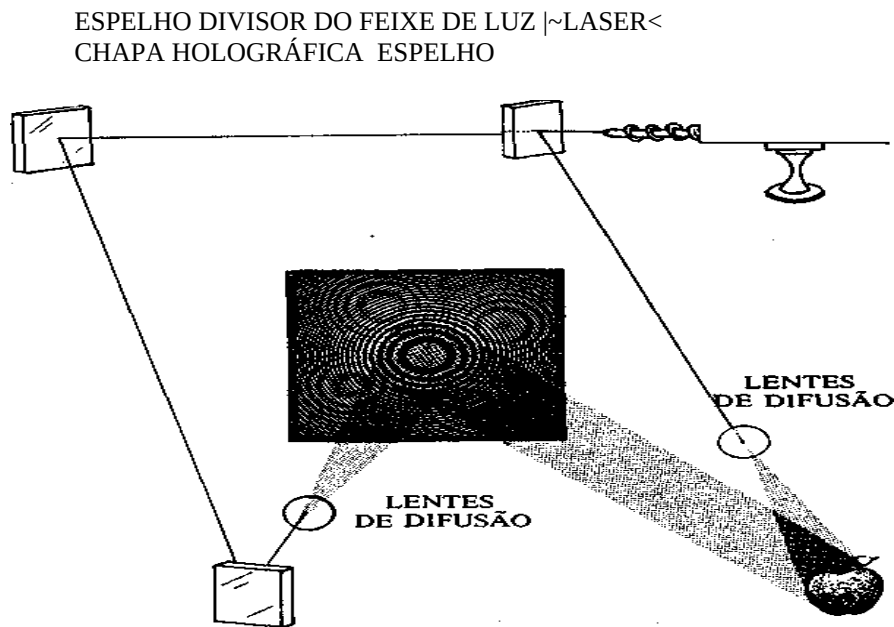


Figura 1. Um holograma é produzido quando um único raio laser é dividido em dois feixes separados. O primeiro feixe é projetado no objeto a ser fotografado, neste caso uma maçã. Então deixa-se que o segundo feixe colida com a luz refletida do primeiro e o padrão de interferência resultante é registrado em filme.

Para entender por que Pribram ficou tão excitado, é necessário entender um pouco mais sobre hologramas. Uma das coisas que torna a holografia possível é um fenômeno conhecido como interferência. Interferência é o padrão

de linhas cruzadas que ocorre quando duas ou mais ondas, como as ondas de água, perpassam uma através da outra. Por exemplo, se você deixar cair uma pedra numa lagoa, ela vai produzir uma série de ondas concêntricas que se expandem para fora. Se você deixar cair duas pedras numa lagoa, você terá dois conjuntos de ondas que se expandem e passam uma através da outra. O arranjo de cristas e depressões que resulta dessa colisão é conhecido como padrão de interferência.

Qualquer fenômeno parecido com o das ondas pode criar um padrão de interferência, incluindo as ondas de luz e de rádio. Por ser a luz laser uma forma coerente e extremamente pura de luz, é particularmente boa na criação de padrões de interferência. Ela fornece, em essência, a pedra perfeita e a lagoa perfeita. Como resultado, não foi senão com a invenção do laser que os hologramas, como os conhecemos hoje, tornaram-se possíveis.

Um holograma é produzido quando um único raio laser é dividido em dois feixes separados. O primeiro feixe de luz é projetado no objeto a ser fotografado. Então deixa-se que o segundo feixe de luz colida com a luz refletida do primeiro. Quando isso acontece, eles criam um padrão de interferência que é então registrado num pedaço de filme (veja a Figura 1).

A olho nu, a imagem no filme não se parece nada com o objeto fotografado. De fato, ela até se parece um pouco com os anéis concêntricos que se formam quando um punhado de pedras é jogado numa lagoa (Figura 2). Mas, assim que um outro feixe de raio laser (ou em alguns casos apenas uma fonte de luz), brilha através do filme, uma imagem tridimensional do objeto original reaparece. A tridimensionalidade dessas imagens é muitas vezes misteriosamente convincente. Você pode realmente andar em volta de uma projeção holográfica e vê-la a partir de diferentes ângulos como se fosse um objeto real. Porém, se você esticar o braço e tentar tocá-la, sua mão flutuará de um lado a outro dela e você descobrirá que na verdade não existe nada ali (Figura 3).

A tridimensionalidade não é o único aspecto notável dos hologramas. Se um pedaço de filme holográfico contendo a imagem de uma maçã é cortado ao meio e então iluminado por laser, cada metade ainda conterá a imagem inteira da maçã!

Mesmo se as metades forem divididas outra e outra vez, uma maçã inteira ainda pode ser reconstruída a partir de cada pequeno pedaço do filme (embora as imagens fiquem mais nebulosas à medida que os pedaços ficam menores). Diferente das fotografias normais, todo pequeno fragmento de um pedaço de filme holográfico contém todas as informações registradas no todo (Figura 4).*

Figura 2. Um pedaço de filme holográfico contendo uma imagem codificada. A olho nu, a imagem sobre o filme não se parece nada com o objeto fotografado e é composta de ondulações irregulares conhecidas como *padrões de interferência*. Porém, quando o filme é iluminado com um outro laser, uma imagem tridimensional do objeto original reaparece.

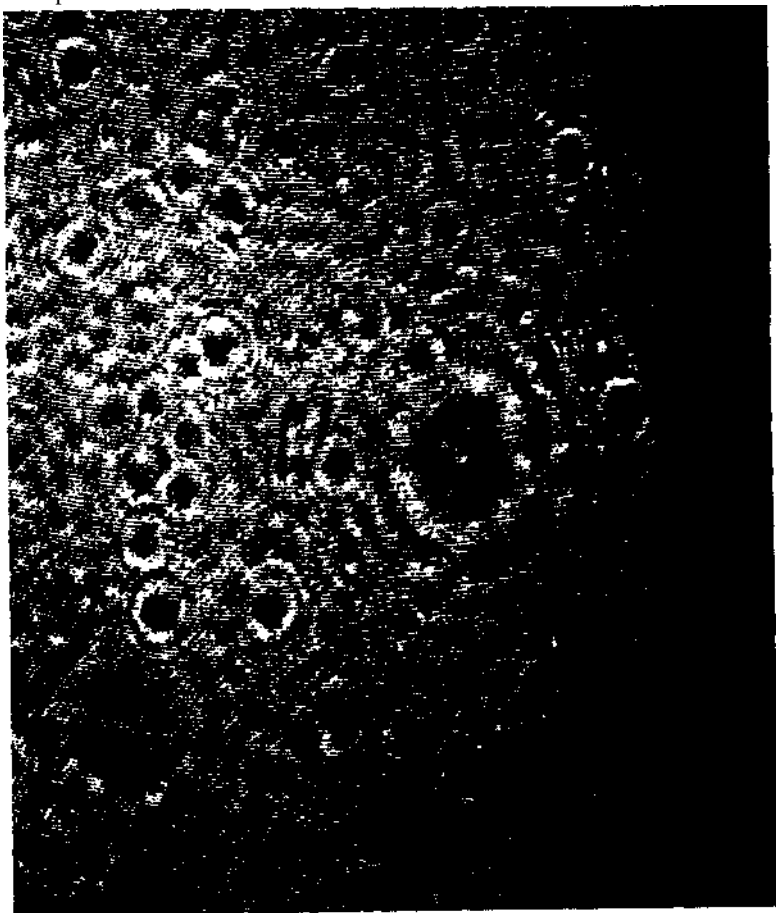


Figura 3. A tridimensionalidade de um holograma é muitas vezes tão misteriosamente convincente que você pode na verdade andar em volta dele e vê-lo a partir de ângulos diferentes. Mas, se você estica a mão e tenta tocá-lo, sua mão irá flutuar através dele. ("Celeste Despida." Estereograma holográfico de Peter Claudius, 1978. Fotografado por Brad Cantos, coleção do Museu da Holografia. Usado sob permissão.)

Esta foi exatamente a característica que deixou Pribram tão empolgado, pois oferecia finalmente uma maneira de entender como as lembranças podem estar distribuídas ao invés de localizadas no cérebro.

* Deve-se notar que esta característica surpreendente é comum apenas para pedaços de filme holográfico cujas imagens são invisíveis a olho nu. Se você comprar um pedaço de filme holográfico (ou um objeto contendo um pedaço de filme holográfico) numa loja e puder ver uma imagem tridimensional nele sem nenhum tipo especial de iluminação, não o corte ao meio. Você acabará com os pedaços da imagem original.

Se era possível para todas as partes de um pedaço de filme holográfico conter toda a informação necessária para criar uma imagem completa, então parecia ser igualmente possível para todas as partes do cérebro conter toda a informação necessária para ter uma memória completa.

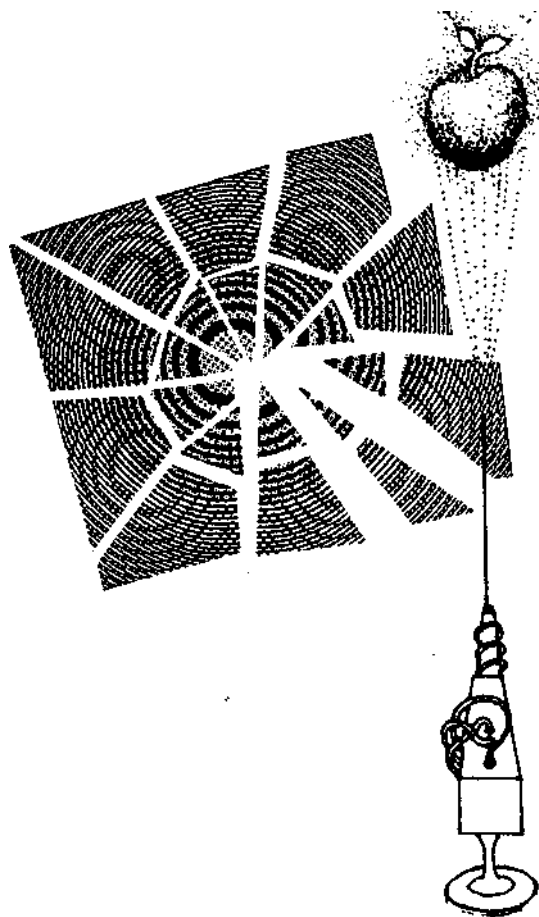


Figura 4. Ao contrário das fotografias normais, num pedaço de filme holográfico cada parte contém toda a informação do todo. Portanto, se uma chapa holográfica se fragmentar, cada pedaço poderá ser utilizado para reconstruir a imagem inteira.

A Visão Também É Holográfica

A memória não é a única função que o cérebro pode processar holograficamente. Uma outra descoberta de Lashley foi que os centros visuais do cérebro também eram surpreendentemente resistentes à amputação cirúrgica. Mesmo depois de remover de um rato aproximadamente 90 por cento do córtex visual (a parte do cérebro que recebe e interpreta o que o olho vê), ele descobriu que o rato ainda podia realizar tarefas que exigiam uma complexa habilidade visual. Do mesmo modo, pesquisas conduzidas por Pribram revelavam que aproximadamente 98 por cento dos nervos ópticos de um gato

podem ser cortados sem prejudicar seriamente sua habilidade para realizar tarefas visuais complexas.³

Tal estado de coisas era equivalente a acreditar que um público de cinema ainda poderia assistir a um filme mesmo faltando 90 por cento da tela, e os experimentos dele apresentavam uma vez mais um sério desafio ao padrão de entendimento de como a funciona a visão. De acordo com a principal teoria da época, havia uma correspondência de um para um entre a imagem que o olho vê e o modo que a imagem é representada no cérebro. Em outras palavras, acreditava-se que, ao olharmos para um quadrado, a atividade elétrica em nosso córtex visual também assumia a forma de um quadrado (Figura 5).

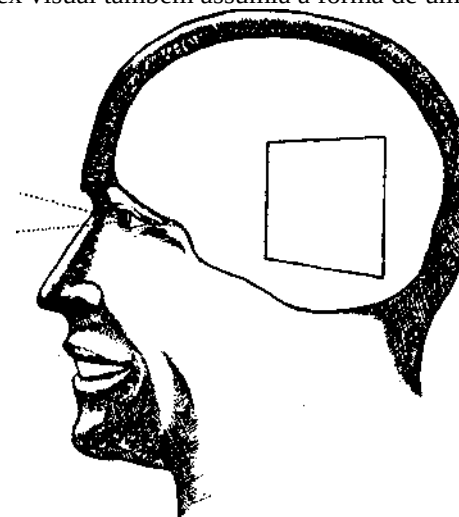


Figura 5. Os teóricos da visão acreditavam que existia uma correspondência de um para um entre uma imagem que o olho vê e a maneira como aquela imagem é representada no cérebro. Pribram descobriu que isto não é verdade.

Embora descobertas como as de Lashley parecessem desferir um golpe mortal nesta idéia, Pribram não ficou satisfeito. Enquanto permanecia em Yale, planejou uma série de experimentos para resolver o assunto e passou os sete anos seguintes medindo cuidadosamente a atividade elétrica no cérebro de macacos, enquanto os animais realizavam variadas tarefas visuais. Acabou descobrindo que não só não existia nenhuma correspondência de um para um, como não havia nem mesmo um padrão discernível para a seqüência na qual os eletrodos disparavam. Sobre essas descobertas, ele escreveu: "Estes resultados experimentais são incompatíveis com o ponto de vista de que uma imagem semelhante à fotográfica seja projetada na superfície cortical".⁴

Mais uma vez, a resistência que o córtex visual mostrava em relação à remoção cirúrgica sugeria que, como a memória, a visão também era

distribuída, e depois que Pribram ficou ciente da holografia começou a querer saber se também a visão era holográfica. A natureza do "todo em cada parte" de um holograma certamente parecia explicar como uma parte tão grande do córtex visual podia ser removida sem afetar a habilidade para realizar tarefas visuais. Se o cérebro processava imagens empregando algum tipo de holograma interno, mesmo um pedaço muito pequeno do holograma ainda podia reconstruir a totalidade do que os olhos estivessem vendo. Isto também explicava a falta de correspondência de um para um entre o mundo externo e a atividade elétrica do cérebro. Outra vez, se o cérebro estivesse usando princípios holográficos para processar a informação visual, não haveria mais correspondência de um para um entre a atividade elétrica e as imagens vistas, mas sim entre o torvelinho sem sentido dos padrões de interferência de um pedaço de filme holográfico e a imagem que o filme codificasse.

A única questão persistente era que tipo de fenômeno semelhante à onda o cérebro estaria usando para criar tais hologramas internos.

Assim que Pribram considerou a questão, pensou numa possível resposta. Sabia-se que as comunicações elétricas que acontecem entre as células nervosas cerebrais, ou neurônios, não ocorrem isoladas. Os neurônios possuem ramos, como pequenas árvores, e quando uma mensagem elétrica atinge o fim de um desses ramos, ele se propaga como a ondulação numa lagoa. Pelos neurônios estarem tão densamente agrupados, estas ondulações de eletricidade que se expandem — também um fenômeno semelhante à onda — estão constantemente cruzando umas com as outras. Quando Pribram se lembrou disso, compreendeu que seguramente elas estavam formando um arranjo caleidoscópico quase infinito de padrões de interferência e isto, por sua vez, podia ser o que dá ao cérebro suas propriedades holográficas. "O holograma estava lá todo o tempo, na natureza em forma de onda da conexão das células cerebrais", observou Pribram. "Nós simplesmente não tínhamos a perspicácia de compreender isto."⁵

Outros Enigmas Explicados pelo Modelo Cerebral Holográfico

Pribram publicou seu primeiro artigo sobre a natureza possivelmente holográfica do cérebro em 1966 e continuou a ampliar e aperfeiçoar suas idéias durante vários anos seguintes. Como ele, outros pesquisadores ficaram cientes dessa teoria, e compreendeu-se rapidamente que a natureza espalhada da memória e da visão não é o único enigma neurofisiológico que o modelo holográfico pode explicar.

A VASTIDÃO DE NOSSA MEMÓRIA

A holografia também explica como nosso cérebro pode armazenar tantas lembranças em tão pouco espaço. O brilhante físico e matemático húngaro John von Neumann uma vez calculou que durante a vida humana média o cérebro armazena algo da ordem de $2,8 \times 10^{20}$ (280.000.000.000.000.000) de bits de informação. Esta é uma quantidade vertiginosa e os pesquisadores do cérebro têm lutado há muito tempo para indicar um mecanismo que explique uma capacidade tão imensa.

De modo interessante, os hologramas também têm uma capacidade fantástica de armazenagem de informação. Ao mudar o ângulo no qual os dois lasers atingem um pedaço de filme fotográfico é possível registrar muitas imagens diferentes sobre a mesma superfície. Qualquer imagem assim registrada pode ser recuperada simplesmente iluminando-se o filme com um feixe de raio laser que tenha o mesmo ângulo dos dois feixes originais. Empregando este método, os pesquisadores calcularam que um quadrado de filme de 1 polegada (2,54 centímetros) pode armazenar a mesma quantidade de informação contida em cinquenta Bíblias!⁶

NOSSA CAPACIDADE DE LEMBRAR E ESQUECER

Pedaços de filme holográfico contendo múltiplas imagens, como aquelas descritas acima, também fornecem um modo de entender nossa habilidade tanto para lembrar como para esquecer. Quando seguramos um desses pedaços de filme num feixe de raio laser e o balançamos para trás e para frente, as diversas imagens que ele contém aparecem e desaparecem num fluxo brilhante. Sugeriu-se que nossa capacidade para lembrar é análoga ao ato de emitir um feixe de raio laser em um destes pedaços de filme evocando uma imagem específica. Da mesma forma, quando somos incapazes de lembrar alguma coisa, isto pode ser o mesmo que emitir vários feixes num pedaço de filme de múltiplas imagens, mas sem encontrar o ângulo certo para recuperar a memória/imagem que estamos procurando.

A MEMÓRIA ASSOCIATIVA

No *Caminho de Swann*, de Proust, um golinho de chá e um pedaço de um biscoito em forma de concha, conhecido como *petite madeleine*, faz o narrador encontrar-se de repente inundado por lembranças provenientes de seu passado. A princípio ele fica confuso, mas então, lentamente, depois de muito esforço de sua parte, ele se lembra que sua tia costumava dar a ele chá e *madeleines* quando ele era um menininho e esta associação estimulou sua memória. Todos nós j; tivemos experiências semelhantes — um cheiro de uma determinada comida sendo preparada ou a visão de relance de algum objeto esquecido há muito tempo, que de repente evoca alguma cena remota de nosso passado.

A idéia holográfica oferece uma analogia a mais para as tendências associativas da memória. Isto é ilustrado ainda por um outro tipo de técnica de registro holográfico. Primeiro, a luz de um único raio laser é lançada em dois objetos simultaneamente, digamos uma poltrona e um cachimbo. Deixa-se então que as luzes lançadas em cada objeto colidam e o padrão de interferência resultante é captado no filme. Então, toda vez que a poltrona é iluminada com raio laser e a luz que reflete da poltrona passa através do filme, uma imagem tridimensional do cachimbo aparecerá. De modo inverso, sempre que o mesmo é feito com o cachimbo, um holograma da poltrona aparece. Assim, se nosso cérebro funciona holograficamente, um processo semelhante pode ser responsável pelo modo de certos objetos evocarem lembranças específicas do nosso passado.

NOSSA CAPACIDADE DE IDENTIFICAR IMAGENS FAMILIARES

À primeira vista, nossa habilidade para identificar imagens familiares pode não parecer muito singular, mas pesquisadores do cérebro compreenderam há muito tempo que esta é uma habilidade realmente complexa. Por exemplo, a certeza absoluta que temos quando reconhecemos um rosto familiar numa multidão de várias centenas de pessoas não é apenas uma emoção subjetiva, mas parece ser causada por uma forma de informação segura e extremamente rápida que se processa em nosso cérebro.

Num artigo de 1970 na revista científica inglesa *Nature*, o naturalista Pieter van Heerden sugeriu que um tipo de holografia conhecido como *holografia de identificação* apresenta um modo de entender esta capacidade.* Na holografia de identificação, uma imagem holográfica de um objeto é registrada de maneira habitual, só que o raio laser é projetado sobre um tipo especial de espelho conhecido como *espelho de foco* antes de se permitir que ele impressione um filme virgem. Se um segundo objeto, semelhante mas não idêntico ao primeiro, é banhado em raio laser e a luz é projetada no espelho e depois no filme depois que isso aconteceu, um ponto brilhante de luz aparecerá no filme. Quanto mais brilhante e nítido for o ponto de luz, maior o grau de semelhança entre o primeiro e o segundo objeto. Se os dois objetos são completamente diferentes, nenhum ponto de luz aparecerá. Colocando-se uma célula fotoelétrica atrás do filme holográfico, pode-se realmente usar o aparelho como um sistema de identificação mecânico.⁷

* Van Heerden, pesquisador dos Laboratórios de Pesquisa Polaroid, em Cambridge, Massachusetts, na realidade propôs sua própria versão da Icoria holográfica da memória em 1963, mas este trabalho passou relativamente despercebido.

Uma técnica semelhante, conhecida como holografia de interferência, também pode explicar como podemos reconhecer tanto características familiares como não familiares de uma imagem, tal como o rosto de alguém que não vimos durante muitos anos. Nesta técnica, um objeto é visto através de

um pedaço de filme holográfico que contém sua imagem. Quando isto é feito, qualquer característica do objeto que tenha mudado desde que sua imagem foi originalmente registrada refletirá a luz de maneira diferente. Um indivíduo olhando através do filme percebe instantaneamente tanto o objeto que mudou como o objeto que permaneceu o mesmo. A técnica é tão sensível que até a pressão de um dedo num bloco de granito aparece imediatamente, e descobriu-se que o processo tem aplicações práticas na indústria de teste de materiais.⁸

A MEMÓRIA FOTOGRÁFICA

Em 1972, Daniel Pollen e Michael Tractenberg, pesquisadores da visão de Harvard, sugeriram que a teoria do cérebro holográfico pode explicar por que algumas pessoas têm memória fotográfica (também conhecida como lembrança eidética). De maneira característica, os indivíduos com memória fotográfica levarão poucos minutos examinando a cena que desejam memorizar. Quando querem ver a cena outra vez, eles "projetam" uma imagem mental dela, ou com os olhos fechados ou enquanto olham para uma parede lisa ou tela. Num estudo sobre um desses indivíduos (uma professora de história da arte de Harvard chamada Elizatieth), Pollen e Tractenberg descobriram que as imagens mentais que ela projetava eram tão reais para ela, que quando lia a imagem de uma página do *Fausto*, de Goethe, seus olhos se moviam como se ela estivesse lendo uma página real.

Ao notar que a imagem armazenada num fragmento de filme holográfico fica mais nebulosa à medida que o fragmento diminui, Pollen e Tractenberg sugeriram que talvez tais indivíduos têm lembranças mais vividas porque de alguma forma têm acesso a regiões muito grandes de seus hologramas de memória. Ao contrário talvez, a maioria de nós tem lembranças que são muito menos vividas, porque nosso acesso está limitado a regiões menores dos hologramas de memória.⁹

A TRANSFERÊNCIA DE HABILIDADES ADQUIRIDAS

Pribram acredita que o modelo holográfico pode lançar luz também em nossa capacidade para transferir habilidades adquiridas de uma parte do corpo para outra. Enquanto você está sentado lendo este livro, pare um pouco e desenhe seu primeiro nome no ar com o cotovelo esquerdo. Provavelmente, vai descobrir que esta é uma coisa relativamente fácil de fazer, mesmo que seja algo que provavelmente você nunca fez antes. Pode não ser uma habilidade surpreendente para você mas, do ponto de vista clássico de que áreas diversas do cérebro (tal como a área que controla os movimentos do cotovelo) são *hard-wired* *, ou capazes de realizar tarefas *apenas* depois do aprendizado repetitivo ter feito a ligação neural apropriada entre as células cerebrais, isto tem algo de enigmático. Pribram chama a atenção para o fato de que o problema se tornaria muito mais manejável se o cérebro convertesse todas as suas lembranças,

incluindo as de habilidades aprendidas como escrever, numa linguagem de formas de onda de interferência. Tal cérebro seria muito mais flexível e poderia deslocar sua informação armazenada para todas as direções com a mesma facilidade que um pianista hábil transpõe uma canção de uma tonalidade musical para outra.

Esta mesma flexibilidade pode explicar como somos capazes de reconhecer um rosto familiar independente de que ângulo o estamos vendo.

* *Hard-wired* é um termo de computação, normalmente não traduzido, que define um circuito integrado fixo de memória, no qual a informação deve ser gravada a partir de um dispositivo externo que lhe envia sinais. Neste caso, é comparado às áreas cerebrais que controlam o movimento do cotovelo e que, portanto, devem receber a informação de fora (os movimentos repetidos do cotovelo) para apreendê-la. (N. da T.)

Novamente, uma vez que o cérebro memorizou um rosto (ou qualquer objeto ou cena) e o converteu na linguagem em formas de onda, ele pode, de certo modo, virar esse holograma interno de todos os lados e examiná-lo a partir da perspectiva que quiser.

SENSAÇÕES DE MEMBROS FANTASMAS E COMO CRIAMOS UM "MUNDO EXTERIOR"

Para a maioria de nós, é óbvio que nossos sentimentos de amor, fome, raiva e assim por diante são realidades internas e o som de uma orquestra tocando, o calor do sol, o cheiro de um pão assando e assim por diante são realidade externas. Mas não está claro como o nosso cérebro nos capacita a distinguir entre as duas. Por exemplo, Pribram chama a atenção para o fato de que, quando olhamos para uma pessoa, a imagem dessa pessoa está, na verdade, na superfície de nossa retina. Entretanto não percebemos a pessoa como se estivesse em nossa retina. Nós a percebemos no "mundo externo". Da mesma forma, quando batemos o dedo, experimentamos dor no dedo. Mas a dor não é realmente em nosso dedo. Na verdade é um processo neurofisiológico que acontece em algum lugar do nosso cérebro. Então, como o nosso cérebro é capaz de considerar a numerosa quantidade de processos neurofisiológicos que se manifestam como nossa experiência, dos quais todos são internos, e nos enganar para pensarmos que alguns são internos e alguns estão localizados além das fronteiras de nossa massa cinzenta?

Criar a ilusão de que as coisas estão localizadas onde não estão é a requintada característica de um holograma. Como foi mencionado, se você olha para um holograma, parece haver uma expansão no espaço, mas se você passa a mão através dele descobrirá que não existe nada ali. Apesar do que seus sentidos lhe dizem, instrumento nenhum captará a presença de qualquer energia anormal ou substância onde o holograma parece estar flutuando. Isto porque um holograma é uma imagem virtual, uma imagem que parece estar onde não está e não possui nenhuma expansão a mais no espaço do que a imagem tridimensional que você vê de si mesmo quando olha num espelho. Assim

como a imagem no espelho está localizada no prateado da superfície de trás do espelho, a localização real de um holograma está sempre na emulsão fotográfica sobre a superfície do filme que o registra.

Provas adicionais de que o cérebro é capaz de nos enganar para pensarmos que os processos internos estão localizados fora do nosso corpo vêm do fisiologista Georg von Bekesy, ganhador do Prêmio Nobel. Numa série de experimentos realizados em fins dos anos 60, Bekesy colocou vibradores nos joelhos de indivíduos submetidos ao teste, que tiveram os olhos vendados. Então, ele alterou a velocidade nas quais os instrumentos vibravam. Fazendo isso, descobriu que podia fazer os sujeitos do teste experimentarem a sensação de que uma fonte de vibração estava pulando de um joelho para o outro. Ele descobriu que podia até fazer os sujeitos sentirem a fonte de vibração no espaço entre os joelhos. Em resumo, ele demonstrou que os humanos têm aparentemente a capacidade de experimentar sensação em localizações espaciais onde absolutamente não têm nenhum receptor sensorial.¹⁰

Pribram acredita que o trabalho de Bekesy é compatível com o ponto de vista holográfico e que esclarece melhor a maneira como formas de onda de interferência — ou, no caso de Bekesy, fontes interferentes de vibração física — capacitam o cérebro a localizar algumas de suas experiências além das fronteiras físicas do corpo. Ele acha que este processo poderia também explicar o fenômeno de "membro fantasma" ou a sensação vivenciada por alguns mutilados de que um braço ou perna ausentes ainda estão presentes. Tais indivíduos muitas vezes sentem, de forma misteriosa, câibras, dores e formigamentos realísticos nesses membros fantasmas, mas talvez o que eles vivenciem seja a memória holográfica do membro, que ainda está registrada nos padrões de interferência do cérebro.

Uma Base Experimental para o Cérebro Holográfico

Para Pribram, as muitas semelhanças entre cérebros e hologramas eram torturantes, mas ele sabia que essa teoria não significava nada, a menos que fosse endossada por prova mais sólida. Um pesquisador que forneceu esta prova foi o biólogo da Universidade de Indiana, Paul Pietsch. De maneira intrigante, Pietsch começou como um veemente cético da teoria de Pribram. Ele era descrente principalmente quanto à alegação de Pribram de que as lembranças não têm nenhuma localização específica no cérebro.

Para provar que Pribram estava errado, Pietsch imaginou uma série de experimentos e escolheu as salamandras como cobaias de teste de seus experimentos. Em estudos anteriores, ele tinha descoberto que podia remover o cérebro de uma salamandra sem matá-la e, embora ela permanecesse em letargia enquanto o cérebro estava faltando, seu comportamento voltava completamente ao normal assim que o cérebro era recolocado.

Pietsch concluiu que, se o comportamento alimentar da salamandra não estivesse restrito a uma localização específica no cérebro, então não importaria qual o posicionamento do cérebro na cabeça. Se importasse, a teoria de Pribram seria refutada. Ele então deu uma virada nos hemisférios esquerdo e direito do cérebro de uma salamandra mas, para seu espanto, a salamandra, assim que se recuperou, rapidamente voltou à alimentação normal.

Pietsch pegou outra salamandra e pôs o cérebro dela de cabeça para baixo. Esta, quando se recuperou, também comeu normalmente. Cada vez mais frustrado, ele decidiu recorrer a medidas mais drásticas. Numa série de aproximadamente setecentas operações, cortou em fatias, virou, embaralhou, tirou e até picou em pedacinhos o cérebro de suas infelizes cobaias mas, sempre quando recolocava o que tinha tirado do cérebro delas, o comportamento dos animais voltava ao normal.¹¹

Estas e outras descobertas fizeram Pietsch mudar de idéia e atraíram tanta atenção que sua pesquisa se tornou objeto de uma parte do show de televisão *60 Minutos*. Em seu revelador livro *Shufflebrain (Cérebro Embaralhado)*, ele escreve sobre essa experiência, incluindo um relatório detalhado de seus experimentos.

A Linguagem Matemática do Holograma

Embora as "teorias que possibilitaram o desenvolvimento do holograma tenham sido formuladas pela primeira vez em 1947, por Dennis Gabor (que mais tarde ganhou um Prêmio Nobel por seus esforços), nos fins dos anos 60 e começo dos 70 a teoria de Pribram recebeu apoio experimental ainda mais decisivo. Quando Gabor concebeu pela primeira vez a idéia da holografia, não estava pensando em lasers. Seu objetivo era aperfeiçoar o microscópio eletrônico, na época um aparelho imperfeito e primitivo. Sua abordagem era matemática, e a matemática que ele usou era um tipo de cálculo inventado por um francês do século 18 chamado. Jean B. J. Fourier.

Falando *grosso modo*, o que Fourier desenvolveu foi uma fórmula matemática para converter qualquer padrão, não importa quão complexo seja, numa linguagem de ondas simples. Ele mostrou também como essas formas de onda podiam ser reconvertidas ao padrão original. Em outras palavras, assim como uma câmera de televisão converte uma imagem em frequências eletromagnéticas e um aparelho de televisão reconverte essas frequências à imagem original, Fourier mostrava como um processo semelhante podia ser conseguido matematicamente. As equações que ele desenvolveu para converter imagens em formas de onda e vice-versa são conhecidas como *conversões de Fourier*.

As conversões de Fourier possibilitaram a Gabor converter a fotografia de um objeto no borrão de padrões de interferência de um pedaço de filme holográfico. Elas também possibilitaram a ele inventar um modo de reverter aqueles padrões de interferência em uma imagem do objeto original. Na verdade, a especificidade do todo em cada parte de um holograma é um dos subprodutos decorrentes de quando uma imagem ou padrão é traduzido para a linguagem de formas de ondas de Fourier.

Durante os fins dos anos 60 e início dos 70, vários pesquisadores entraram em contato com Pribram, informando-o de que tinham descoberto provas de que o sistema visual operava como um tipo de analisador de frequência. Como a frequência é a medida do número de oscilações que uma onda sofre por segundo, isto sugeria de maneira gritante que o cérebro podia funcionar como um holograma.

Mas não foi senão em 1979 que os neurofisiologistas Russell e Karen DeValois, de Berkeley, fizeram a descoberta que decidiu a questão. A pesquisa nos anos 60 tinha mostrado que cada célula cerebral no córtex visual está ajustada para responder a um padrão diferente — algumas células cerebrais se excitam quando os olhos vêem uma linha horizontal, outras se excitam quando os olhos vêem uma vertical e assim por diante. Como resultado, muitos pesquisadores concluíram que o cérebro recebe a quantidade de energia que entra a partir dessas células altamente especializadas, chamadas de detectores de características, e de alguma maneira as ajusta para nos prover com as percepções visuais do mundo.

Apesar de esse ponto de vista ter-se tornado muito popular, os DeValois sentiram que isso era só parte da verdade. Para testar sua hipótese, usaram as equações de Fourier para converter padrões de tabuleiro de dama e xadrez em formas de onda simples. Então fizeram testes para verificar como as células cerebrais no córtex visual respondiam a estas novas imagens em forma de onda. O que eles descobriram foi que as células cerebrais respondiam, não aos padrões originais, mas às traduções dos padrões de Fourier. Só se podia tirar uma única conclusão: o cérebro estava usando o cálculo de Fourier — o mesmo cálculo aplicado à holografia — para converter as imagens visuais na linguagem de Fourier de formas de onda.¹²

A descoberta dos DeValois foi posteriormente confirmada por outros numerosos laboratórios de todo o mundo e, embora isso não for-

necesse prova absoluta de que o cérebro era um holograma, fornecia prova suficiente para convencer Pribram de que sua teoria estava correta. Estimulado pela idéia de que o córtex visual estava respondendo não aos padrões mas às frequências de várias formas de onda, ele começou a reavaliar o papel que a frequência tem em outros sentidos.

Não demorou muito para ele compreender que a importância desse papel fora talvez negligenciada pelos cientistas do século 20. Cerca de um século antes da descoberta dos DeValois, o fisiologista e físico alemão Hermann von Helmholtz mostrou que o ouvido é um analisador de frequência. Uma pesquisa mais recente revelava que nosso sentido do olfato parece estar baseado no que é denominado de frequências ósmicas. O trabalho de Bekesy demonstrava claramente que nossa pele é sensível a frequências de vibração e esse cientista até apresentou provas de que o paladar pode envolver análise de frequência. De maneira interessante, Bekesy descobriu também que as equações matemáticas que lhe possibilitaram prever como as suas cobaias responderiam às várias frequências de vibração também eram do tipo Fourier.

O Dançarino como Forma de Onda

Contudo, o achado mais surpreendente que Pribram localizou talvez tenha sido a descoberta do cientista russo Nikolai Bernstein de que até nossos movimentos podem estar codificados no cérebro na linguagem de formas de onda de Fourier. Nos anos 30, Bernstein vestiu pessoas com trajes de malha pretos e pintou pontos brancos em seus cotovelos, joelhos e outras juntas. Então ele as colocou contra fundos negros e as filmou fazendo diversas atividades físicas como dançar, andar, pular, martelar e datilografar. Quando revelou o filme, só os pontos brancos apareciam, movimentando-se para cima e para baixo e de um lado a outro da tela, em diversos movimentos fluidos e complexos (Figura 6). Para quantificar suas descobertas, ele analisou segundo Fourier as várias linhas que os pontos traçavam e as converteu numa linguagem de formas de onda. Para sua surpresa, ele descobriu que as formas de onda tinham padrões ocultos que lhe permitiam prever o movimento seguinte das cobaias em uma fração de centímetro.

Quando Pribram se deparou com o trabalho de Bernstein, imediatamente avaliou suas implicações. O motivo de se revelarem os padrões ocultos depois que Bernstein analisou segundo Fourier os movimentos de suas cobaias talvez se devesse ao fato de que é dessa forma que os movimentos estão armazenados no cérebro. Tratava-se de uma possibilidade excitante pois, se o cérebro analisara os movimentos partindo-os em seus componentes de frequência, isto explicava a rapidez com a qual aprendemos tantas tarefas complexas. Por

exemplo, não aprendemos a andar de bicicleta memorizando meticulosamente cada mínimo aspecto do processo. Aprendemos assimilando o movimento como um fluxo contínuo único e integral. A totalidade fluida que exemplifica a maneira de aprendermos tantas atividades físicas é difícil de explicar se nosso cérebro está armazenando informação aos poucos. Mas torna-se muito mais fácil de entender se o cérebro está analisando segundo Fourier estas tarefas e absorvendo-as como um todo.

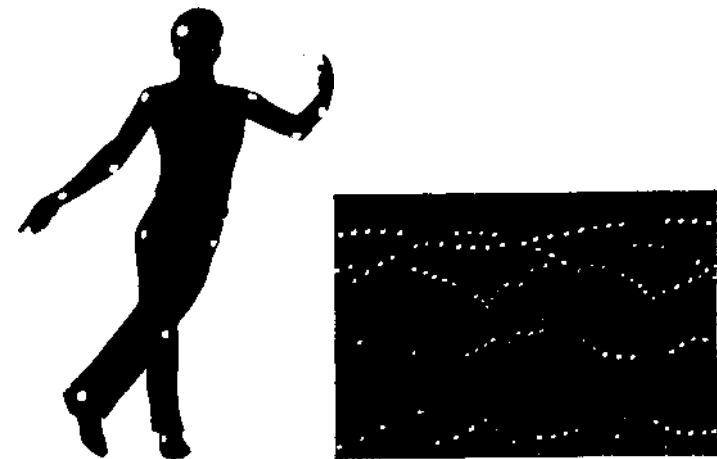


Figura 6. O pesquisador russo Nikolai Bernstein pintou pontos brancos em bailarinos e os filmou dançando contra um fundo negro. Quando ele converteu seus movimentos numa linguagem em forma de ondas, descobriu que podiam ser analisados usando-se a matemática de Fourier, a mesma fórmula que Gabor usou para inventar o holograma.

A Reação da Comunidade Científica

Apesar de tal prova, o modelo holográfico de Pribram permanece extremamente controverso. Parte do problema é que existem muitas teorias bastante divulgadas sobre a forma de funcionamento do cérebro, e há provas para sustentar a todas. Alguns pesquisadores acreditam que a natureza difusa da memória pode ser explicada pelo fluxo e refluxo de várias substâncias químicas cerebrais. Outros afirmam que os responsáveis pela memória e pelo aprendizado podem ser as flutuações elétricas entre grandes grupos de neurônios. Cada escola de pensamento tem seus defensores fervorosos e é provavelmente certo dizer que a maioria dos cientistas ainda não se convenceu com os argumentos de Pribram. Por exemplo, o neuropsicólogo Frank Wood, da Faculdade de Medicina Bowman Gray, em Winston-Salem, Carolina do Norte, acha que "existem umas pouquíssimas descobertas experimentais para as quais a holografia é a explicação necessária ou até mesmo

preferível".¹³ Pribram fica intrigado com afirmações como as de Wood e se opõe mencionando que tem no momento um livro no prelo com mais de quinhentas referências a esses dados.

Outros pesquisadores concordam com Pribram. O dr. Larry Dossey, ex-chefe de departamento do Hospital Médico da Cidade de Dallas, admite que a teoria de Pribram desafia muitas hipóteses sobre o cérebro sustentadas há muito tempo, mas chama a atenção para o fato de que "muitos especialistas da função cerebral são atraídos por essa idéia, senão por outras razões, pelo menos pela evidente inadequação das atuais posições ortodoxas".¹⁴

O neurologista Richard Restak, autor da série *O Cérebro* para a televisão PBS, partilha da opinião de Dossey. Ele observa que, apesar da evidência esmagadora de que as capacidades humanas estão holisticamente espalhadas por todo o cérebro, a maioria dos pesquisadores continua aderindo à idéia de que a função pode estar localizada no cérebro do mesmo modo que as cidades podem estar localizadas num mapa. Restak acredita que teorias baseadas nesta premissa são não apenas "excessivamente simplistas" mas que na verdade funcionam como "camisas-de-força conceituais" que nos impedem de reconhecer as verdadeiras complexidades do cérebro.¹⁵ Ele acha que "um holograma não só é possível como, neste momento, provavelmente represente nosso melhor 'modelo' para o funcionamento cerebral".¹⁶

Pribram Depara-se com Bohm

Quanto a Pribram, até os anos 70 foi acumulada prova suficiente para convencê-lo de que sua teoria estava certa. Além do mais, ele levou suas idéias para dentro do laboratório e descobriu que neurônios isolados no córtex motor respondem seletivamente a uma faixa de frequência limitada, descoberta que apoiou mais ainda suas conclusões. A questão que começava a preocupá-lo era: se a imagem da realidade em nosso cérebro não é de forma nenhuma uma imagem mas, sim, um holograma, então seria um holograma do quê? O dilema apresentado por esta questão é análogo a tirar uma fotografia Polaroid de um grupo de pessoas sentadas em volta de uma mesa e, depois de revelada a fotografia, descobrir que, em vez de pessoas, existem somente nuvens borradas de padrões de interferência posicionados em volta da mesa. Em ambos os casos, alguém poderia com razão perguntar: Qual a realidade verdadeira, o mundo aparentemente vivenciado pelo observador-fotógrafo ou o borrão de padrões de interferência registrado pela câmera-cérebro?

Pribram compreendeu que, se o modelo do cérebro holográfico fosse levado em conta por suas conclusões lógicas, abriria a porta para a possibilidade de a realidade objetiva — o mundo das xícaras de café, panoramas montanhosos, olmos e abajures — nem mesmo existir, ou pelo menos não existir da maneira como acreditamos que exista. Será possível, ele indagava, que aquilo que os místicos disseram durante séculos seja verdade,

que a realidade seja um *maya*, uma ilusão, e que o que estaria lá fora fosse na verdade uma sinfonia ressonante e vasta de formas de onda, um "domínio de frequência" que se transformou no mundo como o conhecemos só *depois* de ter adentrado nossos sentidos?

Percebendo que a solução que buscava podia estar fora do domínio de seu próprio campo, ele procurou seu filho físico para se aconselhar. Seu filho o aconselhou a examinar a obra de um físico chamado David Bohm. Quando Pribram o fez, ficou eletrizado. Ele não só descobriu a resposta para sua pergunta, como também descobriu que, de acordo com Bohm, o universo inteiro seria um holograma.

O COSMO COMO HOLOGRAMA

Ninguém pode deixar de se maravilhar com o quanto [Bohm] é capaz de romper os estreitos modelos do condicionamento científico e permanecer sozinho com uma idéia literalmente vasta e nova, que tem tanto consistência interna quanto poder lógico para explicar abertamente divergentes fenômenos da experiência física a partir de uma concepção inteiramente inesperada. (...) É uma teoria tão satisfatória intuitivamente que muitas pessoas sentiram que, se o universo não é do jeito que Bohm o descreve, deveria ser.

— John P. Briggs e F. David Peat *O Universo do Espelho*

O caminho que levou Bohm à convicção de que o universo é construído como um holograma começou no próprio limiar da matéria, no mundo das partículas subatômicas. Seu interesse pela ciência e pelo modo como as coisas funcionam floresceu precocemente. Como um menino que cresceu em Wilkes-Barre, Pensilvânia, ele inventou uma chaleira que não pingava e seu pai, um bem-sucedido homem de negócios o estimulou a tentar tirar proveito da idéia. Mas, depois de saber que o primeiro passo nessa aventura era realizar um levantamento de porta em porta para testar no mercado sua invenção, seu interesse no negócio se desvaneceu.¹

Sua atração pela ciência, porém, e sua prodigiosa curiosidade o compeliaram à procura de novas metas a conquistar. Ele descobriu a meta mais desafiadora de todas nos anos 30, quando freqüentava a Faculdade Estadual da Pensilvânia, pois foi lá que pela primeira vez ficou fascinado pela física quântica.

Trata-se de um fascínio fácil de entender. O novo e interessante mundo que os físicos tinham descoberto espreitando o âmago do átomo continha elementos mais maravilhosos do que qualquer novidade encontrada por Cortez ou Marco Pólo. E este mundo novo era tão mais intrigante quanto tudo o que tinha a ver com ele parecia ser tão contrário ao bom senso. Assemelhava-se mais com uma terra governada pela magia do que uma extensão do mundo natural, um domínio de Alice no País das Maravilhas, no qual as forças ilusórias eram a norma e todos os fenômenos lógicos tinham sido viradas de cabeça para baixo.

Uma descoberta surpreendente feita pelos físicos quânticos era que, partindo a matéria em pedaços cada vez menores, podia-se finalmente chegar a um ponto onde aqueles pedaços — elétrons, prótons e assim por diante — não tinham mais as características dos objetos. Por exemplo, a maioria de nós tende a pensar num elétron como uma esfera minúscula ou um projétil zunindo em volta, mas não há nada mais distante da verdade. Embora um elétron possa algumas vezes se comportar como se fosse uma pequena partícula compacta, os físicos descobriram que *ele literalmente não possui nenhuma dimensão*. Para a maioria de nós, isto é difícil de imaginar, porque tudo em nosso nível de existência possui dimensão. E, mesmo se você tentar medir a largura de um

elétron, descobrirá que é uma tarefa impossível. Um elétron simplesmente não é um objeto como conhecemos.

Uma outra descoberta a que chegaram os físicos é que um elétron pode se manifestar tanto como uma partícula quanto sob a forma de onda. Se você lança um elétron na tela de uma televisão desligada, um minúsculo ponto de luz aparecerá quando ele bater na substância química fosforescente que cobre o vidro. O único ponto de impacto que o elétron deixa na tela revela claramente o lado semelhante à partícula de sua natureza.

Mas esta não é a única forma que o elétron pode assumir. Ele pode também se dissolver numa nuvem indistinta de energia e se comportar como se fosse uma onda que se expande através do espaço. Quando um elétron se manifesta como onda, pode fazer coisas que nenhuma partícula consegue. Se é disparado contra uma barreira onde foram abertas duas fendas, ele pode passar através de ambas simultaneamente. Quando elétrons semelhantes a ondas colidem um com outro até criam padrões de interferência. Enfim, o mesmo elétron, como um transformista saído de algum folclore, pode se manifestar ao mesmo tempo tanto como partícula como na forma de onda.

Esta capacidade camaleônica é comum a todas as partículas subatômicas. Também é comum a todas as coisas que uma vez se pensou se manifestarem exclusivamente como ondas. A luz, os raios gama, as ondas de rádio, os raios X — todos podem mudar de ondas para partículas e vice-versa. Hoje os físicos acreditam que os fenômenos subatômicos não deveriam ser classificados unicamente nem como ondas nem como partículas, mas como uma única categoria de manifestação que é sempre, de alguma forma, ambas. Estas manifestações são chamadas de *quanta*, e os físicos acreditam que são a matéria-prima da qual o universo inteiro é feito.*

Talvez o mais surpreendente de tudo é que há provas contundentes de que *a única vez em que os quanta se manifestam como partículas é quando estamos olhando para eles*. Por exemplo, descobertas experimentais sugerem que, quando um elétron não está sendo visto, é sempre uma onda. Os físicos são capazes de chegar a essa conclusão porque inventaram hábeis estratégias para inferir como um elétron se comporta quando não está sendo observado. (Deve-se notar que esta é apenas uma interpretação da prova e não a conclusão de todos os físicos; como veremos, o próprio Bohm tem uma interpretação diferente.)

Mais uma vez, o fenômeno se parece mais com magia do que com o tipo de comportamento que estamos acostumados a esperar do mundo natural. Imagine-se segurando uma bola de boliche, que é apenas uma bola de boliche quando você olha para ela. Se você pulverizar toda a extensão da pista de boliche com talco e jogar uma dessas "bolas-quantum" na direção das garrafas de boliche, ela traçará uma linha única sobre o pó de talco enquanto você estiver olhando. Mas, se piscar enquanto ela estiver em trânsito, você achará

que, durante um segundo ou dois em que não esteve olhando para ela, a bola de boliche parou de traçar uma linha e em vez disso deixou uma larga' faixa ondulada, como o caminho sinuoso de uma cobra do deserto ao se movimentar lateralmente sobre a areia (Figura 7).

* *Quanta* é o plural do termo de origem latina *quantum*. Um elétron é um quantum. Diversos elétrons são um grupo de quanta. A palavra *quantum* também é sinônimo de *partícula de onda*, um termo que também é usado para se referir a alguma coisa que tem aparência tanto de partícula quanto de onda.

Tal situação é comparável àquela com a qual os físicos quânticos se depararam quando descobriram pela primeira vez que os quanta se aglutinam em partículas só quando estão sendo observados. O físico Nick Herbert, um defensor desta interpretação, diz que tal realidade algumas vezes o faz imaginar que às suas costas o mundo é sempre "um fluxo ininterrupto e radicalmente ambíguo da sopa quântica". Mas toda vez que ele se vira e tenta olhar para a sopa, seu olhar a congela instantaneamente e ela volta a se transformar em realidade habitual. Ele acredita que isso faz a todos nós um pouco semelhantes a Midas, o legendário rei que nunca conheceu a sensação da seda ou a carícia de uma mão humana porque tudo que ele tocava virava ouro. "Do mesmo modo, os humanos não podem nunca experimentar a verdadeira textura da realidade quântica", diz Herbert, "porque tudo o que tocamos se transforma em matéria."²

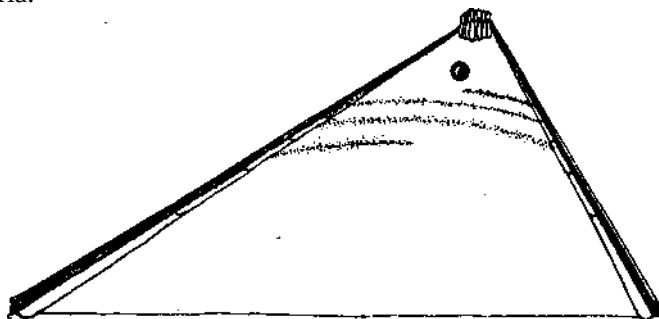


Figura 7. Os físicos encontraram evidências contundentes de que a única vez que os elétrons e outros *quanta* se manifestam como partículas é quando estamos olhando para eles. Em todas as outras vezes eles se comportam como ondas. Isto é tão estranho quanto ter uma bola de boliche que traça uma única linha na pista enquanto você está olhando para ela, mas que deixa um padrão de onda toda vez que você pisca os olhos.

Bohm e a Interconexão

Um aspecto da realidade quântica que Bohm achou especialmente interessante foi o estranho estado de interconexão que parece existir entre eventos subatômicos aparentemente não relacionados. O que era igualmente desconcertante era que a maioria dos físicos tendia a dar pouca importância ao

fenômeno. De fato, tão pouco foi feito com relação ao fato que um dos mais famosos exemplos de interconexão permaneceu oculto em uma das hipóteses básicas da física quântica por muitos anos, antes que alguém notasse que se encontrava lá.

Esta hipótese foi levantada por um dos fundadores da física quântica, o físico dinamarquês Niels Bohr. Bohr chama a atenção para o fato de que, se as partículas subatômicas só vêm a existir na presença de um observador, então também não tem sentido falar das propriedades e características de uma partícula como se existissem antes de serem observadas, lal afirmação parecia perturbadora para muitos físicos, pois grande parte da ciência se baseava na descoberta das propriedades dos fenômenos. Mas, se o ato de observação realmente ajudava a criar tais propriedades, o que isto significava para o futuro da ciência?

Um físico que se preocupou com as afirmações de Bohr foi Einstein. Apesar do papel que Einstein desempenhou na descoberta da teoria quântica, ele não ficou de forma alguma feliz com a direção que a novata ciência tinha tomado. Einstein considerou a conclusão de Bohr (de que as propriedades de uma partícula não existem até que sejam observadas) especialmente censurável porque, quando combinada com outras descobertas da física quântica, significava que as partículas subatômicas estavam interligadas de um modo que ele próprio simplesmente não acreditava que fosse possível.

Tais achados eram a descoberta de que alguns processos subatômicos resultam na criação de um par de partículas com propriedades muito relacionadas ou idênticas. Considere um átomo extremamente instável, que os físicos chamam de positrônio. O átomo de positrônio é composto de um elétron e de um pósitron (um pósitron é um elétron com carga positiva). Uma vez que um pósitron é uma anti-partícula oposta ao elétron, conseqüentemente os dois anulam um ao outro e se decompõem em dois quanta de luz ou "fótons", que se movimentam em direções opostas (a capacidade para a mudança de forma de um tipo de partícula para outro é na verdade uma das faculdades do quantum). De acordo com a física quântica, não importa a que distância os fótons se movimentem, quando forem medidos se descobrirá que eles têm ângulos de polarização idênticos. (Polarização é a orientação espacial do aspecto ondulante do fóton enquanto ele se movimenta para longe de seu ponto de origem.)

Em 1935, Einstein e seus colegas Boris Podolsky e Nathan Rosen publicaram um ensaio atualmente famoso intitulado "A Descrição Mecânica-Quântica da Realidade Física Pode ser Considerada Completa?" Nele, eles explicavam por que a existência dessas partículas gêmeas provava que não era possível que Bohr estivesse certo. Como esses cientistas salientavam, podia-se induzir ou permitir que duas dessas partículas, quer dizer, os fótons emitidos quando o positrônio se decompõe, se movimentassem a uma distância considerável uma da outra.* Então os tais fótons poderiam ser interceptados e

seus ângulos de polarização medidos. Se as polarizações são medidas exatamente no mesmo momento e descobre-se serem idênticas, como os físicos quânticos previram, e se Bohr estava certo e as propriedades tais como a polarização não se misturam e vêm a existir até serem observadas ou medidas, isto sugere que de alguma forma os dois fótons devem estar se comunicando instantaneamente um com o outro, de forma que sabem em qual ângulo de polarização coincidir. O problema é que, de acordo com a própria teoria da relatividade de Einstein, nada pode se movimentar mais rápido do que a velocidade da luz, que por si só se movimenta instantaneamente, pois isso seria equivalente a romper a barreira do tempo e abrir a porta a todos os tipos de paradoxos inaceitáveis. Einstein e seus colegas estavam convencidos de que nenhuma "definição razoável" da realidade permitiria que tais interconexões mais rápidas do que a luz existissem e portanto Bohr tinha de estar errado.³ O argumento deles agora é conhecido como o paradoxo Einstein-Podolsky-Rosen, ou resumindo, paradoxo EPR.

* A decomposição do positrônio não é o processo subatômico que Einstein e seus colegas empregaram em seu experimento, mas é usado aqui porque é fácil de visualizar.

Bohr permaneceu impassível diante do argumento de Einstein. Em vez de acreditar que algum tipo de comunicação mais rápida do que a luz estava ocorrendo, ele propôs uma outra explicação. Se as partículas subatômicas não existem até serem observadas, então não se poderia mais pensá-las como "coisas" independentes. Assim, Einstein estava baseando seu argumento em um erro quando considerou as partículas gêmeas como separadas. Elas eram parte de um sistema indivisível e não tinha sentido pensar nelas de outra maneira.

Com o tempo, a maioria dos físicos tomou o partido de Bohr e concordou que esta interpretação estava certa. Um fator que contribuiu para o triunfo de Bohr foi que os físicos quânticos tinham se mostrado tão bem-sucedidos na predição dos fenômenos, que poucos físicos estavam dispostos sequer a considerar a possibilidade de que pudesse estar errada de alguma maneira. Além do mais, quando Einstein e seus colegas fizeram seu esboço sobre as partículas gêmeas pela primeira vez, razões técnicas e outras impediam que um tal experimento fosse realizado na prática. Isto tornava até mais fácil tirá-lo da cabeça. Era curioso pois, embora Bohr tivesse planejado seu argumento para ir de encontro ao ataque de Einstein sobre a teoria quântica, como veremos, a concepção de Bohr de que os sistemas subatômicos são indivisíveis tem igualmente profundas implicações para a natureza da realidade. Ironicamente, estas implicações também foram ignoradas e mais uma vez a importância potencial da interconexão foi varrida para debaixo do tapete.

Um Mar Vivo de Elétrons

Durante seus primeiros anos como físico, Bohm também aceitou a posição de Bohr, mas ficou intrigado com a falta de interesse de Bohr e seus

seguidores pela interconexão. Depois de se formar pela Faculdade Estadual da Pensilvânia, ele trabalhou na Universidade da Califórnia em Berkeley e, antes de receber seu doutorado lá, em 1943, esteve no Laboratório de Radiação Lawrence Berkeley, onde se deparou com um outro exemplo surpreendente da interconexão quântica.

No Laboratório de Radiação de Berkeley, Bohm começou o que viria a ser seu trabalho fundamental sobre o plasma. Plasma é um gás que tem uma alta densidade de elétrons e de íons positivos (átomos que têm carga positiva). Para sua surpresa, descobriu que, uma vez estando no plasma, os elétrons paravam de se comportar como se fossem parte de um todo interligado maior. Embora seus movimentos individuais aparecessem de vez em quando, um grande número de elétrons era capaz de produzir efeitos surpreendentemente bem organizados. A exemplo de algumas criaturas amebídeas, o plasma se regenerava constantemente e incorporava todas as impurezas numa parede protetora, do mesmo modo que um organismo biológico pode envolver uma substância estranha num cisto.⁴ Bohm ficou tão perplexo com essas qualidades orgânicas, que mais tarde observou que muitas vezes tinha a impressão de que o mar de elétrons estava "vivo".⁵

Em 1947 Bohm aceitou o cargo de professor-assistente na Universidade de Princeton, um sinal do quanto era considerado, e lá ampliou sua pesquisa de Berkeley para o estudo de elétrons em metais. Mais uma vez ele descobriu que os movimentos aparentemente ao acaso dos elétrons individuais conseguiam produzir efeitos altamente organizados no geral. Como os plasmas que ele tinha estudado em Berkeley, estas não eram mais situações que envolviam duas partículas, mas com cada uma se comportando como se soubesse o que os trilhões incontáveis de outras estava fazendo. Bohm chamou tais movimentos coletivos dos elétrons de *plasmons* e a descoberta deles firmou sua reputação como físico.

A Decepção de Bohm

A compreensão da importância da interconexão, assim como sua crescente insatisfação com diversas outras concepções predominantes na física, deixaram Bohm cada vez mais preocupado com a interpretação de Bohr da teoria quântica. Depois de três anos ensinando a disciplina em Princeton, decidiu aperfeiçoar seu entendimento escrevendo um livro. Quando terminou, descobriu que ainda não estava satisfeito com o que a física quântica dizia e enviou cópias do livro tanto para Bohr como para Einstein, pedindo a opinião deles. Não obteve resposta de Bohr, mas Einstein entrou em contato com ele e disse que, como ambos estavam em Princeton, poderiam se encontrar e discutir o livro. Na primeira do que se tornou uma série de seis meses de inspiradas conversas, Einstein entusiasticamente disse a Bohm que nunca tinha visto a

teoria quântica apresentada tão claramente. Entretanto, admitiu que ainda estava tão insatisfeito com a teoria quanto Bohm.

Durante suas conversas, os dois homens descobriram que cada um tinha admiração não apenas pela capacidade de a teoria prever os fenômenos. O que os incomodava era que ela não fornecia nenhum modo real de conceber a estrutura básica do mundo. Bohr e seus seguidores também afirmavam que a teoria quântica estava completa e que não era possível chegar a qualquer entendimento mais claro do que estava se passando no domínio quântico. Isto era o mesmo que dizer que não havia nenhuma realidade mais profunda além da paisagem subatômica, nenhuma resposta a mais a ser encontrada, e isto, também, feria a sensibilidade filosófica tanto de Bohm como de Einstein. Ao longo de seus encontros eles discutiram muitas outras coisas, mas estes pontos em especial receberam novo destaque nos pensamentos de Bohm. Inspirado por suas interações com Einstein, ele aceitou a validade de seus pressentimentos sobre a física quântica e julgou que devia haver um ponto de vista alternativo. Quando seu livro *A Teoria Quântica* foi publicado em 1951, foi aclamado como um clássico, mas era um clássico sobre um assunto ao qual Bohm não mais dava sua total dedicação. Sua mente, sempre ativa e sempre procurando explicações mais profundas, já estava em busca de um jeito melhor de descrever a realidade.

Um Novo Tipo de Campo e a Bala que Matou Lincoln

Depois de suas conversas com Einstein, Bohm tentou achar uma alternativa útil para a interpretação de Bohr. Começou admitindo que partículas como os elétrons *realmente* existem na ausência de observadores. Também admitiu que havia uma realidade mais profunda por trás da parede inviolável de Bohr, um nível subquântico que ainda esperava a descoberta da ciência. Ao construir estas premissas ele descobriu que simplesmente por propor a existência de um novo tipo de campo nesse nível subquântico ele era capaz de explicar os achados da física quântica tanto quanto Bohr. Bohm chamou seu novo campo proposto de *potencial quântico* e teorizou que, como a gravidade, ele permeia todo o espaço. Entretanto, diferente dos campos gravitacionais, dos campos magnéticos e assim por diante, sua influência não diminuía com a distância. Seus efeitos eram sutis, mas eram igualmente poderosos em toda parte. Bohm publicou sua interpretação alternativa da teoria quântica em 1952.

A reação a esta nova abordagem foi principalmente negativa. Alguns físicos estavam tão convencidos de que tais alternativas eram impossíveis que rejeitaram suas idéias por completo. Outros lançaram ataques apaixonados contra seu raciocínio. No final, virtualmente todos esses argumentos estavam baseados principalmente em diferenças filosóficas, mas isso não importava. A concepção de Bohr tinha se tornado tão firme na física que a alternativa de Bohm foi considerada pouco mais que uma heresia.

Apesar da aspereza desses ataques Bohm permaneceu inabalável em sua convicção de que havia mais na realidade do que a concepção de Bohr admitia. Ele também achava que a ciência estava muito limitada em sua perspectiva quando vinha a avaliar idéias novas, tais como as suas, e em um livro de 1957 intitulado *Casualidade e Mudança na Física Moderna* examinou diversas suposições filosóficas responsáveis por esta atitude. Uma era a suposição amplamente sustentada de que era possível, para uma única teoria, como a teoria quântica, *ser* completa. Bohm criticou esta suposição chamando a atenção para o fato de que a natureza pode ser infinita. Por não ser possível a nenhuma teoria explicar completamente algo que seja infinito, Bohm sugeriu que uma pesquisa científica aberta estaria mais bem servida se os pesquisadores se abstivessem de fazer esta afirmação.

No livro ele discutia que o modo com que a ciência encarava a causalidade também era muito limitado. Pensava-se que a maioria dos efeitos tinha uma ou várias causas. Bohm, porém, achava que um efeito poderia ter um número infinito de causas. Por exemplo, se você perguntasse a alguém o que causou a morte de Abraham Lincoln, poderiam responder que foi a bala no revólver de John Wilkes Booth. Mas uma lista completa de todas as causas que contribuíram para a morte de Lincoln teria que incluir todos os eventos que levaram ao desenvolvimento do revólver, todos os fatores que fizeram Booth querer matar Lincoln, todos os passos na evolução da raça humana que permitiram o desenvolvimento de uma mão capaz de segurar um revólver e assim por diante. Bohm admitia que na maior parte do tempo alguém poderia ignorar a vasta cascata de causas que levaram a um determinado efeito, mas ele ainda achava que era importante para os cientistas lembrar que uma relação de causa-efeito única nunca estava realmente separada do universo como um todo.

Se Você Quer Saber Onde Está, Pergunte aos "Não-Locais"

Durante este mesmo período de sua vida, Bohm também continuou a aperfeiçoar sua abordagem alternativa da física quântica. Como ele examinou mais minuciosamente o significado do potencial quântico, descobriu que este tinha inúmeras características que envolviam um afastamento ainda mais radical do pensamento ortodoxo. Uma era a importância da totalidade. A ciência clássica sempre considerou o estado de um sistema enquanto todo como um mero resultado da interação de suas partes. Entretanto, o potencial quântico virava esta idéia de ponta-cabeça e revelava que o comportamento das partes era na verdade organizado pelo todo. Isto não só ia um passo além da afirmação de Bohr de que as partículas subatômicas não são "coisas" independentes, mas parte de um

sistema indivisível, como até sugeria que a totalidade era de alguma forma a realidade mais fundamental.

Isto também explicava como os elétrons nos plasmas (e em outros estados especializados como a supercondutividade) podiam se comportar como totalidades interligadas. Como Bohm afirma, tais "elétrons não se dispersam porque, por meio da ação do potencial quântico, o sistema todo é submetido a um movimento coordenado, mais semelhante a uma dança de bale do que a uma multidão desorganizada". Mais uma vez ele observa que "tal totalidade quântica de atividade está mais próxima da organizada unidade de funcionamento das partes de um ser vivo do que do tipo de unidade que é obtida juntando-se as partes de uma máquina".⁶

Uma característica ainda mais surpreendente do potencial quântico eram suas implicações na natureza do local. Ao nível do nosso cotidiano, as coisas vivas têm locais muito específicos, mas a interpretação da física quântica de Bohm indicava que a nível subquântico, o nível no qual o potencial quântico operava, os locais deixavam de existir. Todos os pontos no espaço se tornavam iguais a todos os outros pontos no espaço e era sem sentido falar de qualquer coisa estando separada de qualquer outra coisa mais. Os físicos chamam esta propriedade de "não localidade".

O aspecto não localizado do potencial quântico capacitou Bohm a explicar a ligação entre as partículas gêmeas sem violar a proibição da relatividade contra qualquer coisa que se movimenta mais depressa do que a velocidade da luz. Para ilustrar como, ele ofereceu a seguinte analogia: Imagine um peixe nadando num aquário. Imagine também que você nunca tinha visto um peixe nem um aquário antes e seu único conhecimento sobre eles vem de duas câmeras de televisão, uma dirigida para a frente do aquário e a outra para o lado. Quando olha para os dois monitores de televisão, você poderia erradamente supor que o mesmo peixe nas telas seria duas entidades separadas. Afinal, pelas câmeras estarem colocadas em ângulos diferentes, cada uma das imagens será levemente diferente. Mas, à medida que você continua a olhar, finalmente perceberá que existe uma relação entre os dois peixes. Quando um se vira, o outro faz uma volta levemente diferente, mas correspondente. Quando um fica de frente, o outro fica de lado e assim por diante. Se você não percebe todo o alcance da situação, poderia erroneamente concluir que os peixes estão se comunicando instantaneamente um com o outro, mas esse não é o caso. Nenhuma comunicação está acontecendo, porque num nível mais profundo da realidade, a realidade do aquário, os dois peixes são a mesma coisa. Isto, diz Bohm, é exatamente o que se passa entre partículas tais como os dois fótons emitidos quando um átomo de positrônio se decompõe (Figura 8).

Na verdade, uma vez que o potencial quântico permeia todo o espaço, todas as partículas estão interligadas não localmente. Mais e mais a imagem da realidade que Bohm desenvolvia não era aquela na qual as partículas subatômicas estavam separadas umas das outras e se movimentando através do vazio do espaço, mas aquela na qual todas as coisas eram parte de uma teia contínua e encaixada num espaço que era tão real e rico enquanto processo quanto a matéria que se movia através dele.

As intuições de Bohm ainda deixaram a maioria dos físicos inflexível, mas incitaram o interesse de uns poucos. Um destes era John Stewart Bell, um físico teórico do CERN, um centro para a pesquisa atômica pacífica perto de Genebra, na Suíça. Como Bohm, Bell também tinha ficado insatisfeito com a teoria quântica e achava que devia haver alguma alternativa. Como ele declarou mais tarde: "Então em 1952 vi o artigo de Bohm. Sua idéia era completar o mecanismo quântico dizendo que existem certas variáveis a mais além daquelas que todo mundo já conhecia. Aquilo me impressionou muito".⁷

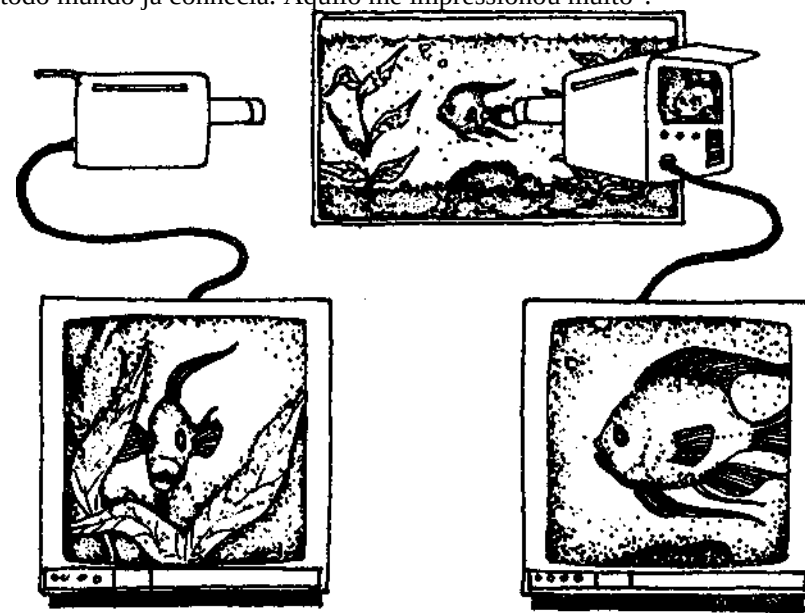


Figura 8. Bohm acredita que as partículas subatômicas estão lipadas da mesma maneira que as imagens do peixe nos dois monitores de televisão. Embora partículas como os elétrons pareçam estar separadas umas das outras, num nível mais profundo da realidade — um nível análogo ao do aquário — elas são na verdade nada mais que aspectos diferentes de uma unidade cósmica mais profunda.

Bell também compreendeu que a teoria de Bohm incluía a existência da não localização e dispôs-se a verificar experimentalmente sua existência. Mas teve de manter a questão em mente por anos até que uma licença em 1964 lhe

proporcionasse a liberdade para dirigir toda a atenção ao assunto. Então crie rapidamente surgiu com uma elegante prova matemática revelando como um experimento de tal natureza podia ser realizado. O único problema era que isto exigia um nível de exatidão tecnológica ainda não disponível. Para ter certeza de que as partículas, como aquelas no paradoxo EPR, não usavam meios normais de comunicação, as operações básicas do experimento tinham de ser realizadas num instante infinitesimalmente breve, para não haver nem mesmo tempo suficiente para um raio de luz atravessar a distância que separava as duas partículas. Isto significava que os instrumentos usados no experimento tinham que realizar todas as operações necessárias em uns poucos centésimos-milionésimos de segundo.

Entre no Holograma

Em fins dos anos 50, Bohm já tivera sua briga com o macartismo e se tornara pesquisador-adjunto da Universidade de Bristol, Inglaterra. Lá, em companhia de um jovem estudante pesquisador chamado Yakir Aharonov, ele descobriu um outro exemplo importante da interconexão não localizada, ou seja, que, sob dadas circunstâncias, um elétron é capaz de "sentir" a presença de um campo magnético existente numa região onde haja probabilidade zero de esse elétron se encontrar. Tal fenômeno é agora conhecido como o efeito Bohm-Aharonov e, quando os dois pesquisadores publicaram sua descoberta pela primeira vez, muitos físicos não acreditaram na possibilidade de tal efeito. Esse ceticismo persiste até hoje e, apesar da confirmação do efeito em inúmeros experimentos, muitas vezes ainda surgem artigos argumentando que ele não existe.

Como sempre, Bohm aceitou estoicamente seu eterno papel como a voz na multidão que corajosamente observa que o rei está nu. Numa entrevista concedida alguns anos mais tarde ele resumiu com simplicidade a filosofia que sustentou sua atitude corajosa: "A longo prazo, é muito mais perigoso aderir à ilusão do que encarar o que é o fato real".⁸

Entretanto, a limitada reação a suas idéias sobre a totalidade e a não localização e sua própria inabilidade para saber como agir a seguir desviaram sua atenção para outras direções. Nos anos 60, isto o levou a olhar mais de perto para a *ordem*. A ciência clássica em geral divide as coisas em duas categorias: aquelas que têm ordem no arranjo de suas partes e aquelas cujas partes estão desordenadas, ou ao acaso, no arranjo. Flocos de neve, computadores e coisas vivas são todos ordenados. O padrão que um punhado de grãos de café espalhados fazem no chão, os escombros deixados por uma explosão e uma série de números gerados por uma roleta são todos desordenados.

À medida que Bohm pesquisava mais profundamente o assunto compreendia que existiam também diferentes graus de ordem. Algumas coisas

eram muito mais ordenadas do que outras e isso implicava que não havia, talvez, nenhum fim para as hierarquias de ordem que existiam no universo. A partir disto ocorreu a Bohm que talvez coisas que percebemos como desordenadas não estão de maneira nenhuma desordenadas. Talvez a ordem delas seja de tal "grau indefinidamente alto" que elas só parecem a nós como acaso (de maneira interessante, os matemáticos são incapazes de provar a casualidade e, embora algumas seqüências de números sejam categorizadas como acaso, estas são passíveis de projeções por especialistas).

Envolvido por estes pensamentos, Bohm viu um aparelho num programa de televisão da BBC que o ajudou a desenvolver suas idéias ainda mais. O aparelho era um jarro especialmente desenhado, contendo um grande cilindro giratório. O espaço estreito entre o cilindro e o jarro estava cheio com glicerina — um líquido claro, denso — e flutuando sem se mexer na glicerina havia uma gota de tinta. O que interessou Bohm foi que, quando a manivela do cilindro era virada, a gota de tinta se espalhava através do xarope de glicerina e como que desaparecia. Mas, assim que a manivela era virada na direção oposta, o risco pálido de tinta lentamente se fechava sobre si mesmo e mais uma vez formava uma gotinha (Figura 9).

Bohm escreveu: "Isto imediatamente me tocou como muito relevante para a questão da ordem, uma vez que, quando a gota de tinta estava espalhada, ainda tinha uma ordem 'oculta' (isto é, não manifesta) que se revelava quando ela era reconstituída. Por outro lado, em nossa linguagem comum, diríamos que a tinta encontrava-se em estado de 'desordem' quando estava dispersa na glicerina. Isto me levou a ver que novas noções de ordem devem estar consideradas aqui".⁹

Bohm foi muito estimulado por esta descoberta, pois esta lhe fornecia um novo enfoque para muitos dos problemas com que estava se ocupando. Logo depois de encontrar o aparelho de tinta na glicerina, ele se deparou com uma metáfora ainda melhor para entender a ordem, a qual o habilitou não só juntar todos os fios de seus anos de reflexão, como o fez com tal força e poder explanatório que pareceu quase feita sob medida para o propósito. Esta metáfora era o holograma.

Assim que Bohm começou a refletir sobre o holograma, viu que este também fornecia um novo modo de entender a ordem. Como a gota de tinta em seu estado disperso, os padrões de interferência registrados num pedaço de filme holográfico também pareciam desordenados a olho nu. Ambos têm ordens que estão escondidas ou encobertas, do mesmo modo que a ordem num plasma está encoberta no comportamento aparentemente casual de cada um de seus elétrons. Mas esta não era a única que reflexão o holograma propiciava.

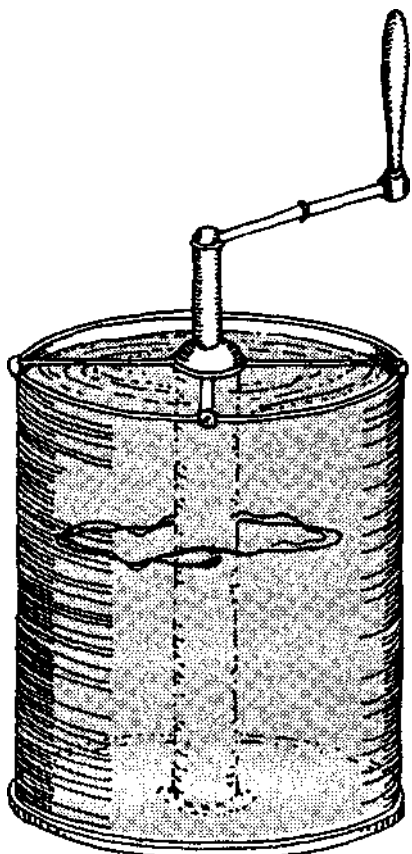


Figura 9. Quando uma gota de tinta é colocada num jarro cheio de glicerina e um cilindro dentro do jarro é girado, a gota parece se espalhar e desaparecer. Mas, quando o cilindro é girado na direção oposta, a gota se junta de novo. Bohm usa este fenômeno como um exemplo de como a ordem pode ser tanto manifesta (explícita) como oculta (implícita).

Quanto mais Bohm pensava sobre isso, mais convencido ficava de que o universo realmente empregava princípios holográficos em suas operações, *era ele próprio uma espécie de holograma flutuante, gigante*, e esta compreensão permitiu-lhe cristalizar todas as suas reflexões num todo coeso e vasto. Assim, publicou os primeiros artigos sobre sua concepção holográfica do universo no início dos anos 70 e em 1980 apresentou uma síntese madura de seus pensamentos num livro chamado *A Totalidade e a Ordem Implícita*. Nele, fazia mais do que apenas juntar suas incontáveis idéias. Ele as transformou em um novo modo de encarar a realidade, que era tão excitante quanto radical.

Ordens Encobertas e Realidades Descobertas

Uma das afirmações mais surpreendentes de Bohm é que a realidade tangível da vida cotidiana é realmente uma espécie de ilusão, como uma imagem holográfica. Subjacente a ela existe uma ordem de existência mais profunda, um nível de realidade mais fundamental e vasto que gera todos os objetos e manifestações do nosso mundo físico, do mesmo modo que um pedaço de filme holográfico gera um holograma. Bohm chama este nível mais profundo de realidade de ordem *envolvida* (que quer dizer velada) e se refere ao nosso nível de existência como ordem *exposta* ou revelada.

Ele usa estes termos porque vê a manifestação de todas as formas no universo como o resultado de encobrimentos e descobrimentos entre estas duas ordens. Por exemplo, Bohm acredita que um elétron não é uma coisa, mas uma totalidade ou conjunto envolvido por toda parte de todo o espaço. Quando um instrumento detecta a presença de um único elétron, é simplesmente porque um aspecto do conjunto do elétron foi descoberto, semelhante ao modo como uma gota de tinta se revela na glicerina, naquele local específico. Quando um elétron parece estar se movendo, isto se deve a uma série contínua de tais encobrimentos e descobrimentos.

Dito de outro modo, os elétrons e todas as outras partículas não são mais reais ou permanentes do que a forma que um gêiser de água tem quando jorra para fora de uma fonte. Eles são sustentados por um influxo constante a partir da ordem envolvida e, quando uma partícula parece estar destruída, não está perdida. Ela meramente se encobriu de novo, numa ordem mais profunda a partir da qual surgiu. Um pedaço de filme holográfico e a imagem que ele gera também são um exemplo de uma ordem implícita e explícita. O filme é uma ordem implícita porque a imagem codificada em seus padrões de interferência é uma totalidade oculta encoberta em toda parte do todo. O holograma projetado a partir do filme é uma ordem explícita porque representa a versão perceptível e revelada da imagem.

A troca constante que flui entre as duas ordens explica como partículas tais como o elétron no átomo de positrônio pode mudar a forma de um tipo de partícula para outro. Tais inconstâncias podem ser vistas quando uma partícula, digamos um elétron, volta a se encobrir numa ordem implícita, enquanto uma outra, um fóton, se revela e toma seu lugar. Isto também explica como um quantum pode se manifestar tanto como uma partícula como na forma de uma onda. De acordo com Bohm, ambos os aspectos estão sempre cobertos num conjunto quântico, mas o modo que um observador interage com o conjunto determina quais aspectos descobre e quais permanecem escondidos. Como tal, o papel que um observador tem ao determinar a forma que o quantum toma pode não ser mais misterioso do que o fato que o modo de um joalheiro manipular uma gema determina quais das suas facetas se tornam visíveis e quais não. Porque o termo *holograma* em geral se refere a uma imagem que é

estática e não transmite a natureza sempre ativa e dinâmica dos incalculáveis encobrimentos e descobrimentos que momento a momento criam nosso universo, Bohm prefere descrever o universo não como um holograma mas como um "holomovimento".

A existência de uma ordem organizada holograficamente e mais profunda também explica por que a realidade se torna não localizada num nível subquântico. Como vimos, quando alguma coisa está organizada holograficamente, toda aparência de local sucumbe. Dizer que cada parte de um pedaço de filme holográfico inclui toda informação possuída pelo todo, na verdade é apenas um outro modo de dizer que a informação está distribuída não-localmente. Assim, se o universo está organizado de acordo com os princípios holográficos, era de se esperar que também tivesse propriedades não localizadas.

A Totalidade Indivisível de Todas as Coisas

As concepções mais estonteantes de todas são as idéias avançadas de Bohm sobre a totalidade. Considerando que tudo no cosmo é formado do tecido holográfico sem emenda da ordem implícita, ele acredita que não tem sentido encarar o universo como composto de "partes", assim como encarar os diferentes gêiseres numa fonte como separados da água a partir da qual fluem. Um elétron não é uma "partícula elementar". Este é apenas um nome dado a um certo aspecto de um holomovimento. Dividir toda a realidade em partes e então nomear estas partes é sempre arbitrário, um produto da convenção, porque as partículas subatômicas, e tudo o mais no universo, não estão mais separadas umas das outras do que os diferentes padrões num tapete adornado.

Esta é uma proposta profunda. Em sua teoria da relatividade geral Einstein surpreendeu o mundo quando disse que o espaço e o tempo não são entidades separadas mas estão suavemente ligados e são parte de um todo maior que ele chamou de contínuo espaço-tempo. Bohm dá um passo gigante à frente desta idéia. Ele diz que *tudo* no universo é parte de um contínuo. Apesar da aparente separação das coisas a nível explícito, tudo é uma extensão sem emenda de tudo o mais, e no final das contas até as ordem implícita e explícita se misturam uma com a outra.

Pare um pouco para considerar isto. Olhe para sua mão. Agora olhe para a luz que verte da lâmpada a seu lado. E para o cachorro descansando a seus pés. Vocês não são meramente feitos das mesmas coisas. *Vocês são a mesma coisa.* Uma coisa. Inteira. Uma coisa enorme que estendeu seus inúmeros braços e membros para dentro dos aparentes objetos, átomos, oceanos agitados e estrelas cintilantes no cosmos.

Bohm adverte que isso não quer dizer que o universo é uma massa indiferenciada gigante. As coisas podem ser parte de um todo indivisível e ainda ter suas próprias qualidades únicas. Para ilustrar o que quer dizer, ele

aponta para os pequenos redemoinhos e vórtices que muitas vezes formam um rio. Num relance, tais redemoinhos parecem ser coisas separadas e ter muitas características individuais, tais como tamanho, velocidade, direção de rotação etc. Mas uma investigação cuidadosa revela que é impossível determinar onde um determinado vórtice termina e o rio começa. Assim, Bohm não está sugerindo que as diferenças entre as "coisas" seja sem sentido. Ele simplesmente quer que estejamos constantemente conscientes de que dividir os diversos aspectos de um holomovimento em "coisas" é sempre uma abstração, um modo de fazer seus aspectos se sobressaírem em nossa percepção pelo nosso modo de pensar. Na tentativa de corrigir isto, em vez de chamar os diferentes aspectos dos holomovimentos de "coisas", ele prefere chamá-las de "subtotalidades relativamente independentes".¹⁰

Na verdade, Bohm acredita que nossa tendência quase universal de fragmentar o mundo e ignorar a interligação dinâmica de todas as coisas é responsável por muitos de nossos problemas, não só na ciência mas em nossa vida e em nossa sociedade também. Por exemplo, acreditamos que podemos extrair as partes valiosas da terra sem afetar o todo. Acreditamos que é possível tratar partes do nosso corpo e não nos preocuparmos com o todo. Acreditamos que podemos lidar com vários problemas em nossa sociedade, tais como crime, pobreza e vício em drogas sem tratar dos problemas em nossa sociedade como um todo e assim por diante. Em seus escritos, Bohm afirma veementemente que nosso modo comum de fragmentar o mundo em partes não só não funciona mas pode até levar à nossa extinção.

A Consciência como a Forma Mais Sutil de Matéria

Além de explicar por que os físicos quânticos encontram tantos exemplos de interligação quando sondam as profundezas da matéria, o universo holográfico de Bohm explica muitos outros enigmas. Um é o efeito que a consciência parece ter sobre o mundo subatômico. Como vimos, Bohm rejeita a idéia de que as partículas não existem até que sejam observadas. Mas em princípio ele não é contra juntar a consciência e a física. Ele simplesmente acha que a maior parte dos físicos lida com isso de modo errado, tentando mais uma vez fragmentar a realidade e dizendo que uma coisa separada, a consciência, interage com outra coisa separada, uma partícula subatômica.

Porque todas estas coisas são aspectos do holomovimento, ele acha que não tem nenhum sentido falar da consciência e da matéria em interação. Em um sentido, o observador é o observador. O observador também é o instrumento de medição, os resultados experimentais, o laboratório e a brisa que sopra fora do laboratório. De fato, Bohm acredita que a consciência é a forma mais sutil de matéria e a base para qualquer relação entre as duas está, não em nosso próprio nível de realidade, mas no fundo da ordem implícita. A consciência está

presente nos diversos graus de encobrimento e descobrimento em toda matéria, que é talvez a razão pela qual o plasma tem algumas das características das coisas vivas. Como Bohm afirma: "A capacidade de a forma ser ativa é o aspecto mais característico da mente, e temos algo semelhante à mente no elétron".¹¹

Da mesma forma, ele acredita que dividir o universo inteiro em coisas vivas e não vivas também não tem nenhum sentido. A matéria animada e inanimada estão inseparavelmente entrelaçadas e a vida, também, está encoberta por toda parte da totalidade do universo. Até uma pedra é de alguma maneira viva, diz Bohm, pois a vida e a inteligência estão presentes não só em toda matéria mas na "energia", "espaço", "tempo", "na estrutura do universo inteiro" e em tudo o mais que abstraímos a partir do holomovimento e que erroneamente vemos como coisas separadas.

A idéia de que a consciência e a vida (e na verdade todas as coisas) são conjuntos envolvidos por todo o universo tem um reverso igualmente deslumbrante. Assim como toda parte de um holograma contém a imagem do todo, cada porção do universo envolve o todo. Isto quer dizer que, se soubéssemos como ter acesso a isto, poderíamos encontrar a galáxia Andrômeda na unha do polegar de nossa mão esquerda. Poderíamos também achar Cleópatra encontrando Júlio César pela primeira vez, pois em princípio o passado todo e as implicações para todo o futuro também estão envoltos em cada minúscula região do espaço e do tempo. Cada célula do nosso corpo envolve o cosmo inteiro. Assim como cada folha, cada gota de chuva e cada partícula de pó, o que dá sentido novo ao famoso poema de William Blake: .

Para ver o Mundo num Grão de Areia E o Céu numa Flor do Campo,
Tome o Infinito na palma da mão • e a Eternidade numa hora.

A Energia de Um Trilhão de Bombas Atômicas em Cada Centímetro Cúbico do Espaço

Se nosso universo é apenas uma pálida idéia de uma ordem mais profunda, o que mais permanece escondido, encoberto na urdidura e trama de nossa realidade? Bohm tem uma sugestão. De acordo com nosso entendimento comum da física, cada região do espaço está inundada por diferentes espécies de campos, compostos de ondas de comprimentos variados. Cada onda sempre tem pelo menos alguma energia. Quando os físicos calculam a quantidade mínima de energia que uma onda pode ter, acham que *cada centímetro cúbico de espaço vazio contém mais energia do que a energia total de toda a matéria no universo conhecido!*

Alguns físicos se recusam a levar este cálculo a sério e acreditam que ele deve, de alguma forma, estar errado. Bohm acha que este oceano infinito de energia existe e nos fala pelo menos um pouco sobre a natureza oculta e vasta

da ordem implícita. Ele acha que a maioria dos físicos ignora a existência deste enorme oceano de energia porque, como o peixe que não está consciente da água na qual nada, foi-lhes ensinado que enfocassem fundamentalmente os objetos encaixados no oceano, na matéria.

O ponto de vista de Bohm de que o espaço é tão real e rico enquanto processo quanto a matéria que se move nele atinge plena maturidade nas suas idéias sobre o mar implícito de energia. A matéria não existe independentemente do mar, do assim chamado espaço vazio, Ela é uma parte do espaço. Para explicar o que quer dizer, Bohm oferece a seguinte analogia: um cristal resfriado até o zero absoluto será atravessado por um jorro de elétrons que não se dispersam. Se a temperatura é elevada, várias fendas no cristal perderão sua transparência por assim dizer, e começarão a dispersar os elétrons. Do ponto de vista de um elétron, estas fendas apareceriam como pedaços de "matéria" flutuando num mar do nada, mas este não é realmente o caso. O nada e os pedaços de matéria não existem independentemente um do outro. São ambos parte da mesma estrutura, a ordem mais profunda do cristal.

Bohm acredita que o mesmo é verdade em nosso próprio nível de existência. O espaço não é vazio. Ele é *cheio*, um *plenum* oposto a um *vacuum*, e é a base para a existência de tudo, incluindo nós mesmos. O universo não está separado deste mar cósmico de energia, ele é uma ondulação em sua superfície, um "padrão de excitação" comparativamente pequeno, no meio de um oceano inimaginavelmente vasto. "Este padrão de excitação é relativamente autônomo e dá origem a projeções separáveis e estáveis, aproximadamente periódicas em uma ordem de manifestação explícita tridimensional", afirma Bohm.¹² Em outras palavras, apesar de sua aparente materialidade e enorme tamanho, o universo não existe em si e por si mesmo, mas é o enteado de algo muito mais vasto e inefável. Mais do que isto, ele nem mesmo é uma produção principal deste algo mais vasto, mas só uma sombra passageira, um mero soluço num plano maior de coisas.

Este mar infinito de energia não é tudo que está encoberto na ordem implícita. Uma vez que a ordem implícita é o fundamento que gerou todas as coisas em nosso universo, de alguma forma contém também cada partícula subatômica que existe ou que existirá; toda configuração de matéria, energia, vida e consciência que é possível, desde os quasares até o cérebro de Shakespeare, da hélice dupla até as forças que controlam os tamanhos e formas das galáxias. E mesmo que isto não seja tudo, ele pode conter. Bohm reconhece que não existe nenhuma razão para acreditar que a ordem implícita é o fim das coisas. Podem existir outras ordens jamais sonhadas além desta, estágios infinitos de desenvolvimento adicional.

Confirmação Experimental ao Universo Holográfico de Bohm

Inúmeras descobertas estupefacentes na física sugerem que Bohm pode estar certo. Mesmo desconsiderando o implícito mar de energia, o espaço está cheio de luz e de outras ondas eletromagnéticas que se cruzam constantemente e interferem umas com as outras. Como vimos, todas as partículas também são ondas. Isto quer dizer que os objetos físicos e tudo o mais que percebemos na realidade são compostos de padrões de interferência, fato que tem implicações holográficas inegáveis.

Uma outra evidência obrigatória vem de uma recente descoberta experimental. Nos anos 70, a tecnologia se tornou disponível para realizar na prática o experimento das duas partículas esboçado por Bell e inúmeros pesquisadores tentaram a tarefa. Embora os achados tenham sido promissores, nenhum produziu resultados conclusivos. Então, em 1982, os físicos Alain Aspect, Jean Dalibard e Gérard Roger, do Instituto de Óptica da Universidade de Paris, obtiveram sucesso. Primeiro, eles produziram uma série de fótons gêmeos ao aquecer átomos de cálcio com lasers. Então deixaram cada fóton se movimentar em direções opostas ao longo de 6,5 metros de cano e passaram através de filtros especiais que os dirigiam a um dos dois analisadores de polarização disponíveis. Cada filtro levou 10 bilionésimos de segundo para bater entre um analisador e outro, cerca de 30 bilionésimos de segundo menos do que levava para a luz atravessar todos os 13 metros que separavam cada conjunto de fótons. Desse modo, Aspect e seus colegas foram capazes de descartar qualquer possibilidade de os fótons se comunicarem por meio de algum processo físico conhecido.

Aspect e seu grupo descobriram que, como predizia a teoria quântica, cada fóton foi capaz de correlacionar seu ângulo de polarização com o de seu fóton gêmeo. Isto queria dizer que, ou a proibição de Einstein contra a -comunicação mais rápida do que a luz estava sendo violada, ou os dois fótons estavam ligados não localmente. Uma vez que a maioria dos físicos resiste em admitir processos mais rápidos do que a luz, o experimento de Aspect em geral é visto como prova virtual de que a ligação entre os dois fótons é não local. Além do mais, como o físico Paul Davis, da Universidade de New Castle, em Tyne, Inglaterra, observa, desde que todas as partículas estão continuamente interagindo e se separando, "os aspectos não locais dos sistemas quânticos são, portanto, uma propriedade geral da natureza".¹³

As descobertas de Aspect não provam que o modelo do universo de Bohm esteja certo, mas fornecem um fundamento imenso. Na verdade, como foi mencionado, Bohm não acredita que uma teoria seja correta em sentido absoluto, inclusive a sua própria. Todas são apenas aproximações da verdade, mapas finitos que usamos para tentar traçar o território que é tanto infinito

como indivisível. Isto não significa que Bohm ache sua teoria não comprovável. Ele confia que em algum momento futuro serão desenvolvidas técnicas que permitirão provar suas idéias (quando Bohm é criticado a respeito desse ponto, ele observa que existem inúmeras teorias na física, tal como a "teoria superstring" que provavelmente não serão postas à prova por várias décadas).

A Reação da Comunidade Física

A maioria dos físicos é cética com relação às idéias de Bohm. Por exemplo, Lee Smolin, físico de Yale, não acha a teoria de Bohm "muito atraente, do ponto de vista físico".¹⁴ Entretanto, existe um respeito quase universal pela inteligência de Bohm. A opinião do físico Abner Shimoni, da Universidade de Boston, representa bem esta opinião. "Tenho medo de simplesmente não entender sua teoria. Com certeza é uma metáfora, e a questão é como tomar a metáfora literalmente. De qualquer maneira, ele realmente tem pensado muito profundamente a respeito da matéria e acho que prestou um serviço enorme trazendo estas questões para o primeiro plano das pesquisas físicas, em vez de varrê-las para baixo do tapete. Ele é um homem imaginativo, audacioso e corajoso."¹⁵

Apesar de tal ceticismo, também existem físicos que simpatizam com as idéias de Bohm, incluindo grandes figurões como Roger Penrose, de Oxford, o criador da moderna teoria do buraco negro; Bernard d'Espagnat, da Universidade de Paris, uma das principais autoridades mundiais dos fundamentos conceituais da teoria quântica; e Brian Josephson, de Cambridge, ganhador do Prêmio Nobel de Física em 1973. Josephson acredita que a ordem implícita de Bohm pode até levar algum dia à inclusão de Deus ou da Mente na rede da ciência, idéia que Josephson apoia.¹⁶

Pribam e Bohm juntos

Consideradas juntas, as teorias de Pribam e de Bohm fornecem um modo novo e profundo de ver o mundo: *nosso cérebro constrói matematicamente a realidade objetiva ao interpretar frequências que são, na verdade, projeções provenientes de uma outra dimensão, de uma ordem mais profunda de existência que está além, tanto do tempo como do espaço: O cérebro é um holograma envolvido num universo holográfico.*

Para Pribam, esta síntese fez compreender que o mundo objetivo não existe, pelo menos não do jeito que estamos acostumados a acreditar. O que está "lá fora" é um vasto oceano de ondas e frequências, e a realidade parece concreta a nós, só porque nosso cérebro é capaz de perceber o borrão holográfico e convertê-lo em paus e pedras e outros objetos familiares que compõem nosso mundo. Como o cérebro (que é, ele próprio, composto de

freqüências de matéria) é capaz de perceber algo tão insubstancial como borrões de freqüências e fazê-los parecerem sólidos ao tato? "O tipo de processo matemático que Bekesy simulou com seus vibradores é básico de como nosso cérebro constrói nossa imagem de um mundo lá fora", afirma Pribam.¹⁷ Em outras palavras, a suavidade de um pedaço de porcelana fina e a sensação da areia da praia entre nossos dedos são, na verdade, apenas versões elaboradas da síndrome do membro fantasma.

De acordo com Pribam, isto não quer dizer que não existam xícaras de porcelana e grãos de areia lá fora. Simplesmente quer dizer que uma xícara de porcelana tem dois aspectos muito diferentes para sua realidade. Quando é filtrada pelas lentes de nosso cérebro, se manifesta como uma xícara. Mas, se pudéssemos nos livrar de nossas lentes, nós a considerariamos como um padrão de interferência. Qual é a real e qual a ilusória? "Ambas são reais para mim", diz Pribam, "ou, se você quiser, nenhuma delas é real."¹⁸

Este estado de coisas não é limitado a xícaras de porcelana. Nós também temos dois aspectos muito diferentes para nossa realidade. Podemos ver a nós mesmos como corpos físicos que se movem através do espaço. Ou podemos ver a nós mesmos como um borrão de padrões de interferência envoltos por todo parte pelo holograma cósmico. Bohm acredita que esta segunda opinião poderia até ser a mais certa, pois pensar a nós mesmos como uma mente/cérebro holográficos olhando para um universo holográfico é outra vez uma abstração, uma tentativa de separar duas coisas que na verdade não podem ser separadas.¹⁹

Não se preocupe de isto é difícil de entender. É relativamente fácil entender a idéia do holismo como algo que é externo a nós, como uma maçã num holograma. O que torna difícil é que neste caso não estamos olhando para o holograma. Somos parte do holograma.

A dificuldade também é outra indicação do quão radical é a revisão que Pribam e Bohm estão tentando fazer em nosso modo de pensar. Mas não é a única revisão radical. A afirmação de Pribam, de que nossos cérebros constroem os objetos, empalidece diante de uma das conclusões de Bohm: *que nós mesmos construímos o espaço e o tempo.*²⁰ As implicações deste ponto de vista são apenas um dos assuntos a serem examinados quando explorarmos o efeito que as idéias de Bohm tiveram na obra de pesquisadores em outros campos.

SEGUNDA PARTE

MENTE E CORPO

Se olhássemos mais de perto para um único ser humano, compreenderíamos imediatamente que ele próprio é um holograma singular; contido em si mesmo, gerado em si mesmo, conhecível a si mesmo. Ainda se removêssemos este ser de seu contexto planetário, compreenderíamos rapidamente que a forma humana não é diferente de uma mandala ou de um poema simbólico, pois dentro de sua forma e fluxo vive a informação inteligente a respeito de diversos contextos evolutivos, psicológicos, sociais e físicos, dentro dos quais ele foi criado.

— Dr. Ken Dychtwald em *O Paradigma Holográfico*
(Ken Wilber, editor)

O MODELO HOLOGRÁFICO E A PSICOLOGIA

Enquanto o modelo tradicional de psiquiatria e de psicanálise é estritamente personalista e biográfico, a pesquisa moderna da consciência acrescentou novos níveis, domínios e dimensões, e mostra a psique humana como essencialmente proporcional a todo o universo e a tudo da existência.

— Stanislav Grof *Além do Cérebro*

Uma área de pesquisa na qual o modelo holográfico teve impacto foi na psicologia. Isto não é surpreendente, pois, como Bohm salienta, a própria consciência fornece um exemplo perfeito do que ele quer dizer com movimento fluido e ininterrupto. O fluxo e refluxo de nossa consciência não é definível exatamente mas pode ser visto como uma realidade mais fundamental e profunda, a partir da qual nossos pensamentos e idéias se revelam. Por sua vez, estes pensamentos e idéias não são diferentes das ondulações, redemoinhos e vórtices que se formam num rio fluente e como os vórtices num rio, alguns podem voltar e persistir de modo mais ou menos estável, enquanto outros são evanescentes, e desvanecem quase tão rapidamente quanto aparecem.

A idéia holográfica também lança luz sobre as ligações inexplicáveis que algumas vezes podem ocorrer entre a consciência de dois ou mais indivíduos. Um dos mais famosos exemplos de tal ligação está incorporado no conceito do psiquiatra suíço Carl Jung, de um inconsciente coletivo. Precocemente em sua carreira, Jung se convenceu de que os sonhos, as obras de arte, fantasias e alucinações de seus pacientes muitas vezes continham símbolos e idéias que

não poderiam ser explicadas inteiramente como produtos da história pessoal deles. Em vez disso, tais símbolos se pareciam mais com as imagens e temas das grandes mitologias e religiões do mundo. Jung concluiu que mitos, sonhos, alucinações e visões religiosas brotam todos da mesma origem, um inconsciente coletivo que é partilhado por todas as pessoas.

Uma experiência que levou Jung a esta conclusão aconteceu em 1906 e envolveu a alucinação de um homem que sofria de esquizofrenia paranóide. Um dia, Jung encontrou o homem em pé numa janela olhando fixamente para o sol e mexendo a cabeça de um lado para o outro de uma forma curiosa. Quando Jung perguntou a ele o que estava fazendo, ele explicou que estava olhando para o pênis do sol e que quando mexia a cabeça de um lado para o outro, o pênis do sol se mexia e fazia o vento soprar.

Na época Jung encarou a afirmação do homem como produto de uma alucinação. Mas vários anos mais tarde ele se deparou com a tradução de um texto pérsico de 2 mil anos, que o fez mudar de opinião. O texto consistia de uma série de rituais e invocações destinadas a induzir visões. Descrevia-se uma das visões dizendo que, se o participante olhasse para o sol, veria um tubo pendendo dele e, quando o tubo se movesse de um lado para o outro fazia o vento soprar. Uma vez que as circunstâncias tornavam extremamente improvável que o homem tivesse tido contato com o texto que continha o ritual, Jung concluiu que a visão do homem não era simplesmente um produto de sua mente inconsciente mas tinha borbilhado de um nível mais profundo, proveniente do inconsciente coletivo da própria espécie humana. Jung chamou tais imagens de *arquétipos* e acreditava que eles fossem tão antigos que é como se cada um de nós tivesse a memória de um homem de 2 milhões de anos em algum lugar, nas profundezas de nossa mente inconsciente.

Embora o conceito de Jung de um inconsciente coletivo tenha tido um impacto enorme sobre a psicologia e seja aceita agora por milhares de psicólogos e psiquiatras, nosso entendimento habitual do universo não fornece nenhum mecanismo para explicar sua existência. A interligação de todas as coisas prevista pelo modelo holográfico, porém, oferece uma explicação. Num universo no qual todas as coisas são infinitamente interligadas, todas as consciências também estão interligadas. Apesar das aparências, somos seres sem fronteiras. Ou, como Bohm afirma: "Dentro da profundidade da consciência da humanidade está o uno".¹

Se cada um de nós tem acesso ao conhecimento inconsciente de toda espécie humana, por que não somos todos enciclopédias ambulantes? O psicólogo Robert M. Anderson Jr., do Instituto Politécnico Rensselaer, em Troy, Nova York, acredita que é porque somos capazes apenas de penetrar a informação na ordem implícita que é diretamente relevante para nossa memória. Anderson chama este processo seletivo de *ressonância pessoal* e o compara com o fato de que um diapásão vibrador ressoará com (ou estabelecerá

uma vibração em) outro diapásão só se o segundo diapásão tiver estrutura, forma e tamanho semelhantes. "Devido à ressonância pessoal, relativamente poucas da quase infinita variedade de "imagens" na estrutura holográfica implícita do universo estão disponíveis à consciência pessoal do indivíduo", diz Anderson. "Assim, quando as pessoas cultas tiveram um vislumbre desta consciência uniária, séculos atrás, não escreveram a teoria da relatividade porque não estavam estudando física em um contexto semelhante àquele no qual Einstein estudou física."²

Os Sonhos e o Universo Holográfico

Um outro pesquisador que acredita que a ordem implícita de Bohm tem implicações na psicologia é o psiquiatra Montague Ullman, fundador do Laboratório do Sonho, no Centro Médico Maimonides, no Brooklin, Nova York, e professor emérito de psiquiatria clínica da Faculdade de Medicina Albert Einstein, também em Nova York. O interesse inicial de Ullman pelo conceito holográfico também surgiu da proposta de que todas as pessoas estão interligadas numa ordem holográfica. Ele tem uma boa razão para seu interesse. Durante todos os anos 60 e 70 ele foi responsável por muitos dos experimentos de sonho ESP mencionados na Introdução deste livro. Até hoje, os estudos de sonho ESP realizados em Maimonides permanecem como umas das melhores evidências empíricas de que, em nossos sonhos pelo menos, somos capazes de nos comunicar com outras pessoas de modos que não podem ser explicados atualmente.

Num experimento típico pediu-se a um voluntário pago, que afirmava não ter nenhuma capacidade sensitiva, para dormir num quarto no laboratório enquanto uma pessoa num outro quarto se concentrava numa pintura selecionada ao acaso e tentava fazer o voluntário sonhar com a imagem que ela continha. Algumas vezes o resultado não era conclusivo. Mas outras vezes os voluntários tinham sonhos que eram claramente influenciados pelas pinturas. Por exemplo, quando o quadro considerado era *Animais*, de Tamoyo, um quadro que descreve dois cachorros luzindo os dentes e uivando sobre uma pilha de ossos, o sujeito do teste sonhou que estava num banquete onde não havia carne suficiente e todo mundo estava cautelosamente olhando um para o outro enquanto comia avidamente suas porções.

Em um outro experimento, o quadro era *Paris de uma Janela*, de Chagall, uma pintura alegremente colorida que descreve um homem olhando de uma janela para o horizonte de Paris. A pintura também tem várias outras características incomuns, incluindo um gato com um rosto humano, várias figuras pequenas de homens voando no ar e uma cadeira coberta de flores. Durante várias noites o sujeito do teste sonhou repetidamente com coisas francesas, arquitetura francesa, o chapéu de um policial francês e um homem com um traje francês olhando para as diversas "camadas" de uma aldeia

francesa. Algumas das imagens nestes sonhos também pareciam ser referências específicas às cores vibrantes do quadro e às características incomuns, tal como a imagem de um grupo de abelhas voando em volta de flores e uma celebração tipo Mardi Gras, a terça-feira de carnaval francesa, brilhantemente colorida, na qual as pessoas estavam usando fantasias e máscaras.³

Embora Ullman acredite que tais descobertas são evidência de um estado subjacente de interligação sobre a qual Bohm está falando, ele acha que um exemplo até mais profundo da totalidade holográfica pode ser encontrado em um outro aspecto do sonhar. É a habilidade de nosso eu que sonha ser muito mais sábio do que nós mesmos somos em nosso estado de vigília. Por exemplo, Ullman diz que em sua prática psicanalítica ele poderia ter um paciente que parecesse completamente ignorante quando desperto — inferior, egoísta, arrogante, explorador e manipulador; uma pessoa que fragmentou e desumanizou todos os seus relacionamentos interpessoais. Mas, não importa quão espiritualmente cega uma pessoa possa ser, ou relutante para reconhecer suas próprias falhas, os sonhos invariavelmente descrevem honestamente suas falhas e têm metáforas que parecem destinadas a estimular gentilmente o paciente a um estado de maior autoconsciência.

Além do mais, tais sonhos não foram ocorrências únicas. Durante o período de sua prática Ullman percebeu que, quando um de seus pacientes deixava de reconhecer ou de aceitar alguma verdade sobre si mesmo, aquela verdade iria surgir muitas vezes em seus sonhos, em diferentes conselhos metafóricos e ligadas a diferentes experiências relacionadas provenientes de seu passado, mas sempre numa aparente tentativa de oferecer a ele novas oportunidades de chegar a um acordo com a verdade.

Porque um homem pode ignorar o conselho de seus sonhos e ainda viver até os cem anos, Ullman acredita que este processo de auto-monitoração empenha-se para mais do que apenas o bem-estar do indivíduo. Ele acredita que a natureza está interessada com a sobrevivência das espécies. Ele também concorda com Bohm sobre a importância da totalidade e acha que os sonhos são o modo da natureza tentar agir contra nossa compulsão aparentemente infinita de fragmentar o mundo. "Um indivíduo pode se desconectar de tudo que é cooperativo, significativo e amoroso e ainda sobreviver, mas as nações não podem se dar este luxo. A menos que aprendamos como superar todos os modos com que fragmentamos a espécie humana, nacional, religiosa, economicamente ou o que quer que seja, iremos continuar a nos encontrar numa posição onde podemos acidentalmente destruir todo o quadro", diz Ullman. "A única coisa que podemos fazer é olhar para o quanto fragmentamos nossa existência enquanto indivíduos. Os sonhos refletem nossa experiência individual, mas penso que é porque existe uma necessidade subjacente maior de preservar a espécie, de conservar a ligação da espécie."⁴

Qual é a origem do fluxo infinito de sabedoria que brota em nossos sonhos? Ullman admite que não sabe, mas oferece uma sugestão. Dado que a ordem implícita representa, num sentido, uma fonte infinita de informação, talvez seja a origem deste fundo maior de conhecimento. Talvez os sonhos sejam uma ponte entre a ordem não manifesta e perceptiva e represente uma "transformação natural do implícito dentro do explícito".⁵ Se Ullman está certo nesta suposição, permanece o ponto de vista psicanalítico tradicional dos sonhos no ouvido, pois em vez do conteúdo do sonho ser algo que ascende para a consciência a partir de um substrato primitivo da personalidade, exatamente o oposto seria verdade.

A Psicose e a Ordem Implícita

Ullman acredita que alguns aspectos da psicose podem ser explicados pela idéia holográfica. Tanto Bohm como Pribram observaram que experiências que os místicos relataram através de todas as eras — tal como sentimentos de unidade cósmica com o universo, um sentido de unidade com toda a vida e assim por diante — soavam muito como descrições da ordem implícita. Eles sugeriram que talvez os místicos sejam, de alguma forma, capazes de perscrutar para além da realidade explícita comum e vislumbrar suas qualidades mais profundas, mais holográficas. Ullman acredita que os psicóticos também são capazes de experimentar certos aspectos do nível holográfico da realidade. Mas, porque são incapazes de ordenar suas experiências racionalmente, estes vislumbres são só paródias trágicas daquelas relatadas pelos místicos.

Por exemplo, os esquizofrênicos muitas vezes relatam sentimentos oceânicos de unidade com o universo, mas de um modo ilusório, mágico. Eles descrevem sentir uma perda dos limites entre eles mesmos e os outros, uma crença que os leva a pensar que seus pensamentos não são mais particulares. Eles acreditam que são capazes de ler os pensamentos dos outros. E, em vez de verem pessoas, objetos e conceitos como coisas individuais, eles muitas vezes as vêem como membros de subclasses maiores e maiores, uma tendência que parece ser um modo de expressar a qualidade holográfica da realidade na qual eles próprios se encontram.

Ullman acredita que os esquizofrênicos tentam comunicar seu sentido de totalidade fragmentada no modo como vêem o espaço e o tempo. Estudos mostraram que os esquizofrênicos muitas vezes consideram conversar sobre qualquer relação como idêntico à relação.⁶ Por exemplo, de acordo com o modo esquizofrênico de pensar, dizer que "o evento A segue o evento B" é o mesmo que dizer que "o evento B segue o evento A". A idéia de um evento seguindo outro em qualquer espécie de sequência de tempo é sem sentido, pois todos os pontos no tempo são vistos igualmente. O mesmo é verdade das relações espaciais. Se a cabeça de um homem está sobre seus ombros, então seus

ombros também estão sobre sua cabeça. Como a imagem num pedaço de filme holográfico, as coisas não têm mais locais exatos e as relações espaciais deixam de ter significado.

Ullman acredita que certos aspectos do pensamento holográfico são até mais pronunciados em maníaco-depressivos. Enquanto o esquizofrênico percebe bafejos da ordem holográfica, o maníaco está profundamente envolvido nela e identifica-se de modo grandioso com seu potencial infinito. "Ele não pode adaptar-se a todos os pensamentos e idéias que chegam a ele de um modo tão opressivo", afirma Ullman. "Ele tem que mentir, dissimular e manipular aquelas idéias em volta dele, assim como se acomodar à sua perspectiva expansiva. O resultado final, é claro, é caos e confusão na maioria das vezes, misturado à explosões de criatividade e de sucesso na realidade consensual."⁷ Por sua vez, os maníacos ficam deprimidos depois que voltam destas férias surrealistas e uma vez mais encaram as ocorrências de risco e sorte da vida cotidiana.

Se é verdade que todos nós nos confrontamos com aspectos da ordem implícita quando sonhamos, por que estes confrontos não têm o mesmo efeito sobre nós que têm sobre os psicóticos? Uma razão, diz Ullman, é que deixamos a lógica desafiadora e singular do sonho para trás quando acordamos. Por causa, de sua condição o psicótico é forçado a lutar com isso enquanto tenta simultaneamente funcionar na realidade cotidiana. Ullman também teoriza que, quando sonhamos, a maioria de nós tem um mecanismo protetor natural que nos preserva de entrar mais em contato com a ordem implícita do que somos capazes.

Os Sonhos Lúcidos e os Universos Paralelos

Nos anos recentes os psicólogos ficaram cada vez mais interessados nos sonhos lúcidos, um tipo de sonho no qual o sonhador mantém a consciência totalmente desperta e está ciente de que está sonhando. Além do fator de consciência, os sonhos lúcidos são singulares de muitas outras maneiras. Diferentes dos sonhos normais nos quais o sonhador muitas vezes é capaz de controlar o sonho de vários modos — transformar pesadelos em experiências prazerosas, mudar o cenário do sonho e/ou criar indivíduos ou situações específicos. Os sonhos lúcidos são também muito mais vividos e cheios de vitalidade do que os sonhos normais. Em um sonho lúcido, chãos de mármore parecem misteriosamente sólidos e reais, flores deslumbrantemente coloridas e perfumadas, e tudo é vibrante e estranhamente energizado. Pesquisadores que estudam os sonhos lúcidos acreditam que eles podem levar a novos caminhos para estimular o crescimento pessoal, aumentar a autoconfiança, promover saúde física e mental e facilitar a resolução criativa de problemas.⁸

No encontro anual de 1987 da Associação para o Estudo dos Sonhos realizado em Washington, o físico Fred Alan Wolf proferiu uma conferência na

qual afirmou que o modelo holográfico pode ajudar a explicar este fenômeno incomum. Wolf, ele próprio um sonhador lúcido ocasional, chama a atenção para o fato de que um pedaço de filme holográfico realmente gera duas imagens, uma imagem virtual que parece estar no espaço atrás do filme e uma imagem real que entra em foco no espaço na frente do filme. Uma diferença entre os dois é que as ondas de luz que compõem uma imagem virtual parecem estar divergindo *a partir* de um foco ou fonte aparente. Como vimos, isto é uma ilusão, pois a imagem virtual de um holograma não tem mais extensão no espaço do que a imagem num espelho. Mas a imagem real de um holograma é formada pelas ondas de luz que estão entrando em foco e isto não é uma ilusão. A imagem real possui extensão no espaço. Infelizmente, pouca atenção é dada a esta imagem real nas habituais aplicações da holografia porque uma imagem que entra em foco no ar vazio é invisível e só pode ser vista quando partículas de pó passam através dela ou quando alguém sopra uma baforada de fumaça através dela.

Wolf acredita que todos os sonhos são hologramas internos e os sonhos comuns são menos vividos porque são imagens virtuais. Entretanto, ele acha que o cérebro também tem a capacidade de gerar imagens reais e que é exatamente o que ele faz quando estamos sonhando lucidamente. A vibração incomum do sonho lúcido se deve ao fato das ondas serem convergentes e não divergentes. "Se existe um 'espectador' onde estas ondas focalizam, este espectador será banhado na cena e a cena entrando em foco o 'inclui'. Deste modo a experiência do sonho parecerá 'lúcida' ", observa Wolf.⁹

Como Pribram, Wolf acredita que nossa mentes cria a ilusão da realidade "lá fora" por meio do mesmo tipo de processos estudados por Bekesy. Ele acredita que estes processos também são o que permitem ao sonhador lúcido criar realidades objetivas nas quais coisas como chãos de mármore e flores serem tão tangíveis e reais quanto suas assim chamadas contrapartes objetivas. De fato, ele acha que nossa capacidade de estarmos lúcidos em nossos sonhos sugere que pode não haver muita diferença entre o mundo como um todo e o mundo de dentro de nossas cabeças. "Quando o observador e o observado podem se separar e dizer este é o observado e este é o observador, que é um efeito que o sujeito parece ter quando está lúcido, então penso que é questionável se [os sonhos lúcidos] podem ser considerados subjetivos", diz Wolf.¹⁰

Wolf postula que os sonhos lúcidos (ou talvez todos os sonhos) são realmente visitas aos universos paralelos. Eles são apenas hologramas menores dentro do holograma cósmico maior e mais abrangente. Ele até sugere que a capacidade para o sonho lúcido poderia ser melhor chamada de consciência do universo paralelo. "Chamo de consciência do universo paralelo porque acredito que os universos paralelos surgem como outras imagens no holograma", afirma

Wolf.¹¹ Esta e outras idéias semelhantes sobre a natureza última do sonho serão exploradas com maior profundidade posteriormente no livro.

Pegando uma carona no Metrô do Infinito

A idéia de que somos capazes de ter acesso a imagens provenientes do inconsciente coletivo, ou mesmo visitar universos de sonhos paralelos, cmpalidccc diante das conclusões de um outro iminente pesquisador que foi influenciado pelo modelo holográfico. Ele é Stanislav Grof, chefe de pesquisa psiquiátrica no Centro de Pesquisa Psiquiátrica Maryland e professor-assistente de psiquiatria na Faculdade de Medicina da Universidade Johns Hopkins. Após mais de trinta anos estudando estados-incomuns de consciência, Grof concluiu que as vias de acesso de exploração disponíveis ao nosso psíquico pela interligação holográfica são mais do que vastas. São virtualmente infinitas.

Grof se interessou pela primeira vez por estados incomuns da consciência nos anos 50, enquanto investigava os usos clínicos do LSD alucinógeno no Instituto de Pesquisa Psiquiátrica em sua Praga natal, Tchecoslováquia. O objetivo de sua pesquisa era determinar se o LSD tinha algumas aplicações terapêuticas. Quando Grof começou sua pesquisa, a maioria dos cientistas encarava a experiência de LSD como pouco mais do que uma reação de estresse, o modo de o cérebro responder a uma química nociva. Mas, quando Grof estudou os registros das experiências de seus pacientes, não encontrou evidência de nenhuma reação recorrente de estresse. Em vez disso, havia uma continuidade definida passando por cada uma das sessões do paciente. "Em vez de serem não relacionados e ao acaso, o conteúdo experimental parecia representar um encobrimento sucessivo de níveis mais e mais profundos do inconsciente," diz Grof.¹² Isto sugere que as sessões repetidas de LSD tinham ramificações importantes para a prática e a teoria da psicoterapia e forneceram a Grof e seus colegas o ímpeto que precisavam para continuar a pesquisa. Os resultados foram surpreendentes. Rapidamente ficou claro que as sessões em série de LSD eram capazes de apressar o processo psicoterapêutico e encurtar o tempo necessário para o tratamento de muitas doenças. Lembranças traumáticas que tinham perseguido indivíduos durante anos eram desenterradas e elaboradas e algumas vezes até condições mais sérias, como a esquizofrenia, foram curadas.¹³ Mas o que era até mais espantoso era que muitos dos pacientes superavam rapidamente os problemas que envolviam sua doença, em áreas que não eram exploradas pela psicologia ocidental.

Uma experiência comum foi a revivência do que era estar no útero. A princípio, Grof pensou que estas eram experiências imaginadas, mas como a evidência continuou a se acumular ele compreendeu que o conhecimento de embriologia inerente às descrições eram muitas vezes muito superior ao conhecimento anterior dos pacientes na área. Os pacientes descreviam exatamente certas características dos sons do coração de sua mãe, a natureza

dos fenômenos acústicos na cavidade peritoneal, detalhes específicos a respeito da circulação sangüínea na placenta e até detalhes sobre os vários processos bioquímicos e celulares que acontecem. Eles também descreviam pensamentos e sentimentos importantes que suas mães tiveram durante a gravidez e eventos como traumas físicos que elas tinham vivenciado.

Sempre que possível, Grof investigou estas afirmações e em muitas ocasiões foi possível verificá-las perguntando à mãe e a outros indivíduos envolvidos. Psiquiatras, psicólogos e biólogos que vivenciaram memórias anteriores ao nascimento durante seu treinamento para o programa (todos os terapeutas que participaram do estudo também tinham que passar por várias sessões de psicoterapia com LSD) expressavam grande surpresa com a aparente autenticidade das experiências.¹⁴

Mais desconcertante de tudo foram as experiências nas quais a consciência do paciente parecia se expandir para além das fronteiras comuns do ego e explorar como era ser outras coisas vivas e até outros objetos. Por exemplo, Grof teve uma paciente que de repente se convenceu de que tinha assumido a identidade de um réptil pré-histórico fêmea. Ela não só deu uma descrição ricamente detalhada do que sentia estando encapsulada numa forma dessas, mas observou que a parte da anatomia dos machos da espécie que ela achava mais atraente sexualmente era uma mancha de escamas coloridas na lateral de sua cabeça. Embora a mulher não tivesse nenhum conhecimento anterior de tais coisas, uma conversa que Grof teve mais tarde com um zoologista confirmou que em certas espécies de répteis, áreas coloridas na cabeça na verdade desempenham um papel importante como disparadores da atração sexual.

Os pacientes também eram capazes de penetrar na memória de seus pais e antepassados. Uma mulher vivenciou o que era ser sua mãe com a idade de 3 anos e descreveu minuciosamente um evento amedrontador que tinha ocorrido com a mãe na época. A mulher também dava uma descrição exata da casa em que a mãe tinha morado, assim como o avental branco que ela estava usando — mais tarde todos os detalhes foram confirmados por sua mãe, que admitiu que nunca tinha falado a respeito antes. Outros pacientes deram descrições igualmente exatas de eventos que tinham acontecido aos antepassados que viveram décadas e mesmo séculos antes.

Outras experiências incluíam o acesso a memórias coletivas e raciais. Indivíduos de origem eslava experimentavam o que parecia ser participar nas conquistas das hordas mongólicas de Gêngis Khan, dançar em transe com bosquímanos do deserto de Kalahari, passar pelos ritos de iniciação dos aborígenes australianos e morrer como vítimas de sacrifício dos astecas. E novamente as descrições continham com frequência fatos históricos obscuros e um grau de conhecimento que eram muitas vezes completamente díspares com a formação do paciente, sua raça e exposição anterior ao assunto. Por exemplo, um paciente inculto deu um relato ricamente detalhado das técnicas envolvidas

na prática egípcia de embalsamar e mumificar, incluindo a forma e o modo de vários amuletos e caixas sepulcrais, uma lista de materiais usados na fixação da roupa da múmia, o tamanho e a forma das bandagens e outras facetas esotéricas dos serviços de funeral egípcios. Outros indivíduos se sintonizavam com as culturas do extremo oriente e não só davam descrições comoventes do que era ser uma •psique tibetana, chinesa e japonesa, mas também relatavam diversos ensinamentos budistas e taoístas.

De fato, não parecia existir qualquer limite para o que os pacientes do LSD de Grof podiam tirar de dentro. Eles pareciam capazes de saber o que era existir na forma de qualquer animal e mesmo planta, na árvore da evolução. Eles podiam experimentar o que era ser uma célula sangüínea, um átomo, um processo termonuclear dentro do sol, a consciência do planeta inteiro, e até a consciência do cosmos inteiro. Mais do que isto, eles mostravam a capacidade de transcender espaço e tempo e de vez em quando relatavam informações precognitivas estranhamente certas. Num estado de espírito ainda mais estranho eles algumas vezes se depararam com inteligências não humanas durante suas viagens cerebrais, seres desencarnados, guias espirituais provenientes de "planos superiores da consciência" e outras entidades sobre-humanas.

De vez em quando os sujeitos também viajavam para o que parecia ser outros universos e outros níveis de realidade. Em uma sessão especialmente desanimadora, um moço que sofria de depressão encontrou-se no que parecia ser uma outra dimensão. Havia uma luminescência misteriosa e, embora não pudesse ver ninguém, ele sentiu que estava cheia de seres desencarnados. De repente, sentiu uma presença muito próxima e, para sua surpresa, ela começou a se comunicar com ele telepaticamente. Ela pedia a ele para fazer o favor de entrar em contato com um casal que morava na cidade morávia de Kromeriz e que os fizesse saber que o filho deles Ladislav estava bem cuidado e que estava tudo bem. Ela então deu a ele o nome do casal, o endereço e o número do telefone.

A informação não significava nada nem para Grof nem para o moço e parecia totalmente sem relação com os problemas do moço e com o tratamento. Entretanto, Grof não podia tirar isso da cabeça. "Depois de alguma hesitação e com sentimentos confusos, finalmente decidi fazer o que certamente teria feito de mim alvo da brincadeira dos meus colegas, caso tivessem descoberto", diz Grof. "Fui ao telefone, disquei o número em Kromeriz e perguntei se podia falar com Ladislav. Para minha surpresa, a mulher do outro lado da linha começou a chorar. Quando acalmou-se, me disse com uma voz entrecortada: Nosso filho não está mais conosco; ele faleceu, nós o perdemos há três semanas'." ¹⁵

Nos anos 60, foi oferecido a Grof um cargo no Centro de Pesquisa Psiquiátrico Maryland e ele se mudou para os Estados Unidos. O centro também estava fazendo estudos controlados das aplicações terapêuticas do LSD

e isto permitiu a Grof continuar sua pesquisa. Além de examinar os efeitos de repetidas sessões de LSD em indivíduos com várias desordens mentais, o centro também estudava seus efeitos sobre voluntários "normais" — médicos, enfermeiras, pintores, músicos, filósofos, cientistas, padres e teólogos. Novamente Grof encontrou os mesmos tipos de fenômenos ocorrendo repetidas vezes. É quase como se o LSD fornecesse à consciência humana acesso a um tipo de sistema de metrô infinito, um labirinto de túneis e caminhos secretos que existiam nos limites subterrâneos do inconsciente, sistema este que literalmente unia todas as coisas no universo com tudo o mais.

Depois de conduzir pessoalmente cerca de 3 mil sessões (cada uma durando pelo menos cinco horas) e de estudar os registros de mais de 2 mil sessões conduzidas por seus colegas, Grof ficou completamente convencido de que alguma coisa extraordinária estava acontecendo. "Depois de anos de esforço conceitual e confusão, concluí que os dados provenientes da pesquisa de LSD indicam a necessidade urgente de uma revisão drástica dos paradigmas existentes para a psicologia, psiquiatria, medicina e possivelmente para a ciência em geral", ele afirma. "Hoje em dia existe pouca dúvida em minha mente de que nosso atual entendimento do universo, da natureza da realidade, e particularmente dos seres humanos, é superficial, incorreto e incompleto." ¹⁶

Grof cunhou o termo *transpessoal* para descrever tais fenômenos, experiências nas quais a consciência transcende as habituais fronteiras da personalidade e em fins dos anos 60 ele se juntou a vários outros profissionais da mesma opinião, incluindo o psicólogo e educador Abraham Maslow, para encontrar um novo ramo da psicologia chamado *psicologia transpessoal*.

Se nosso modo habitual de encarar a realidade não pode responder pelos eventos transpessoais, que novo entendimento poderia tomar seu lugar? Grof acredita que é o modelo holográfico. Como ele salienta, as características essenciais das experiências transpessoais — a impressão de que todas as fronteiras são ilusórias, a falta de distinção entre a parte e o todo e a união de todas as coisas — são todas qualidades que o sujeito esperaria encontrar num universo holográfico. Além do mais, ele acha que a natureza envolvida do espaço e do tempo no domínio holográfico explica por que as experiências transpessoais não são limitadas pelas habituais limitações espaciais e temporais.

Grof pensa que a capacidade quase infinita que os hologramas têm para armazenagem de informação e recuperação também respondem pelo fato de que visões, fantasias e outras "gestalts psicológicas", contêm todas uma enorme quantidade de informação sobre a personalidade de um indivíduo. Uma única imagem experimentada durante uma sessão de LSD poderia conter informação sobre a atitude de uma pessoa em relação à vida em geral, um trauma que ela vivenciou durante a infância, quanta auto-estima ela tem, como ela sente em relação aos pais e como em relação a seu casamento — todas incorporadas na

metáfora global da cena. Tais experiências são holográficas de um outro modo, naquele em que cada pequena parte da cena também pode conter uma constelação inteira de informação. Assim, associação livre e outras técnicas analíticas realizadas sobre os minúsculos detalhes da cena podem trazer à tona um fluxo adicional de dados sobre o indivíduo envolvido.

A natureza composta das imagens arquetípicas pode ser moldada pela idéia holográfica. Como Grof observa, a holografia torna possível formar uma seqüência de exposições, como fotografias de cada membro de uma grande família, sobre o mesmo pedaço de filme. Quando isto é feito o pedaço de filme revelado conterá a imagem de um indivíduo que representa não um membro da família, mas todos eles ao mesmo tempo. "Estas imagens genuinamente compostas representam um modelo extraordinário de um certo tipo de experiência transpessoal, tal como as imagens arquetípicas do Homem Cósmico, Mulher, Mãe, Pai, Amante, Malandro, Tolo ou Mártir", diz Grof.¹⁷

Se cada fotografia é tirada de um ângulo levemente diferente, em vez de resultar numa foto composta, o pedaço de filme holográfico pode ser usado para criar uma série de imagens holográficas que parecem deslizar uma dentro da outra. Grof acredita que isto ilustra um outro aspecto da experiência visionária, isto é, a tendência de incontáveis imagens se desdobrarem em rápida seqüência, cada uma aparecendo e então se dissolvendo na próxima como que por mágica. Ele acha que o sucesso da holografia em moldelar tantos aspectos diferentes de uma experiência arquetípica sugere que existe uma ligação profunda entre os processos holográficos e o modo como os arquétipos são produzidos.

Na verdade, Grof acha que a evidência de uma ordem holográfica oculta vem à tona virtualmente todas as vezes que o indivíduo vivência um estado incomum de consciência:

O Conceito de Bohm das ordens encobertas e descobertas, e a idéia que certos aspectos importantes da realidade não são acessíveis à experiência e ao estudo sob condições habituais, são de relevância direta para o entendimento de estados incomuns de consciência. Indivíduos que experimentaram diversos estados incomuns de consciência, inclusive cientistas sofisticados e cultos de várias disciplinas, muitas vezes relatam que entraram em domínios ocultos da realidade que pareciam ser autênticos e num certo sentido implícitos e, sobreordenados à realidade cotidiana.¹⁸

A Terapia Holotrópica

Talvez a descoberta mais notável de Grof seja que os mesmos fenômenos relatados por indivíduos que tomaram LSD também podem ser experimentados sem recorrer a drogas de qualquer tipo. Para este fim, Grof e sua mulher, Christina, desenvolveram uma técnica simples, sem drogas, para induzir estes

estado de consciência incomuns ou *holotrópicos*. Eles definem um estado holotrópico de consciência como aquele no qual é possível ter acesso ao labirinto holográfico que liga todos os aspectos da existência. Estes incluem os biológicos, psicológicos, raciais e de história espiritual, o passado, presente e futuro do mundo, outros níveis de realidade e todas as outras experiências já discutidas no contexto da experiência com o LSD.

Os Grof chamam sua técnica de *terapia holotrópica* e usam apenas respiração rápida e controlada, música evocativa e massagem e trabalho corporal para induzir estados alterados de consciência. Até o momento, milhares de indivíduos participaram de seus *workshops* e relatam experiências que são exatamente tão espetaculares e profundas emocionalmente quanto aquelas descritas pelos sujeitos do trabalho anterior de Grof sobre o LSD. Grof descreve seu trabalho atual e dá um relato detalhado de seus métodos em seu livro *A Aventura da Autodescoberta*.

Os Vórtices do Pensamento e as Personalidades Múltiplas

Inúmeros pesquisadores usaram o modelo holográfico para explicar diversos aspectos do próprio processo de pensamento. Por exemplo, o psiquiatra Edgar A. Levenson, de Nova York, acredita que o holograma fornece um modelo valioso para o entendimento de mudanças transformadoras e repentinas que muitas vezes os indivíduos vivenciam durante a psicoterapia. Ele baseia sua conclusão no fato de que tais mudanças acontecem independente da técnica ou abordagem psicanalítica que o terapeuta utilize. Assim, ele acha que as abordagens psicanalíticas são puramente cerimoniais e a mudança se deve inteiramente a algo mais.

Levenson acredita que algo tem ressonância. Um terapeuta sempre sabe quando a terapia vai indo bem, ele observa. Existe uma opinião errônea de que as partes de um padrão ilusório devem aparecer juntos. O terapeuta não está dizendo nada de novo para o paciente mas, em vez disso, parece estar em ressonância com algo que o paciente inconscientemente já sabe: "É como se uma representação espacialmente codificada, tridimensional, imensa da experiência do paciente se desenvolvesse na terapia, passando por todos os aspectos de sua vida, de sua história e sua de participação com o terapeuta. Em algum momento existe uma espécie de sobrecarga' e todas as coisas ficam no lugar."¹⁹

Levenson acredita que estas representações tridimensionais da experiência são hologramas enterrados profundamente na psique do paciente e uma ressonância de sentimentos entre o terapeuta e o paciente os faz emergir num processo semelhante ao modo como um laser de uma determinada frequência faz emergir uma imagem, feita com um laser da mesma frequência a

partir de um holograma de imagem múltipla. "O modelo holográfico sugere um paradigma radicalmente novo que poderia nos dar um modo novo de perceber e unir os fenômenos clínicos que sempre se soube importantes, mas que foram relegados à arte da psicoterapia", diz Levenson. "Ele oferece um modelo teoricamente possível para a mudança e uma esperança prática de esclarecer a técnica psicoterapêutica."²⁰

O psiquiatra David Shainberg, reitor-associado do Programa Psicanalítico de Pós-Graduação no Instituto de Psiquiatria Alanson White em Nova York, acha que a afirmação de Bohm de que os pensamentos são como vórtices num rio deveria ser tomada literalmente e explica por que nossas atitudes e crenças algumas vezes se tornam fixas e resistentes à mudança. Estudos mostraram que os vórtices são muitas vezes extremamente estáveis. A Grande Mancha Vermelha de Júpiter, um vórtice gigante de gás de cerca de 40 mil quilômetros de extensão aproximadamente permaneceu intacta desde que foi descoberta pela primeira vez há trezentos anos. Shainberg acredita que esta mesma tendência para a estabilidade é o que faz certos vórtices de pensamento (nossas idéias e opiniões) se tornarem de vez em quando cimentadas em nossa consciência.

Ele acha que a permanência virtual de alguns vórtices é muitas vezes prejudicial ao nosso crescimento como seres humanos. Um vórtice especialmente poderoso pode dominar nosso comportamento e inibir nossa capacidade de assimilar novas idéias e informações. Pode fazer com que nos tornemos repetitivos, criar bloqueios no fluxo criativo de nossa consciência, nos impedir de ver a totalidade de nós mesmos e nos fazer sentir desligados de nossa espécie. Shainberg acredita que os vórtices podem até explicar coisas como a corrida armamentista nuclear: "Olhe para a corrida armamentista nuclear como um vórtice que surge da ganância dos seres humanos que estão isolados em seus egos separados e que não sentem ligação com os outros seres humanos. Eles também estão sentindo um vazio peculiar e se tornam gananciosos de tudo o que podem obter para preencher a si próprios. Assim, as indústrias nucleares proliferam porque fornecem grande quantidade de dinheiro e a ganância é tão extensa que tais pessoas não se importam com o que poderia resultar de suas ações."²¹

Como Bohm, Shainberg acredita que nossa consciência está constantemente desabrochando a partir da ordem implícita e quando permitimos aos mesmos vórtices tomarem forma repetidamente ele acha que estamos erigindo uma barreira entre nós mesmos e as infinitas interações novas e positivas que poderíamos ter com esta fonte infinita de todos os seres. Para ter um vislumbre do que estamos perdendo, ele sugere que olhemos para uma criança. As crianças ainda não tiveram tempo de formar vórtices e isto se reflete no modo aberto e flexível que interagem com o mundo. De acordo com Shainberg, a

vivacidade brilhante de uma criança expressa a verdadeira essência da natureza coberta-descoberta da consciência quando está desimpedida.

Se você quer tomar consciência de seus próprios vórtices congelados de pensamento, Shainberg recomenda que você preste muita atenção ao modo como se comporta ao conversar. Quando as pessoas com crenças rígidas conversam com outras, tentam justificar suas identidades aderindo e defendendo suas opiniões. Seu julgamento raramente muda como resultado de qualquer informação nova que encontrem e mostram pouco interesse em permitir que alguma interação de conversa real aconteça. Uma pessoa que está aberta à natureza fluida da consciência está mais disponível para ver a condição congelada dos relacionamentos imposta por tais vórtices de pensamento. Elas se comprometem em explorar as interações de conversa, em vez de repetir infinitamente uma ladainha estática de opiniões. "A resposta humana e a articulação desta resposta, o retorno de reações para esta resposta e o esclarecimento das relações entre diferentes respostas, são o modo dos seres humanos participarem do fluxo da ordem implícita", diz Shainberg.²²

Outro fenômeno psicológico que faz lembrar a ordem implícita é a doença de múltipla personalidade, ou DMP. A DMP é uma síndrome bizarra na qual duas ou mais personalidades distintas habitam um único corpo. As vítimas da doença, ou "múltiplas", muitas vezes não têm consciência de sua condição. Elas não compreendem que o controle de seu corpo está sendo passado para trás e para a frente entre diferentes personalidades e em vez disso sentem que estão sofrendo de alguma espécie de amnésia, confusão ou obscurecimento da fala. A maior parte das múltiplas produzem de oito a treze personalidades, embora as assim chamadas super-múltiplas possam ter mais de cem subpersonalidades.

Um das estatísticas mais divulgadas a respeito das múltiplas é que 97 por cento delas tiveram uma história de trauma infantil severo, muitas vezes na forma de monstruoso abuso sexual, físico e psicológico. Isto levou muitos pesquisadores a concluir que se tornar uma múltipla é o modo do psíquico fazer frente à extraordinária dor e dilaceramento da alma. Ao se dividir em uma ou mais personalidades a psique é capaz de parcelar abertamente a dor, de certo modo e ter várias personalidades faz suportar o que seria demais para apenas uma personalidade resistir.

Neste sentido tornar-se uma múltipla pode ser o exemplo extremo do que Bohm quer dizer com fragmentação. É interessante notar que, quando a psique fragmenta a si mesma, não se torna uma reunião de cacos quebrados de bordas denteadas, mas uma reunião de totalidades menores, completas e auto-suportadas com suas próprias características, motivos e desejos. Embora estas totalidades não sejam cópias idênticas da personalidade original, estão relacionadas com a dinâmica da personalidade original e isto em si sugere que algum tipo de processo holográfico está envolvido.

A afirmação de Bohm de que a fragmentação sempre se mostra por fim destrutiva é também aparente na síndrome. Embora tornar-se uma múltipla permita a uma pessoa sobreviver numa infância de outra forma insuportável, traz com ela um bando de desagradáveis : efeitos colaterais. Estes podem incluir a depressão ansiedade e ataques de pânico, fobias, problemas respiratórios e cardíacos, náusea inexplicável, dores de cabeça semelhantes à enxaqueca, tendências à automutilação e muitas outras doenças físicas e mentais. De maneira surpreendente, mas exata como um relógio, muitas múltiplas são diagnosticadas quando estão entre a idade de 28 e 35 anos, uma "coincidência" que sugere que algum sistema de alarme interno pode estar disparando naquela idade, avisando a elas que é imperativo que sejam diagnosticadas e que assim recebam a ajuda que precisam. Esta idéia parece surgir do fato de que as múltiplas que atingem os 40 anos antes de serem diagnosticadas freqüentemente relatam ter a sensação de que, se não procurassem ajuda logo, qualquer chance de recuperação estaria perdida.²³ Apesar das vantagens temporárias que a psique torturada obtém fragmentando a si própria, é claro que o bem-estar físico e mental, e talvez até a sobrevivência, ainda dependem da totalidade.

Uma outra característica incomum da DMP é que cada uma das personalidades da múltipla tem um padrão de onda cerebral diferente. Isto é surpreendente, pois como salienta Frank Putnam, um psiquiatra do Instituto Nacional de Saúde que estudou estes fenômenos, normalmente o padrão de onda cerebral de uma pessoa não muda mesmo em estados de emoção extrema. Os padrões de onda cerebral não são a única coisa que varia de personalidade para personalidade. Os padrões de fluxo sanguíneo, o tônus muscular, o ritmo do coração, a postura e até alergias podem todas mudar como deslocamentos múltiplos provenientes de um eu para o próximo.

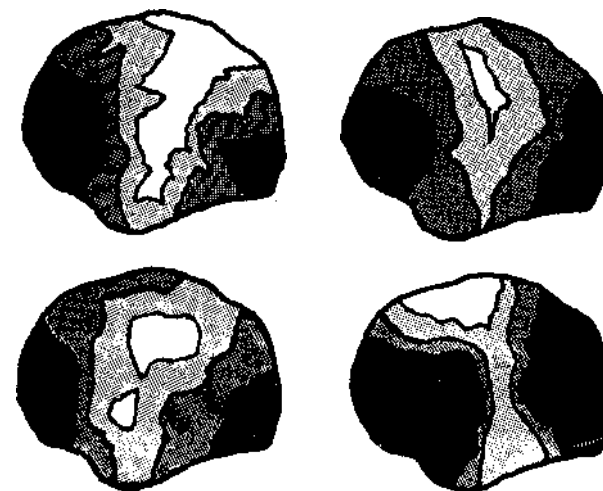


Figura 10. Os padrões de ondas cerebrais de quatro personalidades de um indivíduo que sofre de doença de múltipla personalidade. Será possível que o cérebro utilize princípios holográficos para armazenar a vasta quantidade de informações necessárias para alojar dezenas e até centenas de personalidades num único corpo? (Desenho copiado pelo autor a partir da ilustração original num artigo de Bennett G. Braun no *American Journal of Clinical Hypnosis*.)

Desde que os padrões de onda cerebral não estão confinados a nenhum neurônio único ou grupo de neurônios, mas são uma propriedade global do cérebro, isto também sugere que algum tipo de processo holográfico pode estar operando. Assim, como um holograma de imagens múltiplas pode armazenar e fazer surgir uma grande quantidade semelhante de personalidades totais. Em outras palavras, talvez o que chamamos de "eu" também seja um holograma e quando o cérebro de uma múltipla pula de um eu holográfico para o próximo, estes movimentos de vaivém semelhantes a projetores de slides são refletidos nas mudanças globais que acontecem na atividade de onda cerebral, assim como no corpo em geral (Figura 10). As mudanças fisiológicas que acontecem com as trocas da múltipla de uma personalidade para outra também têm implicações profundas na relação entre a mente e a saúde e serão discutidas mais extensamente no próximo capítulo.

Uma Falha no Tecido da Realidade

Outra das grandes contribuições de Jung foi definir o conceito de sincronicidade. Como foi mencionado na introdução, sincronicidades são

coincidências que são tão incomuns e tão cheias de sentido que dificilmente poderiam ser atribuídas apenas ao acaso. Cada um de nós experimentou uma sincronicidade em algum momento da vida, tal como quando aprendemos uma nova palavra estranha e então a ouvimos ser usada no noticiário do rádio poucas horas depois, ou quando pensamos a respeito de um assunto obscuro e então percebemos outra pessoa falando sobre isso.

Poucos anos atrás experimentei uma série de sincronicidades envolvendo o artista do rodeio BulTalo Bill. De vez em quando, enquanto faço um modesto exercício pela manhã antes de começar a escrever, ligo a televisão. Numa manhã, em janeiro de 1983, estava fazendo flexões enquanto estava havendo um show de variedades e de repente me encontrei gritando "o nome "Buffalo Bill!" Primeiro fiquei intrigado por minha explosão, mas então compreendi que o apresentador do show de variedades tinha feito a pergunta: "Por qual outro nome William Frederick Cody era conhecido?" Embora conscientemente não estivesse prestando atenção no show, por alguma razão minha mente inconsciente tinha zerado sobre esta pergunta e a tinha respondido.

Na época não pensei muito no acontecido e continuei o meu dia. Poucas horas depois, um amigo me telefonou e me perguntou se eu podia resolver uma discussão amigável que ele estava tendo a respeito de trivialidades de uma peça de teatro. Eu me ofereci para tentar, ao que meu amigo perguntou, "É verdade que as últimas palavras de John Barrymore foram: Você não é o filho ilegítimo de Buffalo Bill?" Pensei que este segundo encontro com Buffalo Bill fosse acaso, mas ainda atribuí isso à coincidência, até mais tarde naquele dia, quando um exemplar da revista *Smithsonian* chegou pelo correio e eu a abri. Um dos principais artigos se chamava: "O Último dos Grandes Escoteiros Está de Volta Outra Vez". Era sobre... você adivinhou: Buffalo Bill. (Por acaso, não fui capaz de responder à questão trivial de meu amigo e ainda não tenho nenhuma idéia se foram as últimas palavras de morte de Barrymore ou não.)

Inacreditável como foi esta experiência, a única coisa que parecia significativa sobre ela era sua natureza improvável. Existe, porém, um outro tipo de sincronicidade que é digno de nota, não só por causa de sua improbabilidade, mas por sua aparente relação com os eventos que ocorrem no fundo da psique humana. O exemplo clássico disto é a história do escaravelho de Jung. Jung estava tratando de uma mulher, cuja visão fortemente racional de vida tornava difícil para ela beneficiar-se da terapia. Depois de inúmeras sessões frustradas, a mulher contou a Jung sobre um sonho que envolvia um escaravelho. Jung sabia que na mitologia egípcia o escaravelho representava renascimento e quis saber se a mente inconsciente da mulher estava simbolicamente anunciando que ela estava passando por algum tipo de renascimento psicológico. Ele estava quase para falar isso a ela quando algo

bateu na janela; ele levantou os olhos e viu um escaravelho verde-dourado do outro lado do vidro (foi a única vez que um escaravelho apareceu na janela de Jung). Ele abriu a janela e deixou o escaravelho voar para dentro da sala, enquanto apresentava sua interpretação do sonho. A mulher ficou tão atordoada, que moderou sua racionalidade excessiva e a partir daquele momento sua resposta à terapia melhorou.

Jung encontrou muitas dessas significativas coincidências ao longo de seu trabalho psicoterapêutico e percebeu que quase sempre elas acompanhavam períodos de intensidade emocional e transformação: mudanças fundamentais em crenças, *insights* novos e repentinos, mortes, nascimentos, até mudanças na profissão. Ele também percebeu que elas tendiam a diminuir quando a nova realização ou percepção estava próxima à superfície da consciência de um paciente. À medida que suas idéias se tornaram mais amplamente conhecidas, outros terapeutas começaram a relatar suas próprias experiências com a sincronicidade.

Por exemplo, o psiquiatra Carl Alfred Meier, estabelecido em Zurique, um associado de Jung por muito tempo, fala de uma sincronicidade que se estendeu por muitos anos. Uma mulher americana, que sofria de uma séria depressão, viajou todo o caminho a partir de Wuchang, na China, para ser tratada por Meier. Era uma cirurgia e dirigiu um hospital de missão em Wuchang por trinta anos. Ela também tinha se envolvido com a cultura e era uma especialista em filosofia chinesa. No decurso de sua "terapia, ela contou a Meier um sonho, no qual via o hospital com uma das alas destruída. Por sua identidade estar tão ligada com o hospital, Meier achou que seu sonho estava dizendo a ela que ela estava perdendo o sentido de ego, sua identidade americana, e esta era a causa de sua depressão. Ele a aconselhou voltar para os Estados Unidos e quando ela o fez sua depressão desapareceu rapidamente, exatamente como ele tinha previsto. Antes de partir, ele também a fez fazer um desenho detalhado do hospital esfacelado.

Anos mais tarde, os japoneses atacaram a China e bombardearam o Hospital Wuchang. A mulher enviou a Meier uma cópia da revista *Life* com uma fotografia em página dupla do hospital parcialmente destruído e era idêntica ao desenho que ela tinha feito nove anos antes. A mensagem altamente pessoal e simbólica do sonho dela tinha de alguma forma transbordado as fronteiras de sua psique e adentrado a realidade física.²⁴

Por causa de sua natureza surpreendente, Jung ficou convencido de que tais sincronicidades não eram ocorrências do acaso, mas estavam de fato relacionadas com os processos psicológicos dos indivíduos que as vivenciavam. Uma vez que não podia conceber como uma ocorrência profunda na psique pudesse provocar um evento, ele propôs que algum princípio novo devia estar envolvido, um princípio de ligação não causai, até agora desconhecido pela ciência.

Quando Jung desenvolveu esta idéia pela primeira vez, a maioria dos físicos não a levou a sério (apesar de que um iminente físico da época, Wolfgang Pauli, achou que era importante o bastante para ser co-autor, com Jung, de um livro sobre o assunto, intitulado *A Interpretação e a Natureza da Psique*). Mas agora que a existência de ligações não locais foram estabelecidas, alguns físicos estão dando à idéia de Jung um outro aspecto.* O físico Paul Davies afirma: "Estes efeitos quânticos *não locais* são na verdade uma forma de sincronicidade, no sentido que eles estabelecem uma ligação — mais precisamente uma correlação — entre eventos para os quais qualquer forma de ligação causai está excluída".

Um outro físico que leva a sério a sincronicidade é F. David Peat. Peat acredita que as sincronicidades do tipo junguiano não só são reais, como oferecem evidência a mais da ordem implícita. Como vimos, de acordo com Bohm, a aparente separação da consciência e da matéria é uma ilusão, um artifício que ocorre somente depois que ambas se desdobraram dentro do mundo explícito de objetos e tempo sucessivo. Se não existe nenhuma divisão entre a mente e a matéria no implícito, o solo a partir do qual todas as coisas surgem, então não é extraordinário esperar que a realidade possa ainda vir a surgir com vestígios desta ligação profunda. Peat acredita que as sincronicidades são, portanto, "falhas" no tecido da realidade, fissuras momentâneas que nos permitem um breve vislumbre da ordem imensa e unitária subjacente a tudo na natureza.

Colocando de outro modo, Peat acha que as sincronicidades revelam a ausência de divisão entre o mundo físico e nossa realidade psicológica interior. Assim, a relativa escassez de experiências sincrônicas em nossa vida mostra não apenas o quanto fragmentamos a nós próprios a partir do campo geral de consciência, mas também o grau ao qual nós próprios nos fechamos inteiramente para o potencial deslumbrante e infinito das ordens mais profundas da mente e da realidade. De acordo com Peat, quando experimentamos uma sincronicidade, o que estamos realmente experimentando "é o funcionamento da mente humana, por um momento, em sua verdadeira ordem e estendendo-se por toda parte da sociedade e da natureza, movendo-se através de ordens de sutileza crescente, atingindo para além da origem da mente e da matéria, a própria criatividade".²⁶

* Como foi mencionado, os efeitos não locais não se devem a uma relação de causa e efeito, e são portanto acasais.

Esta é uma idéia surpreendente. Realmente todos os nossos preconceitos de senso comum sobre o mundo estão baseados na premissa de que a realidade subjetiva e objetiva estão muito separadas. Esta é a razão por que as sincronicidades parecem tão desconcertantes e inexplicáveis para nós. Mas se, no final das contas, não existe nenhuma divisão entre o mundo físico e nossos processos psicológicos internos, então devemos estar preparados para mudar

mais do que apenas nosso entendimento de senso comum do universo, pois as implicações são estonteantes.

Uma implicação é que a realidade objetiva é mais parecida com um sonho do que suspeitamos anteriormente. Por exemplo, imagine-se sonhando que você está sentado à mesa, num jantar com seu patrão e a mulher dele. Como você sabe a partir da experiência, todos os diversos adereços num sonho — a mesa, as cadeiras, os pratos e os recipientes de sal e pimenta — parecem ser objetos separados. Imagine também que você experimenta uma sincronicidade no sonho; talvez o sirvam de um prato desagradável e quando você pergunta ao garçom o que é, ele lhe diz que o nome do prato é Seu Patrão. Compreendendo que o desprazer do prato trai seus verdadeiros sentimentos sobre seu patrão, você fica embaraçado e quer saber como um aspecto de seu ego "interior" conseguiu transbordar para dentro da realidade "externa" da cena que você está sonhando. É claro, assim que você acorda, compreende que a sincronicidade não era tão estranha de maneira nenhuma, pois realmente não havia nenhuma divisão entre seu ego "interior" e a realidade "exterior" do sonho. De maneira semelhante, você compreende que a aparente separação dos diversos objetos no sonho também era uma ilusão, pois tudo foi produzido por uma ordem mais fundamental e mais profunda — a totalidade contínua de sua própria mente inconsciente.

Se não existe nenhuma divisão entre os mundos físico e mental, estas mesmas qualidades são também verdadeiras para a realidade objetiva. De acordo com Peat, isto não significa que o universo material seja uma ilusão, porque tanto o implícito como o explícito desempenham um papel na criação da realidade. Nem significa que a individualidade está perdida, uma vez que a imagem de uma rosa não se perde se ela é registrada num pedaço de filme holográfico. Simplesmente quer dizer que somos, novamente, como os vórtices num rio, únicos mas inseparáveis do fluxo da natureza. Ou, como Peat coloca, "o ego continua vivo mas como um aspecto do movimento mais sutil que envolve a ordem da totalidade da consciência".²⁷

E assim chegamos ao círculo completo, partindo da descoberta de que a consciência contém a totalidade da realidade objetiva — a história inteira da vida biológica sobre o planeta, religiões e mitologias do mundo e a dinâmica tanto das células como das estrelas — para a descoberta de que o universo material também pode conter dentro de seu fluxo e refluxo os processos mais internos da consciência. Tal é a natureza da profunda ligação que existe entre todas as coisas num universo holográfico. No próximo capítulo exploraremos como esta ligação, assim como outros aspectos da idéia holográfica, afetam nosso atual entendimento da saúde.

EU CANTO O CORPO HOLOGRÁFICO

Difícilmente você saberá quem eu sou ou o que significo,
Mas serei boa saúde para você mesmo assim. (...) —
Walt Whitman, "Canção de Mim Mesmo"

Um homem de 61 anos de idade que chamaremos de Frank recebeu o diagnóstico de uma forma quase sempre fatal de câncer na garganta e disseram que ele tinha menos de 5 por cento de chance de sobreviver. Seu peso caiu de 59 para 44 quilos. Ele estava extremamente fraco, podia apenas engolir sua própria saliva e estava tendo problemas para respirar. Na verdade, seus médicos discutiram se davam a ele uma terapia de radiação de qualquer forma, porque havia uma grande possibilidade de o tratamento aumentar seu desconforto sem aumentar significativamente suas chances de sobrevivência. Decidiram fazê-la assim mesmo.

Então, para grande sorte de Frank, o dr. O. Carl Simonton, oncologista de radiação e diretor do Centro de Pesquisa e Aconselhamento do Câncer em Dallas, Texas, foi convidado a participar de seu tratamento. Simonton sugeriu que o próprio Frank podia influenciar o andamento de sua doença. Simonton ensinou então a Frank inúmeras técnicas de imaginação-mentalização e relaxamento que ele e seus colegas tinham desenvolvido. A partir daquele momento, três vezes por dia, Frank imaginava a radiação que tinha recebido como se consistisse de milhões de finas bolhas de energia bombardeando suas células. Ele também visualizava suas células cancerosas como mais fracas e mais confusas do que suas células normais e portanto incapazes de se recuperar do dano que sofriam. Então ele visualizava as células brancas de seu corpo, os soldados do sistema imunológico, entrando, aglomerando-se em volta das células cancerosas mortas ou que morriam, e levando-as para seu fígado e rins para serem jogadas fora de seu corpo.

Os resultados foram comoventes e excederam muito o que em geral acontecia em tais casos, quando os pacientes eram tratados apenas com radiação. Os tratamentos de radiação funcionaram como mágica. Frank não experimentou quase nenhum efeito colateral — dano da pele e das membranas mucosas — que normalmente acompanham esta terapia. Ele recuperou seu peso e sua força e em apenas dois meses todos os sinais do câncer tinham desaparecido. Simonton acredita que a surpreendente recuperação de Frank foi devida em grande parte ao seu regime de exercícios diários de visualização.

Num estudo persistente, Simonton e seus colegas ensinaram suas técnicas de imaginação-mentalização para 159 pacientes com câncer, considerados

incuráveis clinicamente. O tempo de sobrevida esperado para um tal paciente é de doze meses. Quatro anos mais tarde, 63 dos pacientes ainda estavam vivos. Destes, catorze não mostravam nenhuma evidência da doença, o câncer tinha regredido em doze e em dezessete a doença permanecia estável. A sobrevida média do grupo como um todo era de 24,4 meses, cerca de duas vezes mais longa do que a média nacional.¹

Simonton, desde então, dirigiu inúmeros estudos semelhantes, todos com resultados positivos. Apesar de tais achados promissores, seu trabalho ainda é considerado controverso. Por exemplo, os críticos argumentam que os indivíduos que participam dos estudos de Simonton não são pacientes "médios". Muitos deles procuraram Simonton com o propósito expresso de aprender suas técnicas e isto mostra que já tinham um extraordinário espírito de luta. Entretanto, muitos pesquisadores acham os resultados de Simonton atraentes o bastante para dar suporte a seu trabalho e o próprio Simonton fundou o Centro do Câncer Simonton, uma bem-sucedido centro de tratamento e pesquisa em Pacific Palisades, Califórnia, destinado a ensinar técnicas de imaginação a pacientes que estão lutando contra diversas doenças. O uso terapêutico da imaginação também cativou o interesse do público e uma avaliação recente revelou que ela era o quarto tratamento alternativo mais frequentemente usado para o câncer.²

Como é que uma imagem formada na mente pode ter efeito sobre algo tão terrível como um câncer incurável? De modo nada surpreendente, a teoria holográfica do cérebro pode ser usada para explicar também estes fenômenos. A psicóloga Jeanne Achterberg, diretora de pesquisa e ciência de reabilitação no Centro de Ciência da Saúde na Universidade do Texas, em Dallas, Texas, e uma das cientistas que ajudou a desenvolver as técnicas de imaginação que Simonton utiliza, acredita que são as capacidades de imagem holográfica do cérebro que fornecem a chave.

Como foi observado, todas as experiências são fundamentalmente apenas processos neurofisiológicos acontecendo no cérebro. De acordo com o modelo holográfico, a razão de experimentarmos algumas coisas, do tipo emoções, como realidades internas e outras, tal como o canto dos pássaros e o latido dos cães como realidades externas, é porque é onde o cérebro as localiza quando cria o holograma interno que experimentamos como realidade. Porém, como vimos também, o cérebro não pode distinguir sempre entre o que está "lá fora" e o que ele acredita estar "lá fora" e é por isso que os amputados algumas vezes têm sensações de membros fantasmas. Colocando de outro modo, num cérebro que funciona holograficamente, a imagem lembrada de uma coisa pode ter tanto impacto sobre os sentidos quanto a própria coisa.

Também pode ter um efeito igualmente poderoso sobre a fisiologia do corpo, um estado de coisas que é vivenciado em primeira mão por qualquer um que já sentiu seu coração disparar depois de se imaginar abraçando o ser

amado. Ou qualquer um que já sentiu as palmas das mãos suadas depois ter a memória de alguma experiência extraordinariamente amedrontadora. À primeira vista, o fato de o corpo não poder distinguir entre um evento imaginário e um real pode parecer estranho, mas quando alguém leva em conta o modelo holográfico — um modelo que afirma que *todas* as experiências, sejam reais ou imaginárias, estão reduzidas à mesma linguagem comum de formas de onda organizadas holograficamente — a situação se torna muito menos enigmática. Ou, como observa Achterberg: "Quando as imagens são lembradas de maneira holográfica, sua influência onipotente sobre a função física segue-se logicamente. A imagem, o comportamento e os concomitantes fisiológicos são um aspecto unificado do mesmo fenômeno".³

Bohm utiliza sua idéia da ordem implícita, o nível de existência não local mais profundo a partir do qual nosso universo inteiro se origina, para concordar com tal pensamento: "Toda ação surge de uma intenção na ordem implícita. A imaginação já é a criação da forma; ela já tem a intenção e os germes de todos os movimentos necessários para realizá-los. E isso afeta o corpo e assim por diante, de forma que, à medida que a criação acontece desse modo, a partir dos níveis mais sutis da ordem implícita, vai através deles até se manifestar no explícito."⁴ Em outras palavras, na ordem implícita, como no próprio cérebro, a imaginação e a realidade na verdade são indistinguíveis e portanto não deveria ser nenhuma surpresa para nós que as imagens na mente possam conseqüentemente se manifestar como realidades no corpo físico. Achterberg achou que os efeitos fisiológicos produzidos por meio do uso da imaginação não só são poderosos como também podem ser extremamente específicos. Por exemplo, o termo *célula branca do sangue* (glóbulo branco) na verdade se refere a inúmeros tipos diferentes de célula. Num estudo, Achterberg decidiu ver se poderia treinar indivíduos para aumentar o número de apenas um tipo específico de célula branca do sangue em seu corpo. Para isso, ela ensinou um grupo de estudantes a imaginar a célula conhecida como neutrófilo, o principal constituinte da população de glóbulos brancos. Ela treinou um segundo grupo para imaginar células T, um tipo mais especializado de glóbulo branco. No final do estudo, o grupo que aprendeu a imagem do neutrófilo teve um aumento significativo no número de neutrófilos em seus corpos, mas nenhuma mudança no número de células T. O grupo que aprendeu a imagem de células T, teve um aumento significativo no número daquele tipo de célula, mas o número de neutrófilos em seu corpo permaneceu o mesmo.⁵

Achterberg diz que acredita que isto também é decisivo para a saúde de uma pessoa. Como ela salienta, virtualmente todas as pessoas que tiveram contato com o mundo médico sabem pelo menos uma história de um paciente que foi mandado para casa para morrer mas, porque "acreditava" no contrário, surpreendeu seus médicos recuperando-se completamente. Em seu fascinante

livro *A Imaginação na Cura* ela descreve vários de seus próprios encontros com tais casos.

Em um, uma mulher estava em coma e paralisada ao entrar no hospital e foi diagnosticada com um tumor cerebral grave. Ela se submeteu à cirurgia para "diminuir" seu tumor (remover tanto quanto possível com segurança) mas, porque era considerada agonizante, foi mandada para casa sem receber nem radiação nem quimioterapia.

Em vez de morrer imediatamente, a mulher ficou mais forte dia a dia. Como sua terapeuta de regeneração biológica, Achterberg foi capaz de monitorar o progresso da mulher e ao fim de dezesseis meses a mulher não mostrava nenhuma evidência de câncer. Por quê? Embora a mulher fosse inteligente num sentido comum, tinha apenas uma formação mediana e não sabia realmente o significado da palavra *tumor* — ou a sentença de morte que isso implicava. Assim, ela não acreditava que ia morrer e venceu seu câncer com a mesma confiança e determinação com que costumava vencer todas as outras doenças de sua vida, diz Achterberg. Quando Achterberg a viu pela última vez, a mulher não tinha mais nenhum sinal de paralisia, tinha jogado fora as ataduras das pernas e a bengala e tinha até saído para dançar várias vezes.⁶

Achterberg nos traz de volta sua afirmação ao observar que os mentalmente retardados e perturbados emocionalmente — indivíduos que não podem compreender a sentença de morte que a sociedade associa ao câncer — também têm um índice de câncer significativamente mais baixo. Durante um período de quatro anos no Texas, apenas cerca de 4 por cento das mortes nestes dois grupos foram por câncer, comparados à norma do estado que era de 15 e 18 por cento. De forma intrigante, não houve nenhum caso registrado de leucemia entre os anos de 1925 e 1978 nestes dois grupos. Estudos registraram resultados semelhantes nos Estados Unidos como um todo, assim como em vários outros países incluindo a Inglaterra, Grécia e Romênia.⁷

Por causa destes e de outros achados, Achterberg pensa que uma pessoa com uma doença, mesmo um simples resfriado, deveria se abastecer de tantos "hologramas neurais" de saúde quantos forem possíveis — na forma de crenças, imagens de bem estar e de harmonia e imagens de funções imunológicas específicas sendo ativadas. Ela acha também que devemos exorcizar quaisquer crenças e imagens que tenham conseqüências negativas para nossa saúde e compreender que nossos hologramas corporais são mais do que apenas imagens. Eles contêm uma infinidade de outros tipos de informação, incluindo entendimentos intelectuais e interpretações, preconceitos tanto conscientes como inconscientes, medos, esperanças, preocupações e assim por diante.

A recomendação de Achterberg para nos livrarmos de imagens negativas é bem-vinda, pois existe evidência de que a imaginação pode provocar doenças

assim como curá-las. Em *Amor, Medicina e Milagres*, Bernie Siegel diz que muitas vezes encontra experiências onde as imagens mentais que os pacientes usam para descrever a si próprios ou às suas vidas parece desempenhar um papel na criação de sua condição. Os exemplos incluem uma paciente de mastectomia que disse a ele que "precisava tirar algo de seu peito"; um paciente com mieloma múltiplo na coluna vertebral que disse a ele que "sempre foi considerado fraco, sem força moral e também sem espinha"; e um homem com carcinoma de laringe cujo pai o castigava quando criança apertando sua garganta constantemente e dizendo a ele "cale a boca!"

Muitas vezes a relação entre a imagem e a doença é tão surpreendente que é difícil entender por que não é aparente para o indivíduo envolvido, como no caso de uma psicoterapeuta que sofreu uma cirurgia de emergência para remover vários centímetros de intestino morto e então disse a Siegel: "Estou satisfeita que você seja meu cirurgião. Passei por uma análise didática. Não podia lidar com toda a bosta que estava surgindo, ou digerir a merda da minha vida".⁸ Incidentes como estes convenceram Siegel de que quase todas as doenças se originam, pelo menos em algum grau, da mente, mas ele não acha que isto as torne psicossomáticas ou irreais. Ele prefere dizer que são *significativas ao soma*, um termo cunhado por Bohm para resumir melhor a relação, extraído da palavra grega *soma*, que quer dizer corpo. O fato de que todas as doenças podem ter sua origem na mente não preocupa Siegel. Ele vê isso mais como um sinal de enorme esperança, um indicador de que, se alguém tem o poder de criar a doença, também tem o poder de criar a saúde. A ligação entre a imagem e a doença é tão potente que a imaginação até pode ser usada para prever as perspectivas de sobrevivência de um paciente. Num outro experimento fundamental, Simonton, sua mulher, a psicóloga Stephanie Matthews-Simonton, Achterberg e o psicólogo G. Frank Lawlis realizaram uma bateria de testes sanguíneos em 126 pacientes com câncer avançado. Então submeteram os pacientes a uma lista igualmente extensa de testes psicológicos, incluindo exercícios nos quais se pedia aos pacientes para pintar imagens de si mesmos, de seu câncer, de seu tratamento e de seu sistema imunológico. Os testes sanguíneos ofereciam alguma informação sobre a condição dos pacientes, mas não forneciam nenhuma revelação maior. Porém, os resultados dos testes psicológicos, especialmente as pinturas, eram enciclopédias de informações sobre o nível de saúde dos pacientes. Na verdade, analisando apenas as pinturas dos pacientes, Achterberg mais tarde atingiu 95 por cento de taxa de exatidão ao predizer quem morreria dentro de poucos meses e quem venceria sua doença e entraria em remissão.⁹

Os Jogos de Basquete da Mente

Ainda que a evidência selecionada pelos pesquisadores mencionados acima seja inacreditável, é apenas a ponta do *iceberg* quando se chega ao

controle que a mente holográfica tem sobre o corpo físico. E as aplicações práticas de tal controle não são limitadas estritamente aos assuntos de saúde. Inúmeros estudos realizados por todo o mundo mostram que a imaginação também tem um enorme efeito sobre a performance atlética e física.

Num experimento recente, o psicólogo Shlomo Breznitz, da Universidade Hebraica, Jerusalém, tinha diversos grupos de soldados israelenses que marchavam 40 quilômetros, mas deu a cada grupo uma informação diferente. Ele tinha alguns grupos que marcharam 30 quilômetros e então foi dito a eles que tinham outros 10 quilômetros a marchar. Ele disse aos outros que iam marchar 60 quilômetros, mas na realidade marcharam só 40 quilômetros. A alguns ele permitiu ver os marcadores de distância e não forneceu aos outros nenhum vestígio do quanto tinham andado. No final do estudo, Breznitz achou que o nível de hormônios de estresse no sangue dos soldados sempre refletia suas estimativas e não a distância real que tinham marchado.¹⁰ Em outras palavras, o *sangue deles respondia não à realidade, mas ao que eles estavam imaginando como realidade*.

De acordo com o dr. Charles A. Garfield, pesquisador fundador da Administração Espacial e Aeronáutica Nacional (NASA) e atual presidente do Instituto de Realizações Científicas em Berkeley, Califórnia, os soviéticos pesquisaram extensamente a relação entre a imaginação e a performance física. Em um estudo, um grupo de atletas soviéticos de nível mundial foi dividido em quatro grupos. O primeiro grupo passou 100 por cento de seu tempo de treinamento treinando. O segundo grupo passou 75 por cento de seu tempo treinando e 25 por cento de seu tempo visualizando os movimentos exatos e as realizações que queriam atingir em seu esporte. O terceiro passou 50 por cento de seu tempo treinando e 50 por cento visualizando e o quarto passou 25 por cento treinando e 75 por cento visualizando. De maneira inacreditável, nos Jogos de Inverno de 1980 no lago Placid, Nova York, o quarto grupo mostrou o maior desempenho na performance, seguida pelos grupos 3, 2 e 1 nesta ordem."

Garfield, que passou centenas de horas entrevistando atletas e pesquisadores de esporte por todo o mundo, diz que os soviéticos incorporaram sofisticadas técnicas de imaginação em diversos programas atléticos e que eles acreditam que as imagens mentais agem como precursores no processo de gerar impulsos neuromusculares. Garfield acredita que a imaginação funciona porque o movimento é registrado holograficamente no cérebro. Em seu livro *O Ponto Mais Alto da Performance: Técnicas de Treinamento Mental dos Maiores Atletas do Mundo*, ele afirma: "Estas imagens são holográficas e funcionam fundamentalmente a nível subliminar. O mecanismo holográfico de imaginar capacita você a resolver rapidamente problemas espaciais tais como construir uma máquina complexa, coreografar a sequência de uma dança ou passar imagens visuais de jogos em sua mente."¹²

O psicólogo australiano Alan Richardson obteve resultados semelhantes com jogadores de basquete. Ele pegou três grupos de jogadores de basquete e testou sua capacidade de fazer lançamentos livres. Então instruiu o primeiro grupo a passar trinta minutos por dia praticando lançamentos livres. Disse ao segundo grupo para não praticar e ao terceiro grupo para passar trinta minutos por dia visualizando que estavam fazendo lançamentos perfeitos. Como se poderia esperar, o grupo que não fez nada não mostrou nenhuma melhora. O primeiro grupo melhorou 24 por cento, mas, por meio apenas do poder da imaginação, o terceiro grupo melhorou até a surpreendente marca de 23 por cento, quase tanto quanto o grupo que praticou.¹³

A Falta de Divisão Entre a Saúde e a Doença

O físico Larry Dossey acredita que a imaginação não é o único instrumento que a mente holográfica pode utilizar para realizar mudanças no corpo. Um outro é o simples reconhecimento da totalidade contínua de todas as coisas. Como Dossey observa, temos a tendência de ver a doença como externa a nós. As doenças vêm de fora e nos afligem, perturbando nosso bem-estar. Mas, se o espaço e o tempo e todas as outras coisas no universo são na verdade inseparáveis, então não podemos fazer distinção entre a saúde e a doença.

Como podemos colocar este conhecimento em uso prático na nossa vida? Quando deixamos de ver a doença como algo separado e em vez disso a vemos como parte de uma totalidade maior, como um ambiente de comportamento, dieta, sono, padrões de exercício e diversas outras relações com o mundo como um todo, muitas vezes melhoramos, diz Dossey. Como prova, ele chama a atenção para um estudo no qual foi pedido a pessoas com dores de cabeça crônicas para manter um diário da frequência e intensidade de suas dores de cabeça. Embora o registro tivesse a intenção de ser um primeiro passo preparatório das pessoas que sofriam de dores de cabeça para um tratamento posterior, a maioria dos pacientes descobriu que, quando começaram a fazer o diário, suas dores de cabeça desapareceram!¹⁴

Em um outro experimento citado por Dossey, um grupo de crianças epiléticas e suas famílias foram filmadas em videotape enquanto interagiam uns com os outros. Em muitas ocasiões, havia explosões, emocionais durante as sessões, as quais eram muitas vezes seguidas pelos verdadeiros ataques. Quando os teipes foram mostrados às crianças e elas viram a relação entre estes eventos emocionais e seus ataques, ficaram quase livres dos ataques.¹⁵ Por quê? Ao manter um diário ou assistir um videotape, os sujeitos foram capazes de ver sua condição em relação ao padrão maior de suas vidas. Quando isto acontece, a doença não pode mais ser vista "como uma doença intrusa que se origina de algum outro lugar, mas como parte de um processo vital que pode ser minuciosamente descrito enquanto uma totalidade contínua", diz Dossey.

"Quando nosso foco se dirige a um fundamento de ligações e unidades, em direção oposta à fragmentação e ao isolamento, a saúde advém."¹⁶

Dossey acha que a palavra *paciente* é tão enganadora quanto a palavra *partícula*. Em vez de sermos seres separados e unidades biológicas fundamentalmente isoladas, somos processos essencialmente dinâmicos e padrões que não são mais analisáveis em partes do que são os elétrons. Mais do que isso, estamos ligados, ligados às forças que criam tanto a doença como a saúde, às crenças de nossa sociedade, às atitudes de nossos amigos, de nossa família e de nossos médicos e às imagens, crenças e mesmo às palavras que usamos para apreender o universo.

• Num universo holográfico também estamos ligados ao nosso corpo, e nas páginas precedentes vimos algumas das maneiras destas ligações se manifestarem. Mas existem outras, talvez até uma infinidade delas. Como Pribram afirma: "Se na verdade cada parte do nosso corpo é um reflexo do todo, então deve haver todos os tipos de mecanismos para controlar o que está se passando. Nada é firme neste ponto".¹⁷ Dada nossa ignorância no assunto, em vez de perguntar *como* a mente controla o corpo holográfico, talvez a pergunta mais importante seja: Qual é a extensão deste controle? Existe alguma limitação para ele, e se existe, quais é ela? Esta é a questão a qual voltaremos nossa atenção.

O Poder Recuperador do Absolutamente Nada

Um outro fenômeno médico que nos fornece um vislumbre surpreendente do controle que a mente tem sobre o corpo é o efeito placebo. Um placebo é qualquer tratamento médico que não tem nenhuma ação específica sobre o corpo mas é dado, tanto para animar o paciente como na forma de controle num experimento duplo cego, isto é, um estudo no qual se dá um tratamento real a um grupo e um tratamento falso a outro. Em tais experimentos, nem os pesquisadores nem os indivíduos testados sabem em qual grupo estão, de forma que os efeitos do tratamento real podem ser avaliados mais corretamente. Pílulas de açúcar são muitas vezes usadas como placebos em estudos de drogas. Como também a solução salina (água destilada com sal), embora os placebos não precisem ser sempre drogas. Muitos acreditam que algum benefício clínico específico advindo dos cristais, de braceletes de cobre e de outros remédios não tradicionais também se devem ao efeito placebo. Até a cirurgia foi usada como placebo. Nos anos 50, a angina do peito, uma dor recorrente no peito e no braço esquerdo devido à diminuição do fluxo sanguíneo para o coração, era habitualmente tratada com cirurgia. Então alguns médicos expeditos decidiram realizar um experimento. Em vez de realizar a cirurgia habitual, que incluía cortar fora a artéria mamária, eles abriam seus pacientes e então simplesmente os costuravam novamente. Os pacientes que recebiam a cirurgia simulada relatavam exatamente tanto alívio quanto os pacientes que tinham sofrido a

cirurgia total. A cirurgia total, quando realizada, estava apenas produzindo um efeito placebo.¹⁸ Entretanto, o sucesso da cirurgia simulada indica que, em algum lugar no fundo de todos nós, temos a capacidade de controlar a angina do peito.

E isto não é tudo. Na última metade do século o efeito placebo foi extensamente pesquisado em centenas de estudos diferentes por todo o mundo. Agora sabemos que uma média de 35 por cento de todas as pessoas que recebem um dado placebo experimentarão um efeito significativo, embora este número possa variar muito de situação para situação. Além da angina do peito, as condições que se provou responderem ao tratamento do placebo incluem enxaquecas, alergias, febres, resfriado comum, acne, asma, verrugas, vários tipos de dor, náusea e enjôo do mar, úlceras pépticas, síndromes psiquiátricas tais como depressão e ansiedade, artrite degenerativa e reumatóide, diabetes, doença de radiação, doença de Parkinson, esclerose múltipla e câncer.

É claro que estas variam desde as não tão sérias até as que chegam ao ponto de ameaçar a vida, mas os efeitos do placebo mesmo sobre as condições mais suaves podem incluir mudanças fisiológicas que são quase miraculosas. Tome-se, por exemplo, a verruga comum. As verrugas são um pequeno crescimento tumoral da pele causado por um vírus. Elas também são extremamente fáceis de curar por meio do uso de placebos, como fica evidenciado por rituais populares quase infinitos — os próprios rituais sendo um tipo de placebo — que são usados por diversas culturas para se livrar delas. Lewis Thomas, presidente emérito do Centro de Câncer Memorial Sloan-Kettering em Nova York, fala de um médico que curava seus pacientes das verrugas com regularidade, simplesmente pintando um dado púrpura sobre elas. Thomas acha que explicar este pequeno milagre dizendo que é apenas a mente inconsciente operando não ajuda a fazer justiça ao efeito do placebo. "Se meu inconsciente pode imaginar como manipular os mecanismos necessários para vencer aquele vírus e para desenvolver todas as diversas células na ordem correta para a rejeição do tecido, então tudo o que tenho a dizer é que meu inconsciente está um pouco além de mim mesmo", ele afirma.¹⁹

A efetividade de um placebo em um determinada circunstância também varia muito. Em nove estudos duplos cegos que comparavam os placebos com a aspirina, os placebos provaram ser 54 por cento tão efetivos quanto o analgésico verdadeiro.²⁰ A partir disto alguém poderia esperar que os placebos fossem até menos efetivos quando comparados com um lenitivo mais forte tal como a morfina, mas este não é o caso. Em seis estudos duplos cegos encontrou-se que os placebos são 56 por cento tão eficazes quanto a morfina no alívio da dor!²¹

Por quê? Um fator que pode afetar a eficácia de um placebo é o método no qual é dado. Injeções são em geral percebidas como mais potentes do que pílulas, assim, dar um placebo por injeção pode aumentar sua efetividade. Da

mesma forma, as cápsulas muitas vezes são vistas como mais eficazes do que os comprimidos e até o tamanho, forma e cor de uma pílula pode desempenhar um papel. Num estudo destinado a determinar o valor sugestivo da cor de uma pílula, os pesquisadores acharam que as pessoas tendem a ver pílulas laranja ou amarelas como manipuladoras do humor, seja estimulantes ou calmantes. Pílulas vermelho-escuro são consideradas sedativas; pílulas lavanda, alucinógenas; e pílulas brancas, analgésicas.²²

Um outro fator é a atitude que o médico transmite quando prescreve o placebo. O dr. David Sobel, um especialista em placebo no Hospital Kaiser, Califórnia, relata a história de um médico que tratou um paciente asmático que estava tendo um período especialmente difícil para manter seus tubos brônquicos abertos. O médico encomendou uma amostra de um potente medicamento novo de uma companhia farmacêutica e a deu ao homem. Dentro de minutos o homem mostrou uma melhora espetacular e respirava mais facilmente. Porém, na próxima vez que teve um ataque, o médico decidiu ver o que aconteceria se desse placebo ao homem. Desta vez o homem se queixou de que devia haver algo de errado com a prescrição porque não eliminou completamente sua dificuldade respiratória. Isto convenceu o médico de que a amostra da droga era na verdade uma nova medicação potente para asma — até que recebeu uma carta da companhia farmacêutica informando-o de que, em vez da droga nova, eles acidentalmente enviaram a ele um placebo! Aparentemente foi o entusiasmo inconsciente do médico para o primeiro placebo, e não para o segundo, que respondeu pela discrepância.²³

Em termos do modelo holográfico, a notável resposta do homem ao medicamento placebo para asma pode novamente ser explicada pela incapacidade fundamental da mente-corpo de distinguir entre uma realidade imaginada e uma real. O homem acreditava que foi dada a ele uma nova droga potente para asma e esta crença teve um efeito psicológico tão forte sobre seus pulmões como se tivesse sido dada a droga verdadeira. A advertência de Achterberg de que os hologramas neurais que se unem à nossa saúde são variados e multifacetados também é salientada pelo fato de que mesmo algo tão sutil como uma atitude ligeiramente diferente de um médico (e talvez a linguagem corporal) enquanto administrava os dois placebos foi suficiente para fazer um funcionar e o outro falhar. Fica claro a partir disto que mesmo informações recebidas subliminarmente podem contribuir para as crenças e imagens mentais que se unem a nossa saúde. Pode-se indagar como muitas drogas funcionaram (ou não funcionaram) por causa da atitude que o médico transmitiu enquanto as administrava.

Os Tumores que Derretem como Bolas de Neve num Forno Quente

Entender o papel que tais fatores desempenham na eficácia de um placebo é importante, pois mostra como nossa capacidade de controlar o corpo holográfico é moldado por nossas crenças. Nossa mente tem o poder de se livrar de verrugas, de limpar nossos tubos brônquicos e de imitar a capacidade lenitiva da morfina, mas, porque não estamos cientes de que temos o poder, temos de ser enganados para usá-lo. Isto poderia ser quase cômico se não fossem as tragédias que muitas vezes resultam da nossa ignorância de nosso próprio poder.

Nenhum incidente ilustra melhor isto do que um novo caso famoso relatado pelo psicólogo Bruno Klopfer. Klopfer estava tratando de um homem chamado Wright que tinha câncer avançado dos nódulos linfáticos. Todos os tratamentos padrões tinham se esgotado e Wright parecia ter pouco tempo de vida. Seu pescoço, axilas, peito, abdome e virilha estavam cheios de tumores do tamanho de laranjas e seu baço e fígado estavam tão aumentados que dois quartos de litro de fluído leitoso tinha de ser drenado de seu peito todos os dias.

Mas Wright não queria morrer. Ele tinha ouvido sobre uma droga nova excelente chamada Krebiozen e implorou a seu médico para o deixar experimentá-la. No início seu médico recusou porque a droga só estava sendo experimentada em pessoas com um expectativa de vida de pelo menos três meses. Mas Wright estava tão inflexível em suas súplicas, que seu médico finalmente cedeu. Ele deu a Wright uma injeção de Krebiozen na sexta-feira mas no fundo de seu coração não 'esperava que Wright durasse até o fim de semana. Então o médico foi para casa.

Para sua surpresa, na segunda-feira seguinte encontrou Wright fora da cama, andando para lá e para cá. Klopfer relatou que os tumores dele tinham "derretido como bolas de neve num forno quente" e estavam com a metade do tamanho original. Esta era uma diminuição de tamanho muito mais rápida do que mesmo os mais fortes tratamentos de raios X podiam realizar. Dez dias depois do primeiro tratamento de Wright com Krebiozen, ele deixou o hospital e estava, até onde seus médicos podiam dizer, livre do câncer. Quando entrou no hospital, ele precisava de uma máscara de oxigênio para respirar, mas quando foi embora estava bem o bastante para voar em seu próprio avião a 12 mil pés sem nenhum desconforto.

Wright permaneceu bem por cerca de dois meses, mas então começaram a aparecer artigos afirmando que o Krebiozen na verdade não tinha nenhum efeito sobre o câncer dos nódulos linfáticos. Wright, que era rigidamente lógico e científico em suas idéias, ficou muito deprimido, sofreu uma recaída e foi readmitido no hospital. Desta vez, seu médico decidiu tentar um experimento. Ele contou a Wright que o Krebiozen era tão eficaz quanto parecia, mas que

algumas amostras da droga tinham deteriorado durante o embarque. Explicou, porém, que ele tinha uma nova versão altamente concentrada da droga e trataria Wright com ela. É claro que o médico não tinha uma nova versão da droga e pretendia injetar em Wright água pura. Para criar a atmosfera própria, ele mesmo passou por um elaborado processo antes de injetar o placebo em Wright.

Novamente os resultados foram dramáticos. As massas tumorais derreteram, o fluído do peito desapareceu e Wright rapidamente estava de pé de novo e sentindo-se muito bem. Ele permaneceu livre dos sintomas por outros dois meses, mas então a Associação Medica americana anunciou que um estudo de amplitude nacional do Krebiozen achava a droga sem valor no tratamento do câncer. Desta vez a fé de Wright foi completamente abalada. Seu câncer se desenvolveu mais uma vez e ele morreu dois dias depois.²⁴

A história de Wright é trágica, mas contém uma poderosa mensagem: Quando temos sorte o bastante para superar nossa descrença e abrimos as forças curativas dentro de nós, podemos fazer os tumores derreterem imediatamente, de um dia para o outro.

No caso do Krebiozen apenas uma pessoa estava envolvida, mas existem casos semelhantes envolvendo muito mais pessoas. Pegue um agente quimioterápico chamado cisplatino. Quando o cis-platino se tornou disponível pela primeira vez, também foi elogiadíssimo como sendo uma droga maravilhosa e 75 por cento das pessoas que o recebiam se beneficiavam do tratamento. Mas depois da onda inicial de excitação e depois que o uso do cis-platino se tornou mais rotineiro, sua taxa de eficácia caiu em cerca de 25 a 30 por cento. Aparentemente a maior parte do benefício obtido do cis-platino era devido ao efeito placebo.²⁵

As Drogas em Geral Realmente Funcionam?

Tais incidentes levantam uma questão importante. Se as drogas tais como o Krebiozen e o cis-platino funcionam quando acreditamos nelas e param de funcionar quando paramos de acreditar nelas, o que isto implica para a natureza das drogas em geral? Esta é uma pergunta difícil de responder, mas temos alguns indícios. Por exemplo, o médico Herbert Benson, da Faculdade de Medicina de Harvard, chama a atenção para o fato de que a grande maioria dos tratamentos prescritos principalmente neste século, desde a aplicação de sanguessugas até o consumo de sangue de lagarto eram inúteis, mas por causa do efeito placebo sem dúvida foram úteis pelo menos algumas vezes.²⁶

Benson, juntamente com o dr. David P. McCallie, Jr., do Laboratório Thorndike, em Harvard, revisou estudos de diversos tratamentos para a angina do peito que foram prescritos ao longo dos anos e descobriu que embora os remédios venham e vão, os índices de sucesso — mesmo para os tratamentos que agora estão desacreditados — sempre permaneceram altos.²⁷ A partir

destas duas observações é evidente que o efeito placebo desempenhou um papel importante na medicina do passado, mas ainda desempenha um papel hoje? A resposta, parece ser sim. O Departamento de Tributação Tecnológica federal estima que mais de 75 por cento de todos os tratamentos médicos atuais não foram submetidos a um exame científico adequado, imagem que sugere que os médicos podem ainda estar dando placebos e não saberem disso (Benson, por sua vez, acredita que, no mínimo, muitos dos medicamentos à venda agem principalmente como placebos).²⁸

Dada a evidência para a qual estivemos olhando até agora, quase se poderia perguntar se todas as drogas são placebos. É claro que a resposta é não. Muitas drogas são eficazes quer acreditemos nelas quer não: a vitamina C cura o escorbuto e a insulina faz o diabético melhorar mesmo quando eles são céticos. Mas o assunto ainda não está tão claro como pode parecer. Considere o seguinte.

Num experimento de 1962 os drs. Harriet Linton e Robert Langs disseram aos cobaias do teste que eles iam participar de um estudo dos efeitos do LSD, mas então, em vez disso deu a eles um placebo. Porém, uma hora e meia depois de tomar o placebo, os sujeitos começaram a experimentar os sintomas clássicos da droga real, perda de controle, suposta percepção do sentido da existência e assim por diante. Estas "viagens-placebo" duravam várias horas.²⁹

Poucos anos depois, em 1966, o agora mal-afamado psicólogo da Harvard Richard Alpert viajou para o Oriente à procura de homens santos que pudessem oferecer a ele percepção na experiência do LSD. Ele encontrou diversos que estavam querendo experimentar a droga e, de maneira interessante, receberam uma variedade de reações. Um pândita disse a ele que era bom, mas não tão bom quanto meditação. Um outro, um lama tibetano, se queixou que só tinha lhe dado uma dor de cabeça.

Mas a reação que mais fascinou Alpert veio de um pequeno e enrugado homem santo nas encostas do Himalaia. Como o homem tinha cerca de 60 anos, a primeira tendência de Alpert foi dar a ele uma dose suave de 50 a 75 microgramas. Mas o homem ficou muito mais interessado numa das pílulas de 305 microgramas que Alpert trazia com ele, uma dose relativamente grande. De forma relutante, Alpert deu a ele uma das pílulas, mas o homem ainda não ficou satisfeito.

Com brilho nos olhos pediu outra e então outra e colocou todos os 915 microgramas de LSD sobre a língua, uma dose maciça para qualquer padrão, e as engoliu (em comparação, a dose média que Grof usou em seus estudos era de cerca de 200 microgramas).

Espantado, Alpert olhava atentamente, esperando que o homem começasse a agitar os braços e gritar como uma feiticeira, mas em vez disso ele agia como se nada tivesse acontecido. Permaneceu deste modo pelo resto do

dia, com o comportamento tão sereno e calmo como sempre foi, salvo pelas olhadelas cintilantes que ocasionalmente lançava para Alpert. O LSD aparentemente teve pouco ou nenhum efeito sobre ele. Alpert ficou tão comovido com a experiência que desistiu do LSD, mudou seu nome para Ram Dass e se converteu ao misticismo.³⁰

E assim, tomar placebo pode bem produzir o mesmo efeito do que tomar a droga verdadeira, e tomar a droga verdadeira poderia não produzir nenhum efeito. Este estado confuso de coisas também foi demonstrado nos experimentos envolvendo anfetaminas. Num estudo, dez cobaias humanas foram colocadas em um de dois quartos. No primeiro quarto, se deu a nove uma anfetamina estimulante e ao décimo um barbitúrico provocador do sono. Ao passarem para o segundo quarto a situação se inverteu. Nos dois casos a única pessoa de fora se comportou exatamente como seus companheiros. No primeiro quarto, em vez de dormir, o único que tomou barbitúrico ficou animado e agitado e no segundo quarto o único que tomou anfetamina dormiu.³¹ Existe também um caso registrado de um homem viciado no estimulante Ritalin, cujo vício é então transferido para um placebo. Em outras palavras, o médico do homem o tornou capaz de evitar todos os desprazeres comuns da retirada do Ritalin substituindo secretamente sua prescrição por pílulas de açúcar. Infelizmente o homem então continuou manifestando vício ao placebo!³²

Tais eventos não estão limitados a situações experimentais. Os placebos também desempenham um papel em nossa vida cotidiana. A cafeína o mantém acordado à noite? Pesquisas mostraram que mesmo uma injeção de cafeína não mantém indivíduos sensíveis à cafeína acordados se eles acreditam que estão recebendo um sedativo.³³ Um antibiótico já ajudou você a superar um resfriado ou dor de garganta? Se sim, você estava experimentando o efeito placebo. Todos os resfriados são causados por vírus, assim como diversos tipos de dores de garganta, e os antibióticos só são eficazes contra infecções bacterianas, não infecções virais. Você já experimentou um efeito colateral desagradável depois de tomar uma medicação? Num estudo de um tranqüilizante chamado mefenesin, os pesquisadores acharam que 10 a 20 por cento dos cobaias do teste experimentaram efeitos colaterais — incluindo náusea, coceira e palpitações cardíacas — independente se tinham dado a eles a droga verdadeira ou um placebo.*³⁴ Do mesmo modo, num estudo recente de um novo tipo de quimioterapia, 30 por cento dos indivíduos no grupo *controle*, grupo ao qual foi dado placebos, perdeu o cabelo.³⁵ Assim, se você conhece alguém que está tomando quimioterapia, diga a ele para ser otimista em suas expectativas. A mente é uma coisa poderosa.

Além de nos oferecer um vislumbre deste poder, os placebos também dão apoio a uma abordagem mais holográfica para o entendimento da relação mente-corpo. Como a colunista de nutrição e saúde Jane Brody observa num

artigo no *New York Times*: "A eficácia dos placebos fornece um forte apoio à uma visão holística' do organismo humano, concepção que está recebendo cada vez mais atenção na pesquisa médica. Esta concepção diz que a mente e o corpo interagem continuamente e estão ligados muito intimamente para serem tratados como entidades separadas."³⁶

O efeito placebo também pode estar nos afetando de maneiras muito mais vastas do que percebemos, como fica evidenciado num mistério médico extremamente intrigante. Se você assistiu a um pouco de televisão no último ano mais ou menos, sem dúvida viu os repetidos depoimentos promovendo a capacidade da aspirina para diminuir o risco de ataque cardíaco. Existe uma grande quantidade de evidências convincentes para dar suporte a isto, caso contrário os censores de televisão, que são na verdade rigorosos defensores da exatidão quando se trata de propagandas envolvendo questões médicas, não permitiriam tal imagem no ar. Tudo isso é adequado e bom. O único problema é que a aspirina não parece ter o mesmo efeito sobre as pessoas na Inglaterra. Um estudo de seis anos de 5.139 médicos ingleses não revelou nenhuma evidência de que a aspirina reduz o risco de ataque cardíaco.³⁷ Existe uma falha na pesquisa de alguém ou é possível que a culpa seja de algum tipo de efeito placebo maciço? Seja qual for o caso, não deixe de acreditar nos benefícios profiláticos da aspirina. Ela ainda pode salvar sua vida.

* E claro que não estou, de maneira nenhuma, sugerindo que todos os efeitos colaterais de drogas são o resultado do efeito placebo. Se você experimentar uma reação negativa a uma droga, *sempre* consulte um médico.

As Implicações na Saúde da Personalidade Múltipla

Uma outra condição que ilustra graficamente o poder da mente de afetar o corpo é a doença de múltipla personalidade (DMP). Além de ter padrões de onda cerebral diferentes, as subpersonalidades de uma múltipla tem uma forte separação psicológica, uma da outra. Cada uma tem seu próprio nome, idade, memórias e capacidades. Muitas vezes, cada uma tem também seu próprio estilo de letra, histórico racial e cultural, sexo declarado, talentos artísticos, fluência em língua estrangeira e Q.I.

Ainda mais dignas de nota são as mudanças biológicas que ocorrem no corpo de uma múltipla quando muda de personalidade. Muitas vezes uma condição clínica possuída por uma personalidade desaparecerá misteriosamente quando outra personalidade assumir a direção. O dr. Bennet Braun, da Sociedade Internacional para o Estudo da Múltipla Personalidade, documentou um caso no qual todas as subpersonalidades de um paciente eram alérgicas a suco de laranja, menos uma. Se o homem bebia suco de laranja quando uma de suas personalidades alérgicas estava no controle, ele irrompia numa erupção de pele violenta. Mas, se ele mudava para sua personalidade não alérgica, a

erupção instantaneamente começava a desaparecer e ele podia beber suco de laranja à vontade.³⁸

A dra. Francine Howland, uma psiquiatra de Yale que se especializou no tratamento das múltiplas, relata um incidente ainda mais surpreendente envolvendo a reação de um múltiplo à picada de vespa. Na ocasião em questão, o homem apareceu para a consulta marcada com Howland com o olho completamente fechado de inchaço pela picada de uma vespa. Percebendo que ele precisava de cuidados médicos, Howland chamou um oftalmologista. Infelizmente, o mais depressa que o oftalmologista podia ver o homem era uma hora mais tarde e, porque o homem estava com muita dor, Howland resolveu tentar algo. Assim que aquela personalidade saiu, uma das substitutas do homem era uma "personalidade anestésica", que não sentia absolutamente nenhuma dor. Howland fez a personalidade anestésica assumir o controle do corpo e a dor acabou. Mas algo a mais aconteceu também. Na hora em que o homem chegou para sua consulta com o oftalmologista, o inchaço tinha ido embora e o olho tinha voltado ao normal. Não vendo nenhuma necessidade de tratá-lo, o oftalmologista o mandou para casa.

Depois de um tempo, porém, a personalidade anestésica abandonou o controle do corpo e a personalidade original do homem voltou, juntamente com a dor e com o inchaço da picada de vespa. No dia seguinte, ele foi novamente ao oftalmologista para finalmente ser tratado. Nem Howland nem seu paciente tinham dito ao oftalmologista que o homem era um múltiplo e depois de tratá-lo, o oftalmologista telefonou para Howland. "Ele pensou que o tempo estava lhe pregando peças." Howland riu. "Ele só queria ter certeza que eu tinha telefonado para ele no dia anterior e que não tinha imaginado aquilo."³⁹

Alergias não são as únicas coisas que os múltiplos podem ligar e desligar. Se havia alguma dúvida quanto ao controle que a mente inconsciente tem sobre os efeitos das drogas, foi banido pela magia da múltipla personalidade. Ao mudar de personalidade, um múltiplo que está bêbado pode ficar sóbrio instantaneamente. Personalidades diferentes também respondem de maneira diferente a diferentes drogas. Braun registra um caso no qual 5 miligramas de diazepam, um tranqüilizante, sedaram uma personalidade, enquanto 100 miligramas tiveram pouco ou nenhum efeito em outra. Muitas vezes uma ou várias das personalidades de uma múltipla são crianças e, se é dada a uma personalidade adulta uma droga e então a personalidade da criança aparece, a dose de adulto pode ser excessiva para a criança e resultar numa superdose. Também é difícil anestesiá-las algumas múltiplas e existem relatos de múltiplas acordando sobre a mesa de operação depois que uma de suas subpersonalidades "não anestesiáveis" assumiu o controle.

Outras condições que podem variar de uma personalidade para outra incluem cicatrizes, marcas de queimadura, cistos e domínio da mão esquerda e direita. A acuidade visual pode diferir e algumas múltiplas têm que carregar

dois ou três pares de óculos diferentes para se acomodar às suas personalidades que mudam. Uma personalidade pode ser cega para cores e outra não e até a cor dos olhos pode mudar. Existem casos de mulheres que têm dois ou três períodos menstruais a cada mês, porque cada uma de suas subpersonalidades tem seu próprio ciclo. O fonoaudiólogo Christy Ludlow descobriu que o padrão de voz para cada uma das personalidades de uma múltipla é diferente, uma façanha que requer uma mudança psicológica tão profunda que mesmo o mais aperfeiçoado ator não pode alterar a voz o bastante a ponto de disfarçar seu padrão de voz.⁴⁰ Uma múltipla, admitida num hospital para diabetes, confundiu seus médicos não mostrando nenhum sintoma quando uma de suas personalidades não diabéticas estava no controle.⁴¹ Existem relatos de epilepsia indo e vindo com as mudanças de personalidade, e o psicólogo Robert A. Phillips Jr. relata que mesmo tumores podem aparecer e desaparecer (embora não especifique que tipo de tumores).⁴²

As múltiplas também tendem a sarar mais depressa do que os indivíduos normais. Por exemplo, existem muitos casos registrados de cura de queimaduras de terceiro grau com rapidez extraordinária» Mais misterioso de tudo, pelo menos um pesquisador — a dra. Cornelia Wilbur, terapeuta cujo tratamento pioneiro de Sybil Dorsett foi retratado no livro *Sybil* — está convencida de que as múltiplas não envelhecem tão depressa quanto as outras pessoas.

Como essas coisas podem acontecer? Num recente simpósio sobre a síndrome de múltipla personalidade, uma múltipla chamada Cassandra forneceu uma resposta possível. Cassandra atribui sua própria capacidade de sarar rapidamente tanto a técnicas de visualização que pratica como a algo que ela chama de *processo paralelo*. Como explica, mesmo quando suas personalidades substitutas não estão no controle de seu corpo, ainda estão conscientes. Isto a capacita a "pensar" numa infinidade de canais diferentes ao mesmo tempo, fazer coisas como trabalhar em várias palavras no papel simultaneamente, e até "dormir" enquanto as outras personalidades preparam seu jantar e limpam a casa.

Assim, enquanto a pessoa normal faz apenas exercícios imaginários de cura duas ou três vezes por dia, Cassandra as faz todo o tempo. Ela até tem uma subpersonalidade chamada Celese que tem conhecimento completo de anatomia e fisiologia e cuja única função é passar vinte e quatro horas do dia meditando e imaginando o bem-estar do corpo. De acordo com Cassandra, é esta atenção de tempo integral à sua saúde que dá a ela uma margem além da pessoa normal. Outras múltiplas fizeram afirmações semelhantes.⁴³

Somos profundamente apegados à inevitabilidade das coisas. Se temos visão ruim, acreditamos que teremos visão ruim por toda a vida, e se sofremos de diabetes não pensamos nem por um momento que nossa condição poderia desaparecer com uma mudança do humor ou do pensamento. Mas os

fenômenos de múltipla personalidade desafiam nossa crença e oferecem evidência a mais do quanto nossos estados psicológicos podem afetar a biologia do corpo. Se a psique de um indivíduo com DMP é um tipo de holograma de múltipla imagem, parece que o corpo também é e pode mudar de um estado biológico para outro tão rapidamente quanto o movimento rápido das cartas de um baralho.

Os sistemas de controle que devem estar em posição de responder por tais capacidades são estonteantes e fazem nossa capacidade de nos livrarmos de uma verruga parecer fraca. A reação alérgica à picada de vespa é um processo multifacetado e complexo e envolve a atividade organizada dos anticorpos, a produção de histamina, a dilatação e ruptura de vasos sanguíneos, a liberação excessiva de substâncias imunes e assim por diante. Que caminhos de influência desconhecida capacitam a mente de uma múltipla a congelar todos estes processos em seus rastros? Ou o que permite a elas suspender os efeitos do álcool e de outras drogas no sangue, ou ligar ou desligar o diabetes? No momento não sabemos e devemos nos consolar com um fato simples. Uma vez que uma múltipla passou por uma terapia e de alguma maneira ficou inteira outra vez, ainda pode fazer estas mudanças à vontade.⁴⁴ Isto sugere que em algum lugar de nossa psique *iodos* nós temos a capacidade de controlar estas coisas. E isto ainda não é tudo o que podemos fazer.

Gravidez, Transplantes de Órgãos e o Acesso ao Nível Genético

Como vimos, a simples crença diária também pode ter um efeito poderoso sobre o corpo. É claro que a maioria de nós não tem disciplina mental para controlar completamente nossas crenças (razão pela qual os médicos têm de usar placebos para nos enganar a ter acesso às forças curativas dentro de nós). Para recuperar este controle devemos em primeiro lugar entender os diferentes tipos de crenças que nos afetam, pois estas também 'oferecem sua janela própria e única a respeito da plasticidade da relação mente-corpo.

CRENÇAS CULTURAIS

Um tipo de crença é imposta a nós por nossa sociedade. Por exemplo, as pessoas das ilhas Trobriand nem-se livremente em relações sexuais antes do casamento, mas a gravidez pré-marital é vista com forte desagrado. Eles não usam nenhuma forma de contracepção e raramente ou nunca recorrem ao aborto. Ainda que a gravidez pré-matrimonial seja virtualmente desconhecida. Isto sugere que, por causa de suas crenças culturais, as mulheres solteiras inconscientemente evitam elas próprias de ficarem grávidas.⁴⁵ Existe evidência de que algo semelhante pode estar acontecendo em nossa própria cultura. Quase todo mundo conhece algum casal que tentou durante anos sem sucesso ter um filho. Finalmente adotam uma criança e pouco tempo depois a mulher

fica grávida. Outra vez isto sugere que, afinal, ter um filho capacita a mulher e/ou seu marido superar algum tipo de inibição que estava bloqueando os efeitos da fertilidade dele e dela.

Os medos que partilhamos com os outros membros de nossa cultura também podem nos afetar muito. No século 19, a tuberculose matou dez de cada mil pessoas, mas no início da década de 1880 o índice de mortalidade começou a cair. Por quê? Antes desta década ninguém sabia o que causava a tuberculose, o que dava a ela uma aura de mistério aterrador. Mas em 1882 o dr. Robert Koch fez a importante descoberta de que a tuberculose era provocada por uma bactéria. Uma vez que este conhecimento atingiu o público em geral, o índice de mortalidade caiu de 600 por 100 mil para 200 por 100 mil, apesar do fato de ter sido quase meio século antes de um tratamento eficaz por droga ser encontrado.⁴⁶

O medo aparentemente tem sido um fator importante nos índices de sucesso dos transplantes de órgãos também. Na década de 50 os transplantes de rim eram apenas uma possibilidade torturante. Então um médico de Chicago fez o que parecia ser um transplante bem-sucedido. Publicou seus achados e logo depois outros transplantes bem-sucedidos aconteceram por todo o mundo. Então, o primeiro transplante falhou. De fato, o médico descobriu que o rim na verdade tinha sido rejeitado desde o começo. Mas isto não importava. Uma vez que os receptores do transplante acreditaram que podiam sobreviver, sobreviveram, e os índices de sucesso se elevaram acima de todas as expectativas.⁴⁷

AS CRENÇAS QUE INCORPORAMOS EM NOSSAS ATITUDES

Um outro modo de a crença se manifestar em nossa vida é através de nossas atitudes. Estudos mostraram que a atitude que uma mãe grávida tem em relação a seu bebê, e a gravidez em geral, tem uma correlação direta com as complicações que ela experimentará durante o parto, assim como com os problemas clínicos que seu bebê recém-nascido terá depois de nascer.⁴⁸ Na verdade, na década passada uma avalanche de estudos surgiu demonstrando o efeito que nossas atitudes têm sobre uma infinidade de condições clínicas. As pessoas que tinham um índice alto nos testes destinados a medir hostilidade e agressão são sete vezes mais predispostas a morrer de problemas cardíacos do que pessoas que tinham índices baixos.⁴⁹ Mulheres casadas têm sistemas imunes mais fortes do que as mulheres separadas ou divorciadas e mulheres com casamentos *felizes* têm sistemas imunes ainda mais fortes.⁵⁰ Pessoas com AIDS que mostravam um espírito de luta viveram mais do que os indivíduos infectados por AIDS que têm uma atitude passiva.⁵¹ Pessoas com câncer também vivem mais tempo se conservam um espírito de luta.⁵² Os pessimistas têm mais resfriados do que os otimistas.⁵³ O estresse diminui a resposta

imune;⁵⁴ pessoas que acabaram de perder o cônjuge têm uma incidência maior de doença e enfermidade,⁵⁵ e assim por diante.

AS CRENÇAS QUE EXPRESSAMOS POR MEIO DO PODER DE NOSSA VONTADE

Os tipos de crença que examinamos até agora podem ser encarados amplamente como crenças passivas, crenças que permitimos que nossa cultura ou o estado normal de nossos pensamentos imponham a nós. A crença consciente na forma de uma vontade firme e inabalável poderá também ser usada para esculpir e controlar o corpo holográfico. Nos anos 70, Jack Schwarz, um autor e conferencista holandês, surpreendeu os pesquisadores dos laboratórios de todos os Estados Unidos com sua capacidade de controlar intencionalmente seus processos biológicos internos.

Em estudos conduzidos na Fundação Menninger, no Instituto de Neuropsiquiatria Langley Porter da Universidade da Califórnia, e outros, Schwarz causou espanto aos médicos cravando completamente enormes agulhas de veleiros de 15 centímetros em seus braços sem sangrar, sem vacilar e sem produzir ondas cerebrais beta (o tipo de ondas cerebrais normalmente produzidas quando uma pessoa está com dor). Mesmo quando as agulhas foram removidas, Schwarz ainda não sangrou e os buracos das picadas fecharam completamente. Além disso, Schwarz alterou os ritmos de suas ondas cerebrais à vontade, pôs cigarros acesos na pele sem se ferir e até levou carvão em brasa nas mãos de um lado para o outro. Ele afirma que adquiriu estas capacidades quando esteve num campo de concentração nazista e teve de aprender como controlar a dor a fim de resistir aos terríveis embates que suportou. Ele acredita que qualquer um pode aprender o controle voluntário de seu corpo e assim obter responsabilidade por sua própria saúde.⁵⁶

De forma bastante esquisita, em 1947 um outro holandês demonstrou capacidades semelhantes. O nome do homem era Mirin Dajo e em apresentações públicas no Teatro Corso em Zurique, deixou os espectadores atordoados. De maneira bem visível um assistente cravava uma lâmina de esgrima completamente em seu corpo, penetrando claramente os órgãos vitais, mas não causando a Dajo nenhuma dor ou sofrimento. Como Schwarz, quando a lâmina foi removida, Dajo não sangrou e apenas uma ligeira linha vermelha marcava o ponto onde a lâmina tinha entrado e saído.

A performance de Dajo se mostrou tão absolutamente impressionante para seu público que como consequência um espectador sofreu um ataque cardíaco e Dajo foi legalmente proibido de se apresentar em público. Porém, um médico suíço chamado Hans Naegeli-Osjord chegou a saber das supostas capacidades de Dajo e perguntou a ele se concordaria em se submeter a um exame científico. Dajo concordou e em 31 de maio de 1947 deu entrada no hospital cantonal de Zurique. Além do dr. Naegeli-Osjord, o dr. Werner

Brunner, chefe de cirurgia no hospital, também estava presente, assim como diversos outros médicos, estudantes e jornalistas. Dajo despiu o peito e se concentrou e então, estando de frente para o grupo, seu assistente cravou a lâmina através de seu corpo.

Como sempre, nenhum sangue jorrou e Dajo permaneceu completamente calmo. Mas ele era o único que estava sorrindo. O resto da multidão tinha virado pedra. Com toda certeza, os órgãos vitais de Dajo deviam estar seriamente prejudicados e sua boa saúde aparente era quase excessiva para os médicos agüentarem. Cheios de dúvida, perguntaram a Dajo se ele se submeteria a uma radiografia. Ele concordou e sem esforço aparente os acompanhou subindo a escada para a sala de raio X, com a lâmina ainda atravessada em seu abdome. A radiografia foi tirada e o resultado foi inegável. Dajo estava mesmo espetado. Finalmente, depois de vinte minutos que tinha sido trespassado, a lâmina foi removida, deixando apenas duas leves cicatrizes. Mais tarde, Dajo foi testado por cientistas em Basel e deixou mesmo os próprios cientistas atravessá-lo com a lâmina. O dr. Naegeli-Osjord posteriormente contou o caso inteiro ao físico alemão Alfred Stelter e Stelter registra isso em seu livro *A Cura Psi*.⁵⁷

Tais aspectos de controle supranormal não estão limitados ao holandeses. Nos anos 60 Gilbert Grosvenor, presidente da Sociedade National Geographic, sua mulher, Donna e um grupo de fotógrafos da *Geographic* visitou uma vila no Ceilão para testemunhar os supostos milagres de um milagreiro local chamado Mohotty. Parece que enquanto menino Mohotty rezou à divindade chamada Kataragama e prometeu que, se livrasse seu pai de um ataque mortal, ele, Mohotty, faria penitência anualmente em honra da divindade. O pai de Mohotty se curou e, fiel a sua palavra, todo ano Mohotty fez sua penitência.

Esta consistia de andar através do fogo e de brasas, perfurar as faces com espetos, fincar espetos nos braços desde o ombro até o pulso, fincar fundo grandes ganchos nas costas e puxar um enorme trenó em volta de um pátio com cordas amarradas aos ganchos. Como os Grosvenor depois relataram, os ganchos puxavam a carne das costas de Mohotty esticando muito, e novamente não havia nenhum sinal de sangue. Quando Mohotty acabava e os ganchos eram removidos, não havia mesmo nenhum sinal de ferimentos. O grupo da *Geographic* fotografou esta curiosa demonstração e publicou tanto as fotos como um relato do incidente na matéria de abril de 1966 do *National Geographic*.⁵

Em 1967 o *Scientific American* publicou uma reportagem sobre um rito anual semelhante na Índia. Neste caso, uma pessoa diferente era escolhida a cada ano pela comunidade local e, depois de uma generosa quantidade de cerimônia, dois ganchos grandes o bastante para suspender um flanco de boi eram enterrados nas costas da vítima. As cordas que eram puxadas através dos buracos dos ganchos eram amarradas ao pau-de-carga de um carro de boi e a

vítima era então pendurada em imensos arcos nos campos como uma oferenda sagrada aos deuses da fertilidade. Quando os ganchos eram removidos a vítima estava totalmente sem ferimentos, não havia nenhum sangue e literalmente nenhum sinal de qualquer furo na própria carne.⁵⁹

NOSSAS CRENÇAS INCONSCIENTES

Como vimos, se não somos afortunados o bastante para ter o autodomínio de um Dajo ou de um Mohotty, um outro modo de ter acesso à força criativa dentro de nós é passar por cima da grossa armadura de dúvida e ceticismo que existe em nossa mente consciente. Ser enganado com um placebo é um modo de realizar isto. A hipnose é outro. Como um cirurgião que abre e altera a condição de um órgão interno, um hipnoterapeuta hábil pode penetrar nossa psique e nos ajudar a mudar o tipo de crença mais importante de todas, nossas crenças inconscientes.

Inúmeros estudos demonstraram de modo irrefutável que sob hipnose uma pessoa pode influenciar processos em geral considerados inconscientes. Por exemplo, como uma múltipla, pessoas profundamente hipnotizadas podem controlar reações alérgicas, padrões de fluxo sanguíneo e miopia. Além disso, podem controlar o ritmo cardíaco, a dor, a temperatura corporal e até se livrarão de certas marcas de nascença. A hipnose também pode ser usada para realizar algo que, a seu próprio modo, é tão notável quanto não sofrer nenhum ferimento depois de ter uma lâmina ser fincada através do abdome.

Este algo envolve uma condição hereditária horivelmente deformante conhecida como doença de Brocq. As vítimas da doença de Brocq desenvolvem uma cobertura córnea, grossa, sobre a pele, que se parece com as escamas de um réptil. A pele pode se tornar tão endurecida e rígida que mesmo o mais leve movimento a fará quebrar e sangrar. Muitas das assim chamadas pessoas com pele de jacaré nas exposições de circos eram na verdade indivíduos com a doença de Brocq e, por causa do risco de infecção, as vítimas da doença de Brocq costumavam ter um tempo de vida relativamente curto.

A doença de Brocq era incurável até 1951 quando um jovem de 16 anos com um caso avançado de angústia foi encaminhado como último recurso a um hipnoterapeuta chamado A. A. Mason no Hospital Rainha Vitória em Londres. Mason descobriu que o menino era um bom paciente hipnótico e podia ser colocado facilmente num estado de transe profundo. Enquanto o menino estava em transe, Mason disse a ele que a doença de Brocq estava sarando e que logo acabaria. Cinco dias depois a camada escamosa que cobria o braço esquerdo do menino caiu, revelando uma pele saudável e macia embaixo. No final de dez dias o braço estava completamente normal. Mason e o menino continuaram a trabalhar sobre diferentes áreas do corpo até que toda a pele escamosa se foi. O menino permaneceu livre dos sintomas por pelo menos 5 anos, quando então Mason perdeu contato com ele.⁶⁰

Isto é extraordinário porque a doença de Brocq é uma condição genética e livrar-se dela envolve mais do que apenas controlar os processos autônomos, tais como padrões de fluxo sanguíneo e diversas células do sistema imune. Significa ter acesso ao nosso plano-mestre, ao nosso próprio programa DNA. Assim, pareceria que, quando temos acesso ao estrato certo de nossas crenças, nossa mente pode dominar até nossa composição genética.

AS CRENÇAS INCORPORADAS EM NOSSA FÉ

Talvez os tipos de crença mais poderosos de todos sejam aqueles que expressamos através da fé espiritual. Em 1962 um homem chamado Vittorio Michelli foi admitido no Hospital Militar de Verona, Itália, com um grande tumor canceroso do lado esquerdo do quadril (Figura 11). Seu prognóstico era tão terrível que ele foi mandado para casa sem tratamento e em dez meses seu quadril tinha se desintegrado completamente, deixando o osso superior da perna flutuando em nada mais do que uma massa de tecido mole. Ele estava, literalmente, caindo aos pedaços. Como último recurso ele viajou para Lourdes e foi banhado na fonte (nesta época ele estava num molde de gesso e seus movimentos eram muito restritos). Imediatamente ao entrar na água ele teve uma sensação de calor se movendo através de seu corpo. Depois do banho, seu apetite voltou e ele sentiu energia renovada. Ele tomou vários banhos e então voltou para casa. Durante o mês seguinte ele sentiu uma crescente sensação de bem-estar tão grande que insistiu que seus médicos o radiografassem outra vez. Descobriram que seu tumor estava menor. Eles ficaram tão intrigados que documentaram cada passo desta melhora. Foi uma coisa boa porque, depois que o tumor de Michelli desapareceu, seu osso começou a se regenerar e a comunidade médica em geral encara isso como uma impossibilidade. Dentro de dois meses ele estava de pé e andando outra vez, e durante os vários anos seguintes seu osso se reconstruiu completamente (Figura 12).



Figura 11. Radiografia de 1962, mostrando o grau em que o osso do quadril de Vittorio Michelli se desintegrou, como resultado de um sarcoma maligno. Sobrou tão pouco osso que a cabeça do fêmur ficou flutuando numa massa de tecido mole, apresentado como uma nuvem cinzenta na chapa de raio X.

Um dossiê sobre o caso de Michelli foi enviado à Comissão Médica do Vaticano, uma equipe internacional de médicos fundada para investigar tais assuntos, e depois de examinar a evidência, a comissão decidiu que Michelli tinha na verdade vivenciado um milagre. Como a comissão afirmou em seu relato oficial: "Uma reconstrução notável do osso ilíaco e da cavidade aconteceu. Os raios X feitos em 1964, 1965, 1968 e 1969 confirmam categoricamente e sem dúvida que uma reconstrução óssea inesperada e até violenta aconteceu de uma forma desconhecida nos anais da medicina mundial".* ⁶¹

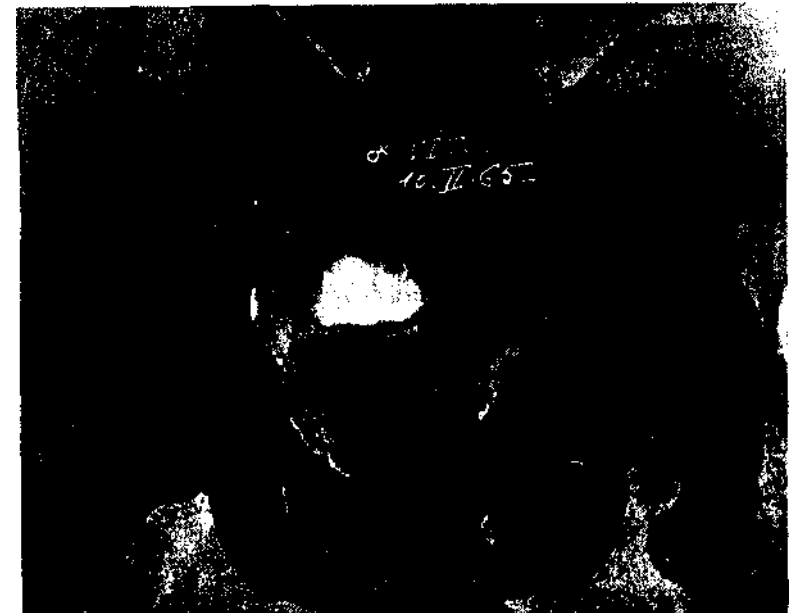


Figura 12. Depois de uma série de banhos na fonte de Lourdes, Michelli experimentou uma cura milagrosa. O osso de seu quadril se regenerou completamente no decorrer de vários meses, um feito habitualmente considerado impossível pela ciência médica. Esta radiografia, de 1965, mostra sua junta do quadril milagrosamente reconstituída. (Fonte: Michel-Marie Sal-mon, *A Cura Extraordinária de Vittorio Michelli*. Usado sob permissão.)

A cura de Michelli foi um milagre no sentido de que violou quaisquer das leis da física conhecidas? Apesar de o júri permanecer de fora sobre esta questão, parece não haver nenhuma razão definida para acreditar que qualquer lei foi violada. A cura de Michelli pode simplesmente ser devida a processos naturais que

ainda não entendemos. Dado o âmbito extraordinário de capacidades de cura que consideramos até agora, é claro que existem muitos caminhos de interação entre a mente e o corpo que ainda não entendemos.

Se a cura de Michelli foi atribuída a um processo natural não descoberto, poderíamos perguntar então, Por que a regeneração do osso é tão rara e o que a disparou no caso de Michelli? Pode ser que a regeneração óssea seja rara porque consegui-la requer o acesso de níveis muito profundos da psique, níveis em geral não alcançados por meio das atividades normais da consciência. Esta parece ser a razão pela qual a hipnose é necessária para realizar uma remissão da doença de Brocq. Quanto ao que disparou a cura de Michelli, dado o papel que a crença desempenha em tantos exemplos de plasticidade mente-corpo, esta é com certeza um suspeito fundamental. Poderia ser que por meio de sua fé no poder da cura de Lourdes, de alguma forma Michelli, seja conscientemente ou por uma descoberta feliz, realizou ele sua própria cura?

Existe uma forte evidência de que a crença, e não a intervenção divina, é a causa principal em pelo menos algumas das assim chamadas ocorrências miraculosas. Lembre-se de que Mohotty conseguiu seu autocontrole supranormal ao rezar para Kataragama e, a menos que desejemos aceitar a existência de Kataragama, as capacidades de Mohotty parecem mais bem explicadas pela profunda e permanente *crença* dele de que estava divinamente protegido. O mesmo parece ser verdade em muitos milagres realizados por cristãos milagrosos e santos.

* Num exemplo realmente impressionante de sincronicidade, enquanto eu escrevia estas mesmas palavras chegou uma carta pelo correio me informando de que uma amiga que mora em Kauai, Havaí, e cujo quadril se desintegrara devido ao câncer também experimentara uma "inexplicável" e completa regeneração de seu osso. Os meios que ela empregou para efetuar sua recuperação foram quimioterapia, extensa meditação e exercícios de imaginação. A história de sua cura foi relatada nos jornais havaianos.

Um milagre cristão que parece ser gerado pelo poder da mente é o estigma. A maioria dos estudiosos da igreja concordam que São Francisco de Assis foi a primeira pessoa a manifestar espontaneamente os ferimentos da crucificação, mas após sua morte houve literalmente centenas de outros estigmáticos. Embora dois estigmáticos não apresentem o estigma exatamente do mesmo modo, todos têm uma coisa em comum. A partir de São Francisco, todos tiveram ferimentos nas mãos e nos pés que representam o lugar em que Cristo foi pregado no cruz. Isto não é o que alguém esperaria se o estigma fosse dado por Deus. Como afirma o parapsicólogo D. Scott Rogo, membro da faculdade de graduação na Universidade John F. Kennedy em Orinda, era um costume romano colocar os pregos atravessando os *pulsos* e restos de esqueletos provenientes do tempo de Cristo corroboram isso. Os pregos introduzidos nas mãos não poderiam suportar o peso de um corpo pendurado sobre uma cruz.⁶²

Por que São Francisco e todos os outros estigmáticos que vieram depois dele acreditam que os buracos de pregos passaram através das mãos? Porque este é o modo que os ferimentos foram retratados pelos artistas desde o século 18. Que a posição e mesmo o tamanho e a forma do estigma foi influenciado

pela arte é particularmente aparente no caso de um estigmático italiano chamado Gemma Galgani, que morreu em 1903. Os ferimentos de Gemma espelhavam exatamente o estigma de seu próprio crucifixo favorito.

Um outro pesquisador que acreditava que os estigmas são auto-induzidos era Herbert Thurston, um sacerdote inglês que escreveu diversos volumes sobre milagres. Em sua obra *Os Fenômenos Físicos do Misticismo*, publicada postumamente em 1952, ele fez uma lista das várias razões por que pensava ser o estigma um produto de auto-sugestão. O tamanho, forma e local dos estigmas variam de estigmático para estigmático, inconsistência que indica que não são derivados de uma origem comum, isto é, os ferimentos reais de Cristo. Uma comparação das visões experimentadas por diversos estigmáticos também mostra pouca consistência, sugerindo que não são o restabelecimento da crucificação histórica mas, ao contrário, produtos da própria mente dos estigmáticos. E talvez mais significativo de tudo, uma porcentagem surpreendentemente grande de estigmáticos sofrem de histeria, fato que Thurston interpretou como uma indicação a mais de que os estigmas são os efeitos colaterais de uma psique emocional anormal e volátil, e não necessariamente produto de um iluminado.⁶³ Em vista de tal evidência, é pouco querer saber que mesmo alguns dos membros mais liberais da liderança católica acredite que os estigmas são o produto de "contemplação mística", isto é, que eles são *criados* pela mente durante períodos de meditação intensa.

Se os estigmas são produtos de auto-sugestão, o âmbito de controle que a mente tem sobre o corpo holográfico pode ser expandido ainda mais. Como os ferimentos de Mohotty, os estigmas também podem sarar com impressionante rapidez. A plasticidade quase sem limites do corpo é mais evidenciada na capacidade de alguns estigmáticos de fazer crescer protuberâncias parecidas com pregos no meio de seus ferimentos. Outra vez, São Francisco foi o primeiro a demonstrar este fenômeno. De acordo com Tomás de Celano, testemunha ocular dos estigmas de São Francisco e também seu biógrafo: "Suas mãos e seus pés pareciam perfurados no meio por pregos. Estas marcas eram redondas no lado interno das mãos e alongadas do lado externo e alguns pedaços pequenos de carne eram vistos junto aos fins dos pregos curvados e afastados, que se projetavam do resto da carne".⁶⁴

Um outro contemporâneo de São Francisco, São Boaventura, também presenciou os estigmas do santo e disse que os pregos eram tão claramente definidos que alguém podia passar o dedo embaixo deles, dentro dos ferimentos. Apesar dos pregos de São Francisco parecerem compostos de carne endurecida e enegrecida, tinham uma outra qualidade semelhante ao prego. De acordo com Thomas de Celano, se um prego fosse pressionado sobre um lado, instantaneamente se projetaria do outro lado, exatarrimente como se fosse um prego real sendo deslizado para frente e para trás através do meio da mão!

Therese Neumann, a famosa estigmática bávara que morreu em 1962, também tinha tais protuberâncias semelhantes a pregos. Como os de São Francisco, eram aparentemente formados de pele endurecida. Eles foram totalmente examinados por diversos médicos e foram considerados como estruturas que passavam completamente através das mãos e os pés dela. Diferente dos ferimentos de São Francisco, que estavam continuamente abertos, os de Neumann abriam periodicamente e quando paravam de sangrar, um tecido macio semelhante à membrana rapidamente crescia sobre eles.

Outros estigmáticos demonstraram da mesma forma alterações profundas em seus corpos. O Padre Pio, famoso estigmático que morreu em 1968, tinha ferimentos cie estigmas que transpassavam completamente suas mãos. Um ferimento em seu flanco era tão profundo que os médicos que o examinaram tiveram medo de medi-lo, temendo prejudicar seus órgãos internos. A venerável Giovanna Maria Solimani, uma estigmática italiana do século 18, tinha ferimentos nas mãos, profundos o bastante para se colocar uma chave dentro. Como os ferimentos de todos os estigmáticos, os dela nunca se deterioraram, infectaram ou mesmo inflamaram. Uma outra estigmática do século 18, Santa Verônica Giuliani, abadessa num convento na Citta di Castello na Umbria, Itália, tinha um grande ferimento no flanco que *abria e fechava sob comando*.

Imagens Projetadas para Fora do Cérebro

O modelo holográfico despertou o interesse de pesquisadores na União Soviética, e dois psicólogos soviéticos, dr. Alexander P. Dubrov e dr. Veniamin N. Pushkin, escreveram extensamente sobre a idéia. Eles acreditam que a frequência das capacidades de processar do cérebro por si mesmas não provam a natureza holográfica das imagens e pensamentos na mente humana. Eles sugeriram, porém, o que podia constituir tal prova. Dubrov e Pushkin acreditam que, se um exemplo pudesse ser encontrado de que o cérebro projetou uma imagem para fora de si, a natureza holográfica da mente seria convincentemente demonstrada. Ou, para usar suas próprias palavras: "Registros de ej ecoes de estruturas psicológicas para fora do cérebro forneceriam evidência direta dos hologramas cerebrais".⁶⁵

De fato, Santa Verônica Giuliani parece fornecer tal evidência. Durante os últimos anos de sua vida ela se convenceu de que as imagens da Paixão — uma coroa de espinhos, três pregos, uma cruz e uma espada — tinham se tornado blazonados em seu coração. Ela pintou quadros destes e até anotou onde estavam localizados. Depois que morreu, uma autópsia revelou que os símbolos estavam na verdade impressos em seu coração, exatamente como ela os tinha retratado. Os dois médicos que realizaram a autópsia assinaram declarações sob juramento testemunhando seus achados.⁶⁶

Outros estigmáticos tiveram experiências semelhantes. Santa Teresa D'Avila teve uma visão de um anjo trespassando seu coração com uma espada e depois que morreu uma fissura profunda foi encontrada em seu coração. Este, com o ferimento da espada milagrosa ainda claramente visível, está agora em exposição como uma relíquia em Alba de Tormes, Espanha.⁶⁷ Uma estigmática francesa do século 19 chamada Marie-Julie Jahenny permaneceu vendo a imagem de uma flor em sua mente e finalmente a figura de uma flor apareceu sobre seu peito. Permaneceu lá vinte anos.⁶⁸ Tais capacidades não estão limitadas aos estigmáticos. Em 1913 uma menina de 12 anos da vila de Bussus-Bus-Suel, perto de Abbeville, França, foi manchete dos jornais quando se descobriu que ela podia comandar imagens conscientemente, tais como figuras de cachorros e cavalos, para aparecerem sobre seus braços, pernas e ombros. Ela também podia produzir palavras e quando alguém fazia a ela uma pergunta, a resposta aparecia instantaneamente em sua pele.⁶⁹

É claro que tais demonstrações são exemplos de ejeção de estruturas psicológicas para fora do cérebro. De fato, de alguma maneira os próprios estigmas, em especial aqueles nos quais a carne se transformou em protuberâncias semelhantes a pregos, são exemplos do cérebro projetando imagens para fora de si e imprimindo-as na argila suave do corpo holográfico. O dr. Michael Grosso, filósofo da Faculdade Estadual da Cidade de Jersey que escreveu extensamente sobre o assunto de milagres, também chegou a esta conclusão. Grosso, que viajou para a Itália para estudar os estigmas do padre Pio em primeira mão, afirma: "Uma das categorias em minha tentativa de analisar Padre Pio é dizer que ele tinha uma capacidade de transformar simbolicamente a realidade física. Em outras palavras, o nível de consciência em que ele estava operando capacitava-o transformar a realidade física à luz de certas idéias simbólicas. Por exemplo, ele se identificou com os ferimentos da crucificação e seu corpo se tornou permeável àqueles símbolos psíquicos, assumindo gradualmente a forma deles."⁷⁰

Assim, parece que por meio do uso de imagens, o cérebro pode dizer ao corpo o que fazer, inclusive dizer a ele para fazer mais imagens. Imagens fazendo imagens. Dois espelhos refletindo um ao outro infinitamente. Tal é a natureza da relação mente-corpo num universo holográfico.

As Leis Conhecidas e Desconhecidas

No início deste capítulo, eu disse que, em vez de examinar os diversos mecanismos que a mente usa para controlar o corpo, o capítulo seria destinado a explorar principalmente o âmbito deste controle. Fazendo isto, não tinha a intenção de negar ou diminuir a importância de tais mecanismos. Eles são cruciais para o nosso entendimento da relação mente-corpo e novas descobertas nessa área parecem surgir a cada dia.

Por exemplo, numa conferência recente sobre psiconeuroimunologia — uma ciência nova que estuda o modo que a mente (psico), o sistema nervoso (neuro) e o sistema imune (imunologia) interagem — a chefe de bioquímica cerebral no Instituto Nacional de Saúde Mental, Candace Pert, declarou que as células imunes têm receptores neuropeptídeos. Os neuropeptídeos são moléculas que o cérebro usa para se comunicar, os telegramas do cérebro, se você quiser. Houve um tempo, quando se acreditava que os neuropeptídeos só podiam ser encontrados no cérebro. Mas a existência de receptores (destinatários do telegrama) nas células de nosso sistema imune implica que o sistema imune não está separado do cérebro mas é uma extensão dele. Os neuropeptídeos também foram encontrados em outras diversas partes do corpo, levando Pert a admitir que ela não podia mais falar onde o cérebro termina e onde o corpo começa.⁷¹

Excluí tais particularidades, não só porque senti que examinar o quanto a mente pode formar e controlar o corpo fosse mais relevante para a presente discussão, mas também porque os processos biológicos responsáveis pelas interações mente-corpo são muito vastos para o interesse deste livro. No início da seção sobre milagres, eu disse que não havia nenhuma razão definida para acreditar que a regeneração óssea de Michelli não pudesse ser explicada por nosso atual entendimento da física. Isto é menos verdade para os estigmas. Parece também não ser muito verdade para diversos fenômenos paranormais relatados por indivíduos crentes ao longo da história e em tempos recentes por diversos biólogos, físicos e outros pesquisadores.

Neste capítulo olhamos para coisas surpreendentes que a mente pode fazer e que, embora não totalmente entendidas, não parecem violar qualquer lei da física. No próximo capítulo olharemos para algumas coisas que a mente pode fazer que não podem ser explicadas por nossos atuais entendimentos científicos. Como veremos, a idéia holográfica pode lançar luz nestas áreas também. Aventurar-se nestes territórios envolverá muitas vezes lidar com o que poderia parecer, a princípio, andar num chão incerto e examinar fenômenos ainda mais atordoantes e inacreditáveis do que a rapidez da cura dos ferimentos de Mohotty e as imagens no coração de verônica Giuliani. Mas outra vez acharemos que, apesar de sua natureza assustadora, a ciência também está começando a fazer incursões nestes territórios.

Os Microssistemas de Acupuntura e o Homenzinho na Orelha

Antes de terminar, uma última evidência da natureza holográfica do corpo merece ser mencionada. A antiga arte chinesa da acupuntura está baseada na idéia que todo órgão e osso no corpo está ligado a pontos específicos sobre a superfície do corpo. Ao ativar estes pontos de acupuntura, tanto com agulhas como com alguma outra forma de estimulação, acredita-se que as doenças e

desequilíbrios que afetam as partes do corpo ligadas aos pontos podem ser aliviados e mesmo curados. Existem cerca de uma centena de pontos de acupuntura organizados em linhas imaginárias chamadas meridianos sobre a superfície do corpo. Embora ainda controversa, a acupuntura está ganhando aceitação na comunidade médica e tem sido usada com sucesso para tratar dores crônicas nas costas em cavalos de corrida.

Em 1957, um médico e acupunturista francês chamado Paul Nogier publicou um livro chamado *Tratado de Auriculoterapia*, no qual apresentava sua descoberta de que, além do sistema principal de acupuntura, existem dois sistemas de acupuntura menores em ambas as orelhas. Ele os cognominou de *microssistemas de acupuntura* e observou que, quando alguém desempenhava um tipo de jogo de ligar pontos com eles, estes formavam um mapa anatômico de um humano em miniatura, invertido como um feto (Figura 13). Desconhecido para Nogier, os chineses descobriram o "homenzinho na orelha" quase 4 mil anos antes, mas um mapa do sistema da orelha chinês não foi publicado senão depois que Nogier já tinha apresentado a idéia.

O homenzinho na orelha não só é uma parte atraente na história da acupuntura. O dr. Terry Oleson, um psicobiologista da Clínica de Manejo da Dor na Universidade da Califórnia na Faculdade de Medicina de Los Angeles, descobriu que o microssistema na orelha pode ser usado para diagnosticar com exatidão o que está se passando no corpo. Por exemplo, Oleson descobriu que a atividade elétrica aumentada em um dos pontos de acupuntura na orelha em geral indica uma condição patológica (tanto passada como presente) na área correspondente do corpo. Em um estudo, quarenta pacientes foram examinados para determinar as áreas de seu corpo onde experimentavam dor crônica. Depois do exame, cada paciente foi coberto com um lençol para esconder qualquer problema visível. Então um acupunturista sem nenhum conhecimento dos resultados examinou apenas suas orelhas.

1451^c (E)

Quadril (C)

Joelho (C) Pé (C)

Rins (C)

Órgãos Genitais Próstata

Bexiga Urinária Reto Rins (C)

Pâncreas, Vesícula Biliar Intestinos Delgado e Grosso Estômago Esôfago Garganta

Fígado

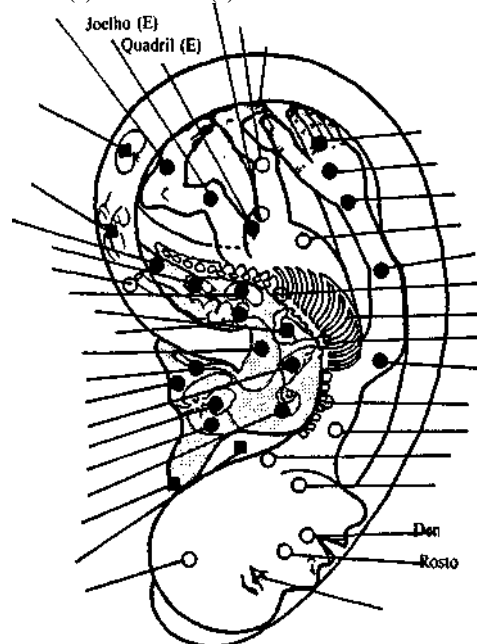
Coração

Pulmões

Baço

Glândula Pituitária, Hormônios Endócrinos

Tálamo (E) Córtex Cerebral (E)



Dedos da mão Mão Pulso Abdome

Cotovelo Parte inferior das Costas Tórax

Parte Superior das Costas Ombro

Nuca

Garganta Parte Posterior da Cabeça

Mandíbula, Região da ATM (Articulação Temporal-mandibular)

ites

Olhos

C = Sistema Chinês de Acupuntura da Orelha E = Sistema Europeu de Auriculoterapia

Figura 13. O Homenzinho na Orelha. Os acupunturistas descobriram que os pontos de acupuntura na orelha formam o contorno de um ser humano em miniatura. O dr. Terry Oleson, psicólogo da Faculdade de Medicina da UCLA, acredita que é porque o corpo é um holograma e cada uma de suas partes contém uma imagem do todo. (Copyright do dr. Terry Oleson, Faculdade de Medicina, UCLA. Usado sob permissão.)

Quando os resultados foram registrados, descobriu-se que os exames nas orelhas estavam de acordo com os diagnósticos médicos estabelecidos 75,2 por cento das vezes.⁷²

Os exames da orelha também podem revelar problemas com os ossos e órgãos internos. Uma vez, quando Oleson estava de férias velejando com um conhecido, percebeu um sinal de pele anormalmente escamosa em uma das orelhas do homem. A partir de sua pesquisa, Oleson sabia que o ponto correspondia ao coração e sugeriu ao homem que ele devia fazer um exame cardíaco. O homem foi a seu médico no dia seguinte e descobriu que tinha um problema cardíaco que exigiu uma cirurgia imediata para abrir o coração.⁷³

Oleson também usa estimulação elétrica dos pontos de acupuntura na orelha para tratar dor crônica, problemas de peso, perda da audição e virtualmente todos os tipos de vício. Em um estudo de catorze indivíduos viciados em narcóticos, Oleson e seus colegas usaram a acupuntura da orelha para eliminar as necessidades da droga de doze deles, numa média de cinco dias e apenas com um mínimo de sintomas de abstinência.⁷⁴

Na verdade, a acupuntura da orelha tem se mostrado tão bem-sucedida ao realizar a desintoxicação narcótica rápida, que as clínicas tanto em Los Angeles como em Nova York estão agora usando a técnica para tratar viciados na rua.

Por que os pontos de acupuntura na orelha estariam alinhados na forma de um humano miniatura? Oleson acredita que é por causa da natureza holográfica da mente e do corpo. Assim como uma parte de um holograma contém a imagem do todo, cada parte do corpo também pode conter a imagem do todo. "A orelha holográfica está, logicamente, ligada ao cérebro holográfico, o qual está ligado a todo o corpo", ele afirma. "O modo que usamos a orelha para afetar o resto do corpo é operar secundariamente através do cérebro holográfico."⁷⁵

Oleson acredita que provavelmente existem microssistemas de acupuntura em outras partes do corpo também. O dr. Ralph Alan Dale, diretor do Centro de Educação de Acupuntura em North Miami Beach, Flórida, concorda. Depois de passar as duas últimas décadas indo ao encalço de dados clínicos e de pesquisa provenientes da China, Japão e Alemanha, ele acumulou evidências de dezoito hologramas de microacupuntura diferentes no corpo, incluindo alguns nas mãos, pés, braços, nariz, língua e mesmo nas gengivas. Como Oleson, Dale acha que estes microssistemas são "reinterações holográficas da anatomia total", e acredita que ainda existam outros sistemas destes esperando para serem descobertos. Numa noção remanescente da afirmação de Bohm, de que todo elétron de algum modo contém o cosmo, Dale levanta a hipótese de que cada dedo e mesmo cada célula pode conter seu próprio microssistema de acupuntura.⁷⁶

Richard Leviton, um editor que escreve na revista *East West*, e que escreveu sobre as implicações holográficas dos microssistemas de acupuntura,

acha que as técnicas médicas alternativas — tais como reflexologia, um tipo de massagem que envolve ter acesso a todos os pontos do corpo por meio da estimulação dos pés e a iridologia, uma técnica de diagnóstico que envolve examinar a íris do olho a fim de determinar a condição do corpo — também podem ser indicações da natureza holográfica do corpo. Leviton admite que nenhum campo foi experimentalmente justificado (estudos de iridologia, em particular, produziram resultados extremamente conflitantes) mas acha que a idéia holográfica oferece um modo de entendê-los se a legitimidade deles for estabelecida.

Leviton acha que até pode haver algo na quiromancia. Nisso ele não quer dizer o tipo de leitura de mão praticada por leitores de sorte, que se sentam em frente de bolas de cristal e acenam chamando as pessoas, mas a versão indiana da ciência de 4.500 anos. Ele baseia sua sugestão em seu próprio encontro profundo com um leitor de mãos indiano que mora em Montreal e que tem um doutorado sobre o assunto proveniente da Universidade Agra, Índia. "O paradigma holográfico fornece um contexto de validade às asserções mais esotéricas e controversas da quiromancia", diz Leviton.⁷⁷



Figura 14. Os neurologistas descobriram que os pacientes com mal de Alzheimer têm maior possibilidade de apresentar um tipo de impressão digital conhecido como *volta ulnar*. Pelo menos dez outras deficiências genéticas comuns também estão associadas com diversos padrões na mão. Tais descobertas podem fornecer evidências das afirmações do modelo holográfico de que toda parte do corpo contém informação sobre o todo. (Redesenhado pelo autor a partir da ilustração original na revista *Medicine*.)

É difícil avaliar o tipo de quiromancia praticado pelo leitor de mão indiano de Leviton na ausência de estudos duplos cegos, mas a ciência está começando a aceitar que pelo menos alguma informação sobre nosso corpo está contida nas linhas e vórtices de nossa mão. Herman Weinreb, um neurologista da Universidade de Nova York, descobriu que um padrão de impressão digital chamado de *volta ulnar* ocorre mais frequentemente em pacientes de Alzheimer do que nos que não sofrem da doença (Figura 14). Num estudo de cinquenta pacientes de Alzheimer e cinquenta pacientes normais, 7 por cento do grupo de Alzheimer tinha o padrão em pelo menos oito pontas dos dedos, comparados com apenas 26 por cento no grupo controle. Naqueles com laços

ulnares em todas as dez pontas de dedos, catorze sofriam de Alzheimer, mas somente quatro membros do grupo controle tinham o padrão.⁷⁸

Agora se sabe que dez incapacidades genéticas comuns, inclusive a síndrome de Down, estão também associadas com diversos padrões na mão. Os médicos na Alemanha Ocidental estão agora usando esta informação para analisar as impressões das mãos dos pais para ajudar a determinar se a mãe grávida deveria sofrer uma amniocentese, um procedimento de crivo genético potencialmente perigoso no qual uma agulha é inserida no útero para retirar o líquido amniótico para exame laboratorial.

Os pesquisadores do Instituto de Dermatoglífica em Hamburgo, Alemanha Ocidental, desenvolveram um sistema de computador que usa um explorador optoeletrônico para tirar uma "foto" digitada da mão de um paciente. Ele então compara a mão com outras 10 mil impressões em sua memória, examina-a com os quase cinquenta padrões diferentes agora conhecidos, para associá-lo com as diversas incapacidades hereditárias e calcula rapidamente os fatores de risco do paciente.⁷⁹ Assim, talvez não devamos ser tão rápidos em pôr de lado a quiromancia imediatamente. As linhas e vórtices em nossas palmas podem conter mais sobre nosso self total do que compreendemos.

Utilizando os Poderes do Cérebro Holográfico

Do começo ao fim deste capítulo duas mensagens principais surgem em alto e bom som. De acordo com o modelo holográfico, a mente-corpo, afinal, não pode distinguir entre os hologramas neurais que o cérebro usa para experimentar a realidade e aqueles que ela fax. aparecer enquanto imagina a realidade. Ambos têm um efeito impressionante sobre o organismo humano, um efeito tão poderoso que pode modular o sistema imune, duplicar ou negar os efeitos de drogas potentes, curar ferimentos com surpreendente rapidez, derreter tumores, anular nosso programa genético e formar de novo nossa carne viva de modos que quase desafiam a crença. Esta então é a primeira mensagem: que cada um de nós tem a capacidade, pelo menos em algum nível, de influenciar nossa saúde e controlar nossa forma física de modos que não são nada menos do que deslumbrantes. Somos todos fazedores de milagres em potencial, iogues adormecidos e fica claro a partir da evidência apresentada nas páginas anteriores que seria conveniente a nós, tanto como indivíduos como enquanto espécie, devotar uma grande quantidade de esforço a fim de explorar e aproveitar estes talentos.

A segunda mensagem é que os elementos que entram na feitura destes hologramas neurais são muitos e sutis. Eles incluem as imagens sobre as quais meditamos, nossos preconceitos inconscientes, nossas crenças culturais e individuais e nossa fé em coisas tanto espirituais como tecnológicas. Mais do que apenas fatos, existem importantes vestígios indicando caminhos que apontam na direção destas coisas das quais precisamos nos tornar cientes e

sobre as quais devemos adquirir domínio, se quisermos aprender como expandir e manipular estes talentos. Existem, sem dúvida, outros fatores envolvidos, outras influências que formam e circunscrevem estas habilidades, pois uma coisa deve estar óbvia agora. Num universo holográfico, universo no qual uma leve mudança de atitude pode significar a diferença entre vida e morte, no qual as coisas estão tão sutilmente interligadas que um sonho pode fazer surgir a inexplicável aparência de um escaravelho e os fatores responsáveis por uma doença também podem evocar um determinado padrão nas linhas e espirais da mão, temos razão de suspeitar que cada efeito tem numerosas causas. Cada ligação é um ponto de partida de muitas outras, pois nas palavras de Walt Whitman: "Uma vasta semelhança conecta tudo". •

UM PUNHADO DE MILAGRES

Os milagres acontecem não em oposição à Natureza, mas em oposição ao que conhecemos da Natureza.

— Santo Agostinho

A cada ano, em setembro e em maio, uma multidão imensa se reúne em Duomo San Genaro, a principal catedral de Nápoles, para testemunhar um milagre. O milagre envolve um pequeno frasco contendo uma substância de borra marrom que se supõe ser o sangue de São Genaro, ou São Januário, que foi decapitado pelo imperador romano Diocleciano em 305 da nossa era. De acordo com a lenda, depois que o santo foi martirizado uma mulher servicial juntou um pouco do seu sangue como relíquia. Ninguém sabe exatamente o que aconteceu depois disso, a não ser que o sangue não apareceu outra vez até o fim do século 13, quando foi escondido num relicário de prata na catedral.

O milagre é que duas vezes por ano, quando a multidão clama diante do frasco, a substância de borra marrom se transforma num líquido vermelho luminoso, borbulhante. Existem poucas dúvidas de que o líquido seja sangue verdadeiro. Em 1902, um grupo de cientistas da Universidade de Nápoles fez uma análise espectroscópica do líquido, passando um feixe de luz através dele, e verificou que era sangue. Infelizmente, porque o relicário que contém o sangue é tão velho e frágil, a igreja não permite que ele seja quebrado e aberto para que outros testes possam ser feitos e assim os fenômenos nunca foram completamente estudados.

Mas existe evidência adicional de que a transformação é mais do que um evento comum. Muitas vezes, ao longo de toda a história (o primeiro relato escrito de desempenho público do milagre data de antes de 1389), quando o frasco é trazido para fora, o sangue se recusa a se liquefazer. Embora raro, isto é considerado um mau presságio pelos cidadãos de Nápoles. No passado, o fracasso de um milagre precedeu diretamente a erupção do Vesúvio e a invasão

Napoleônica de Nápoles. Mais recentemente, em 1976 e 1978, pressagiu o pior tremor de terra na história da Itália e a eleição de um governo municipal comunista em Nápoles, respectivamente.

A liquefação do sangue de São Genaro é um milagre? Parece ser, pelo menos no sentido de que parece impossível explicar o fato pelas leis científicas conhecidas. A liquefação é causada pelo próprio São Genaro? Minha própria opinião é de que a causa mais provável seja a intensa devoção e crença das pessoas que testemunham o milagre. Digo isto porque quase todos os milagres realizados por santos e pessoas milagrosas das grandes religiões do mundo foram também repetidos por sensitivos. Isto sugere que, como com os estigmas, os milagres são produzidos por forças que se encontram no fundo da mente humana, forças que estão latentes em todos nós. Herbert Thurston, o sacerdote que escreveu *Os Fenômenos Físicos do Misticismo*, estava ele próprio ciente desta semelhança e relutava em atribuir qualquer milagre a uma causa verdadeiramente sobrenatural (visto que se opunha a uma causa mediúnica ou paranormal). Uma outra evidência sustentadora desta idéia é que muitos estigmáticos, incluindo o padre Pio e Therese Neumann, também eram famosos por suas capacidades mediúnicas.

Uma capacidade mediúnica que parece desempenhar um papel nos milagres é a psicocinese ou PK. Desde que o milagre de São Genaro envolve uma alteração física da matéria, a PK é certamente um provável suspeito. Rogo acredita que a PK também é responsável por alguns dos aspectos mais drásticos dos estigmas. Ele acha que está dentro das capacidades biológicas normais do corpo fazer pequenas artérias sanguíneas sob a pele rebentarem e produzirem sangramento superficial, mas só a PK pode responder pelo rápido aparecimento de grandes ferimentos.' Se isto é verdade ou não ainda precisa ser visto, mas a PK é claramente um fator em alguns dos fenômenos que acompanham os estigmas. Quando o sangue fluía dos ferimentos nos pés de Therese Neumann, sempre fluía em direção aos dedos — exatamente como teria fluído dos ferimentos de Cristo quando ele estava na cruz — independente de como estavam posicionados os pés dela. Isto queria dizer que quando ela estava sentada na cama com os pés para cima, o sangue na verdade fluía *para cima, contra a força da gravidade*. Isto foi observado por inúmeras testemunhas, incluindo muitos membros das Forças Armadas americanas, aquartelados na Alemanha depois da guerra, que visitavam Neumann para testemunhar suas capacidades miraculosas. Fluxos de sangue que desafiam a gravidade foram relatados em outros casos de estigmas também.²

Tais eventos nos deixam curiosos, porque nossa visão comum do mundo não nos fornece um contexto com o qual entender a PK. Bohm acredita que encarar o universo como um holomovimento nos fornece um contexto. Para explicar o que quer dizer ele nos pede para considerar a seguinte situação. Imagine que você está andando em uma rua tarde da noite e uma sombra de

repente aparece do nada. Seu primeiro pensamento poderia ser que a sombra é um assaltante e que você está em perigo. A informação contida neste pensamento irá, por sua vez, dar origem a uma variedade de atividades imaginárias tais como correr, ser ferido e lutar. A presença destas atividades imaginárias em sua mente, porém, *não* é um processo puramente "mental", pois eles são inseparáveis dos inúmeros processos biológicos, tais como excitação dos nervos, batimento cardíaco rápido, liberação de adrenalina e outros hormônios, tensão dos músculos e assim por diante. De modo inverso, se seu primeiro pensamento é de que a sombra é apenas uma sombra, um conjunto diferente de respostas biológicas e mentais se seguirão. Além disso, uma pequena reflexão revelará que reagimos tanto mental como biologicamente a todas as coisas que experimentamos.

De acordo com Bohm, o ponto importante a ser considerado a partir disto é que a consciência não é a única coisa que pode responder ao *significado*. O corpo também pode responder e isto revela que o significado está simultaneamente no mental e no físico na natureza. Isto é curioso, pois normalmente pensamos no significado como algo que só pode ter um efeito ativo na realidade subjetiva, sobre os pensamentos dentro de nossa cabeça, não algo que pode produzir uma resposta no mundo físico das coisas e objetos. O significado "pode, assim, servir como um elo ou ponte' entre estes dois lados da realidade", afirma Bohm. "Este elo é indivisível, no sentido de que a informação contida no pensamento, que sentimos estar no lado mental', é ao mesmo tempo uma atividade física, química e neurofisiológica, que é claramente o que representa este pensamento no lado material'." ³

Bohm acha que os exemplos de significado objetivamente ativo podem ser encontrados em outros processos físicos. Um é o funcionamento de um chip de computador. Um chip de computador contém informação, e o significado da informação é ativo no sentido que determina como as correntes elétricas fluem através do computador. Um outro é o comportamento das partículas subatômicas. A visão ortodoxa na física é de que as ondas quânticas agem mecanicamente sobre uma partícula, controlando seus movimentos quase do mesmo modo que as ondas do oceano poderiam controlar uma bola de pingue-pongue que flutua em sua superfície. Mas Bohm não acha que esta visão pode explicar, por exemplo, a dança coordenada de elétrons num plasma assim como o movimento da onda de água não poderia explicar um movimento igualmente bem coreografado de bolas de pingue-pongue, se um tal movimento fosse descoberto sobre a superfície do oceano. Ele acredita que a relação entre partícula e onda quântica é mais parecido com um navio sob piloto automático, guiado por ondas de radar. Uma onda quântica não empurra um elétron para lá e para cá assim como uma onda de radar não empurra um navio. Em vez disso, ela prove o elétron com *informação* sobre seu ambiente, a qual o elétron então utiliza para manobrar por si mesmo.

Em outras palavras, Bohm acredita que um elétron não é apenas semelhante à mente, mas é uma entidade altamente complexa, algo muito longe da visão padrão de que um elétron é um ponto simples, sem estrutura. A utilização ativa da informação pelos elétrons, e na verdade por todas as partículas subatômicas, indica que a capacidade de responder ao significado é uma característica não só da consciência mas da matéria. É esta comunhão intrínseca, diz Bohm, que oferece uma explicação possível para a PK. Ele afirma: "Nestas bases, a psicocinese poderia surgir se os processos mentais de uma ou mais pessoas estivessem enfocados em significados que estão em harmonia com aqueles que dirigem os processos dos sistemas materiais nos quais esta psicocinese fosse se realizar". ⁴

É importante notar que este tipo de psicocinese não se deveria a um processo causal, isto é, uma relação causa-efeito, envolvendo quaisquer das forças conhecidas na física. Na verdade, seria o resultado de um tipo de "ressonância de significados" não locais, ou um tipo de interação não local semelhante, mas não idêntica, à interconexão não local que permite que um par de fótons gêmeos se manifestem com o mesmo ângulo de polarização, que vimos no capítulo 2 (por razões técnicas Bohm acredita que a mera não-localidade quântica não pode responder nem pela PK nem pela telepatia e somente uma forma mais profunda de não localidade, um tipo de não localidade "super", ofereceria uma tal explicação).

O Gnomo na Máquina

Um outro pesquisador cujas idéias sobre a PK são parecidas com as de Bohm, mas que as levou um passo à frente, é Robert G. Jahn, professor de ciências aeroespaciais e deão emérito da Faculdade de Engenharia e Ciência Aplicada na Universidade de Princeton. O envolvimento de Jahn no estudo da PK aconteceu quase por acidente. Antigo consultor tanto da NASA como do Departamento de Defesa, seu campo de interesse original era a propulsão no espaço profundo. De fato, ele é o autor de *Física de Propulsão Elétrica*, o principal livro técnico na área, e não acreditava mesmo na paranormalidade, quando uma estudante se aproximou dele pela primeira vez e lhe pediu para supervisionar um experimento com PK que ela queria fazer como um projeto estudantil independente. Jahn concordou de maneira relutante e os resultados foram tão estimulantes que o inspiraram a fundar o laboratório de Pesquisas de Engenharias Anômalas Princeton (PEAR) em 1979. Desde então, os pesquisadores de PEAR não só produziram convincentes evidências da existência da PK, como reuniram mais dados sobre o assunto do que qualquer outra pessoa no país.

Em uma série de experimentos, Jahn e sua associada, a psicóloga Brenda Dunne, empregaram um aparelho chamado gerador de evento causal ou REG (*random event generator*). Ao confiar num processo natural imprevisto como

uma decomposição radioativa, um REG é capaz de produzir uma seqüência de números binários ao acaso. Uma tal seqüência pode aparecer assim: 1, 2, 1, 2, 2, 1, 1, 2, 1, 1, 1, 2, 1. Em outras palavras, um REG é um tipo de atirador de moedas automático capaz de produzir um número enorme de lançamentos de moedas num tempo muito curto. Como todo mundo sabe, se você arremessa uma moeda pesada com precisão mil vezes, a probabilidade é de você conseguir um lançamento de 50/50 do começo ao fim. Na realidade, fora de quaisquer lançamentos de moeda mil vezes, o lançamento pode variar um pouco em uma direção ou outra, mas quanto maior for o número de lançamentos, mais próximo de 50/50 o lançamento será.

O que Jahn e Dune fizeram foi colocar voluntários sentados em frente ao REG e concentrar-se para fazê-lo produzir um número anormalmente grande nos extremos. Ao longo de literalmente milhares de centenas de tentativas, eles descobriram que, apenas por meio da concentração, os voluntários tinham na verdade um efeito pequeno, mas estatisticamente significativo, sobre a produção do REG. Eles descobriram duas outras coisas também. A capacidade de produzir efeitos PK não estava limitada a uns poucos indivíduos dotados, mas estava presente na maioria dos voluntários que eles testaram. Isto sugere que a maioria de nós tem algum grau de PK. Eles descobriram também que diferentes voluntários produziam resultados diferentes e concretamente distintos, resultados que eram tão idiossincráticos que Jahn e Dune começaram a chamá-los de "assinaturas".⁵

Numa outra serie de experimentos, Jahn e Dunne empregaram um aparelho parecido com o *pinball* que permite que 9 mil bolas de gude, circulem em volta de 330 pinos de náilon e se distribuam em dezenove receptáculos coletores na base. O aparelho está contido numa armação vertical rasa de 3 metros de altura e 1,80 metro de largura, com um vidro transparente na frente, de forma que os voluntários podem ver as bolas de gude enquanto caem e se juntam nos receptáculos. Normalmente, caem mais bolas nos receptáculos centrais do que nos de fora e a distribuição total se parece com uma curva em forma de sino.

Como com o REG, Jahn e Dunne sentaram os voluntários em frente à máquina, tentando fazer mais bolas caírem nos receptáculos de fora do que nos centrais. Outra vez, durante o curso de um grande número de vezes, os operadores foram capazes de criar uma mudança pequena, mas mensurável, em onde as bolas caíam. Nos experimentos REG os voluntários apenas exerceram um efeito PK sobre processos microscópicos, a decomposição de uma substância radioativa, mas os experimentos com o *pinball* revelaram que os sujeitos do teste podiam utilizar a PK para influenciar os objetos do mundo cotidiano também. E mais, as "assinaturas" dos indivíduos que participaram dos experimentos REG surgiam outra vez nos experimentos com o *pinball*, sugerindo que as capacidades de PK de qualquer indivíduo dado permanece a

mesma de um experimento para outro, mas variam de indivíduo para indivíduo, exatamente como variam os talentos. Jahn e Dunne afirmam: "Enquanto pequenos segmentos destes resultados poderiam ser com razão desconsiderados por caírem muito perto do comportamento casual a ponto de justificar a revisão dos princípios científicos vigentes, tomados no todo, o conjunto inteiro estabelece uma aberração incontestável de proporções substanciais".⁶

Jahn e Dunne pensam que seus achados podem explicar a propensão que alguns indivíduos parecem ter de trazer má sorte à maquinaria e fazer o equipamento funcionar mal. Um desses indivíduos foi o físico Wolfgang Pauli, cujos talentos nesta área são tão lendários que os físicos apelidaram jocosamente de "efeito Pauli". Diz-se que a simples presença de Pauli num laboratório faria um aparelho de vidro explodir, ou um sensível aparelho de medição quebrar ao meio. Em um incidente especialmente famoso, um físico escreveu a Pauli para dizer que pelo menos ele não podia culpar Pauli pela recente e misteriosa desintegração de uma parte complicada do equipamento, já que Pauli não tinha estado presente, mas ficou sabendo que Pauli tinha passado pelo laboratório num trem no exato instante do desastre! Jahn e Dunne acham que o famoso "efeito gnomo", a tendência de partes de equipamentos cuidadosamente testados sofrerem um mau funcionamento inexplicável nos momentos mais absurdamente inoportunos, muitas vezes relatados por pilotos, tripulação de avião e operadores militares, também podem ser um exemplo da atividade PK inconsciente.

Se nossa mente pode se estender e alterar o movimento de uma cascata de bolas de gude ou o funcionamento de uma máquina, que estranha alquimia poderia responder por uma tal capacidade? Jahn e Dunne acreditam que, uma vez que todos os processos físicos conhecidos têm uma dualidade onda-partícula, não é irracional admitir que a consciência também faz isto. Quando é semelhante à partícula, a consciência pareceria estar localizada em nossa cabeça, mas em seu aspecto semelhante à onda, a consciência, como todos os fenômenos de onda, também poderia produzir efeitos de influência à distância. Eles acreditam que um destes efeitos de influência à distância é a PK.

Mas Jahn e Dunne não param aí. Eles acreditam que a realidade é, ela própria, o resultado do contato de superfícies entre os aspectos semelhantes à onda da consciência e os padrões de onda da matéria. Porém, como Bohm, eles não acreditam que a consciência ou o mundo material possa ser produtivamente representado em isolamento, ou mesmo que a PK possa ser pensada como a transmissão de algum tipo de força. "A mensagem pode ser mais sutil do que esta", diz Jahn. "Pode ser que tais conceitos sejam simplesmente inviáveis, que não possamos falar com proveito sobre um ambiente abstrato ou uma consciência abstrata. A única coisa que podemos experimentar é a interpenetração dos dois de algum modo."⁷

Se a PK não pode ser pensada como a transmissão de algum tipo de força, que terminologia poderia resumir melhor a interação da mente e da matéria? Numa opinião que é novamente semelhante à de Bohm, Jahn e Dunne propõem que a PK na verdade envolve uma troca de informação entre a consciência e a realidade física, uma troca que deveria ser pensada menos como um fluxo entre o mental e o material e mais como uma *ressonância* entre os dois. A importância da ressonância foi até percebida e comentada pelos voluntários dos experimentos de PK, no qual o fator mais frequentemente mencionado associado com uma realização bem-sucedida era a obtenção de uma sensação de "ressonância" com a máquina. Um voluntário descreveu a sensação como "um estado de imersão no processo, que leva a uma perda da consciência de mim mesmo. Não sinto qualquer controle direto sobre o aparelho, parece mais com uma influência marginal quando estou em ressonância com a máquina. É como estar numa canoa; quando ela vai onde eu quero, flutuo com ela. Quando ela não vai, tento quebrar o fluxo e dar a ela uma chance de voltar em ressonância comigo".⁸

As idéias de Jahn e Dunne são parecidas com as de Bohm de vários outros modos importantes. Como Bohm, eles acreditam que os conceitos que utilizamos para descrever a realidade — elétron, comprimento de onda, consciência, tempo, frequência — são úteis apenas como "categorias organizadoras de informações" e não têm nenhum *status* independente. Eles também acreditam que todas as teorias, incluindo a deles, são apenas metáforas. Embora não se identifiquem com o modelo holográfico (e a teoria deles realmente difere de fato do pensamento de Bohm de vários modos importantes) eles reconhecem a sobreposição. "No âmbito que estamos falando de uma confiança muito básica no comportamento mecânico da onda, existe algo em comum entre o que estamos postulando e a idéia holográfica", diz Jahn. "Isso dá à consciência a capacidade de funcionar num sentido mecânico de onda e portanto de se aproveitar, de um jeito ou de outro, de tudo no espaço e no tempo."⁹

Dunne concorda: "Num certo sentido o modelo holográfico poderia ser percebido ao endereçar o mecanismo onde quer que a consciência interaja com aquela onda muito sábia, nativa e mecânica e de alguma maneira orientar-se para convertê-la em informação útil. Num outro sentido, se você imagina que a consciência individual tem seus próprios padrões de onda característicos, você poderia encará-la — metaforicamente, é claro — como o laser de uma frequência específica que se cruza com um padrão específico no holograma cósmico".¹⁰

Como se poderia esperar, a obra de Jahn e Dunne foi recebida com considerável resistência pela comunidade científica ortodoxa, mas está ganhando aceitação em algumas regiões. Uma grande quantidade de fundos

da PEAR vem da Fundação McDonnell, criada por James S. McDonnell III, da Sociedade McDonnell Douglas, e o *New York Times* recentemente dedicou um artigo ao trabalho de Jahn e Dunne. Os próprios Jahn e Dunne continuam assustados pelo fato de que estão dedicando tanto tempo e esforço para explorar os parâmetros de um fenômeno considerado inexistente pela maioria de cientistas. Como Jahn afirma: "Meu sentido da importância deste tópico é muito mais elevada do que qualquer outra coisa em que eu já estive trabalhando".¹¹

A Psicocinese numa Escala Maior

Por enquanto, os efeitos produzidos em laboratório estão limitados a relativamente poucos objetos, mas a evidência sugere que alguns indivíduos podem utilizar a PK pelo menos para efetuar mudanças até maiores no mundo físico. O biólogo Lyall Watson, autor do *best seller*, *Supernatureza*, cientista que estudou os eventos para-normais por todo o mundo, encontrou um desses indivíduos enquanto visitava as Filipinas. O homem era um dos assim chamados terapeutas mediúnicos filipinos mas, em vez de tocar no paciente, tudo o que ele fazia era manter sua mão 30 centímetros acima do corpo da pessoa, apontar para a pele e uma incisão aparecia instantaneamente. Watson não só testemunhou várias exibições das habilidades cirúrgicas psicocinéticas do homem, como uma vez, quando o homem deu um impulso mais amplo do que o normal com o dedo, Watson recebeu uma incisão nas costas de sua própria mão. Ele tem a cicatriz até hoje.¹²

Existe evidência de que as habilidades de PK também podem ser usadas para curar ossos. Vários exemplos de tais curas são relatados pelo dr. Rex Gardner, um médico do Hospital Geral do Distrito de Sunderland na Inglaterra. Um aspecto interessante de um artigo de 1983 no *Jornal Médico Britânico* é que Gardner, um ávido investigador de milagres, apresenta curas milagrosas contemporâneas lado a lado com exemplos de curas virtualmente idênticas, reunidas pelo historiador e teólogo inglês do século 17, o Venerável Bede.

A cura dos dias atuais envolvia um grupo de freiras luteranas que viviam em Darmstadt, Alemanha. As freiras estavam construindo uma capela, quando uma das irmãs caiu num piso de cimento fresco sobre uma viga de madeira abaixo. Foi levada às pressas para o hospital, onde os raios X revelaram que ela tinha uma fratura pélvica complicada. Em vez de confiarem nas técnicas médicas comuns, as freiras permaneceram em vigília de oração durante toda a noite. Apesar da insistência dos médicos para que a irmã permanecesse em tração por muitas semanas, as freiras a levaram para casa dois dias depois e continuaram a rezar e fazer uma

vibração com as mãos. Para surpresa delas, imediatamente depois da vibração com as mãos, a irmã se levantou de sua cama sem a tormentosa dor da fratura e aparentemente curada. Levou apenas duas semanas para chegar à recuperação completa, depois dó que ela voltou ao hospital e se apresentou a seu médico, que a recebeu surpreso.¹³

Embora Gardner não tente responder por esta ou por qualquer das outras curas que discutiu em seu artigo, a PK parece uma explicação provável. Dado que a cura natural de uma fratura é um processo prolongado, e mesmo a regeneração milagrosa da pelve de Michelli levou vários meses, sugeriu-se que talvez as habilidades de PK inconscientes das freiras realizando a vibração com as mãos completaram a tarefa.

Gardner descreve uma cura semelhante que aconteceu no século 17 durante a construção da igreja de Hexham, Inglaterra, envolvendo São Wilfrid, então bispo de Hexham. Durante a construção da igreja um pedreiro chamado Bothelm caiu de uma grande altura, quebrando as duas pernas e os dois braços. Enquanto estava quase morrendo, Wilfrid rezou sobre ele e pediu que os outros trabalhadores se juntassem a ele. Eles o fizeram, "a respiração vital voltou" para Bothelm e ele sarou rapidamente. Desde que a cura aparentemente não aconteceu até que São Wilfrid pedisse aos outros trabalhadores que se juntassem a ele, pode-se perguntar se São Wilfrid foi o catalisador ou novamente se foi a PK inconsciente combinada do grupo inteiro?

O dr. William Tufts Brigham, curador do Museu Bishop em Honolulu e um notável botânico que dedicou muito de sua vida pessoal na investigação da paranormalidade, registrou um incidente no qual um osso quebrado foi curado instantaneamente por um xamã nativo do Havaí ou *kahuna*. O incidente foi testemunhado por um amigo de Brigham chamado J. A. K. Combs. A avó da mulher de Combs era considerada uma das mulheres *kahunas* mais poderosas nas ilhas e uma vez, quando compareceu a uma festa na casa da mulher, Combs observou suas habilidades em primeira mão.

Na ocasião em questão, um dos convidados escorregou e caiu na areia da praia, quebrando a perna tão seriamente que o osso fez pressão para fora da pele. Reconhecendo a seriedade da fratura, Combs recomendou que o homem fosse levado para o hospital imediatamente, mas a *kahuna* de idade avançada não ouviu nada disso. Ajoelhando-se ao lado do homem, ela endireitou sua perna e fez pressão sobre a área onde os ossos fraturados faziam pressão para fora, contra a pele. Depois de rezar e meditar durante vários minutos ela se levantou e comunicou que a cura estava terminada. O homem se levantou surpreendentemente, deu um passo e então outro. Estava completamente curado e sua perna não mostrava nenhum indício de fratura.¹⁴

A Psicocinese em Massa na França do Século 18

Incidentes tão irresistíveis, uma das mais surpreendentes manifestações de psicocinese e umas das mais notáveis demonstrações de eventos milagrosos já registrados, aconteceram em Paris na primeira metade do século 18. Os eventos centraram-se em torno de uma seita puritana de católicos de influência holandesa conhecida como os jansenistas e foram precipitados pela morte de um diácono jansenista santo e venerado chamado François de Paris. Embora poucas pessoas vivas hoje tenham ouvido falar dos milagres jansenistas, eles foram um dos eventos mais falados na Europa na maior parte do século.

Para entender completamente os milagres jansenistas é necessário saber um pouco sobre os eventos históricos que precederam a morte de François de Paris. O jansenismo foi fundado no início do século 17 e desde o início esteve em disputa tanto com a Igreja Católica Romana como com a monarquia francesa. Muitas das crenças divergiam nitidamente da doutrina padrão da igreja mas era um movimento popular e rapidamente ganhou seguidores entre a população francesa. O mais condenado de todos os movimentos religiosos, era visto tanto pelo papado como pelo rei Luís XV, um devoto católico, como um prolslantismo apenas mascarado de catolicismo. Como resultado, tanto a igreja como o rei manobravam constantemente para minar o poder do movimento. Um obstáculo a estas manobras, e um dos fatores que contribuiu para a popularidade do movimento, foi que os líderes do jansenismo pareciam especialmente capacitados na realização de curas milagrosas. Entretanto, a igreja e a monarquia persistiram, fazendo furiosos debates para enfurecer toda a França. Foi em 1º de maio de 1727, no auge desta luta de poder, que François de Paris morreu e foi enterrado num cemitério da paróquia de Saint-Médard, Paris.

Por causa da reputação de santidade do abade, adoradores começaram a se reunir em seu túmulo e desde o começo muitas curas milagrosas foram relatadas. As doenças assim curadas incluíam tumores cancerosos, paralisias, surdez, artrites, reumatismo, feridas ulcerosas, febres persistentes, hemorragias prolongadas e cegueira. Mas isto não era tudo. Os lamentadores também começavam a experimentar estranhos espasmos ou convulsões involuntários e a sofrer das mais espantosas contorções dos membros. Estas doenças repentinas se mostravam rapidamente contagiosas, espalhando-se como um ataque de surpresa, até que as ruas ficavam abarrotadas de homens, mulheres e crianças, todos se contorcendo e se debatendo como que tomados por um encantamento surrealista.

Foi enquanto estavam neste estado espasmódico parecido com o transe que os "convulsionários", como vieram a ser chamados, demonstravam o mais extraordinário de seus talentos. Um era a capacidade de suportar sem dor uma variedade quase inimaginável de torturas físicas. Estas incluíam açoitamentos violentos, pancadas tanto com objetos pesados como pontiagudos e

estrangulamento — *todos sem nenhum sinal de ferimento ou mesmo o mais leve traço de machucados ou contusões.*

O que faz estes eventos milagrosos tão únicos é que eram testemunhados literalmente por milhares de observadores. As reuniões enfiadas em volta do túmulo do Abade Paris não eram efêmeras de maneira nenhuma. O cemitério e as ruas dos arredores ficaram apinhadas dia e noite durante anos, e até duas décadas depois os milagres ainda estavam sendo relatados (para dar uma idéia da imensidão dos fenômenos, em 1733 mencionou-se em registros públicos que cerca de 3 mil voluntários eram necessários simplesmente para assistir os convulsionários e garantir, por exemplo, que as mulheres participantes não fossem expostas impudicamente durante suas doenças repentinas). Como resultado, as habilidades supranormais dos convulsionários vieram a ser uma célebre causa internacional e milhares de pessoas chegavam para vê-los, inclusive indivíduos provenientes de todos os estratos sociais e oficiais de todas as instituições governamentais, religiosas e educacionais imagináveis; numerosos relatos, tanto oficiais como não oficiais, dos milagres presenciados estão registrados nos documentos da época.

Além disso, muitas testemunhas, tais como os investigadores provenientes da Igreja Católica Romana, tinham investido interesse em refutar os milagres dos jansenistas, mas ainda partiam confirmando-os (a Igreja Católica Romana mais tarde remediou este embaraçoso estado de coisas admitindo que os milagres existiam mas eram obra do demônio, provando assim que os jansenistas eram pervertidos).

Um investigador, membro do Parlamento de Paris chamado Louis-Basile Carre de Montgeron, testemunhou milagres suficientes para encher quatro grossos volumes sobre o assunto, que publicou em 1737 sob o título de *A Verdade dos Milagres*. Na obra, ele fornecia inúmeros exemplos da aparente invulnerabilidade dos convulsionários à tortura. Em um exemplo, uma convulsionária de 20 anos chamada Jeanne Maulet se inclinava contra uma parede de pedra enquanto um voluntário da multidão, "um homem muito forte", desferia cem pancadas em seu abdome com um martelo de 13 quilos (os próprios convulsionários pediam para serem torturados porque diziam que isso os aliviava da tormentosa dor das convulsões). Para testar a força das pancadas, o próprio Montgeron então pegou o martelo e experimentou sobre a parede de pedra na qual a moça estava encostada. Ele escreveu: "Na vigésima quinta pancada a pedra sobre a qual bati, abalada pelas tentativas anteriores, de repente ficou frouxa e caiu do outro lado da parede, fazendo uma abertura de mais de 15 centímetros."¹⁵

Montgeron descreve um outro exemplo no qual uma convulsionária se curvou para trás num arco, de forma que a parte de baixo de suas costas ficou apoiada na "ponta pontiaguda de uma pequena estaca". Ela então pediu que uma pedra de 22 quilos atada a uma corda fosse levantada numa "altura

máxima" e que a deixassem cair com todo o peso sobre seu abdômen. A pedra foi levantada e a deixaram cair repetidas vezes, mas a mulher parecia completamente impassível a isso. Ela conservou sem esforço sua complicada posição, não sofrendo nenhuma dor ou ferimento, e saiu da provação sem nada além de uma marca sobre a pele das costas. Montgeron observou que, enquanto a provação estava acontecendo, ela permanecia gritando: "Bate mais forte, mais forte!"¹⁶

De fato, parece que nada podia machucar os convulsionários. Eles não podiam ser feridos pelas pancadas de barras de metal, correntes ou vigas. Os mais fortes dos homens não podiam estrangulá-los. Alguns eram crucificados e mais tarde não mostravam nenhum sinal de ferimentos.¹⁷ Mais estonteante de tudo, eles não podiam nem mesmo ser cortados ou perfurados com facas, espadas ou machados! Montgeron cita um incidente no qual a ponta afiada de uma verruma de ferro foi posta contra o abdome de uma convulsionária e então martelada com um martelo de forma tão violenta que parecia "que ia penetrar através da espinha e romper todas as entranhas". Mas isso não aconteceu, e a convulsionária mantinha uma "expressão de perfeito êxtase", chorando: "Oh, isto me faz bem! Coragem, irmão; bata duas vezes mais forte, se puder!"¹⁸

A invulnerabilidade não era o único talento que os jansenistas demonstravam durante seus ataques repentinos. Alguns se tornavam clarividentes e eram capazes de "perceber coisas ocultas". Outros podiam ler, mesmo quando seus olhos estavam fechados e vendados de forma apertada e exemplos de levitação foram relatados. Um dos levitadores, um abade chamado Bescherand de Montpellier, foi tão "violentamente suspenso no ar" durante suas convulsões, que mesmo quando as testemunhas tentavam abaixá-lo não conseguiam impedi-lo de subir acima do chão.¹⁹

Embora tenhamos todos esquecido os milagres dos jansenistas hoje em dia, eles estavam longe de serem ignorados pelos intelectuais da época. A sobrinha do matemático e filósofo Pascal obteve sucesso fazendo desaparecer uma grave úlcera no olho em horas como resultado do milagre de um jansenista. Quando o rei Luís XV tentou sem sucesso deter os convulsionários fechando o cemitério de Saint-Médard, Voltaire zombou: "Deus foi impedido, por ordem do rei, de operar qualquer milagre ali". E em seus *Ensaios Filosóficos* o filósofo escocês David Hume escreveu: "Certamente nunca houve um número tão grande de milagres atribuídos a uma pessoa quanto aqueles, que posteriormente se disse, foram feitos na França sobre o túmulo do Abade Paris. Muitos dos milagres foram imediatamente demonstrados no lugar, diante de juizes de inquestionável crédito e distinção, numa era erudita, e sobre o mais eminente teatro que há agora no mundo".

Como explicamos os milagres realizados pelos convulsionários? Apesar de Bohm estar disposto a considerar a possibilidade da PK e de outros fenômenos paranormais, prefere não especular sobre eventos específicos tais

como as habilidades dos jansenistas. Mas uma vez mais, se levamos a sério o depoimento de tantas testemunhas, a menos que estejamos dispostos a admitir que Deus favoreceu os católicos jansenistas sobre os romanos, a PK parece a explicação provável. Que algum tipo de funcionamento mediúnico estava envolvido é fortemente sugerido pelo aparecimento de outras habilidades mediúnicas, tal como a clarividência, durante os ataques repentinos. Além disso, já consideramos inúmeros exemplos onde a fé intensa e a histeria dispararam as forças mais profundas da mente e estas também estavam presentes em grande quantidade. De fato, em vez de serem produzidas por um indivíduo, os efeitos psicocinéticos podem ser criados pelo fervor e crença conjuntos de todos aqueles presentes, e isto poderia responder pelo vigor incomum das manifestações. Esta idéia não é nova. Nos anos 20, o grande psicólogo da Harvard William McDougall também sugeriu que os milagres religiosos podiam ser o resultado dos poderes mediúnicos coletivos de um grande número de adoradores.

A PK explicaria muitas das aparentes invulnerabilidades dos convulsionários. No caso de Jeanne Maulet se poderia argumentar que ela inconscientemente usou a PK para bloquear o efeito das pancadas de martelo. Se os convulsionários estavam utilizando inconscientemente a PK para ter controle sobre as correntes, vigas e facas e os detia em seus caminhos no exato instante do impacto, isso também explicaria por que estes objetos não deixavam marcas ou machucaduras. Da mesma forma, quando os indivíduos tentavam estrangular os jansenistas, talvez suas mãos fossem mantidas no lugar pela PK e embora eles pensassem que estavam apertando o corpo, estavam na verdade apenas apertando o nada.

Reprogramando o Projetor Cinematográfico Cósmico

A PK, porém, não explica cada aspecto da invulnerabilidade dos convulsionários. Existe a considerar o problema da inércia — a tendência de um objeto em movimento permanecer em movimento. Quando uma pedra de 23 quilos ou um pedaço de viga cai com estrépito, carrega consigo muita energia e, quando é parada em seu caminho, a energia tem que ir para algum lugar. Por exemplo, se uma pessoa vestindo uma armadura é golpeada por um martelo de 13 quilos, embora o metal da armadura possa desviar a pancada, a pessoa ainda estremece consideravelmente. No caso de Jeanne Maulet, parece que a energia de alguma forma transpassava seu corpo e era transferida para a parede atrás dela, pois como Montgeron observou, a pedra era "sacudida pelas tentativas". Mas no caso da mulher que ficava arqueada e sobre a qual a pedra de 23 quilos caía sobre o abdome, a questão é menos clara. Pergunta-se por que ela não era fincada no chão como uma argola de croquete, ou por que, quando eram golpeados com vigas, os convulsionários não morriam? Para onde a energia desviada ia?

Outra vez, a concepção holográfica da realidade fornece uma resposta possível. Como vimos, Bohm acredita que a consciência e a matéria são apenas aspectos diferentes de um mesmo algo fundamental, algo que tem sua origem na ordem implícita. Alguns pesquisadores acreditam que isto sugere que a consciência pode ser capaz de fazer muito mais do que realizar umas poucas mudanças psicocinéticas no mundo material. Por exemplo, Grof acredita que, se as ordens implícita e explícita são uma descrição exata da realidade, "é concebível que determinados estados de consciência incomuns pudessem mediar a experiência direta e a intervenção da ordem implícita. Seria então possível modificar os fenômenos no mundo objetivo ao influenciar a matriz geradora destes".²⁰ Colocado de um outro modo, além de mover objetos psicocineticamente para lá e para cá, a mente pode também ser capaz de atingir e reprogramar o projetor cinematográfico cósmico que criou aqueles objetos em primeiro lugar. Assim, não só as regras da natureza convencionalmente reconhecidas, como a inércia, poderiam ser completamente desviadas, como a mente poderia alterar e reformar o mundo material de modos muito mais drásticos do que até a psicocinese inclui.

Que esta ou alguma outra teoria possa ser verdadeira fica evidente numa habilidade supranormal mostrada por diversos indivíduos ao longo de toda a história: a invulnerabilidade ao fogo. Em seu livro *Os Fenômenos Físicos do Misticismo*, Thurston dá inúmeros exemplos de santos que tinham esta habilidade, sendo um dos mais famosos São Francisco de Paula. Este santo não só podia segurar brasas incandescentes nas mãos sem se machucar, como em suas audiências de canonização em 1519 oito testemunhas oculares testemunharam que o viram andar ileso através das chamas crepitantes de uma fornalha, para consertar uma de suas paredes quebradas.

O relato traz à mente a história de Shadrach, Meshach e Abednego, do Velho Testamento. Depois de capturar Jerusalém, o rei Nabucodonosor ordenou que todo mundo adorasse uma estátua de si próprio. Shadrach, Meshach e Abednego se recusaram, então Nabucodonosor ordenou que fossem atirados numa fornalha "tão quente" que as chamas queimaram até os homens que os jogaram nela. Porém, por causa de sua fé, eles sobreviveram incólumes ao fogo e saíram com os cabelos nem mesmo chamuscados, as roupas ilesas e sem nem o cheiro do fogo em si. Parece que os desafios à fé, como os que o rei Luís XV tentou impor sobre os jansenistas, produziu milagres em mais de uma ocasião.

Embora os kahunas do Havai não andem no meio de fornalhas crepitantes, existem relatos de que eles podem andar sobre lava quente sem se machucar. Brigham fala do encontro com três kahunas, que prometeram realizar o feito para ele se os seguisse numa longa viagem num carro de boi, para um escoamento de lava perto do Kilauea em erupção. Eles escolheram um escoamento de lava de 45 metros de largura que tinha esfriado o bastante para

suportar o seu peso, mas que estava tão quente, que sinais de incandescência ainda corriam em sua superfície. Enquanto Brigham olhava atentamente, os kahunas tiraram as sandálias e começaram a recitar as longas orações necessárias para protegê-los, enquanto andavam sobre a rocha derretida apenas endurecida.

Como se verificou, os kahunas tinham dito antes a Brigham que podiam conferir-lhe sua imunidade ao fogo, se quisesse acompanhá-los, e ele tinha corajosamente concordado. Mas assim que encarou o calor escaldante da lava, pensou duas e até três vezes. "No final das contas aconteceu que fiquei duro e me recusei a tirar as botas", Brigham escreveu em seu relato do incidente. Depois que terminaram de invocar os deuses, o kahuna mais velho correu até o fim sobre a lava e atravessou os 45 metros sem se machucar. Impressionado, mas ainda inflexível em não ir, Brigham ficou de pé para ver o próximo kahuna, só que foi empurrado e forçado a irromper numa corrida para evitar de cair de cara sobre a rocha incandescente.

E Brigham correu. Quando alcançou o chão mais acima do outro lado, descobriu que uma de suas botas tinha queimado completamente e que suas meias estavam no fogo. Mas, por milagre, seus pés estavam totalmente ilesos. Os kahunas também não sofreram nenhum ferimento e estavam rolando de rir do susto de Brigham. "Eu ri também", escreveu Brigham. "Nunca tinha ficado tão aliviado em toda minha vida e percebi que estava a salvo. Existe pouca coisa mais que eu possa falar dessa experiência. Tinha uma sensação de calor intenso no rosto e no corpo, mas quase nenhuma sensação nos pés."²¹

Os convulsionários também demonstravam muitas vezes completa imunidade ao fogo. Os dois mais famosos destes "salamandras humanos" — na idade média o termo *salamandra* se referia a um lagarto mitológico que acreditava-se viver no fogo — foram Marie Sonnet e Gabrielle Moler. Numa ocasião, e na presença de diversas testemunhas, inclusive Montgeron, Sonnet se esticou em duas cadeiras sobre um fogo ardente e permaneceu lá durante meia hora. Nem ela nem suas roupas mostraram qualquer efeito de dano. Num outro exemplo, ela se sentou com os pés num braseiro cheio de carvão em brasa. Como com Brigham, seus sapatos e meias queimaram completamente, mas os pés não se machucaram.²²

A proeza de Gabrielle Moler foi ainda mais estonteante. Além de ser impenetrável aos golpes de espadas e pancadas desferidas por uma pá, ela podia colocar a cabeça no meio do fogo crepitante e sair dali sem sofrer nenhum dano. Testemunhas oculares relataram que depois suas roupas ficavam tão quentes que mal podiam ser tocadas, ainda que seus cabelos, cílios e sobrancelhas não fossem senão chamuscados.²³ Sem dúvida ela era a grande diversão das festas.

Na verdade, os jansenistas não foram o primeiro movimento convulsionário na França. Em fins de 1600, quando o rei Luís XIV tentou

limpar o país dos impassíveis huguenotes protestantes, um grupo de antagonistas dos huguenotes no vale de Cévennes, conhecidos como os *camisards*, demonstravam capacidades parecidas. Num relato oficial enviado a Roma, um dos perseguidores, um prior chamado abade de Chayla, queixou-se de que não importava o que ele fizesse, não conseguia ferir os *camisards*. Quando ordenou que atirassem neles, as balas de mosquete foram encontradas achatadas entre as roupas e a pele deles. Quando fechava a mão deles sobre carvões em brasa, eles não se machucavam e quando os enrolava da cabeça aos pés com algodão embebido em óleo e os punha no fogo, não se queimavam.²⁴

Como se isto não fosse o suficiente, Claris, o líder dos *camisards*, ordenou que uma pira fosse construída e então subiu até o topo dela para proferir um discurso enlevado. Na presença de seiscentas testemunhas ele ordenou que a pira fosse acesa e continuou a discursar enquanto as chamas subiam sobre sua cabeça. Depois que a pira foi completamente consumida, Claris permaneceu ileso e sem nenhuma marca de fogo no cabelo ou nas roupas. O chefe das tropas francesas enviado para dominar os *camisards*, um coronel chamado Jean Cavalier, foi mais tarde exilado para a Inglaterra onde escreveu um livro sobre o evento em 1707, intitulado *Um Grito Que Vem do Deserto*.²⁵ Como aconteceu com o abade de Chayla, ele foi finalmente assassinado pelos *camisards* durante uma invasão vingativa. Diferente de alguns deles, ele não tinha nenhuma invulnerabilidade especial.²⁶

Existem literalmente centenas de relatos dignos de crédito de que a imunidade ao fogo existe. Relatou-se que, quando Bernadette de Lourdes estava em êxtase, também era impenetrável ao fogo. De acordo com testemunhas, numa ocasião sua mão caiu tão perto de uma vela acesa enquanto estava em transe, que as chamas lambiam seus dedos. Um dos indivíduos presentes era o dr. Dozous, medico municipal de Lourdes. Sagaz, Dozous cronometrou o evento e notou que se passaram dez minutos inteirinhos antes dela sair do transe e tirar a mão. Mais tarde ele escreveu: "Eu vi com meus próprios olhos. Mas juro, se alguém tivesse tentado me fazer acreditar numa história dessas, eu riria dele com desdém".²⁷

Em 7 de setembro de 1871, o *New York Herald* relatou que Nathan Coker, um ferreiro negro de idade avançada que morava em Easton, Maryland, podia segurar ferro em brasa sem se machucar. Na presença de um comitê que incluía diversos médicos, ele esquentou uma pá de ferro até ficar incandescente e então a colocou contra a sola dos pés até ela esfriar. Ele também lambeu o canto da pá incandescente e derramou chumbo derretido na boca, deixando-o passar entre os dentes e a gengiva até se solidificar. Depois de cada um desses feitos, os médicos o examinavam e não encontravam nenhum sinal de ferimento.²⁸

Durante uma viagem de caçada em 1927, nas montanhas do Tennessee, K. R. Wissen, um médico de Nova York, encontrou um menino de 12 anos que

era igualmente impenetrável. Wissen viu o menino segurar grilhões incandescentes saídos de uma lareira impunemente. O menino disse a Wissen que tinha descoberto sua capacidade por acaso, quando pegara uma ferradura incandescente na oficina de seu tio ferreiro.²⁹ O buraco de brasas incandescentes onde os Grosvenor viram Mohotty andar tinha 6 metros de comprimento e acusava 725 graus centígrados, nos termômetros do grupo da *National Geographic*. Na matéria de maio de 1959 do *Atlantic Monthly*, o dr. Leonard Feinberg da Universidade de Illinois relatou presenciar um outro ritual do Sri-Lanka de andar sobre o fogo, durante o qual os nativos carregavam potes de ferro incandescentes sobre a cabeça sem se machucar. Num artigo no *Psychiatric Quarterly*, o psiquiatra Berthold Schwarz relata assistir os pentecostais apalachianos segurarem nas mãos uma chama de acetileno sem se machucar,³⁰ e assim por diante.

As Leis da Física na Forma de Hábitos e Realidades Tanto Potenciais Como Reais

Assim como é difícil imaginar para onde a energia desviada vai, em alguns dos exemplos de PK que vimos, é igualmente difícil entender para onde a energia de um pote de ferro incandescente vai enquanto o pote está com o fundo sobre a pele da cabeça de um nativo do Sri-Lanka. Mas, se a consciência pode ser mediadora da ordem implícita diretamente, isso se torna um problema mais manejável. Novamente, em vez de resultar de alguma energia ou lei da física não descoberta (tal como algum tipo de campo de força isolante) que opera *dentro* da estrutura da realidade, resultaria da atividade num nível mais fundamental, envolvendo os processos que criam tanto o universo físico quanto as leis da física em primeiro lugar.

Olhando de um outro modo, a capacidade da consciência de mudar de uma realidade total para outra sugere que a lei geralmente inviolável de que *o fogo queima a carne humana* pode ser apenas um programa no computador cósmico, mas um programa que se repetiu tantas vezes que se tornou um dos hábitos da natureza. Como foi mencionado, de acordo com a idéia holográfica, a matéria também é um tipo de hábito e está constantemente renascendo a partir do implícito, assim como a forma de uma fonte é criada de novo a partir do constante fluxo de água que lhe dá forma. Peat refere-se ironicamente à natureza repetitiva deste processo, como uma das neuroses do universo. "Quando você tem uma neurose, tende a repetir, o mesmo padrão em sua vida, ou fazer a mesma ação, como se existisse uma memória construída e a coisa estivesse grudada nela", ele diz. "Tenho a tendência de pensar que coisas como cadeiras e mesas também são assim. Elas são um tipo de neurose material, uma repetição. Mas existe algo mais sutil acontecendo, um constante encobrimento e descobrimento. Nesse sentido, cadeiras e mesas são apenas hábitos nesse flu-

xo, mas o fluxo é a realidade, mesmo se temos a tendência de ver apenas o hábito."³¹

Na verdade, dado que o universo e as leis da física que o governam também são produtos deste fluxo, então também devem ser vistos como hábitos. É claro que são hábitos que estão profundamente enraizados no holomovimento, mas os talentos supranormais, tal como a imunidade ao fogo, indicam que, apesar de sua constância aparente, pelo menos algumas das regras que governam a realidade podem ser interrompidas. Isto quer dizer que as leis da física não estão assentadas na pedra, mas se parecem mais parecidas com os vórtices de Shainberg, redemoinho de um poder de inércia tão grande que estão como que fixados no holomovimento, como os nossos próprios hábitos e convicções profundamente defendidos estão fixados em nossos pensamentos.

A proposta de Grof, de que os estados alterados de consciência podem ser necessários para fazer tais mudanças no implícito, também é provada pela frequência com a qual a imunidade ao fogo está associada à fé intensa e ao fervor religioso. O padrão que começou a tomar forma no último capítulo continua e sua mensagem torna-se cada vez mais clara — quanto mais profundas e emocionalmente carregadas são nossas crenças, maiores as mudanças que podemos fazer, tanto em nosso corpo, como em nossa própria realidade.

Neste ponto, podemos perguntar: se a consciência pode fazer estas mudanças extraordinárias sob circunstâncias especiais, que papel ela desempenha na criação da nossa realidade cotidiana? As opiniões são extremamente variadas. Em conversa particular, Bohm admite acreditar que o universo é todo "pensamento" e que a realidade existe apenas no que pensamos,³² mas, de novo, ele prefere não especular a respeito de ocorrências milagrosas. Pribram é reticente da mesma forma ao comentar sobre eventos específicos, mas acredita que existam inúmeras realidades potenciais e que a consciência tem uma certa latitude na escolha de qual se manifesta. "Não acredito que alguma coisa se passe", ele diz, "mas existe um monte de mundos lá fora que não entendemos."³³

Depois de anos de experiências pioneiras com o miraculoso, Watson é mais corajoso. "Não tenho nenhuma dúvida de que a realidade é em grande parte uma construção da imaginação. Não estou falando como físico nuclear ou mesmo como alguém que está totalmente ciente do que se passa nas fronteiras desta disciplina, mas acho que temos a capacidade de mudar o mundo em volta de nós de maneiras totalmente fundamentais" (Watson, que uma vez ficou entusiasmado com a idéia holográfica, não está mais convencido de que *alguma* teoria vigente na física possa explicar adequadamente as capacidades supranormais da mente).³⁴

Gordon Globus, professor de psiquiatria e filosofia na Universidade da Califórnia em Irvine, tem uma concepção diferente, mas parecida. Globus acha

que a teoria holográfica está certa ao afirmar que a mente constrói a realidade concreta a partir da matéria-prima do implícito. Porém, ele também foi muito influenciado pelas experiências sobrenaturais agora famosas do antropólogo Carlos Castaneda com o índio xamã Yaqui, Don Juan. Em total contraste a Pribram, ele acredita que a ordem aparentemente inesgotável das "realidades separadas" que Castaneda experimentou sob a instrução de Don Juan — e na verdade até a ordem igualmente vasta de realidades que experimentamos durante os sonhos comuns — indicam que existe um número infinito de realidades potenciais encobertas no implícito. Além disso, porque os mecanismos holográficos que o cérebro utiliza para construir a realidade cotidiana são os mesmos que ele utiliza para construir nossos sonhos e as realidades que experimentamos durante estados alterados de consciência do tipo dos de Castaneda, ele acredita que todos os três tipos de realidade são fundamentalmente o mesmo.³⁵

A Consciência Cria as Partículas Subatômicas ou Não Cria as Partículas Subatômicas, Eis a Questão

Esta diferença de opinião indica uma vez mais que a teoria holográfica ainda é uma idéia em formação, nada diferente de uma ilha do Pacífico recém-formada, cuja atividade vulcânica a impede de ter praias claramente definidas. Embora alguns possam usar esta falta de consenso para criticá-la, deve-se lembrar que a teoria da evolução de Darwin, certamente uma das idéias mais bem-sucedidas e poderosas que a ciência já produziu, também está ainda num estado instável e os teóricos da evolução continuam a discutir seu âmbito, interpretação, mecanismos reguladores e ramificações.

A diferença de opinião também revela quão realmente complexos são os enigmas dos milagres. Jahn e Dunne oferecem ainda uma outra opinião sobre o papel que a consciência desempenha na criação da realidade cotidiana, a qual, apesar de ser diferente de uma das premissas básicas de Bohm, merece nossa atenção pela possível compreensão que oferece aos processos pelos quais os milagres se realizam.

Diferente de Bohm, Jahn e Dunne acreditam que as partículas subatômicas *não* têm uma realidade distinta, até que a consciência entra em cena. "Acho que já passamos há muito tempo do lugar de superioridade na física da energia, onde estamos examinando a estrutura de um universo passivo", afirma Jahn. "Acho que entramos no domínio onde a interação da consciência com o ambiente está acontecendo numa escala tão fundamental, que na verdade estamos criando a realidade, por qualquer definição razoável do termo."³⁶

Como foi mencionado, esta é a visão mantida pela maioria dos físicos. Porém, a posição de Jahn e Dunne difere da habitual de um modo importante. A maioria dos físicos rejeitaria a idéia de que a interação entre a consciência e

o mundo subatômico pode de algum modo ser usada para explicar a PK, não mencionando os milagres. De fato, a maioria dos físicos não só ignora quaisquer implicações que esta interação possa ter, como na verdade se comportam como se ela não existisse. "A maioria dos físicos desenvolve uma visão levemente esquizofrênica", diz o teórico quântico Fritz Rohrlich, da Universidade de Siracusa. "Por um lado, aceitam a interpretação-padrão da teoria quântica. Por outro, insistem na realidade dos sistemas quânticos, mesmo quando estes não são observados."³⁷

Esta bizarra atitude de não-vou-pensar-nisso-mesmo-quando-sei-que-isso-é-verdade impede muitos físicos até de considerar as implicações filosóficas dos achados mais inacreditáveis da física quântica. Como N. David Mermin, físico da Universidade Cornell, salienta, os físicos se incluem em três categorias: uma pequena minoria está preocupada com as implicações filosóficas; um segundo grupo tem elaboradas razões para não estar preocupado, mas sua explicação tende a "deixar o assunto escapar inteiramente"; e o terceiro grupo não tem nenhuma explicação elaborada mas também se recusa a dizer por que não está preocupado. "A opinião deles é incontestável", diz Mermin.³⁸

Jahn e Dunne não são tão tímidos. Eles acreditam que, em vez de descobrir partículas, os físicos na verdade podem *criá-las*. Como evidência, citam uma partícula atômica recentemente descoberta chamada *anomalon*, cujas propriedades variam de laboratório para laboratório. Imagine tendo um carro que tem uma cor e aspectos diferentes dependendo de quem o dirige! Isto é muito curioso e parece sugerir que uma realidade anômala depende de quem a encontra/cria.³⁹

Evidência parecida também pode ser encontrada numa outra partícula subatômica. Nos anos 30 Pauli propôs a existência de uma partícula sem massa chamada *neutrino* para resolver um problema saliente envolvendo a radioatividade. Durante anos o neutrino foi apenas uma idéia, mas então em 1957 os físicos descobriram a evidência de sua existência. No anos mais recentes, porém, os físicos compreenderam que, se o neutrino possuísse alguma massa, resolveria diversos problemas até mais espinhosos do que aquele que Pauli enfrentava e, veja, em 1980 a evidência começou a aparecer de que o neutrino tem uma massa pequena mas mensurável! Isto não é tudo. Como se verificou, somente os laboratórios na União Soviética descobriram neutrinos com massa. O laboratórios dos Estados Unidos não. Isto continuou sendo verdade durante a maior parte dos anos 80 e, embora outros laboratórios tenham agora duplicado os achados soviéticos, a situação ainda não está resolvida.⁴⁰

É possível que as diferentes propriedades mostradas pelos neutrinos se devam pelo menos em parte às expectativas distintas e tendências culturais diferentes dos físicos que as pesquisavam? Se é assim, um tal estado de coisas

suscita uma questão interessante. Se os físicos não descobrem o mundo subatômico mas o criam, por que algumas partículas, tais como os elétrons, parecem ter uma realidade estável independente de quem os observa? Em outras palavras, por que um estudante de física sem nenhum conhecimento de um elétron ainda descobre as mesmas características que um físico maduro?

Uma resposta possível é de que nossa percepção do mundo pode não estar baseada apenas na informação que recebemos por meio de nossos cinco sentidos. Tão fantástico como isso possa parecer, um exemplo muito bom pode contribuir para uma tal noção. Antes de explicar, gostaria de relatar uma ocorrência que testemunhei em meados dos anos 70. Meu pai tinha contratado um hipnotizador profissional para entreter um grupo de amigos em sua casa e convidou-me para comparecer ao evento. Depois de determinar rapidamente a suscetibilidade hipnótica dos vários indivíduos presentes, o hipnotizador escolheu um amigo de meu pai chamado Tom como cobaia. Esta era a primeira vez que Tom tinha encontrado o hipnotizador.

Tom provou ser um paciente de hipnose muito bom e em segundos o hipnotizador o tinha colocado num transe profundo. Ele então prosseguiu com os truques realizados por hipnotizadores de palco. Convenceu Tom de que havia uma girafa no recinto e Tom ficou boquiaberto de admiração. Disse a Tom que uma batata era na verdade uma maçã e Tom a comeu com gosto. Mas o ponto alto da noite foi quando ele disse a Tom que, quando ele saísse do transe, sua filha adolescente Laura, estaria completamente invisível para ele. Então, depois que Laura estava bem em frente à cadeira em que Tom estava sentado, o hipnotizador o despertou e perguntou a ele se podia vê-la.

Tom olhou em volta no recinto e seu olhar parecia perpassar sua filha que dava risadinhas. "Não" respondeu ele. O hipnotizador perguntou a Tom se tinha certeza, e novamente, apesar das risadas progressivas de Laura, ele respondeu que não. Então o hipnotizador ficou atrás de Laura, de forma que estava escondido da visão de Tom e puxou um objeto do bolso. Manteve o objeto cuidadosamente escondido, de forma que ninguém na sala podia vê-lo e pressionou-o cuidadosamente contra as costas de Laura. Ele pediu a Tom para identificar o objeto. Tom inclinou-se para frente como se olhasse fixamente através do abdome de Laura e disse que era um relógio. O hipnotizador acenou e perguntou se Tom podia ler a inscrição que estava no relógio. Tom olhou de soslaio como se esforçasse para decifrar o escrito e repetiu tanto o nome do dono do relógio (que aconteceu de ser uma pessoa desconhecida de qualquer um de nós no recinto) quanto a mensagem. O hipnotizador então revelou que o objeto era na verdade um relógio e o passou pelas pessoas da sala de forma que todo mundo pudesse ver que Tom tinha lido sua inscrição corretamente.

Quando conversei com Tom depois disso, ele me disse que sua filha tinha ficado absolutamente invisível para ele. Tudo o que tinha visto era o hipnotizador de pé segurando um relógio na palma da mão. Se o hipnotizador o

tivesse deixado sair sem contar a ele o que tinha acontecido, ele nunca teria sabido que não estava percebendo a realidade consensual normal.

É óbvio que a percepção de Tom do relógio não estava baseada na informação que ele recebia por meio dos seus cinco sentidos. De onde ele obtinha a informação? Uma explicação é que ele a estava obtendo telepaticamente a partir da mente de alguma outra pessoa, neste caso, a do hipnotizador. A capacidade de indivíduos hipnotizados "penetrarem" os sentidos de outra pessoa foi relatado por outros investigadores. O físico inglês Sir William Barrclt achou evidência do fenômeno numa série de experimentos com uma moça. Depois de hipnotizá-la, disse-lhe que «ela sentiria o gosto de tudo que ele sentisse. "Estando de pé atrás da moça, cujos olhos vendei com firmeza, peguei um pouco de sal e pus em minha boca; instantaneamente ela salivou e exclamou: Para que você está pondo sal em minha boca?" Então, experimentei açúcar; ela disse: Este é melhor'; perguntei a ela com que se parecia e ela disse: Doce'. Então mostarda, pimenta, gengibre etc foram experimentados; cada um era nomeado e aparentemente experimentado pela moça quando os punha em minha própria boca."⁴¹

Em seu livro *Experimentos de Influência a Distância* o fisiologista soviético Leonid Vasiliev cita um estudo alemão conduzido nos anos 50 que produziu achados semelhantes. Neste estudo, o sujeito hipnotizado não só sentiu o gosto, como piscou quando uma luz foi acesa nos olhos do hipnotizador, espirrou quando o hipnotizador cheirou amônia, ouviu o tique-taque de um relógio posto no ouvido do hipnotizador e experimentou dor quando o hipnotizador se cutucou com uma agulha — todos feitos numa maneira que a impedia de obter a informação por meio das sugestões sensoriais normais.⁴²

Nossa capacidade de penetrar os sentidos dos outros não é limitada aos estados hipnóticos. Numa famosa série de experimentos, os físicos Harold Puthoff e Russell Targ, do Instituto de Pesquisas Stanford, na Califórnia, acharam que exatamente todas as pessoas que testaram tinham a capacidade que eles chamaram de "visão remota", capacidade de descrever exatamente o que uma cobaia do teste à distância está vendo. Eles acharam que indivíduo após indivíduo podia ver remotamente simplesmente ao relaxamento e descrever qualquer imagem que lhe viesse à mente.⁴³ Os achados de Puthoff e Targ foram reproduzidos por vários laboratórios de todo o mundo, indicando que a visão remota provavelmente é uma capacidade latente espalhada em todos nós.

O laboratório de Pesquisas Anômalas Princeton também corroborou os achados de Puthoff e Targ. Num estudo, o próprio Jahn serviu como receptor e tentou perceber o que um colega estava observando em Paris, uma cidade que Jahn nunca tinha visitado. Além de ver uma rua agitada, a imagem de um cavaleiro de armadura veio à mente de Jahn. Mais tarde descobriu-se que o

emissor estava de pé à frente de um prédio do governo ornamentado com uma estátua de figuras históricas militares, uma das quais era um cavaleiro de armadura.⁴⁴

Assim, parece que estamos profundamente interligados uns com os outros ainda de um outro modo, uma situação que não é tão estranha num universo holográfico. Além disso, estas interligações se manifestam mesmo quando não estamos conscientemente cientes delas. Estudos mostraram que quando se dá um choque numa pessoa em um quarto, isto será registrado nas leituras poligráficas de uma pessoa num outro quarto.⁴⁵ Uma luz que pisca nos olhos de um sujeito testado será registrado nas leituras EEG de um sujeito testado isolado num outro quarto,⁴⁶ e até o volume de sangue do dedo de um sujeito testado muda — conforme foi medido por um pletismógrafo, um indicador do funcionamento do sistema nervoso autônomo — quando um "emissor" em um outro quarto encontra o nome de alguém que eles conhecem enquanto lêem uma lista composta principalmente de nomes desconhecidos de ambos.⁴⁷

Dado tanto a nossa profunda interligação como nossa capacidade de construir realidades inteiramente convincentes a partir de informação recebida por via desta interligação, tal como fez Tom, o que aconteceria se dois ou mais sujeitos hipnotizados tentassem construir a mesma realidade imaginária? De maneira intrigante, esta questão foi respondida num experimento conduzido por Charles Tart, um professor de psicologia no campus Davis da Universidade da Califórnia. Tart encontrou dois estudantes graduados, Anne e Bill, que podiam entrar em transe profundo e que eram também hábeis hipnotizadores natos. Ele fez Anne hipnotizar Bill e, depois que ele foi hipnotizado, fez Bill hipnotizá-la de volta. O raciocínio de Tart era que a harmonia já poderosa que existia entre hipnotizador e paciente seria fortalecida pela utilização deste procedimento incomum.

Ele estava certo, -Quando abriram os olhos neste estado mutuamente hipnotizado, tudo parecia cinzento. Porém, a qualidade cinzenta rapidamente cedeu lugar a cores vividas e luzes incandescentes, e em poucos minutos eles se achavam numa praia de uma beleza sobrenatural. A areia brilhava como diamantes, o mar estava repleto de enormes bolhas espumosas e brilhantes como champanhe e o contorno da costa tinha pedras translúcidas e cristalinas pulsando com luz interna. Embora Tart não pudesse ver o que Anne e Bill estavam vendo, do modo que eles estavam falando ele rapidamente compreendeu que *eles estavam vivenciando a mesma realidade alucinatória*.

É claro, isto ficou óbvio imediatamente para Anne e Bill e eles começaram a explorar seu mundo recém-encontrado, nadando no oceano e examinando as pedras cristalinas e brilhantes. Infelizmente para Tart, eles pararam de falar, ou pelo menos pararam de falar a partir da perspectiva de Tart. Quando perguntou a respeito do silêncio deles, eles disseram a ele que em seu mundo de sonho compartilhado eles *estavam* falando, um fenômeno que Tart

achou que envolvia algum tipo de comunicação paranormal entre os dois. Sessão após sessão Anne e Bill continuaram a construir diversas realidades, e todas eram tão reais, acessíveis aos cinco sentidos e concebidas de maneira dimensional quanto qualquer coisa que eles vivenciavam em seu estado desperto normal. De fato, Tart esclareceu que os mundos que Anne e Bill visitavam eram na verdade *mais* reais do que a pálida versão de realidade lunar, com a qual a maioria de nós se contenta. Como ele afirma, depois "que eles falaram sobre suas experiências um para o outro durante algum tempo, e acharam que estavam discutindo detalhes das experiências que tinham compartilhado na qual não havia nenhum estímulo verbal nos videoteipes, sentiram que deviam na verdade estar *nos* locais sobrenaturais que vivenciavam."⁴⁸

O mundo oceânico de Anne e Bill é o exemplo perfeito de uma realidade holográfica — um constructo tridimensional criado a partir da interligação, sustentada pelo fluxo da consciência, e no final das contas tão plástica quanto os processos pensados que a geraram. Esta plasticidade era evidente em muitas de suas características. Embora fosse tridimensional, seu espaço era mais flexível do que o espaço da realidade cotidiana e algumas vezes empregava uma elasticidade que Anne e Bill não tinham palavras para descrever. Ainda mais estranho, embora fossem obviamente muito hábeis ao esculpir um mundo compartilhado fora de si próprios, eles muitas vezes esqueciam de esculpir seus próprios corpos e existiam mais freqüentemente como nada mais do que rostos e cabeças. Como Anne relata, num ocasião quando Bill disse-lhe para dar a ele sua mão, "eu tive quase que fazer aparecer por mágica uma mão".⁴⁹

Como acabou este experimento em hipnose mútua? Lamentavelmente, a idéia de que estas visões espetaculares eram de alguma forma reais, talvez até mais reais do que a realidade cotidiana, amedrontou tanto Anne e Bill que eles ficaram cada vez mais nervosos a respeito do que estavam fazendo. Conseqüentemente pararam suas explorações e um deles, Bill, até desistiu inteiramente da hipnose.

A interligação extra-sensorial que permitiu a Anne e Bill construir sua realidade compartilhada quase pode ser vista como um tipo de efeito de campo entre eles, um "campo de realidade" se você quiser. Pode-se perguntar o que teria acontecido se o hipnotizador na casa de meu pai tivesse colocado a nós todos em um transe? À luz da evidência acima, existem muitas razões para acreditar que, se nossa harmonia fosse profunda o bastante, Laura ficaria invisível para todos nós. Teríamos construído um campo de realidade de um relógio, lido sua inscrição e teríamos nos convencido de que o que estávamos percebendo era real.

Se a consciência desempenha um papel na criação das partículas subatômicas, é possível que nossas observações do mundo subatômico sejam também campos de realidade de algum tipo? Se Jahn pode perceber um cavaleiro de armadura por meio dos sentidos de um amigo em Paris, não é mais

forçado acreditar que os físicos de todo o mundo estão inconscientemente se interligando uns com os outros e usando uma forma de hipnose mútua semelhante àquela utilizada pelos sujeitos de Tart para criar as características consensuais que eles observam num elétron? Esta possibilidade pode ser apoiada por um outro aspecto incomum da hipnose. Diferente de outros estados alterados da consciência, a hipnose não está associada a quaisquer padrões EEG incomuns. Fisiologicamente falando, o estado mental com o qual a hipnose mais se parece é nossa consciência desperta normal. Isto quer dizer que a consciência desperta normal é em si um tipo de hipnose, e estamos todos acessando constantemente campos de realidade?

O ganhador do Prêmio Nobel Josephson sugeriu que algo parecido com isso possa acontecer. Como Globus, ele leva a sério o trabalho de Castaneda e tentou relacioná-lo com a física quântica. Ele propõe que a realidade objetiva é criada a partir de memórias coletivas da espécie humana, enquanto eventos anormais, tais como aqueles vivenciados por Castaneda, são a manifestação da vontade individual.⁵⁰

A consciência humana pode não ser a única coisa que participa na criação dos campos de realidade. Experimentos de visão remota mostraram que as pessoas podem descrever exatamente locais distantes mesmo quando não existe nenhum observador humano presente nos locais.⁵¹ Da mesma forma, os sujeitos podem identificar o conteúdo de caixas seladas selecionadas ao acaso de um grupo de caixas seladas e cujos conteúdos sejam, portanto, totalmente desconhecidos.⁵² Isto quer dizer que podemos fazer mais do que apenas acessar os sentidos de outras pessoas. Podemos também acessar a própria realidade para obter informação. Bizarro como isto soa, não é tão estranho quando alguém se lembra que, num universo holográfico, a consciência impregna toda a matéria e o "significado" tem uma presença ativa tanto no mundo mental como físico.

Bohm acredita que a onipresença de significado fornece uma explicação possível tanto para a telepatia como para a visão remota. Ele acha que ambas podem na verdade ser apenas diferentes formas de psicocinese. Assim como a PK é uma ressonância de significados transmitidos de uma mente para um objeto, a telepatia pode ser vista como uma ressonância de significados transmitidos de uma mente para outra, diz Bohm. De maneira parecida, a visão remota pode ser encarada como uma ressonância de significados transmitidas de um objeto para uma mente. "Quando a harmonia ou ressonância de significados' é estabelecida, a ação opera nos dois modos, de forma que os significados' do sistema distante possam agir no observador para produzir um tipo de psicocinese inversa que transmitiria, no efeito, uma imagem daquele sistema para ele", ele afirma.⁵³

Jahn e Dunne têm uma opinião parecida. Embora acreditem que a realidade é estabelecida apenas na interligação de uma consciência com seu

ambiente, são muito liberais na forma como definem a consciência. No modo como a vêem, qualquer coisa capaz de gerar, receber, ou utilizar informação pode qualificar. Assim, animais, vírus, DNA, máquinas (artificialmente inteligentes e diferentes) e os assim chamados objetos não vivos podem todos ter as propriedades pré-requisitos para tomar parte na criação da realidade.⁵⁴

Se tais afirmações são verdadeiras, e podemos obter informação não só da mente de outros seres humanos mas do holograma vivo da própria realidade, a psicometria — a capacidade de obter informação sobre a história de um objeto simplesmente tocando-o — também seria explicada. Antes de ser inanimado, um tal objeto seria inundado com seu próprio tipo de consciência. Em vez de ser uma "coisa" que existe separadamente do universo, seria parte da interligação de todas as coisas — ligado aos pensamentos de cada pessoa que já entrou em contato com ele, ligado à consciência que perpassa cada animal e objeto que já se associou à sua existência, ligado por meio do implícito a seu próprio passado e ligado à mente de psicometrista que o segura.

Você Pode Obter Algo do Nada

Os físicos desempenham um papel na criação das partículas subatômicas? No presente, o enigma permanece insolúvel, mas nossa capacidade de nos interligarmos uns com os outros e criar por mágica realidades que são tão reais quanto nossa realidade desperta normal não é o único indício de que este pode ser o caso. Na verdade, a evidência dos milagres indica que nós apenas começamos a sondar nossos talentos nessa área. Considere a seguinte cura milagrosa relatada por Gardner. Em 1982 uma médica inglesa chamada Ruth Coggin, que trabalhava no Paquistão, recebeu a visita de uma mulher paquistanesa de 35 anos chamada Kamro. Kamro estava grávida de oito meses e na maior parte de sua gravidez tinha sofrido de sangramentos e de dor abdominal intermitente. Coggin recomendou que ela desse entrada no hospital imediatamente, mas Kamro se recusou. Entretanto, dois dias depois seu sangramento se agravou tanto que ela foi admitida numa base de emergência.

O exame de Coggin revelou que a perda de sangue de Kamro tinha sido "muito grande" e os pés e o abdome dela estavam patologicamente inchados. No dia seguinte Kamro teve "outra grande hemorragia" forçando Coggin a realizar uma cesariana. Assim que Coggin abriu o útero ainda mais uma quantidade copiosa de sangue escuro jorrou e continuou a jorrar em tão grande quantidade que ficou claro que Kamro não tinha nenhuma capacidade de coagular. Até a hora em que Coggin salvou a filha saudável de Kamro, "bacias fundas de sangue não coagulado" encheram sua cama e continuaram a jorrar de sua incisão. Coggin conseguiu obter 1 litro de sangue para fazer uma transfusão na mulher gravemente anêmica, mas não chegava nem perto do necessário para repor a perda estonteante. Sem nenhuma outra opção, Coggin recorreu à oração.

Ela escreve: "Rezamos com a paciente depois de explicar a ela sobre Jesus, em cujo nome rezamos por ela antes da operação, e que era um grande terapeuta. Também disse a ela que não íamos nos preocupar. Já tinha visto Jesus curar esta condição antes e estava certa de que Ele ia curá-la".⁵⁵

Então esperaram.

Durante as horas seguintes, Kamro continuou a sangrar mas, em vez de piorar, sua condição geral se estabilizou. Naquela noite, Coggin rezou com Kamro outra vez e, apesar de seu "rápido sangramento" contínuo, ela parecia insensível à perda. Quarenta e oito horas depois da operação seu sangue finalmente começou a coagular e sua recuperação completa começou. Dez dias depois ela foi para casa com seu bebê.

Embora Coggin não fizesse a mínima idéia da quantidade da perda real de sangue de Kamro, não tinha nenhuma dúvida que a jovem mãe perdera mais do que seu volume total de sangue durante a cirurgia e o sangramento profuso que se seguiu. Depois que Gardner examinou a documentação do caso, concordou. O problema com esta conclusão é que os seres humanos não podem produzir sangue novo depressa o bastante para cobrir estas perdas catastróficas; se pudessem, muitos menos pessoas sangrariam até morrer. Isto deixa qualquer um com a conclusão incerta de que o sangue novo de Kamro deve ter se materializado do ar.

A capacidade de criar uma ou duas partículas infinitesimais empalidece em comparação com a materialização de 5 ou 6 litros de sangue necessários para suprir a média do corpo humano. E o sangue não é a única coisa que podemos criar do ar. Em junho de 1974, enquanto viajava em Timor Timur, uma pequena ilha no extremo leste da Indonésia, Watson encontrou um exemplo igualmente desconcertante de materialização. Embora sua intenção original fosse visitar um famoso *matan do'ok*, um tipo de operador de milagres indonésio que se dizia ser capaz de fazer chover, ele foi atraído para um *buan* especialmente ativo, um espírito mau, que promovia destruição numa casa de uma vila próxima.

A família que morava na casa consistia de um casal e dois filhos pequenos, e a meio-irmã mais nova e solteira do marido. O casal e seus filhos eram tipicamente indonésios na aparência, com compleição escura, e cabelo ondulado, mas a meio-irmã, cujo nome era Alin, era fisicamente muito diferente e tinha uma compleição mais clara e características que eram quase chinesas, o que respondia por sua incapacidade de conseguir um marido. Ela também estava sendo tratada com indiferença por sua família e ficou imediatamente óbvio para Watson que era a origem da perturbação mediúnica.

Naquela noite durante o jantar na casa da família, cujo telhado era feito de gramado, Watson presenciou diversos fenômenos surpreendentes. Primeiro, sem avisar, o filho de 8 anos do casal gritou e derramou sua xícara sobre a mesa enquanto as costas de sua mão começava a sangrar inexplicavelmente.

Watson, que estava sentado perto do menino, examinou sua mão e viu que havia um semicírculo de furos recentes nela, como uma mordida humana, mas com um diâmetro mais largo do que a do menino. Alin, sempre a pessoa estranha de fora, estava ocupada com o fogo em frente ao menino quando isto aconteceu.

Enquanto Watson examinava os ferimentos, a chama da lamparina ficou azul e abruptamente deu um jato de luz e na luz brilhante de repente uma chuva de sal começou a cair sobre a comida até que ela ficou completamente coberta, não comestível. "Não foi um derrame repentino, mas uma ação deliberada e lenta que durou o bastante para que eu olhasse para cima e visse que ela parecia se originar de um ponto no ar, exatamente no nível dos olhos, talvez 1,20 metro acima da mesa", diz Watson.

Watson imediatamente pulou fora da mesa, mas o show não tinha terminado. De repente uma série de sons altos de batida emergiram da mesa e ela começou a balançar. A família também saiu de perto e todos viram quando a mesa pulou "como a tampa de uma caixa contendo algum animal selvagem", e finalmente virou de ponta cabeça. Watson primeiro reagiu saindo correndo para fora da casa com o resto da família mas, quando recuperou o sangue-frio, voltou e pesquisou o aposento em busca da evidência de algum truque que pudesse responder pelo acontecido. Não encontrou nenhuma.⁵⁶

Os eventos que, aconteceram na pequena cabana indonésia são exemplos clássicos de uma assombração *poltergeist*, um tipo de assombração caracterizado por sons misteriosos e atividade psicocinética, mais do que pela aparecimento de fantasmas ou aparições. Porque os *poltergeist* tendem a se centrar mais em volta de pessoas, neste caso Alin, mais do que em lugares, muitos parapsicólogos acreditam que eles são na verdade manifestações da capacidade psicocinética inconsciente da pessoa em volta da qual eles são mais ativos. Mesmo a materialização tem uma longa e ilustre história nos anais da pesquisa *poltergeisí*. Por exemplo, na clássica obra sobre o assunto, *Podemos Explicar o Poltergeist*, A. R. G. Owen, catedrático e conferencista de Matemática na Faculdade Trinity, Cambridge, dá inúmeros exemplos de objetos materializando-se a partir do ar em casos *poltergeist* que datam de 530 da nossa era até os dias de hoje.⁵⁷ Pedrinhas e não sal, porém, são os objetos que se materializam mais freqüentemente.

Na Introdução, mencionei que vivenciei em primeira mão muitos fenômenos paranormais que seriam discutidos neste livro e que relataria alguns de minha própria experiência. Portanto é hora de ser honesto e confessar que sei como Watson deve ter se sentido depois de presenciar o repentino e violento ataque de atividade psicocinética na pequena cabana indonésia, porque, quando eu era criança, a casa para a qual minha família tinha se mudado recentemente (uma casa nova que meus próprios pais

tinham construído) tornou-se o lugar de uma ativa assombração *poltergeist*. Desde que nosso *poltergeist* deixou a casa de minha família e me seguiu quando fui para a faculdade e desde que sua atividade parece, de forma muito definida, ligada a meus humores — suas excentricidades se tornavam mais maliciosas quando estava com raiva ou quando meus espíritos estavam em baixa, e mais diabólicas e esquisitas quando meu humor estava melhor — sempre aceitei a idéia que os *poltergeist* são manifestações da capacidade psicocinética inconsciente da pessoa em volta da qual eles são mais ativos.

Esta ligação com minhas emoções se mostrou muitas vezes. Se eu estava de bom humor, podia acordar e encontrar todas as minhas meias estendidas sobre as plantas da casa. Se estivesse com uma disposição mais sombria, o *poltergeist* podia se manifestar arremessando pequenos objetos através do quarto ou muitas vezes até quebrando alguma coisa. Ao longo dos anos tanto eu como vários membros da família e amigos testemunharam uma grande quantidade de atividade psicocinética. Minha mãe me conta que, mesmo quando eu era uma criancinha de mais ou menos 3 anos, panelas e frigideiras já começaram a pular inexplicavelmente do meio da mesa da cozinha para o chão. Escrevi sobre algumas dessas experiências em meu livro *Para Além do Quantum*,

Não faço estas revelações abertamente. Estou ciente do quão estranhas são tais ocorrências para a experiência da maioria das pessoas e entendo perfeitamente o ceticismo com o qual serão recebidas em alguns lugares. Entretanto, sou compelido a falar sobre elas porque acho que é vitalmente importante que tentemos entender tais fenômenos e não apenas varrê-los para baixo do tapete.

Ainda é com alguma perturbação que eu admito que meu próprio *poltergeist* muitas vezes também materializou objetos. As materializações começaram quando eu tinha 6 anos e inexplicavelmente chuvas de cascalho caíam em nosso telhado à noite. Mais tarde começou a chover cascalho em mim *dentro* de casa, com pequenas pedras polidas e pedaços de vidro quebrado com as bordas desgastadas como cacos de vidro que alguém acha jogados numa praia. Em ocasiões mais raras materializou outros objetos inclusive moedas, um colar e diversas ninharias mais esquisitas. Infelizmente, em geral não vi as materializações de fato, mas apenas testemunhei seus resultados, tal como quando uma porção de ninhos de espaguete caiu no meu peito um dia enquanto estava tirando uma soneca em meu apartamento de Nova York. Dado que eu estava sozinho em meu quarto sem nenhuma janela ou porta aberta, não havia ninguém mais em meu apartamento e não havia nenhum sinal de que tampouco alguém

tivesse cozinhado espaguete ou entrado para jogar espaguete em mim, posso apenas presumir que, por razões desconhecidas, o punhado de ninhos de espaguete que caiu do meio do ar em mim se materializou fora, no nada.

Em poucas ocasiões, porém, vi objetos de fato se materializarem. Por exemplo, em 1976 estava trabalhando em meu estúdio quando aconteceu de olhar para cima e ver um pequeno objeto marrom aparecer de repente no meio do ar a apenas poucos centímetros abaixo do teto. Assim, que entrou na existência desceu rapidamente em ângulo agudo e caiu a meus pés. Quando o peguei vi que era um pedaço de vidro marrom que originalmente podia ter sido usado para fazer garrafas de cerveja. Não era tão espetacular quanto a chuva de sal que durou vários segundos, mas me ensinou que tais coisas são possíveis.

Talvez as materializações mais famosas hoje em dia sejam aquelas produzidas por Sathya Sai Baba, um homem sagrado indiano de 64 anos que vive num canto distante do Estado de Andhra Pradesh, ao sul da Índia. De acordo com inúmeras testemunhas oculares, Sai Baba é capaz de produzir muito mais do que sal e umas poucas pedras. Ele apanha medalhões, anéis e jóias do ar e os dá como presentes. Ele também materializa um suprimento infinito de guloseimas e doces e de suas mãos brotam quantidades de *vibuti*, ou cinza sagrada. Estes eventos foram testemunhados por literalmente milhares de indivíduos, inclusive cientistas e mágicos e nenhum deles nunca detectou qualquer alusão de malandragem. Uma testemunha é o psicólogo Erlendur Haraldsson da Universidade da Islândia.

Haraldsson passou cerca de dez anos estudando Sai Baba e publicou seus achados num livro recente chamado *Os Milagres Modernos: Um Relato das Investigações Sobre os Fenômenos Mediúnicos Associados a Sathya Sai Baba*. Embora Haraldsson admita não poder provar conclusivamente que as produções de Sai Baba não são resultado de ilusão e de habilidade manual, ele oferece uma grande quantidade de evidência que sugerem com veemência que algo supranormal deva estar acontecendo.

Para os autores, Sai Baba pode materializar objetos específicos a pedido. Uma vez, quando Haraldsson estava tendo uma conversa com ele sobre assuntos éticos e espirituais, Sai Baba disse que a vida diária e a vida espiritual deviam "crescer juntas como um *rudraksha duplo*". Quando Haraldsson perguntou o que era um *rudraksha*, nem Sai Baba nem o intérprete souberam o equivalente inglês do termo. Sai Baba tentou continuar com a discussão, mas Haraldsson continuou a insistir. "Então de repente, com um sinal de impaciência, Sai Baba fechou o punho e balançou a mão por um segundo ou dois. Quando a abriu, voltou-se para mim e disse: 'Isto é isto'. Em sua palma havia um objeto parecido com uma bolota de carvalho. Eram dois *rudrakshas*

que cresceram juntos como uma laranja gêmea ou uma maçã gêmea", diz Haraldsson.

Quando Haraldsson indicou que queria ficar com a semente-gêmea como lembrança, Sai Baba concordou, mas primeiro pediu para vê-la outra vez. "Ele fechou o *rudraksha* com as duas mãos, soprou nela e abriu a mão para mim. O *rudraksha* duplo estava agora coberto, de cima abaixo, por dois escudos de ouro unidos por uma pequena corrente de ouro. Em cima havia uma cruz de ouro com um pequeno rubi fixo a ela, e uma pequena abertura de forma que ela pudesse ser pendurada numa corrente em volta do pescoço."⁵⁸

Haraldsson mais tarde descobriu que os *rudrakshas* duplos eram anomalias botânicas extremamente raras. Vários botânicos indianos que ele consultou disseram-lhe que nunca tinham visto um e quando ele finalmente encontrou um exemplar malformado e pequeno numa loja em Madras, o vendedor quis o equivalente indiano a quase 300 dólares por ele. Um ourives de Londres confirmou que o ouro da ornamentação tinha uma pureza de pelo menos 22 quilates.

Tais presentes não são raros. Sai Baba muitas vezes distribui anéis caros, jóias e objetos feitos de ouro para as multidões que o visitam diariamente e que o veneram como um santo. Ele também materializa uma grande quantidade de comida e quando as diversas guloseimas que ele produz caem de suas mãos estão chiando de quentes, tão quentes que as pessoas algumas vezes não podem nem pegá-las. Ele pode fazer xaropes doces e óleos perfumados em suas mãos (e até de seus pés), e quando termina não há nenhum sinal de substância grudada em sua pele. Ele pode produzir objetos exóticos tais como sementes de arroz com finas figuras de Krishna perfeitamente gravadas nelas, frutas fora da estação (quase uma impossibilidade numa área do país que não tem eletricidade nem refrigerador) e frutas anômalas, tais como maçãs que, quando descascadas parecem ser maçãs de um lado e uma outra fruta do outro.

Igualmente impressionantes são suas produções de cinzas sagradas. Toda vez que ele anda no meio da multidão que o visita, prodigiosas quantidades destas brotam de suas mãos. Ele as espalha em todos os lugares, em mãos abertas e estendidas, sobre as cabeças e em longas trilhas serpenteantes no chão. Num único percurso pelas terras em volta de seu *ashram*, ou cháchara, ele pode produzir urna quantidade suficiente para encher vários tambores. Em uma de suas visitas, Haraldsson, juntamente com o dr. Karlis Osis, diretor de pesquisa da Sociedade Americana para Pesquisa Mediúnica, viu realmente um pouco de cinza no processo de materialização. Como Haraldsson relata: "Sua palma estava aberta e virada para baixo e ele abanava as mãos em pequenos círculos um pouco rápidos. Enquanto o fazia, uma substância cinza apareceu no ar bem embaixo de sua palma. O dr. Osis, que sentou-se um pouco mais perto, observou que este material primeiro apareceu inteiramente na forma de grânulos (que se desintegravam em cinzas quando tocados) e teriam se

desintegrado antes se Sai Baba os tivesse produzido num truque manual que era imperceptível para nós".⁵⁹

Haraldsson observa que as manifestações de Sai Baba não são o resultado de hipnose de massa porque ele permite que suas demonstrações ao ar livre sejam livremente filmadas, e tudo o que ele faz seja mostrado totalmente no filme. Da mesma forma, a produção de objetos específicos, a raridade de alguns objetos, a quentura da comida e abrupta quantidade de materializações parecem ir contra a possibilidade de fraude. Haraldsson também chama a atenção para o fato de que ninguém nunca saiu com qualquer evidência de que Sai Baba está fingindo suas habilidades. Além disso, Sai Baba produziu um fluxo contínuo de objetos durante meio século, desde que tinha 14 anos, fato que é um testemunho a mais tanto para o volume de materializações como para a significância de sua reputação ilibada. Sai Baba produz objetos a partri do nada? Atualmente o júri ainda não se pronunciou, mas Haraldsson torna claro qual é sua posição. Ele acredita que as demonstrações de Sai Baba nos lembram dos "enormes potenciais que podem existir dormentes em algum lugar dentro de todos os seres humanos".⁶⁰

Relatos de indivíduos com poderes de materialização não são desconhecidos na Índia. Em seu livro *Autobiografia de um logue*, Paramahansa Yogananda (1893-1952), o primeiro homem sagrado iminente na Índia a fixar residência permanente no Ocidente, descreve seus encontros com diversos ascetas hindus que podiam materializar frutas fora da estação, pratos de ouro e outros objetos. De maneira interessante, Yogananda advertiu que tais poderes, ou *siddhis*, não são sempre evidência de que a pessoa que os possui é espiritualmente desenvolvida. "O mundo é nada mais do que um sonho objetivado", diz Yogananda, e "tudo aquilo em que sua poderosa mente acredita com intensidade, instantaneamente acontece."⁶¹ Tais indivíduos descobriram um modo de acessar apenas um pouco do enorme mar de energia cósmica que Bohm diz encher cada centímetro cúbico de espaço vazio?

Uma série notável de materializações que receberam até uma confirmação maior do que aquela conferida por Haraldsson a Sai Baba foi produzida por Therese Neumann. Além de seus estigmas, Neumann também demonstrava *media*, a capacidade supranormal de viver sem comida. Sua *inedia* começou em 1923, quando ela "transferiu" a garganta doente de um jovem sacerdote para seu próprio corpo e subsistiu somente com líquidos durante vários anos. Então, em 1927, ela parou inteiramente tanto com comida como com água.

Quando o bispo local em Regensburg soube pela primeira vez do jejum de Neumann, enviou uma comissão para sua casa, para investigar. De 14 de julho de 1927 até 29 julho de 1927, e sob a supervisão de um médico clínico chamado Seidl, quatro irmãs enfermeiras franciscanas examinaram cada movimento dela. Elas a assistiam de dia e de noite, e a água que ela usava para se lavar e enxaguar a boca era cuidadosamente medida e pesada. As irmãs

descobriram diversas coisas incomuns sobre Neumann. Ela nunca ia ao banheiro (mesmo depois de um período de seis semanas ela apenas teve um movimento intestinal e o excremento, examinado pelo dr. Rçismanns, continha apenas uma pequena quantidade de muco e bile, mas nenhum sinal de comida). Ela também não mostrava nenhum sinal de desidratação, mesmo que o corpo humano médio tenha que expelir cerca de 400 gramas de água diariamente no ar através dos poros. E seu peso permaneceu constante; embora ela perdesse quase 4 quilos (em sangue) durante a abertura semanal de seus estigmas, seu peso voltava ao normal um ou dois dias mais tarde.

No final do inquérito o dr. Seidl e as irmãs estavam completamente convencidos que Neumann não tinha comido nem bebido nada durante os catorze dias inteiros. O teste permaneceu conclusivo pois, enquanto o corpo humano pode sobreviver duas semanas sem comida, raramente pode sobreviver a metade desse tempo sem água. E ainda isto não era nada para Neumann; *ela não comeu nem bebeu nada durante os próximos 35 anos*. Assim, parece que ela não estava apenas materializando a enorme quantidade de sangue necessário para perpetuar seus estigmas, mas também materializava regularmente a água e os nutrientes de que precisava para permanecer viva e em boa saúde. *A inedia* não é um fato único para Neumann. Em *Os Fenômenos Físicos do Misticismo*. Thurst apresenta vários exemplos de estigmáticos que passaram anos sem comer e sem beber.

A materialização pode ser mais comum do que compreendemos. Relatos contundentes de estátuas que sangram, pinturas, ícones e mesmo rochas que têm um significado histórico e religioso existem em abundância na literatura sobre o miraculoso. Existem também dúzias de histórias de madonas e outros ícones que choram. Uma virtual epidemia de "madonas que choram" passou pela Itália em 1953.⁶² E, na Índia, seguidores de Sai Baba mostraram a Haraldsson fotografias, de um asceta que miraculosamente suava cinza sagrada.

Mudando Todo o Quadro

Ao mesmo tempo que a materialização desafia nossa idéia convencional sobre a realidade mais do que tudo, embora possamos, com esforço, elaborar coisas tais como a PK em nossa visão habitual de mundo, a criação de um objeto a partir do ar abala os verdadeiros fundamentos desta visão de mundo. Além disso, não é tudo que a mente pode fazer. Até agora estamos olhando para milagres que envolvem apenas "partes" da realidade — exemplos de pessoas movendo cineticamente partes em volta, de pessoas alterando partes (as leis da física) para tornar-se imunes ao fogo e de pessoas que materializam partes (sangue, sal, pedras, jóias, cinza, nutrientes e lágrimas). Mas, se a realidade é realmente um todo contínuo, por que os milagres parecem envolver apenas partes?

Se os milagres são exemplos das próprias habilidades latentes da mente, a resposta, é claro, é porque nós mesmos somos profundamente programados para ver o mundo em termos de partes. Isto quer dizer que, se não fôssemos tão inculcados para pensar em termos de partes, se víssemos o mundo de maneira diferente, os milagres também seriam diferentes. Mais do que achar tantos exemplos de milagres nos quais partes da realidade foram transformados, acharíamos mais exemplos nos quais o todo da realidade tivesse sido transformado. De fato, poucos de tais exemplos existem, mas não são raros e oferecem um desafio mais sério às nossas idéias sobre a realidade do que a materialização oferecer.

Watson fornece um. Enquanto estava na Indonésia, ele também encontrou uma outra moça com poderes. O nome da moça era Tia, mas, diferente do poder de Alin, o dela não parecia ser uma expressão de um dom mediúnico inconsciente. Em vez disso, era conscientemente controlado e originava-se da ligação natural de Tia com as forças que existem dormentes na maioria de nós. Tia era, em resumo, uma xamã em formação. Watson presenciou muitos exemplos de seus dons. Ele a viu realizar curas milagrosas e uma vez, quando estava envolvida numa luta poderosa com o líder religioso muçulmano, ele a viu usar o poder de sua mente para atear fogo ao minarete da mesquita local.

Mas ele presenciou uma das mais terríveis demonstrações quando acidentalmente a encontrou conversando com uma menininha num bosque sombreado de árvores *kenari*. Mesmo à distância, Watson pôde saber a partir dos gestos de Tia que ela estava tentando comunicar alguma coisa importante para a criança. Embora não pudesse ouvir a conversa delas, percebeu pelo ar de frustração que ela não estava conseguindo. Finalmente, pareceu que ela teve uma idéia e começou uma dança misteriosa.

Extasiado, Watson continuou a olhar enquanto ela gesticulava em direção às árvores e, embora ela mal parecesse se mover, havia algo de hipnótico em sua gesticulação sutil. Então ela fez algo que tanto chocou como assombrou Watson. Ela fez o bosque inteiro de árvores de repente desaparecer da existência. Como Watson afirma: "Num momento Tia dançava num bosque sombreado de *kenari*; no outro estava de pé sozinha na insuportável e brilhante luz do sol".⁶³

Poucos segundos depois ela fez o bosque reaparecer e, pelo modo que a menininha pulou a seus pés e correu em volta tocando as árvores, Watson teve certeza de que ela tinha partilhado da experiência também. Mas Tia ainda não tinha terminado. Ela fez o bosque aparecer e desaparecer diversas vezes enquanto ela e a menininha davam as mãos, dançavam e riam diante da maravilha de tudo isso. Watson simplesmente foi embora, balançando a cabeça.

Em 1975, quando eu era doutorando na Universidade do Estado de Michigan, tive uma experiência igualmente profunda e desafiadora da realidade. Estava jantando com uma de minhas professoras num restaurante

local e discutíamos as implicações filosóficas das experiências de Carlos Castaneda. Nossa conversa se centrou em especial em torno de um incidente que Castaneda relata em *Viagem a Ixtlan*. Don Juan e Castaneda estão no deserto à noite em busca de um espírito quando descobrem uma criatura que se parece com um bezerro mas que tem orelhas de lobo e bico de pássaro. Ele sofre um colapso e grita como se estivesse nas dores fortes de uma morte agonizante.

A princípio Castaneda fica terrificado, mas depois de falar a si mesmo que o que ele estava vendo não podia ser real, sua visão muda e ele vê que o espírito é na verdade um galho de árvore balançando ao vento. Castaneda orgulhosamente chama a atenção para a verdadeira identidade da coisa, mas como sempre o velho xamã Yaqui o repreende. Ele fala a Castaneda que o galho *era* um espírito morrendo enquanto estava vivo e com poder, mas que tinha se transformado num galho de árvore quando Castaneda duvidou de sua existência. Porém, ele salienta que ambas as realidades eram igualmente reais.

Em minha conversa com minha professora, admiti que estava intrigado pela afirmação de Don Juan de que duas realidades mutuamente exclusivas pudessem cada uma ser real e achava que a noção podia explicar muitos eventos paranormais. Momentos depois de discutir este incidente deixamos o restaurante e, por ser uma clara noite de verão, decidimos passear. Enquanto continuávamos a conversa percebi um pequeno grupo de pessoas andando a nossa frente. Estavam falando uma língua estrangeira desconhecida e por seu comportamento tumultuoso parecia que estavam bêbados. Além disso, uma das mulheres carregava um guarda-chuva amarelo, o que era estranho, porque o céu estava completamente sem nuvens e não havia nenhuma previsão de chuva.

Não querendo colidir com o grupo, recuamos um pouco e, assim que o fizemos, a mulher de repente começou a balançar o guarda-chuva de uma maneira errática e selvagem. Ela desenhava imensos arcos no ar, e diversas vezes, à medida que ela girava, a ponta do guarda-chuva quase nos tocou. Atrasamos nosso passo um pouco mais, mas ficava cada vez mais aparente que seu comportamento era destinado a atrair nossa atenção. Finalmente, depois que teve nosso olhar fixo no que estava fazendo, ela pegou o guarda-chuva com as duas mãos sobre a cabeça e então o atirou teatralmente a nossos pés.

Nós dois olhamos para ele fixamente e em silêncio, nos perguntando por que ela tinha feito tal coisa, quando de repente algo notável começou a acontecer. O guarda-chuva fez algo que eu só posso descrever como "bruxuleante", como uma chama de lanterna quase saindo. Emitia um som estalante, estranho, como o som do celofane sendo amassado e numa exibição deslumbrante de luz multicolorida, cintilante, suas pontas se enrolaram, sua cor mudou e ele adquiriu nova forma, a de uma áspera vara marrom-acinzentada, retorcida. Eu estava embriagado e não disse nada durante vários segundos. Minha professora falou primeiro e disse numa voz baixa, chocada, que tinha

pensado que o objeto fosse um guarda-chuva. Perguntei a ela se tinha visto alguma coisa extraordinária acontecer e ela acenou com a cabeça. Ambos descrevemos o que pensamos ter acontecido e nossos relatos combinavam exatamente. A única vaga diferença em nossas descrições é que minha professora disse que o guarda-chuva tinha "chiado" quando se transformou numa vara, um som não tão diferente do som crepitante do celofane sendo amassado.

O Que Isto Tudo Significa?

Este incidente levanta muitas questões para as quais não há nenhuma resposta. Não sei quem eram as pessoas que jogaram o guarda-chuva a nossos pés, ou se elas estavam mesmo cientes da transformação mágica que aconteceu assim que foram embora, ainda que a atuação aparentemente sem propósito e bizarra da mulher sugira que eles estavam totalmente inconscientes. Tanto minha professora como eu ficamos tão pasmados pela transformação mágica do guarda-chuva que, até que tivéssemos a presença de espírito de perguntar, eles já tinham ido há muito tempo. Não sei por que o evento aconteceu, a não ser que parece óbvio que estava ligado de algum modo à nossa conversa sobre Castaneda enfrentando uma ocorrência parecida.

Eu nem mesmo sei por que tive o privilégio de experimentar tantas ocorrências paranormais, a não ser que parece estar relacionado ao fato que nasci com uma grande capacidade mediúnica inata. Enquanto era adolescente comecei a ter sonhos detalhados e vividos sobre eventos que aconteceriam mais tarde. Muitas vezes soube coisas sobre pessoas que não tinha o direito de saber. Quando tinha 17 anos desenvolvi espontaneamente a capacidade de ver um campo de energia, ou "aura", em volta de coisas vivas e até hoje posso muitas vezes determinar coisas sobre a saúde de uma pessoa pelo padrão e cores da névoa de luz que vejo em torno dela. Acima e além disso, tudo o que posso dizer é que somos todos presenteados com diferentes aptidões e qualidades. Alguns de nós são artistas naturais. Alguns dançarinos. Eu pareço ter nascido com a química necessária para disparar mudanças na realidade, para catalisar de alguma forma as forças necessárias para precipitar eventos paranormais. Fico grato por esta capacidade porque isto me ensinou muito sobre o universo, mas não sei por que a tenho.

O que sei é que o "incidente do guarda-chuva", como vim a chamá-lo, exigia uma alteração radical no mundo. Neste capítulo vimos os milagres que envolviam mudanças cada vez maiores na realidade. A PK é mais fácil de sondar para nós do que a capacidade de apanhar um objeto *do ar e a* materialização de um objeto é mais fácil para a maioria de nós de aceitar do que o aparecimento e desaparecimento de um bosque inteiro de árvores, ou uma aparição paranormal de um grupo de pessoas capazes de transformar de maneira esquisita a matéria de uma forma para outra. Mais e mais estes

incidentes sugerem que a realidade é, num sentido muito real, um holograma, um constructo.

A questão vem a ser: é um holograma relativamente estável durante longos períodos de tempo e sujeito apenas a alterações mínimas pela consciência, como Bohm sugere? Ou é um holograma que apenas parece estável, mas sob circunstâncias especiais pode ser mudado e reformado de maneiras virtualmente ilimitadas, como a evidência do miraculoso sugere? Alguns pesquisadores que adotaram a idéia holográfica acreditam que o último é o caso. Por exemplo, Grof não só leva a sério a materialização e outros fenômenos paranormais, mas acha que a realidade é na verdade construída de nuvens e dócil à autoridade sutil da consciência. "O mundo não é necessariamente tão sólido como o percebemos", ele diz.⁶⁴

O físico William Tiller, chefe do Departamento de Ciências Materiais na Universidade de Stanford e outro defensor da idéia holográfica, concorda. Tiller acha que a realidade é semelhante ao *holodeck* no show de televisão *Jornada nas Estrelas: A Próxima Geração*. Na série, o *holodeck* é um ambiente no qual os ocupantes podem evocar uma simulação holográfica de literalmente qualquer realidade que desejem, uma viçosa floresta, uma agitada cidade. Eles também podem mudar cada simulação do modo que quiserem, tal como fazer uma lâmpada se materializar ou fazer uma mesa indesejada desaparecer. Tiller acha que o universo também é um tipo de *holodeck* criado pela "integração" de todas as coisas vivas. "Nós o criamos como um veículo de experiência e criamos as leis que o governam", ele declara. "E, quando obtemos as fronteiras do nosso entendimento, podemos de fato mudar as leis de forma que também estamos criando a física a medida que prosseguimos."⁶⁵

Se Tiller está certo e o universo é um *holodeck* enorme, a capacidade de materializar um anel de ouro ou fazer um bosque de árvores *kenari* aparecer e desaparecer não é mais tão estranha. Mesmo o incidente do guarda-chuva pode ser visto como uma aberração temporária na simulação holográfica que chamamos de realidade comum. Embora minha professora e eu não estivéssemos cientes de que possuíamos uma tal capacidade, pode ser que o fervor emocional da discussão sobre Castaneda tenha provocado nossa mente inconsciente para mudar o holograma da realidade e refletir melhor o que estávamos acreditando no momento. Dada a afirmação de Ullman de que nossa psique está constantemente tentando nos ensinar coisas das quais não estamos cientes em nosso estado desperto, nosso inconsciente pode até ser programado para produzir ocasionalmente tais milagres a fim de nos oferecer vislumbres da verdadeira natureza da realidade, para nos mostrar que o mundo que criamos para nós próprios é na realidade tão criativamente infinito quanto a realidade de nossos sonhos.

Dizer que a realidade é criada pela integração de todas as coisas vivas na verdade não é nada diferente de dizer que o universo consiste de campos de

realidade. Se isto é verdade, explica por que a realidade de algumas partículas subatômicas, tais como os elétrons, parecem relativamente fixas, enquanto a realidade de outras, tais como as anômalas, parece ser mais plástica. Pode ser que os campos de realidade que agora percebemos como elétrons tenha se tornado parte do holograma cósmico muito tempo atrás, talvez muito antes dos seres humanos serem mesmo parte da integração de todas as coisas. Assim, os elétrons podem estar tão profundamente enraizados no holograma que não são mais tão suscetíveis à influência da consciência humana como outros campos de realidade mais novos. Da mesma forma, os *anomalons* podem variar de laboratório para laboratório *porque* são campos de realidade mais recentes e ainda estão incompletos, ainda se debatendo de um lado para o outro em busca de uma identidade. Num sentido, eles são como a praia de champanhe que os pacientes de Tart perceberam em seu estado cinzento e ainda não tinham entrado na existência a partir do implícito.

Isto também pode explicar por que a aspirina ajuda a prevenir ataques cardíacos nos americanos, mas não nos ingleses. Isto, também, pode ser um campo de realidade relativamente recente e que ainda está em formação. Existe até evidência de que a capacidade de materializar sangue é um campo de realidade comparativamente recente. Rogo observa que relatos de milagres de sangue começaram com o milagre de São Genaro no século 14. O fato de que não houve nenhum milagre de sangue antes de São Genaro parece indicar que a capacidade deu os primeiros lampejos de existência naquela época. Uma vez que foi dessa forma estabelecido, seria mais fácil para outros acessar o campo de realidade de sua possibilidade, o qual pode explicar por que existem inúmeros milagres de sangue desde São Genaro, mas nenhum antes.

Na verdade, se o universo é um *holodeck*, todas as coisas que parecem estáveis e eternas, desde as leis da física até a essência das galáxias, teriam de ser vistas como campos de realidades, fogo-fátuo nem mais nem menos reais do que as canelas num gigante, sonhos mutuamente partilhados. Toda permanência teria de ser encarada como ilusória e apenas a consciência seria eterna, a consciência do universo vivo.

É claro, existe uma outra possibilidade. Pode ser que apenas eventos anômalos, tais como o incidente do guarda-chuva, sejam campos de realidade e o mundo como um todo seja ainda tão estável e imune à consciência como aprendemos a acreditar. O problema desta hipótese é que ela nunca pode ser provada. O único teste que temos para determinar se alguma coisa é real, como por exemplo um elefante vermelho que acaba de entrar em nossa sala, é perguntar se outras pessoas também podem vê-lo. Mas, uma vez que admitimos que duas ou mais pessoas podem criar uma realidade — seja um guarda-chuva que se transforma ou um bosque de árvores *kenari* que desaparece — não mais temos nenhum modo de provar que tudo o mais no mundo não é criado pela mente. Tudo se resume numa questão de filosofia pessoal.

E as filosofias pessoais variam. Jahn prefere pensar que apenas a realidade criada pelas interações da consciência são reais. "A questão se existe um lá fora' lá fora é abstrata. Se não temos nenhum modo de verificar a abstração, não existe nenhum proveito em tentar modelá-la", diz.⁶⁶ Globus, que prontamente admite que a realidade é um constructo da consciência, prefere pensar que existe um mundo além da bolha de nossas percepções. "Estou interessado nas teorias excelentes", ele diz, "e uma teoria excelente postula a existência."⁶⁷ Porém, ele admite que isto é meramente sua tendência e não existe nenhum modo empírico de provar uma tal hipótese.

Quanto a mim, como resultado de minhas próprias experiências, concordo com Don Juan quando ele afirma: "Somos observadores. Somos uma consciência; não somos objetos; não temos nenhuma solidez. Somos ilimitados. O mundo dos objetos e da solidez é um modo de tornar nossa passagem sobre a terra conveniente. É apenas uma descrição que foi criada para nos ajudar. Nós, ou melhor, nossa *razão* se esquece de que a descrição é apenas uma descrição, e assim ludibriamos a totalidade de nós mesmos num círculo vicioso, a partir do qual raramente emergimos em nossa existência".⁶⁸

Colocando de outro modo, *não* existe nenhuma realidade acima e além daquela criada pela integração de todas as consciências, e o universo holográfico pode ser esculpido potencialmente de modos virtualmente ilimitados pela mente.

Se isto é verdade, as leis da física e a essência das galáxias não são as únicas coisas que são campos de realidade. Mesmo nosso corpo, o veículo de nossa consciência nesta vida, teria de ser considerado como nem mais nem menos real do que *anomalons* e praias de champanhe. Ou como Keith Floyd, um psicólogo da Faculdade Intermont Virgínia e outro defensor da idéia holográfica afirma: "Ao contrário do que todo mundo sabe que é, pode não ser o cérebro que produza a consciência, mas sim a consciência que crie o aparecimento do cérebro — matéria, espaço, tempo e tudo o mais que nos dignamos a interpretar como universo físico".⁶⁹

Isto é talvez mais perturbador de tudo, pois estamos tão profundamente convencidos de que nossos corpos são sólidos e objetivamente reais que é difícil para nós até acolhermos a idéia de que nós, também, podemos não ser nada mais do que um fogo-fátuo. Mas existe evidência convincente de que este também é o caso. Um outro fenômeno muitas vezes associado com os santos é a *bilocação* ou a capacidade de estar em dois lugares ao mesmo tempo. De acordo com Haraldsson, Sai Baba faz a melhor bilocação. Inúmeras testemunhas relataram vê-lo estalar os dedos e desaparecer, e reaparecer instantaneamente a 100 metros ou mais de distância. Tais incidentes sugerem muito que nossos corpos não são objetos, mas projeções holográficas que podem "desligar" em um lugar e "ligar" em outro com a mesma facilidade com que uma imagem pode desaparecer e reaparecer numa tela de vídeo.

Um incidente que ressalta mais a natureza imaterial e holográfica do corpo pode ser encontrada em fenômenos produzidos por um médium islandês chamado Indridi Indridason. Em 1905, diversos cientistas importantes da Islândia decidiram investigar a paranormalidade e escolheram Indridason como um de seus pesquisados. Na época, Indridason era apenas um grosseirão do campo sem nenhuma experiência anterior com coisas mediúnicas, mas rapidamente provou se um médium de talento espetacular. Ele podia entrar em transe rapidamente e realizar impressionantes demonstrações de PK. Mas o mais bizarro de tudo, algumas vezes enquanto estava em transe profundo, diferentes partes de seu corpo se desmaterializavam completamente. Como os cientistas surpreendidos assistiram, um braço e uma mão desapareciam da existência apenas para se rematerializarem antes de ele acordar.⁷⁰

Tais eventos novamente nos oferecem um vislumbre torturante das enormes potencialidades que podem existir dormentes em todos nós. Como vimos, nosso atual entendimento científico do universo é completamente incapaz de explicar os diversos fenômenos que examinamos neste capítulo e portanto não há outra escolha a não ser ignorá-los. Porém, se pesquisadores tais como Grof e Tiller estão certos e a mente é capaz de interceder na ordem implícita, a lâmina holográfica que dá nascimento ao holograma que chamamos de universo, e assim cria qualquer realidade ou lei da física que quiser, então não só tais coisas são possíveis, como virtualmente qualquer coisa é possível.

Se isto é verdade, a aparente solidez do mundo é apenas uma pequena parte do que está disponível à nossa percepção. Embora a maioria de nós seja na verdade enganada em nossa descrição atual do universo, poucos indivíduos têm a habilidade de ver além da solidez do mundo. No próximo capítulo daremos uma olhada em alguns destes indivíduos e examinaremos o que eles vêem.

VENDO HOLOGRAFICAMENTE

Nós, seres humanos, nos consideramos feitos de "matéria sólida". Na verdade, *o corpo físico é o produto final*, por assim dizer, de campos de informação sutis, que moldam nosso corpo físico assim como a matéria física. Esses campos são hologramas, que mudam com o tempo (*e estão*) fora do alcance de nossos sentidos normais. É isto que os clarividentes percebem como um halo em forma de ovo ou aura circundando nosso corpo físico.

— Itzhak Bentov *Espreitando o Pêndulo Selvagem*

Muitos anos atrás, estava passeando com uma amiga quando uma placa de sinalização na rua chamou minha atenção. Era simplesmente um sinal de "proibido estacionar" e não parecia diferente de qualquer outro sinal dessa

natureza espalhados pelas ruas da cidade. Mas, por alguma razão, fiquei paralisado. Nem mesmo tinha consciência de estar olhando fixamente para a placa, até que minha amiga de repente exclamou: "Esta placa está pintada errado!" Suas palavras tiraram-me do devaneio e, quando olhei conscientemente, o / na palavra *parking* (estacionamento) rapidamente se transformou num e.

O que aconteceu foi que, como eu estava tão acostumado a ver o sinal escrito corretamente, meu inconsciente alterou o que estava escrito e me fez ver o que eu esperava estar lá. Minha amiga, como se verificou, também tinha visto o sinal escrito corretamente da primeira vez, razão pela qual externou vocalmente sua reação quando percebeu que estava escrito errado. Continuamos a caminhar, mas o incidente me aborreceu. Pela primeira vez compreendi que o olho-cérebro não é uma câmera fiel, mas remenda o mundo antes de dá-lo a nós.

Os neurofisiologistas sabem disso há muito tempo. Em seus primeiros estudos da visão, Pribram descobriu que a informação visual que um macaco recebe por meio de seus nervos ópticos não percorre diretamente o córtex visual, mas é primeiro filtrado por outras áreas de seu cérebro.' Inúmeros estudos demonstraram que o mesmo equívale para a visão humana. A informação visual que entra em nosso cérebro é editada e modificada pelos lobos temporais antes de prosseguir para o córtex. Alguns estudos sugerem que menos de 50 por cento do que "vemos" está na verdade baseado na informação que entra por nossos olhos. Os 50 por cento restantes são compostos a partir de nossas expectativas do que o mundo deveria parecer (e talvez a partir de outras fontes, tais como os campos de realidade). Os olhos podem ser órgãos visuais, mas é o cérebro que vê.

É por essa razão que nem sempre notamos quando um amigo íntimo raspou o bigode, e também é o motivo por que nossa casa sempre parece estranhamente diferente quando voltamos para ela depois de uma viagem. Em ambos os exemplos, nos acostumamos tanto a reagir ao que pensamos que esteja ali, que nem sempre vemos o que realmente está.

Uma outra evidência ainda mais impressionante do papel que a mente desempenha ao criar o que vemos é fornecido pelo assim chamado "ponto cego" do olho. No meio da retina, onde o nervo óptico se liga ao olho, temos um ponto cego, onde não existe nenhum fotorreceptor. Isto pode ser rapidamente demonstrado com a ilustração mostrada na Figura 15.

Mesmo quando olhamos para o mundo a nossa volta, estamos totalmente inconscientes de que existem buracos abertos em nossa visão. Não importa se estamos olhando para um pedaço de papel em branco ou para um tapete persa ornamentado. O cérebro engenhosamente preenche as

aberturas, como um perito alfaiate remendando a tapeçaria de nossa realidade visual, tão habilmente que não estamos nem mesmo cientes de que ele está fazendo isso.

Tal constatação conduz a uma questão perturbadora. Se vemos menos da metade da realidade exterior, então o que está fora de nós que vemos? Que sinais de rua mal escritos e pontos cegos escapam completamente de nossa atenção? Os recursos avançados da tecnologia nos fornecem algumas respostas. Por exemplo, embora as teias de aranha pareçam brancas e opacas para nós, agora sabemos que, aos olhos dos insetos, sensíveis aos raios ultravioleta, elas na verdade são coloridas e brilhantes, e portanto atraentes. Pelo conhecimento tecnológico também sabemos que as lâmpadas fluorescentes não fornecem luz continuamente, mas na verdade acendem e apagam num ritmo apenas um pouco mais intenso do que podemos perceber. Tal efeito de instabilidade, semelhante ao estroboscópio, é ainda inteiramente visível para a abelha, que deve ser capaz de voar em grande velocidade pelo campo e ainda ver cada flor sobre a qual zune.

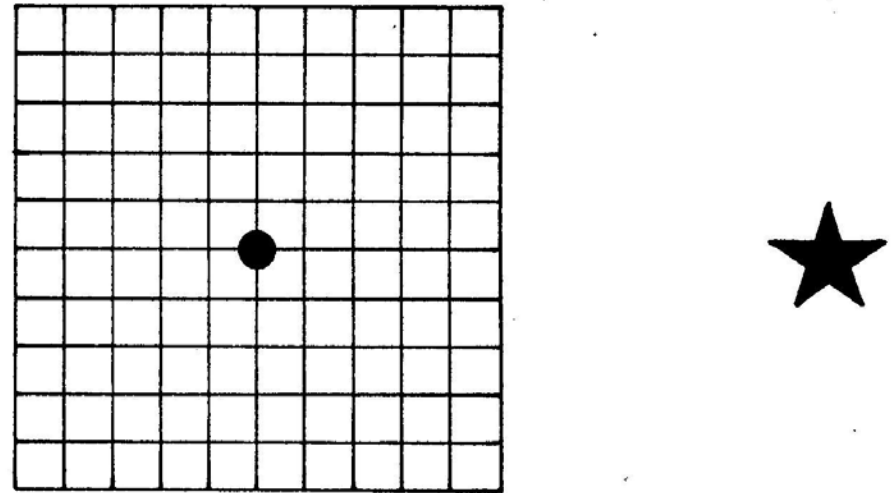


Figura 15. Para demonstrar como nosso cérebro constrói o que percebemos como realidade, ponha a ilustração ao nível dos olhos, feche o olho esquerdo e olhe fixamente para o círculo no meio da grade com o olho direito. Lentamente, movimente o livro de um lado para o outro ao longo da linha de sua visão, até que a estrela desapareça (cerca de 25 a 35 centímetros). A estrela desaparece porque está caindo em seu "ponto cego". Agora feche o olho direito e olhe fixamente para a estrela. Movimente o livro de um lado para o outro até o círculo no meio da grade desaparecer. Quando isso acontecer, observe que, embora o círculo tenha desaparecido, todas as linhas da grade permanecem intactas. Isto é porque seu cérebro está completando o que ele pensa que estaria ali.

Mas existiriam outros aspectos importantes que não vemos, aspectos além até de nossa compreensão tecnológica? De acordo com o modelo holográfico, a resposta é sim. Lembre-se de que, na visão de Pribram, a realidade como um todo é na verdade domínio de frequência e nosso cérebro é uma espécie de lente que converte estas frequências no mundo objetivo das aparências. Embora Pribram tenha começado pelo estudo das frequências de nosso mundo sensorial normal, tais como as frequências de som e luz, ele agora usa o termo *domínio de frequência* para se referir aos padrões de interferência que compõem a ordem implícita.

Pribram acredita que podem existir todos os tipos de coisas da realidade exterior no domínio de frequência que nós não vemos, coisas que nosso cérebro aprendeu a editar regularmente da realidade visual. Ele acha que, quando os místicos têm experiências transcendentais, o que realmente acontece é que estão tendo vislumbres do domínio de frequência. "A experiência mística faria sentido, afirma ele, "se pudéssemos fornecer fórmulas matemáticas que fizessem a transposição de ida e volta entre o mundo comum, ou domínio imagem-'objeto', e o domínio de 'frequência'."²

O Campo Energético Humano

Um fenômeno místico que parece envolver a capacidade de ver os aspectos de frequência da realidade é a aura, ou campo energético humano. A noção de que existe um campo sutil de energia em volta do corpo humano, um envelope de luz como um halo que existe bem além da percepção humana normal, pode ser encontrado em muitas tradições antigas. Na Índia, escritos sagrados que datam de cerca de 5 mil anos referem-se a essa energia de vida como *prana*. Na China, desde o terceiro milênio antes de Cristo, era chamado de *ch'i*, e acreditava-se ser a energia que flui através do sistema de meridianos considerado pela acupuntura. A Cabala, uma filosofia mística judaica que surgiu no século 6 a.C., chama esse princípio vital de *nefesh* e ensina que uma bolha iridescente em forma de ovo circunda todo corpo humano. Em seu livro *Ciência Futura*, o escritor John White e o parapsicólogo Stanley Krippner listam 97 culturas diferentes que se referem à aura com 97 nomes diferentes.

Em muitas culturas, acredita-se que a aura de um indivíduo extremamente espiritual é tão brilhante que é visível mesmo para a percepção humana comum, razão pela qual tantas tradições, incluindo a cristã, chinesa, japonesa, tibetana e egípcia, retrataram santos com um halo ou outro símbolo circular em volta da cabeça. Em seu livro sobre milagres, Thurston dedica um capítulo inteiro aos relatos de fenômenos luminosos associados aos santos católicos, e diz-se que grandes místicos como Neumann e Sai Baba tiveram muitas vezes uma aura visível de luz em volta de si. Conta-se também que outro grande místico, o persa Hazrat Inayat Khan, que morreu em 1927, algumas vezes desprendia tanta luz que as pessoas podiam realmente ler com ela.³

Sob condições normais, porém, o campo energético humano é visível apenas a indivíduos que têm uma capacidade particularmente desenvolvida para vê-lo. Algumas vezes as pessoas nascem com tal capacidade; outras, esta se desenvolve espontaneamente até uma certa fase na vida da pessoa, como no meu caso, e algumas vezes evolui como resultado de alguma prática ou disciplina, muitas vezes de uma natureza espiritual. A primeira vez que vi a inconfundível névoa de luz em volta de meu braço, pensei que se tratasse de fumaça e sacudi o braço para ver se tinha de alguma forma pegado fogo na manga de minha camisa. Claro que não tinha, e rapidamente descobri que a luz que circundava meu corpo inteiro era a mesma que formava um halo em volta de todas as outras pessoas também.

De acordo com algumas escolas de pensamento, o campo energético humano teria inúmeras camadas distintas. Eu não vejo camadas no campo e não tenho nenhuma base pessoal para julgar se tal afirmação é verdadeira ou não. Diz-se que tais camadas seriam na verdade corpos de energia tridimensional que ocupam o mesmo espaço que o corpo físico mas são de tamanhos progressivamente maiores, de forma que apenas se parecem com camadas, ou estratos, à medida que se estendem para fora do corpo.

Muitos sensitivos afirmam que existem sete camadas principais, ou corpos sutis, cada um progressivamente menos denso do que o anterior e cada um progressivamente mais difícil de ver. Diferentes escolas de pensamento se referem a estes corpos de energia por diferentes nomes. O sistema corriqueiro de nomenclatura se refere aos quatro primeiros como: corpo etérico, corpo astral ou emocional, corpo mental e o corpo causal ou intuitivo. Em geral, acredita-se que o corpo etérico, o que mais se aproxima em tamanho do corpo físico, é uma espécie de energia de contorno e destina-se a conduzir e dar forma ao crescimento do corpo físico. Na prática, ninguém concorda quanto à nomenclatura dos três corpos restantes, embora concorde-se em geral que eles têm a ver com a alma e com o processo espiritual mais elevado.

De acordo com a literatura iogue indiana, e igualmente com muitos sensitivos, nosso corpo também tem centros de energia especiais. Estes pontos focais de energia sutil estão ligados às glândulas endócrinas e aos principais centros nervosos no corpo físico, mas também se estendem para cima e para dentro do campo energético. Uma vez que eles se parecem com vórtices giratórios de energia quando são olhados de frente, a literatura iogue refere-se a eles como *chacras*, a partir da palavra sânscrita para "roda" e este termo ainda é usado hoje em dia.

O chacra mais alto do corpo, um chacra importante que se origina no ponto mais alto do cérebro e está associado ao despertar espiritual, é muitas vezes descrito pelos clarividentes como parecido com um pequeno ciclone rodopiante no campo energético no topo da cabeça e é o único chacra que eu vejo claramente. (Parece que minhas habilidades pessoais são muito

rudimentares para me permitir ver os outros chacras.) Ele mede de 2 a 30 cm ou mais de altura. Quando as pessoas estão num estado de alegria, este redemoinho de energia fica maior e mais brilhante e, quando dançam, ele se agita e oscila como a chama de uma vela. Muitas vezes eu quis saber se foi isto o que o apóstolo Lucas viu quando descreveu a "chama de Pentecostes", as línguas de fogo que apareceram sobre as cabeças dos apóstolos quando o Espírito Santo desceu sobre eles.

O campo energético humano não é sempre branco-azulado, mas pode ter cores variadas. De acordo com os sensitivos mais bem-dotados, estas cores, suas turvações ou intensidade e sua localização na aura estão relacionadas ao estado mental, emocional, atividade, saúde e outros variados fatores pessoais. Eu só consigo ver as cores ocasionalmente e algumas vezes posso interpretar o significado delas, mas uma vez mais minhas habilidades nesta área não são incrivelmente desenvolvidas.

Uma pessoa com habilidades desenvolvidas é a terapeuta Bárbara Brennan. Brennan iniciou a carreira como física atmosférica, trabalhando para a NASA no Centro de Vãos Espaciais Goddard, e mais tarde saiu para se tornar consultora. Sua primeira suspeita de que era médium veio quando ela era criança e descobriu que podia andar com os olhos vendados através da floresta e se desviar das árvores simplesmente sentindo os campos energéticos com as mãos. Vários anos depois de se tornar consultora, começou a ver halos de luz colorida em volta da cabeça das pessoas. Depois de vencer seu choque e ceticismo inicial, ela começou a desenvolver a habilidade e conseqüentemente descobriu que tinha um talento natural extraordinário como terapeuta.

Brennan não só vê os chacras, camadas e outras refinadas estruturas do campo energético humano com excepcional clareza, como também pode fazer diagnósticos clínicos precisos de modo surpreendente com o que vê. Depois de olhar para o campo energético de uma mulher, Brennan disse a ela que havia alguma coisa anormal com seu útero. A mulher então contou-lhe que não só seu médico descobrira o mesmo problema, o qual já a fizera sofrer um aborto, como também diversos médicos já lhe haviam recomendado uma histerectomia, razão pela qual fora procurá-la. Brennan, então, respondeu-lhe que, se ela tirasse um mês para cuidar de si mesma, seu problema se resolveria. Verificou-se que o conselho de Brennan estava certo e um mês depois o médico da mulher confirmou que seu útero tinha voltado ao normal. Um ano mais tarde a mulher deu à luz um saudável menino.⁴

Num outro caso, Brennan conseguiu detectar que os problemas de desempenho sexual de um homem deviam-se ao fato de ele ter quebrado o cóccix (osso terminal da coluna vertebral) quando tinha 12 anos. Ainda fora do lugar, o osso estava fazendo pressão indevida na coluna vertebral e isto, por sua vez, ocasionava a disfunção sexual.⁵

Parece existir pouca coisa que Brennan não consiga descobrir ao olhar para o campo energético humano. Ela diz que o câncer, em seus estágios iniciais, aparece azul-acinzentado na aura e, à medida que progride, torna-se preto. Conseqüentemente, aparecem pontos brancos no negro e, se os pontos brancos faíscam e começam a parecer como se fossem erupções de um vulcão, quer dizer que o câncer tem metástases (ou focos secundários). Drogas como álcool, maconha e cocaína também são prejudiciais para as cores saudáveis e brilhantes da aura e criam o que Brennan chama de "muco etérico". Em um caso ela deixou um cliente surpreso ao dizer-lhe qual narina ele habitualmente usava para cheirar cocaína, porque o campo sobre aquele lado de seu rosto estava quase cinza com o viscoso muco etérico. As drogas prescritas por médicos não estão fora da lista e muitas vezes produzem áreas escuras no campo energético sobre o fígado. Drogas potentes, tais como a quimioterapia, "obstruem" o campo inteiro, e Brennan afirma ter visto na aura sinais de tinta radiopaca (uma tintura supostamente inofensiva, usada para diagnosticar ferimentos na espinha), dez anos depois de aquela ter sido injetada na espinha de uma pessoa. De acordo com Brennan, a condição psicológica de uma pessoa também se reflete em seu campo energético. Um indivíduo com tendências psicopáticas tem uma aura mais pesada em cima do que em baixo. O campo energético de uma personalidade masoquista é áspero e denso, e mais cinza que azul. O campo de uma pessoa com uma postura rígida em relação à vida também é áspero e acinzentado, mas com a maior parte de sua energia concentrada sobre a borda exterior da aura e assim por diante.

Brennan diz que a doença pode na verdade ser causada por rasgos, bloqueios e desequilíbrios na aura e, ao tocar essas áreas de disfunção com as mãos e com seu próprio campo energético, ela pode intensificar os próprios processos de cura de uma pessoa. Seus talentos não passaram despercebidos. A psiquiatra e tanatologista suíça Elizabeth Kubler-Ross diz que Brennan é "provavelmente uma das melhores terapeutas espirituais no Hemisfério Ocidental".⁶ Bernie Siegel é igualmente laudatória: "O trabalho de Bárbara Brennan é abrir a mente. Seus conceitos do papel que a doença desempenha e como a cura é alcançada com certeza ajusta-se à minha experiência".⁷

Como física, Brennan está extremamente interessada em descrever o campo energético humano em termos científicos e acredita que a afirmação de Pribram de que existe um domínio de frequência além do nosso campo de percepção normal é o melhor modelo científico que temos até agora para entender os fenômenos. "Do ponto de vista do universo holográfico", afirma ela, "esses eventos (a aura e as forças curativas exigidas para manipular suas energias) emergem das frequências que transcendem tempo e espaço; eles não têm de ser transmitidos. Eles são potencialmente simultâneos e em toda parte."⁸

Que o campo energético humano existe em todo lugar e é não-local até ser apanhado no domínio de frequência pela percepção humana está

evidenciado na descoberta de Brennan de que ela pode ler a aura de uma pessoa mesmo quando a pessoa está a muitos quilômetros de distância. A leitura de aura mais distante que essa sensitiva já fez até agora foi durante uma conversa telefônica entre a cidade de Nova York e a Itália. A discussão sobre o assunto, assim como muitos outros aspectos de suas notáveis habilidades encontram-se em seu recente e fascinante livro *Mãos de Luz*.

O Campo Energético da Psique Humana

Outra talentosa médium, que pode ver a aura em grande detalhe, é a "consultora do campo energético humano" Carol Dryer, erradicada em Los Angeles. Dryer diz que é capaz de ver auras desde quando se entende por gente, no entanto antes disso já percebia que as outras pessoas não tinham tal faculdade. Sua ignorância a esse respeito muitas vezes deixou-a em má situação, quando falava aos pais sobre detalhes íntimos dos amigos deles, coisas que ela aparentemente não tinha nenhum modo de saber.

Dryer dedica toda sua vida à mediunidade e na década e meia passada atendeu a cerca de 5 mil pessoas. Ela é bem conhecida na mídia porque sua lista de clientes inclui celebridades como Tina Turner, Madonna, Rosanna Arquette, Judy Collins, Valerie Harper e Linda Gray. No entanto, não só o elenco de estrelas de sua lista de clientes dá uma idéia da verdadeira extensão de seu talento. Por exemplo, ela atende também físicos, jornalistas famosos, arqueólogos, advogados e políticos, além de ter usado suas habilidades para ajudar a polícia e muitas vezes fazer trabalho de consulta para psicólogos, médicos e psiquiatras.

A exemplo de Brennan, Dryer pode fazer leituras a distância, mas prefere que seja na mesma sala com a pessoa. Ela também consegue ver o campo energético de uma pessoa tanto com os olhos fechados quanto abertos. Na verdade, ela em geral mantém os olhos fechados durante uma leitura, o que ajuda na concentração apenas do campo energético. Isto não quer dizer que ela veja a aura apenas em seu olho mental. "A aura está sempre na minha frente, como se eu estivesse assistindo a um filme ou peça de teatro", diz Dryer. "É tão real quanto o aposento onde me encontro. Na verdade, é mais real e de um colorido vivo."⁹

Dryer, porém, não vê as camadas exatamente estratificadas como descrito por outros clarividentes, e muitas vezes não vê nem mesmo o contorno do corpo físico. "O corpo físico de uma pessoa pode vir dentro desse contorno, mas isso raramente quer dizer que eu veja mais o corpo etérico do que a aura ou o campo energético em volta deles. Se vejo o etérico, em geral é porque ele contém fendas ou rasgos que impedem a aura de ser total. Assim eu não posso vê-la completamente, pois ela se apresenta com remendos, como uma colcha rasgada ou uma cortina furada. Buracos no campo etérico são em geral o resul-

tado de trauma, ferimento, doença, ou algum outro tipo de experiência prejudicial."

Mas, além de ver o campo etérico, Dryer diz que, em vez de ver as camadas da aura como camadas de bolo empilhadas uma sobre as outras, ela as *vivência* como mudanças de textura e intensidades de sensação visual. Ela compara a sensação com estar imersa no mar e sentir-se banhada pela água de diferentes temperaturas. "Mais do que cair em conceitos rígidos como camadas, tenho a tendência de ver o campo energético em termos de movimentos e ondas de energia", diz ela. "É como se minha visão fosse se encaixando através das diversas camadas e dimensões do campo energético, mas na verdade eu não vejo esse campo nitidamente arranjada em diversas camadas."

Isto não quer dizer que a percepção do campo energético humano de Dryer seja de alguma forma menos detalhada que a de Brennan. Ela percebe uma grande quantidade de padrões estruturas — nuvens caleidoscópicas de cor que se projetam iluminadas, imagens complexas, formas resplandecentes e névoas tênues. No entanto, nem todos os campos energéticos são criados iguais. De acordo com Dryer, pessoas superficiais têm auras insípidas e superficiais. De modo inverso, quanto mais complexa é a pessoa, mais complexo e interessante seu campo energético. "O campo energético de uma pessoa é tão individual quanto suas impressões digitais", afirma ela. "Na verdade eu nunca vi dois que fossem parecidos."

Assim como Brennan, Dryer pode diagnosticar as doenças olhando para a aura de uma pessoa e, caso decida, pode ajustar a visão e distinguir os chacras. Mas sua habilidade especial é a capacidade de avaliar profundamente a psique da pessoa e dar-lhe um relato impressionantemente exato da condição das fraquezas, forças, necessidades e saúde geral de seus lados espiritual, psicológico e emocional. São tão profundos seus talentos nessa área que alguns compararam uma sessão com Dryer a seis meses de psicoterapia. Inúmeros clientes creditaram a ela a transformação completa de suas vidas e seu arquivo está cheio de entusiasmadas cartas de agradecimento.

Eu, inclusive, posso afirmar as habilidades de Dryer. Em minha primeira sessão de interpretação da aura, e apesar de sermos praticamente estranhos, ela começou a descrever coisas a meu respeito que nem mesmo meus amigos mais chegados sabiam. E não se tratava apenas de chavões superficiais, mas descrições detalhadas de meus talentos, pontos fracos e dinâmica de personalidade. No final da sessão de duas horas, eu me convenci de que Dryer não estava olhando para minha presença física, mas para a construção energética de minha própria psique em si. Também tive o privilégio de escutar as sessões gravadas de duas dúzias de clientes de Dryer e descobri que, quase sem exceção, outros a acharam tão exata e criteriosa quanto eu.

Os Médicos que Consideram o Campo Energético Humano

Apesar de a existência do campo energético humano não ser reconhecida pela comunidade médica ortodoxa, este não foi completamente ignorado pelos que praticam a medicina. Uma profissional da medicina que leva a sério o campo energético é a neurologista e psiquiatra Shafica Karagulla. Karagulla doutorou-se em medicina e cirurgia pela Universidade Americana de Beirute, Líbano, e, fez sua formação em psiquiatria com o renomado psiquiatra e professor Sir David K. Henderson, no Hospital Real de Edimburgo para Doenças Nervosas e Mentais. Ela também passou três anos e meio como pesquisadora-associada de Wilder Penfield, o neurocirurgião canadense cujos estudos fundamentais sobre a memória lançaram tanto Lashley quanto Pribram em suas pesquisas.

No início, Karagulla era cética quanto ao assunto mas, depois de encontrar diversos sensitivos capazes de visualizar a aura e de confirmar a habilidade destes em efetuar diagnósticos médicos corretos como resultado sua visão, passou a acreditar. Ela denominou a faculdade de ver o campo energético humano de *sentido de percepção superior*, ou HSP (de *heigher sense perceptiori*), e nos anos 60 empenhou-se em determinar se algum outro médico também tinha a habilidade. Assim, fez diversas pesquisas entre amigos e colegas, mas no início o andamento foi lento — mesmo médicos de quem se dizia terem a habilidade foram relutantes em se encontrar com ela. Por fim, depois de ser rejeitada repetidas vezes por um determinado médico, resolveu marcar um encontro para vê-lo corno paciente.

Ao entrar no consultório, em vez de deixar que o médico fizesse o exame clínico para diagnosticar normal, Karagulla desafiou-o a utilizar seu sentido de percepção superior. E ele, percebendo que estava acuado, acabou cedendo. "Tudo bem, fique onde está", ele lhe falou. "Não me diga nada." Então, examinando-lhe o corpo de perto, fez-lhe um rápido resumo de seu estado de saúde, incluindo a descrição de uma condição interna que requeria cirurgia, condição que ela própria secretamente já diagnosticara. Ele estava "certo em cada detalhe", afirmou Karagulla.¹⁰

À medida que a rede de contatos de Karagulla se expandia, ela ia encontrando médico após médico com talentos semelhantes, e descreve estes encontros em seu livro, *A Superação para a Criatividade*. A maioria desses médicos não tinha consciência da existência de outros indivíduos com talentos semelhantes, achando que eram os únicos privilegiados quanto a essa habilidade. Entretanto, invariavelmente descreviam a visão de um "campo de energia" ou uma "teia móvel de frequência" em volta do corpo e interpenetrando-o. Alguns viam chakras mas, por ignorarem o termo, o descreveram como "vórtices de energia em certos pontos ao longo da coluna, ligados ao sistema endócrino ou influenciando-o". E a grande maioria, quase

sem exceção, manteve tais habilidades em segredo, com medo de prejudicar sua reputação profissional.

Por respeito a sua privacidade, Kragulla os identifica no livro apenas pelo primeiro nome, mas diz que entre seus pesquisados incluem-se cirurgiões famosos, professores de medicina da Universidade de Cornell, chefes de departamento de grandes hospitais e médicos da Clínica Mayo. "Eu sempre me surpreendia em achar tantos membros da profissão médica com capacidades HSP", ela escreve. "A maioria sentia-se um pouco apreensiva a respeito de seus talentos mas, achando que eram úteis no diagnóstico, os utilizavam. Vinham de muitas partes do país e, apesar de não se conhecerem entre si, todos relatam tipos de experiências semelhantes." No final do relato, a pesquisadora conclui: "Quando muitos indivíduos confiáveis relatam de maneira independente os mesmos tipos de fenômenos, é hora de a ciência tomar conhecimento disto."¹¹

Nem todos os profissionais de saúde opõem-se tanto a aparecer publicamente com suas capacidades. Um destes indivíduos é a dra. Dolores Krieger, professora de enfermagem na Universidade de Nova York. Krieger tornou-se interessada no campo energético humano depois de participar de um estudo das habilidades de Oscar Estebany, um famoso terapeuta húngaro. Depois de descobrir que Estebany podia aumentar os níveis de hemoglobina em pacientes doentes simplesmente manipulando seus campos energéticos, Krieger partiu em busca de aprender mais sobre o *prana*, os chakras e a aura, e conseqüentemente veio a ser aluna de Dora Kunz, outra famosa clarividente. Sob a orientação de Kunz, ela aprendeu como sentir os bloqueios do campo energético humano e a curar ao manipular o campo com as mãos. Percebendo o imenso potencial médico das técnicas de Kunz, Krieger decidiu ensinar a outros o que tinha aprendido. Sabendo que os termos tais como *aura* e *chakra* teriam conotações negativas para muitos profissionais de saúde, ela decidiu chamar seu método de cura de "toque terapêutico". A primeira aula que deu sobre toque terapêutico foi num curso de nível superior na Universidade de Nova York, intitulado "Fronteiras da Enfermagem: A Realização do Potencial para a Interação de Campo Terapêutico". Tanto o curso quanto a técnica mostraram-se tão bem sucedidos que a partir de então ela passou a ensinar sobre o toque terapêutico a literalmente milhares de enfermeiras, e tal orientação vem sendo usada em hospitais de todo o mundo.

A eficácia do toque terapêutico foi demonstrada em diversos estudos. Por exemplo, a dra. Janet Quinn, professora-adjunta e diretora-assistente de pesquisa de enfermagem na Universidade da Carolina do Sul, em Colúmbia, resolveu ver se o toque terapêutico podia baixar os níveis de ansiedade em pacientes cardíacos. Para realizar seu projeto, ela planejou um estudo duplo cego, no qual um grupo de enfermeiras treinadas na técnica do toque terapêutico passariam as mãos sobre o corpo de um grupo de pacientes cardíacos. Um segundo grupo sem nenhum treinamento passaria as mãos sobre

o corpo de um outro grupo de pacientes cardíacos, mas na verdade sem realizar a técnica. Quinn descobriu que os níveis de ansiedade nos pacientes autenticamente tratados caíram 17 por cento depois de apenas 5 minutos de terapia, mas não houve nenhuma mudança nos níveis de ansiedade entre os pacientes que receberam o tratamento "falsificado". O estudo de Quinn foi a história principal na seção *Times Ciência*, de 26 de março de 1985, no *New York Times*.

Um outro profissional de saúde que faz bastante conferências ao campo energético humano é o especialista em pulmão e coração da Universidade da Califórnia do Sul, W. Brugh Joy. Joy, que é formado tanto na Universidade Johns Hopkins, de Baltimore, como na Clínica Mayo, descobriu seu talento em 1972, enquanto examinava um paciente em seu consultório. Em vez de ver a aura, Joy de início apenas era capaz de sentir sua presença com as mãos. "Eu estava examinando um homem saudável de 20 e poucos anos", comenta ele. "Quando minha mão passou sobre a área do plexo solar, na depressão do estômago, percebi algo que dava a sensação de uma nuvem quente. Parecia irradiar para fora 0,90 a 1,0 metro a partir do corpo, perpendicularmente à superfície e com a forma de um cilindro de cerca de 10 centímetros de diâmetro."¹²

Persistindo, Joy descobriu que todos os seus pacientes apresentavam radiações semelhantes a cilindros palpáveis que emanavam não só do estômago, mas de diversos outros pontos do corpo. Não foi senão quando ele leu um antigo livro hindu sobre o sistema de energia humano que achou que descobrira, ou melhor, redescobrira, os chacras. Como Brennan, Joy acha que o modelo holográfico oferece a melhor explicação para o entendimento do campo de energia humano. "Acredito que alcançar estados expandidos da consciência seja meramente a sintonização de nosso sistema nervoso central para estados perceptivos que sempre existiram em nós, mas foram bloqueados por nossa condição mental exterior", conclui Joy.¹³

Para provar seu ponto de vista, Joy agora passa a maior parte do tempo ensinando outros a sentirem o campo de energia humano. Um de seus alunos é Michael Crichton, autor de *best sellers* como *The Andromeda Strain* and *Sphere* e diretor das produções cinematográficas *Coma* e *The First Great Train Robbery*. Em sua recente autobiografia, *Traveis*, já outro *best seller*, Crichton, que obteve se formou como médico na Faculdade de Medicina de Harvard, descreve como aprendeu a sentir e finalmente a ver o campo energético humano ao estudar sob orientação de Joy e de outros professores talentosos. Maravilhado com a experiência, Crichton transformou-se. "Não existe nenhuma ilusão. Está absolutamente claro que esta energia corporal é um fenômeno genuíno de algum tipo", afirma.¹⁴

Padrões Holográficos Caóticos

A crescente disposição dos médicos em ir a público com tais habilidades não é a única mudança que aconteceu desde que Karagulla fez suas investigações. Há cerca de vinte anos, Valerie Hunt, terapeuta corporal e professora de cinesiologia na Universidade da Califórnia, em Los Angeles, desenvolveu um modo de confirmar experimentalmente a existência do campo energético humano. A ciência médica reconhece há muito tempo que os seres humanos são criaturas eletromagnéticas. Os médicos rotineiramente usam eletrocardiógrafos para fazer eletrocardiogramas (ECG), ou registros da atividade elétrica do coração, e eletrencefalógrafos para fazer eletrencefalogramas (EEG) da atividade elétrica do cérebro. Hunt descobriu que o eletromiógrafo, um aparelho utilizado para medir a atividade elétrica nos músculos, também pode captar a presença elétrica do campo energético humano.

Embora a pesquisa original de Hunt envolvesse o estudo do movimento muscular humano, a pesquisadora ficou interessada no campo energético depois de encontrar uma dançarina que afirmava usar seu próprio campo energético para ajudá-la a dançar. Isto inspirou Hunt a fazer eletromiogramas (EMG) da atividade elétrica nos músculos da artista enquanto ela estava dançando e também a estudar o efeito que os terapeutas obtinham sobre a atividade elétrica nos músculos da pessoa sendo tratada. Sua pesquisa finalmente expandiu-se inclusive para indivíduos que podiam ver o campo energético humano, e foi aí que ela fez algumas de suas descobertas mais significativas.

O âmbito de frequência normal da atividade elétrica no cérebro é entre zero e 100 ciclos por segundo (cps), com a maior parte da atividade acontecendo entre zero e 30 cps.

A frequência do músculo sobe para cerca de 225 cps e do coração sobe para cerca de 250 cps, mas aí é onde a atividade elétrica associada à função biológica passa despercebida. Além disso, Hunt descobriu que os eletrodos do eletromiógrafo podiam captar um outro campo energético radiante do corpo, muito mais sutil e menor em amplitude do que as eletricidades do corpo tradicionalmente reconhecidas mas com frequências que mediam em média entre 100 e 1.600 cps e que algumas vezes eram até mais altas. Além disso, em vez de emanar do cérebro, do coração ou dos músculos, o campo era mais forte nas áreas do corpo associadas aos chacras. "Os resultados foram tão estimulantes que não consegui dormir naquela noite", diz Hunt. "O modelo científico com o qual tinha concordado a minha vida inteira simplesmente não podia explicar estes achados."¹⁵

Hunt também descobriu que, quando um leitor de aura via uma luz específica num campo energético de uma pessoa, o eletromiógrafo sempre captava um padrão específico de frequências que Hunt aprendeu a associar com aquela cor. Ela foi capaz de ver este padrão em um osciloscópio, um aparelho

que converte as ondas elétricas em um padrão visual numa tela de exibição de vídeo monocromático. Por exemplo, quando um leitor de aura via azul no campo energético de uma pessoa, Hunt podia confirmar que era azul ao olhar para o padrão no osciloscópio. Num experimento, ela testou até oito leitores de aura simultaneamente para ver se eles concordariam com o osciloscópio assim como com cada um. "Foi exatamente a mesma linha", diz Hunt.¹⁶

Uma vez que confirmou a existência de um campo energético humano, Hunt também ficou convencida de que a idéia holográfica oferece um modelo para o entendimento disso. Além dos aspectos de frequência, ela chama a atenção para o fato de que o campo energético, e na verdade todos os sistemas elétricos do corpo, são holográficos de um outro modo. Como a informação num holograma, estes sistemas estão distribuídos globalmente por todo o corpo. Por exemplo, a atividade elétrica medida por um eletrencefalógrafo é mais forte no cérebro, mas uma leitura EEG pode ser feita também ao ligar um eletrodo ao dedo do pé. Da mesma forma, um ECO pode ser captado no dedo mínimo. É mais forte e maior em amplitude no coração, mas sua frequência e padrão são os mesmos em todos os lugares do corpo. Hunt acredita que isto é significativo. Embora cada parte do que ela chama de "realidade de campo holográfico" da aura contenha aspectos do campo energético total, as diferentes partes não são absolutamente idênticas umas às outras. Estas amplitudes diferentes impedem o campo energético de ser um holograma estático em vez de permitir que seja dinâmico e fluente, diz Hunt.

Uma das descobertas mais surpreendentes de Hunt é que certos talentos e habilidades parecem estar relacionados à presença de frequências específicas no campo energético de uma pessoa. Ela descobriu que quando o foco principal da consciência de uma pessoa está no mundo material, as frequências de seu campo energético tendem a ser de um alcance menor e não expandem muito longe dos 250 cps das frequências biológicas do corpo. Além destas, pessoas que são sensitivas ou que têm habilidades curativas também têm frequências de 400 a 800 cps brutos em seu campo. Pessoas que entram em transe e aparentemente canalizam outras fontes de informação por seu intermédio, pulam acima destas frequências "sensitivas" inteiramente e operam numa faixa estreita entre 800 e 900 cps. "Elas não têm nenhuma amplitude sensitiva de maneira nenhuma", afirma Hunt. "Elas estão lá em cima em seu próprio campo. É estreito. É extremamente aguçado e elas literalmente estão quase fora deles."¹⁷

Pessoas que têm frequências acima de 900 cps são o que Hunt chama de personalidades místicas. Enquanto os sensitivos e médiuns que entram em transe são muitas vezes apenas condutores de informação, os místicos têm a sabedoria de decidir o que fazer com a informação, diz Hunt. Eles têm consciência das interrelações cósmicas de todas as coisas e estão em contato com todos os níveis da experiência humana. E estão ancoradas na realidade

comum, mas muitas vezes têm tanto capacidades como sensitivas como de transe. Porém, suas frequências também se estendem para além das faixas estreitas associadas com estas capacidades. Utilizando um eletromiógrafo modificado (um eletromiógrafo normalmente pode detectar frequências somente acima de 20 mil cps), Hunt encontrou indivíduos que têm frequências tão altas quanto 200 mil cps em seus campos energéticos. Isto é intrigante, pois as tradições místicas muitas vezes se referiram a indivíduos altamente espirituais que tinham uma "vibração superior" à das pessoas normais. Se os achados de Hunt estão certos, parecem acrescentar crédito a esta afirmação.

Uma outra das descobertas de Hunt envolve a nova ciência do caos. Como seu próprio nome diz, caos é o estudo dos fenômenos caóticos, isto é, processos que são tão casuais que não parecem ser governados por nenhuma lei. Por exemplo, quando a fumaça sobe de uma vela apagada, flui para cima num fluxo estreito e fino. Às vezes a estrutura do fluxo se rompe e se torna turbulento. Diz-se que a fumaça turbulenta é caótica porque seu comportamento não pode mais ser predito pela ciência. Outros exemplos de fenômenos caóticos incluem a água quando cai com estrondo no fundo de uma cachoeira, as flutuações elétricas aparentemente casuais que assolam o cérebro de um epilético durante um ataque e a tempestade quando diversas temperaturas e frentes de pressão de ar colidem.

Na década passada a ciência descobriu que muitos fenômenos caóticos não são tão desordenados como parecem e muitas vezes contêm padrões ocultos e regularidades (lembre-se da afirmação de Bohm de que não existe tal coisa de desordem, apenas ordens de grau indefinidamente alto). Os cientistas também descobriram modos matemáticos de achar algumas das regularidades que permanecem ocultas nos fenômenos caóticos. Uma destas envolve um tipo especial de análise matemática que pode converter dados sobre um fenômeno caótico em uma forma numa tela de computador. Se os dados não contêm nenhum padrão oculto, a forma resultante será uma linha reta. Mas, se o fenômeno caótico contém regularidades ocultas, a forma na tela de computador parecerá algo como uma estrutura espiral que as crianças fazem ao girar fios coloridos em volta de um grupo de pregos martelados em uma tábua. Estas formas são chamadas "padrões de caos" ou "atraidores estranhos" (porque as linhas que compõem a forma parecem ser atraídas repetidas vezes para certas áreas da tela de computador, assim como pode-se dizer que o fio é "atraído" repetidamente para o grupo de pregos em volta dos quais ele se enrola).

Quando Hunt observava os dados do campo energético no osciloscópio, notou que eles mudavam constantemente. Algumas vezes vinham em grandes acúmulos, algumas vezes diminuía e ficavam cheios de remendos, como se o próprio campo energético fosse um estado incessante de flutuação. À primeira vista, essas mudanças pareciam ao acaso, mas Hunt sentiu intuitivamente que tinham alguma ordem. Compreendendo que a análise do caos poderia revelar se

ela estava certa ou não, procurou um matemático. Primeiro eles passaram quatro segundos de dados provenientes de um ECG através do computador para ver o que acontecia. Obtiveram uma linha reta. Então passaram a mesma quantidade de dados provenientes de um EEG e de um EMG. O EEG produziu uma linha reta e o EMG produziu uma linha levemente inchada, mas ainda nenhum padrão de caos. Mesmo quando submeteram os dados provenientes das frequências mais baixas do campo energético humano, obtiveram uma linha reta. Mas, quando analisaram as frequências muito altas do campo, encontraram-se com o sucesso. "Obtivemos o mais dinâmico padrão de caos que já se viu", diz Hunt.¹⁸

Isto queria dizer que, embora as mudanças caleidoscópicas que acontecem no campo energético pareçam ser casuais, elas na verdade eram altamente ordenadas e ricas em padrão. "O padrão nunca é repetível, mas é tão dinâmico e complexo, que eu o chamo de padrão holográfico do caos," afirma Hunt.¹⁹

Hunt acredita que sua descoberta foi o primeiro padrão de caos verdadeiro a ser encontrado no sistema eletrobiológico maior. Recentemente os pesquisadores encontraram padrões de caos em registros EEG do cérebro, mas precisaram de muitos minutos de dados provenientes de inúmeros eletrodos para obter um tal padrão. Hunt obteve um padrão de caos a partir de três ou quatro segundos de dados registrados por um eletrodo, sugerindo que o campo energético humano é muito mais rico em informação e possui uma organização muito mais dinâmica e complexa do que mesmo a atividade elétrica do cérebro.

Do Que É Feito o Campo Energético Humano?

Apesar dos aspectos elétricos do campo energético humano, Hunt não acredita que ele seja puramente eletromagnético no real. "Temos uma sensação de que ele é muito mais complexo e sem dúvida composto energético ainda não descoberta", ela diz.²⁰

O que é esta energia não descoberta? No presente não sabemos. Nosso melhor indício vem do fato de que quase sem exceção os sensitivos a descrevem como tendo uma frequência ou vibração mais alta do que na relação energia/matéria normal. Dada a misteriosa exatidão que os sensitivos talentosos têm em perceber doenças no campo energético, deveríamos talvez prestar atenção seriamente a esta observação. A universalidade desta percepção — mesmo a literatura hindu antiga afirma que a energia do corpo tem uma vibração mais alta do que a matéria normal — pode ser uma indicação de que tais indivíduos estão intuindo um fato importante sobre o campo energético.

A literatura hindu antiga também descreve a matéria como sendo composta de *anu*, ou "átomos", e diz que as energias vibratórias sutis do campo energético humano existem *paramanu*, ou literalmente "para além do átomo".

Isto é interessante, pois Bohm também acredita que num nível subquântico *além do átomo* existem muitas energias sutis ainda desconhecidas da ciência. Ele confessa que não sabe se o campo energético humano existe ou não mas, ao comentar a possibilidade, ele afirma: "A ordem implícita tem muitos níveis de sutileza. Se nossa atenção pode ir para aqueles níveis de sutileza, então seríamos capazes de ver mais do que comumente vemos".²¹

Vale notar que realmente não sabemos o que *qualquer* campo é. Como Bohm diz: "O que é um campo elétrico? Não sabemos".²² Quando descobrimos um novo tipo de campo ele parece misterioso. Então nós o nomeamos, nos acostumamos a lidar com ele e descrever suas propriedades e ele não mais parece misterioso. Mas ainda não sabemos o que um campo elétrico ou campo gravitacional realmente é. Como vimos no capítulo anterior, não sabemos nem mesmo o que os elétrons são. Podemos apenas descrever como eles se comportam. Isto sugere que o campo energético humano também será afinal definido em termos de como se comporta e pesquisas tais como a de Hunt apenas ajudarão nosso entendimento.

Imagens Tridimensionais na Aura

Se essas energias incomumente sutis são a matéria-prima a partir da qual o campo energético humano é feito, podemos dormir seguros de que eles têm qualidades diferentes dos tipos de energia com as quais estamos normalmente familiarizados. Uma destas é evidente nas características não locais do campo energético humano. Uma outra, e uma que é especialmente holográfica, é a capacidade da aura de se manifestar como um borrão amorfo de energia, ou às vezes formar-se em imagens tridimensionais. Sensitivos talentosos muitas vezes relatam ver tais "hologramas" flutuando na aura das pessoas. Estas imagens são em geral de objetos e idéias que têm uma posição proeminente nos pensamentos da pessoa em torno da qual eles são vistos. Algumas tradições ocultas afirmam que tais imagens são um produto da terceira camada da aura, ou camada mental, mas, até que tenhamos os meios de confirmar ou negar esta declaração, devemos nos restringir às experiências dos sensitivos que são capazes de ver imagens na aura.

Uma destas sensitivas é Beatrice Rich. Como sempre acontece, os poderes de Rich se manifestaram em idade precoce. Quando era criança, os objetos em sua presença muitas vezes se movimentavam em volta por sua própria conta. Quando ficou mais velha, descobriu que sabia coisas a respeito das pessoas que não tinha nenhum meio normal de saber. Embora tenha começado sua carreira como artista, seus talentos clarividentes se provaram tão impressionantes que ela decidiu tornar-se uma sensitiva em tempo integral. Agora ela faz leituras para indivíduos de todas as posições sociais, desde donas de casa até diretores executivos de empresas, e artigos sobre seu trabalho apare-

ceram em publicações tão diversas como a revista *New York, World Tennis* e *New York Woman*.

Rich muitas vezes vê imagens flutuando em volta ou pairando perto de seus clientes. Uma vez ela viu colheres de prata, pratos de prata e objetos semelhantes circulando em volta da cabeça de um homem. Porque isto era precoce em suas explorações dos fenômenos mediúnicos, a experiência a assustou. A princípio ela não sabia por que estava vendo o que estava vendo. Mas finalmente ela disse ao homem e descobriu que ele estava num negócio de importação e exportação e negociava com todos os objetos que ela estava vendo circulando sua cabeça. A experiência foi segura e mudou suas percepções para sempre.

Dryer teve muitas experiências semelhantes. Uma vez durante uma leitura ela viu um monte de batatas circulando em volta da cabeça de uma mulher. Como Rich, ela ficou confusa pela primeira vez mas acumulou coragem e perguntou à mulher se batatas tinham algum significado especial para ela. A mulher riu e deu a Dryer seu cartão de visita. "Ela era da Idaho Potato Board, ou alguma coisa assim", diz Dryer. "Você sabe, o cultivador de batatas equivalente da Associação de Laticínios Americanos."²³

Estas imagens nem sempre apenas pairam na aura, mas algumas vezes podem parecer extensões fantasmáticas do próprio corpo. Numa ocasião, Dryer viu uma fina camada de lama como que holográfica agarrada às mãos e braços da mulher. Visto a mulher estar impecavelmente arrumada e com roupas caras, Dryer não podia imaginar por que os pensamentos de sujeira em volta em algum tipo de barro viscoso estariam ocupando sua mente. Dryer perguntou a ela se ela entendia a imagem e a mulher fez que sim com a cabeça, explicando que era uma escultora e tinha testado um novo material naquela manhã, o qual tinha se agarrado aos seus braços e mãos exatamente como Dryer tinha descrito.

Eu, também, tive experiências semelhantes ao olhar para o campo energético. Uma vez, mergulhado em pensamentos sobre um romance em que estava trabalhando sobre lobisomens (como alguns leitores devem saber, tenho inclinação de escrever ficção sobre assuntos folclóricos), notei que a imagem fantasmática do corpo de um lobisomem tinha se formado em volta de meu próprio corpo. Gostaria rapidamente de salientar que isto era um fenômeno puramente visual e em nenhum momento me fez sentir que eu tinha de qualquer forma me tornado um lobisomem. Entretanto, a imagem como se fosse holográfica que envolvia meu corpo era tão real que quando eu levantava o braço podia realmente ver cada pêlo na pele e o modo das unhas caninas se projetarem da mão de lobo que envolvia minha própria mão. Na verdade, todas as coisas sobre estes aspectos eram absolutamente reais, a não ser que eram translúcidos e eu podia ver minha própria mão em carne e osso embaixo deles.

A experiência poderia ter sido aterrorizante, mas por alguma razão não foi e me achei apenas fascinado pelo que estava vendo.

O mais significativo sobre esta experiência foi que Dryer era minha convidada naquela hora e aconteceu de entrar no quarto enquanto eu estava ainda revestido deste corpo de lobisomem semelhante a um fantasma. Ela reagiu imediatamente e disse: "Oh, você deve estar pensando em seu romance de lobisomem porque se tornou um lobisomem". Comparamos nossas anotações e descobrimos que estávamos observando ambos os mesmos aspectos. Ficamos envolvidos na conversa e como meus pensamentos se desviou do romance, a imagem de lobisomem desapareceu lentamente.

Cinema na Aura

As imagens que os sensitivos vêem no campo energético não são sempre estáticas. Rich diz que ela muitas vezes vê o que se parece com um pequeno filme transparente passando em volta da cabeça de um cliente: "Algumas vezes vejo uma pequena imagem da pessoa atrás de sua cabeça ou ombros fazendo diversas coisas que ela faz na vida. Meus clientes me dizem que minhas descrições são muito exatas e específicas. Posso ver seus escritórios e com o que seus chefes se parecem. Posso ver o que eles pensaram e o que aconteceu com eles durante os últimos seis meses. Recentemente disse a uma cliente que podia ver a casa dela e que ela tinha máscaras e flautas penduradas na parede. Ela disse: 'Não, não, não'. Eu disse sim, existem instrumentos musicais pendurados na parede, a maioria flautas, e existem máscaras. E ela então disse: 'Oh, esta é a minha casa de verão' ".²⁴

Dryer diz que ela também vê o que parece ser filmes tridimensionais no campo energético de uma pessoa. "Em geral eles são coloridos, mas podem também ser marrons ou parecerem com fotografias antigas obtidas pelo processo de ferrotipia. Muitas vezes eles retratam uma história sobre a pessoa, que pode se passar em qualquer lugar, desenrolando-se de cinco minutos a uma hora. As imagens são também incredivelmente detalhadas. Quando vejo uma pessoa sentada num aposento posso dizer a ela quantas plantas estão no aposento, quantas folhas existem em cada planta, e quantos tijolos há na parede. Em geral não entro nesses mínimos detalhes a não ser que seja pertinente."²⁵

Posso provar a exatidão de Dryer. Sempre fui uma pessoa organizada e quando era criança era muito precoce nesse aspecto. Uma vez, quando tinha cinco anos, passei várias horas guardando e organizando meticulosamente todos os meus brinquedos num armário. Quando terminei, mostrei a minha mãe o que tinha feito e a adverti para que ela não tocasse em nada no armário porque não queria que ela bagunçasse minhas arrumações cuidadosamente organizadas. O relato de minha mãe deste incidente divertiu a família desde então. Durante minha primeira leitura com Dryer, ela descreveu o incidente em detalhes, assim como muitos outros acontecimentos de minha vida, à medida

que assistia ao seu desenrolar como um filme em meu campo energético. Ela, também, deu muita risada enquanto o descrevia.

Dryer liga as imagens que vê a hologramas e diz que, quando escolhe uma e começa a assisti-la, ela parece se expandir e encher o aposento inteiro. "Se vejo algo se passando com um ombro da pessoa, tal como um fermento, de repente a cena inteira se amplia. É quando eu capto o sentido de que isto é um holograma, porque algumas vezes me sinto andar direto para dentro dele e ser parte dele. Não está acontecendo comigo, mas em volta de mim. É quase como se eu estivesse num filme tridimensional, um filme holográfico, com a pessoa."²⁶

A visão holográfica de Dryer não é liiriitada a eventos da vida de uma pessoa. Ela vê representações visuais *'das* operações da mente inconsciente também. Como todos nós sabemos, a mente inconsciente fala numa linguagem de símbolos e metáforas. Esta é a razão por que os sonhos muitas vezes parecem tão sem sentido e misteriosos. Porém, uma vez que aprendemos como interpretar a linguagem do inconsciente, os significados dos sonhos se tornam claros. Os sonhos não são as únicas coisas que estão escritas na linguagem do inconsciente. Indivíduos que estão familiarizados com a linguagem da psique — uma linguagem que o psicanalista Erich From chama de "linguagem esquecida", porque a maioria de nós esqueceu como interpretá-la — reconhecem sua presença em outras criações humanas tais como mitos, contos de fadas e visões religiosas.

Alguns dos filmes holográficos que Dryer vê no campo energético humano estão também escritos nessa linguagem e se parecem com as mensagens metafóricas dos sonhos. Sabemos agora que a mente inconsciente é ativa não só enquanto sonhamos, mas durante todo o tempo. Dryer é capaz de despir outra vez o eu desperto de uma pessoa e olhar diretamente para o rio incessante de imagens que está sempre fluindo através da mente inconsciente dela. E tanto sua prática como seus talentos intuitivos naturais a tornaram extremamente hábil para decifrar a linguagem do inconsciente. "O psicólogos junguianos me amam", diz Dryer.

Além disso, Dryer tem um modo especial de saber se interpretou uma imagem corretamente. "Se eu não a expliquei corretamente, ela não vai embora", afirma. "Ela simplesmente fica no campo energético. Mas, uma vez que eu disse à pessoa tudo o que ela precisa saber sobre uma imagem específica, a imagem começa a se dissolver e desaparecer."²⁷ Dryer acha que isto é porque a mente inconsciente do próprio paciente é que escolhe que imagens mostrar a ela. Como Ullman, ela acredita que a psique está sempre tentando ensinar ao eu consciente coisas que ele precisa saber para se tornar mais saudável e mais feliz, para crescer espiritualmente.

A capacidade de Dryer de observar e interpretar as obras mais íntimas da psique de uma pessoa é uma das razões de ela ser capaz de fazer

transformações tão profundas em tantos de seus clientes. A primeira vez que ela descreveu o fluxo de imagens que via se desenrolando em meu próprio campo energético, tive a estranha sensação de que ela estava me falando sobre um de meus próprios sonhos, a não ser que era um sonho que eu ainda não tinha sonhado. Primeiro a fantasmagoria de imagens era apenas misteriosamente familiar mas, à medida que ela elucidava e explicava cada símbolo e metáfora em ordem seguida, reconhecia as maquinações de meu próprio eu interior, tanto as coisas que eu aceitava como as coisas que eu estava menos disposto a admitir. Na verdade, fica claro a partir do trabalho de sensitivos como Rich e Dryer que existe uma enorme quantidade de informação no campo energético. Pergunta-se se esta talvez seja a razão de Hunt ter obtido um padrão de caos tão pronunciado quando analisou os dados da aura.

A capacidade de ver imagens no campo energético humano não é nova. Quase trezentos anos atrás o grande místico sueco Emanuel Swedenborg relatou que podia ver uma "substância-onda" em volta das pessoas e na substância-onda os pensamentos de uma pessoa eram visíveis como imagens que ele chamou de "retratos". Ao comentar sobre a incapacidade das outras pessoas de ver esta substância-onda em volta do corpo, ele observou: "Eu podia ver conceitos sólidos de pensamento como se eles estivessem cercados por um tipo de onda. Mas nada atinge a sensação humana (normal) a não ser o que está no meio e parece sólido".²⁸ Swedenborg também podia ver retratos em seu próprio campo energético: "Quando estou pensando em alguém que conheci, então a imagem dessa pessoa aparece como aparecia quando era nomeada na presença humana; mas tudo em volta, como algo flutuando em ondas, era tudo o que eu tinha conhecido e pensado sobre a pessoa proveniente da meninice".²⁹

Taxa do Corpo Holográfico

A frequência não é a única coisa que é distribuída holograficamente por todo o campo. Os sensitivos relatam que a riqueza de informação pessoal que o campo contém também pode ser encontrada em cada parte da aura do corpo. Como Brennan o coloca: "A aura não só representa, mas também contém, o todo".³⁰ O psicólogo clínico da Califórnia Ronald Wong Jue concorda. Jue, ex-presidente da Associação para Psicologia Transpessoal e talentoso clarividente, achou que a história de um indivíduo está mesmo contida nos inerentes "padrões energéticos" no corpo. "O corpo é um tipo de microcosmo, um universo em si mesmo que reflete todos os diferentes fatores com que uma pessoa está lidando ou tentando integrar", diz Jue.

Como Dryer e Rich, Jue tem capacidade sensitiva para sintonizar filmes sobre assuntos importantes na vida de uma pessoa. ^c, em vez de vê-los no campo energético, ele os invoca em seu olho mental, pondo suas mãos sobre uma pessoa e literalmente psicometrando o corpo dela. Jue diz que sua técnica

capacita-o a determinar rapidamente os enredos emocionais, assuntos íntimos e padrões de relacionamentos que são mais importantes na vida de uma pessoa e muitas vezes os utiliza em seus pacientes para facilitar o processo terapêutico. "A técnica na verdade foi ensinada a mim por um meu colega psiquiatra chamado Ernst Pecci", Jue afirma. "Ele o chama de leitura corporal". Em vez de falar sobre o corpo etérico e coisas como esta, escolho utilizar o modelo holográfico como um modo de explicar isso e o chamo de Taxa do Corpo Holográfico.³¹ Além de usá-lo em sua prática clínica, Jue também dá seminários nos quais ensina aos outros como usar a técnica.

A Visão de Raios X

No último capítulo exploramos a possibilidade de o corpo não ser apenas uma construção sólida, mas ser em si um tipo de imagem holográfica. Uma outra faculdade possuída por muitos clarividentes parece apoiar esta noção, isto é, a capacidade de literalmente olhar dentro do corpo de uma pessoa. Indivíduos que são dotados para ver o campo de energia também podem muitas vezes ajustar sua visão e ver através do corpo e dos ossos do corpo, como se não fossem mais do que camadas de névoa colorida.

No decurso de sua pesquisa, Karagulla descobriu inúmeras pessoas, tanto dentro como fora da profissão médica, que tinham esta visão de raios X. Uma dessas, uma mulher que ela identificou como Diane, era presidente de uma empresa. Exatamente antes de encontrar Diane, Karagulla escreveu: "Para mim, enquanto psiquiatra, estar me encontrando com alguém que relatou ser capaz de ver' através de mim era uma inversão perturbadora em meus procedimentos habituais".³²

Karagulla fez Diane passar por uma longa série de testes, apresentado-a a pessoas e levando-a fazer diagnósticos nestes mesmos lugares. Numa dessas ocasiões, Diane descreveu o campo energético de uma mulher como "desvitalizado" e "quebrado em pedaços", e disse que isto indicava que ela tinha um problema sério em seu corpo físico. Ela então olhou para dentro do corpo da mulher e viu que havia um bloqueio intestinal perto do baço. Isto surpreendeu Karagulla, porque a mulher não mostrava nenhum sintoma que em geral indicasse uma condição tão séria. Entretanto, a mulher foi a seu médico e a radiografia revelou um bloqueio na região exata que Diane tinha descrito. Três dias depois, a mulher se submeteu à cirurgia para remover a obstrução que ameaçava sua vida.

Numa outra série de testes, Karagulla fez Diane diagnosticar pacientes ao acaso na clínica de pacientes externos de um grande hospital de Nova York. Depois que Diane fazia um diagnóstico, Karagulla determinava a exatidão de suas observações dirigindo-se aos registros dos pacientes. Numa dessas ocasiões Diane olhou para uma paciente desconhecida de ambas e disse a

Karagulla que a glândula pituitária (uma glândula profunda no cérebro) estava faltando, o pâncreas dela parecia que não estava funcionando adequadamente, os seios haviam sido afetados e agora estavam faltando, ela não tinha energia suficiente passando pela coluna vertebral da cintura para baixo e tinha problemas com as pernas. O relatório médico sobre a mulher revelava que sua glândula pituitária fora removida cirurgicamente, ela estava tomando hormônios que afetavam o pâncreas, sofreria uma mastectomia dupla devido ao câncer, uma operação nas costas para descomprimir a medula espinhal e aliviar as dores nas pernas, e os nervos tinham sido prejudicados, tornando difícil para ela esvaziar a bexiga.

Caso após caso, Diane revelava que podia olhar sem esforço para as profundezas do corpo físico. Dava descrições detalhadas da condição dos órgãos internos. Via o estado dos intestinos, a presença ou ausência de diversas glândulas e descrevia até a densidade ou fragilidade dos ossos. Karagulla conclui: "Embora não pudesse avaliar seus achados relativos à energia do corpo, suas observações das condições físicas estavam em correlação surpreendentemente exata com os diagnósticos médicos".³³

Brennan também é hábil em olhar dentro do corpo humano e chama a capacidade de "visão interna". Usando a visão interna ela diagnosticou com exatidão uma gama extensa de condições incluindo fraturas ósseas, tumores fibróides e câncer. Ela diz que muitas vezes pode falar da condição de um órgão pela sua cor: por exemplo, o fígado saudável tem a aparência vermelho-escura; o fígado icterico tem uma aparência amarelo-amarronzada doentia; e o fígado de um indivíduo que sofreu quimioterapia em geral parece verde-amarronzado. Como muitos outros sensitivos com visão interna, Brennan pode ajustar o foco de sua visão e ver até estruturas microscópicas, tais como vírus e células sanguíneas do indivíduo.

Eu pessoalmente encontrei diversos sensitivos com visão interna e posso corroborar sua autenticidade. Uma sensitiva que vi demonstrar a capacidade é Dryer. Numa destas ocasiões, ela não só diagnosticou com exatidão um problema médico interno que eu estava tendo, como ofereceu uma informação surpreendente de uma natureza inteiramente diferente juntamente com ele. Poucos anos atrás comecei a ter problemas com meu baço. Para tentar remediar a situação, comecei a fazer exercícios de visualização diários, vendo imagens de meu baço num estado de totalidade e saúde, vendo-o ser banhado numa luz curativa e assim por diante. Infelizmente, sou uma pessoa muito impaciente e, quando não consigo o que quero da noite para o dia, fico com raiva. Durante minha meditação seguinte, mentalmente xinguei meu baço e o avisei em termos nada indecisos que era melhor começar a fazer o que eu queria. Este incidente aconteceu puramente em meus próprios pensamentos e bem depressa me esqueci dele.

Poucos dias depois vi Dryer e perguntei a ela se podia olhar dentro de meu corpo e me dizer se havia algo que eu pudesse ficar sabendo (não contei a ela sobre meu problema de saúde). Porém, ela imediatamente descreveu o que estava errado com meu baço e então parou, franzindo a testa como se estivesse confusa. "Seu baço está muito aborrecido com alguma coisa", ela murmurou. E então, de repente ela entendeu. "Você esteve *gritando* com seu baço?" Timidamente admiti que sim. Dryer levantou as mãos. "Você não deve fazer isto. Seu baço ficou doente porque pensou que estava fazendo o que você queria. É porque inconscientemente você estava dando a ele direções erradas. Agora que você gritou com ele, ele está realmente confuso." Ela sacudiu a cabeça com preocupação. "Nunca, nunca fique bravo com seu corpo ou com seus órgãos internos", ela aconselhou. "Envie a eles apenas mensagens positivas."

O incidente não só revelou a habilidade de Dryer em olhar dentro do corpo humano, como também pareceu sugerir que meu baço possuía uma espécie de mentalidade ou consciência de si próprio. Isto me lembrou não só da afirmação de Pert de que ela não sabia mais onde o cérebro acabava e o corpo começava, como me fez querer saber se talvez todos os componentes do corpo — glândulas, ossos, órgãos e células — têm sua própria inteligência. Se o corpo é realmente holográfico, pode ser que a afirmação de Pert esteja mais certa do que percebemos e a consciência do todo esteja muito mais contida em todas as suas partes.

Visão Interna e Xamanismo

Em algumas culturas xamanistas a visão interna é um dos pré-requisitos para se tornar um xamã. Entre os índios araucanos do Chile e dos pampas da Argentina, é ensinado a um xamã recém-iniciado a rezar especificamente por esta faculdade. Isto é porque o principal papel do xamã na cultura araucana é diagnosticar e curar doenças, para as quais a visão interna é considerada essencial.³⁴ Os xamãs australianos referem-se à habilidade como o "olho forte", ou "ver com o coração".³⁵ Os índios jivaros das encostas florestais orientais dos Andes equatorianos adquirem a habilidade ao beber um extrato de vinho da floresta chamado *ayahuasca*, uma planta que tem uma substância alucinógena que, acredita-se, confere capacidades sensitivas a quem a bebe. De acordo com Michael Harner, um antropólogo da Nova Faculdade para Pesquisa Social de Nova York, que se especializou nos estudos xamanísticos, a *ayahuasca* permite ao xamã jivaros "ver dentro do corpo do paciente como se ele fosse de vidro".³⁶

Na verdade, a capacidade de "ver" uma doença — se isto envolve realmente olhar dentro do corpo ou ver a doença representada como um tipo de holograma metafórico, tal como uma imagem tridimensional de uma criatura repulsiva e demoníaca dentro ou perto do corpo — é universal nas tradições xamanistas. Mas, qualquer que seja a cultura na qual a visão interna seja

relatada, suas implicações são as mesmas. O corpo é uma construção de energia e enfim pode não ser mais substancial do que o campo de energia no qual está encaixado.

O Campo de Energia como Projeto Cósmico

A idéia de que o corpo físico é apenas mais um nível de densidade no campo de energia humano e é em si um tipo de holograma que se fundiu a partir de padrões de interferência da aura pode explicar tanto os extraordinários poderes curativos da mente como o imenso controle que ele tem sobre o corpo em geral. Porque uma doença pode aparecer no campo de energia semanas e mesmo anos antes de aparecer no corpo, muitos sensitivos acreditam que a doença na realidade se origina no campo de energia. Isto sugere que o campo de energia é de algum modo mais fundamental do que o corpo físico e funciona como um tipo de projeto a partir do qual o corpo obtém suas sugestões estruturais. Colocado de um outro modo, o campo de energia pode ser a própria versão do corpo de uma ordem implícita.

Isto pode explicar os achados de Achterberg e de Siegel de que os pacientes já estão "imaginando" suas doenças muitos meses antes de esta se manifestar em seu corpo. No presente, a ciência médica está embaraçada em explicar como a imaginação mental pode realmente criar uma doença. Mas, como vimos, as idéias que são preponderantes em nossos pensamentos rapidamente aparecem como imagens em nosso campo de energia. Se o campo de energia é o projeto que guia e molda o corpo, pode ser que ao imaginar uma doença, mesmo inconscientemente, e ao reforçar sua presença de forma repetida no campo, estejamos, de fato, programando o corpo para manifestar a doença. Da mesma forma, este mesmo acoplamento dinâmico entre as imagens mentais, campo de energia e corpo físico, pode ser uma das razões da imaginação e visualização também poderem curar o corpo. Isso pode até ajudar a explicar como a fé e a meditação sobre imagens religiosas habilitam os estigmatizados a criar protuberância carnis semelhantes a pregos nas mãos. Nosso habitual conhecimento científico está preocupado em explicar uma tal capacidade biológica mas, outra vez, a reza constante e a meditação podem fazer tais imagens se tornarem tão gravadas no campo energético, que a repetição constante desses padrões finalmente ganha forma no corpo.

Um pesquisador que acredita que é o campo energético que molda o corpo e não o contrário é Richard Gerber, um médico de Detroit que passou os últimos doze anos investigando as implicações médicas dos campos energéticos sutis do corpo. "O corpo etérico é um modelo de energia holográfica que dirige o crescimento e desenvolvimento do corpo físico", diz Gerber.³⁷

Gerber acredita que as camadas distintas que alguns sensitivos vêem na aura também representam um fator na relação dinâmica entre o pensamento, o campo energético e o corpo físico. Assim como o corpo físico está subordinado

ao etérico, o corpo etérico está subordinado ao corpo astral-emocional, o astral-emocional ao mental e assim por diante, diz Gerber, com cada corpo funcionando como um modelo para o anterior. Assim, quanto mais sutil a camada do campo energético na qual uma imagem ou pensamento se manifesta, maior sua capacidade de curar e reformar o corpo. "Porque o corpo mental alimenta de energia o corpo astral-emocional, o qual então afunila o alimento para os corpos etérico e físico, curar uma pessoa a nível mental é mais forte e produz resultados mais duradouros do que curar a partir tanto do nível astral como etérico", diz Gerber.³

O médico Tiller concorda. "Os pensamentos que uma pessoa cria geram padrões no nível mental natural. Assim vemos que a doença, de fato, finalmente torna-se manifesta a partir de padrões mentais de alteração sucessiva — primeiro, afeta o nível etérico, e então, afinal, o nível físico (onde) o vemos como doença." Tilier acredita que a razão de a doença muitas vezes voltar é que a medicina trata em geral apenas o nível físico. Ele acha que, se os médicos tratassem o campo energético também, realizariam curas mais duradouras. Até então, muitos tratamentos "não serão permanentes porque não alteramos o holograma básico nos níveis mental e espiritual", afirma.³⁹

Numa especulação de âmbito maior, Tiller até sugere que o universo em si começou como um campo energético sutil e gradualmente tornou-se mais denso e material através de um efeito semelhante. De seu ponto de vista, pode ser que Deus tenha criado o universo como um padrão divino ou idéia. Como a imagem que um sensitivo vê flutuando no campo energético humano, este padrão divino funcionou como um modelo, influenciando e moldando de modo crescente níveis menos sutis do campo energético cósmico "descendo o caminho via uma série de hologramas", até finalmente aglutinar-se num holograma de um universo físico.⁴⁰

Se isto é verdade, então é possível que o corpo humano seja holográfico de um outro modo, pois cada um de nós seria na verdade um universo em miniatura. Além do mais, se nossos pensamentos podem ser a causa de se formarem imagens holográficas de maneira fantasmática, não só em nosso próprio campo energético, mas em níveis energéticos sutis da própria realidade, tal raciocínio pode ajudar a explicar como a mente humana é capaz de fazer alguns dos milagres que examinamos no capítulo anterior. Isso pode até explicar as sincronicidades, ou como os processos e imagens provenientes das profundezas mais íntimas de nossa psique conseguem tomar forma na realidade externa. Outra vez, pode ser que nossos pensamentos estejam constantemente afetando os níveis energéticos sutis do universo holográfico, mas apenas os pensamentos emocionalmente poderosos, tais como aqueles que acompanham momentos de crise e de transformação — o tipo de eventos que parecem produzir sincronicidades —, são potentes o bastante para se manifestar como uma série de coincidências na realidade física.

Uma Realidade Participativa

É claro, estes processos não estão na dependência de os campos energéticos sutis do universo serem estratificados em camadas rigidamente definidas. De fato, dado o quão sensíveis estes campos sutis são para nossos pensamentos, devemos ser muito cuidadosos quando tentamos formar um conjunto de idéias sobre a organização e a estrutura deles. O que acreditamos a respeito deles pode de fato ajudar a moldar e criar sua estrutura.

Esta é talvez a razão de os sensitivos discordarem sobre o campo energético ser dividido em camadas. O indivíduo cujo campo energético está sendo observado também pode participar neste processo. Brennan é muito franca sobre isto e observa que quanto mais um de seus clientes entende a diferença entre as camadas, mais claras e distintas as camadas de seu campo energético se tornam. Ela admite que a estrutura que vê no campo energético é então apenas um sistema, e outros surgem com outros sistemas. Por exemplo, os autores dos tantras, uma coleção de textos iogues hindus escritos entre o século 4 e o século 6, percebiam apenas três camadas no campo energético.

Existe evidência de que as estruturas que os clarividentes inadvertidamente criam no campo energético podem ser notavelmente duradouras. Durante séculos os hindus antigos acreditaram que cada chacra também tinha uma letra sânscrita escrita em seu centro. O pesquisador japonês Hiroshi Motoyama, um psicólogo clínico que desenvolveu de modo bem sucedido uma técnica para medir a presença elétrica dos chacras, diz que ficou interessado pelos chacras pela primeira vez porque sua mãe, uma mulher simples com dons clarividentes naturais, podia vê-los claramente. Porém, durante anos ela ficou intrigada porque podia ver o que se parecia com um veleiro invertido no chacra de sua cabeça. Não foi senão quando Motoyama começou suas próprias investigações que descobriu que o que sua mãe estava vendo era a letra sânscrita *yam*, a letra que os hindus antigos percebiam no chacra do coração.⁴¹ Alguns sensitivos, tal como Dryer, dizem que também podem ver letras sânscritas nos chacras. Outros não. A única explicação parece ser que os sensitivos que vêem as letras estão na verdade entrando em sintonia com estruturas holográficas impostas sobre o campo energético pelas crenças dos hindus antigos. À primeira vista esta noção pode parecer estranha, mas tem precedente. Como vimos, uma dos princípios básicos da física quântica é que não estamos descobrindo a realidade, mas participando de sua criação. Pode ser que, à medida que sondamos mais fundo nos níveis de realidade além do átomo, os níveis onde as energias sutis da aura humana parecem estar, a natureza participatória da realidade se torne mais pronunciada. Assim devemos ser extremamente cautelosos sobre dizer que descobrimos uma estrutura específica ou um padrão no campo energético humano, quando podemos na realidade ter criado o que encontramos.

A Mente e o Campo Energético Humano

É significativo que uma análise do campo energético humano leve alguém exatamente à mesma conclusão que Pribram chegou depois de descobrir que o cérebro converte significação sensorial em uma linguagem de frequências. Isto é, que nós temos duas realidades: uma na qual nosso corpo parece ser concreto e ter uma localização específica no espaço e no tempo, e uma na qual nosso verdadeiro ser parece existir fundamentalmente como uma nuvem esmaecida de energia, cuja localização real no espaço é de alguma forma ambígua. Esta compreensão traz consigo algumas questões profundas. Uma é: o que vem a ser a mente? Foinos ensinado que nossa mente é um produto do nosso cérebro mas, se o cérebro e o corpo físico são apenas hologramas, a parte mais densa de um contínuo cada vez mais sutil de campos de energia, o que isso diz sobre a mente? A pesquisa do campo energético humano fornece uma resposta.

Recentemente, uma descoberta feita pelos neurofisiologistas Benjamin Libet e Bertram Feinstein, no Hospital Monte Sião de San Francisco causou tumulto na comunidade científica. Libet e Feinstein mediram o tempo que levava para um estímulo de toque sobre a pele de um paciente alcançar o cérebro como um sinal elétrico. Também foi pedido ao paciente para apertar um botão quando tomasse consciência de ser tocado. Libet e Feinstein acharam que o cérebro registrou o estímulo em um milésimo de um segundo depois que ocorreu e o paciente pressionou o botão um décimo de segundo depois que o estímulo foi aplicado.

Mas, notavelmente, o paciente não relatou estar sabendo conscientemente tanto do estímulo como da pressão ao botão *por quase meio segundo*. Isto quis dizer que a decisão para responder foi feita pela mente inconsciente do paciente. A consciência do paciente para a ação era a mais lenta do páreo. Ainda mais perturbador, nenhum dos pacientes que Libet e Feinstein testaram estava ciente de que sua mente inconsciente já o compelira a apertar o botão antes que tivesse decidido conscientemente fazer isso. De alguma forma, o cérebro dos pacientes criava a ilusão de que eles tinham controlado conscientemente a ação, mesmo que não o tivessem feito.⁴² Isto fez com que alguns pesquisadores se perguntassem se o livre-arbítrio é uma ilusão. Estudos posteriores mostraram que 1,5 segundo antes de "decidirmos" mexer um de nossos músculos, como levantar um dedo, nosso cérebro já começou a gerar os sinais necessários para realizar o movimento.⁴³ Outra vez, quem toma a decisão, a mente consciente ou a mente inconsciente?

Hunt melhora tais achados um pouco mais, ao descobrir que o campo energético humano responde ao estímulo sempre antes do cérebro. Ela

tomou as leituras EMG do campo energético e as leituras EEG do cérebro simultaneamente e descobriu que, ao fazer um som alto ou piscar uma luz brilhante, o EMG do campo energético registra o estímulo antes mesmo que se mostre no EEG. O que isso quer dizer? "Penso que superestimamos de longe o cérebro como o ingrediente ativo no relacionamento de um humano com o mundo", diz Hunt. "Ele é apenas um bom computador. Mas os aspectos da mente que têm a ver com criatividade, imaginação, espiritualidade e todas estas coisas, não as vejo no cérebro de jeito nenhum. A mente não está no cérebro. Está naquele maldito campo."⁴⁴

Dryer também notou que o campo energético responde antes que a pessoa registre conscientemente uma resposta. Como consequência, em vez de tentar julgar as reações de seus clientes ao olhar suas expressões faciais, ela mantém os olhos fechados e olha como seus campos energético reagem. "Como eu digo, posso ver as cores mudando em seu campo energético. Posso ver como eles se sentem sobre o que estou dizendo sem ter de lhes perguntar. Por exemplo, se o campo deles se torna nebuloso, sei que não entenderam o que estou dizendo", afirma.⁴⁵

Se a mente não está no cérebro, mas no campo energético que permeia tanto o cérebro como o corpo físico, isto pode explicar por que os sensitivos tais como Dryer vêem tanto o conteúdo da psique de uma pessoa no campo energético. Pode também explicar como meu baço, um órgão que não é normalmente associado ao pensamento, fez para ter sua própria forma rudimentar de inteligência. Na verdade, se a mente está no campo energético, sugere que nossa consciência, o pensamento, o sentimento de ser parte de nós mesmos, pode mesmo não estar confinado ao corpo físico e, como veremos, existe considerável evidência para apoiar esta idéia também.

Mas primeiro devemos voltar nossa atenção para um outro assunto. A solidez do corpo não é a única coisa que é ilusória num universo holográfico. Como vimos, Bohm acredita que mesmo o próprio tempo não é absoluto, mas se desdobra a partir da ordem implícita. Isto sugere que a divisão linear do tempo em passado, presente e futuro também é apenas uma outra construção da mente. No próximo capítulo, analisaremos a evidência que apoia esta idéia, assim como as ramificações que este ponto de vista tem em nossa vida no aqui e agora.

TERCEIRA PARTE

ESPAÇO E TEMPO

O xamanismo e as misteriosas áreas de pesquisa similares ganharam significância porque postulam novas idéias sobre a mente e o espírito. Elas falam de coisas como expandir vastamente o domínio da consciência (...), a crença, o conhecimento e mesmo a experiência de que nosso mundo físico dos sentidos é uma mera ilusão, um mundo de sombras, e que o instrumento tridimensional que chamamos de nosso corpo serve apenas como continente ou lugar de morada para Algo infinitamente maior e mais abrangente do que este corpo e que constitui a matriz da própria vida.

— Holger Kalweit *Tempo de Sonho e Espaço Interior*

TEMPO DESVAIRADO

O "lar" da mente, como de todas as coisas, é a ordem implícita. Neste nível, que é o espaço fundamental repleto de matéria do universo manifesto inteiro, não existe tempo linear. O domínio implícito é atemporal; os momentos não são arranjados em sequência periódica, como as contas num colar.

— Larry Dossey *Redescobindo a Alma*

Quando o homem olhou para o espaço, o aposento em que se encontrava tornou-se fantasmático e transparente e em seu lugar materializou-se uma cena proveniente do passado distante. De repente ele se achava no pátio de um palácio e diante dele havia uma jovem, de pele cor de oliva e muito bonita. Ele podia ver as jóias de ouro em volta de seu pescoço, pulsos e tornozelos, seu vestido branco translúcido e seu cabelo preto trançado regiamente sob uma alta tiara de forma quadrada. Quando olhou para ela, informações sobre a vida dela fluíram para sua mente. Ele soube que era egípcia, filha de uma princesa, mas não de um faraó. Era casada. Seu marido era esbelto e usava o cabelo numa infinidade de pequenas tranças que caíam dos dois lados do rosto.

O homem também podia adiantar a cena, passando pelos eventos da vida da jovem como se não fossem mais do que um filme. Ele viu que ela morreria de parto. Assistiu aos prolongados e intrincados passos de seu embalsamamento, a procissão de seu funeral, os rituais que acompanharam sua colocação no sarcófago e, quando terminou, as imagens desapareceram e o aposento uma vez mais voltou para sua visão.

O nome do homem era Stefan Ossowiecki, polonês de nascimento, um dos clarividentes mais talentosos do século, e a data era 14 de fevereiro de 1935. Sua visão do passado foi evocada quando ele pegou o fragmento de um pé humano petrificado.

Ossowiecki se mostrava tão perito em artefatos psicométricos que finalmente chamou atenção de Stanislaw Poniatowski, professor da Universidade de Varsóvia e o mais eminente etnólogo da Polônia na época. Poniatowski testou Ossowiecki com uma variedade de pedras e outros instrumentos de pedra obtidos de sítios arqueológicos de todo o mundo. A maioria destes *líticos*, como são chamados, eram tão indefiníveis que apenas um olho treinado podia dizer que tinham sido feitos por mãos humanas. Eles também eram précertificados por especialistas, de forma que Poniatowski sabia a época a que pertenciam e suas origens históricas, informações que mantinha cuidadosamente escondidas de Ossowiecki.

Isto não importava. Muitas vezes Ossowiecki identificou os objetos corretamente, descrevendo sua época, a cultura que os produziu e as localizações geográficas onde foram encontrados. Em diversas ocasiões, os locais que Ossowiecki citou divergiam da informação que Poniatowski tinha escrito em suas notas, mas Poniatowski descobriu que eram sempre suas notas que estavam erradas, não a informação de Ossowiecki.

Ossowiecki sempre agia de maneira igual. Ele pegava o objeto nas mãos e se concentrava, até o aposento diante dele, e até seu próprio corpo, tornarem-se sombrios e quase inexistentes. Depois dessa transição acontecer, ele se achava olhando para um filme tridimensional do passado. Podia então ir para qualquer lugar que quisesse na cena e ver qualquer coisa que escolhesse. Enquanto estava olhando para o passado, Ossowiecki até movimentava os olhos para frente e para trás, como se as coisas que estava descrevendo tivessem uma presença física diante de si.

Ele podia ver a vegetação, o povo e as casas nas quais moravam. Numa ocasião, depois de pegar um instrumento de pedra da cultura magdaleniana, um povo da Idade da Pedra que floresceu na França cerca de 15000 a 10000 a.C., Ossowiecki disse a Poniatowski que as mulheres magdalenianas tinham estilos de cabelo muito complexos. Na época isso pareceu absurdo, mas descobertas subseqüentes de estátuas de mulheres magdalenianas com cortes de cabelo ornamentados provaram que Ossowiecki estava certo.

No decurso dos experimentos, Ossowiecki ofereceu cerca de cem desses fragmentos de informação, detalhes sobre o passado, que em princípio pareciam inexatos, mas que mais tarde se mostravam corretos. Ele disse que as pessoas da Idade da Pedra utilizavam lamparinas a óleo e foi justificado quando escavações em Dordogne, França, descobriram lamparinas a óleo do tamanho e estilo exatos que ele descreveu. Ele fez desenhos detalhados de animais que diversos povos caçavam, do estilo das cabanas nas quais moravam e seus

costumes de sepultamento — afirmações que foram todas confirmadas mais tarde por descobertas arqueológicas.

O trabalho de Poniatowski com Ossowiecki não é único. Norman Emerson, professor de antropologia na Universidade de Toronto e fundador vice-presidente da Associação Arqueológica Canadense, também investigou o uso de clarividentes no trabalho arqueológico. A pesquisa de Emerson centrou-se em torno de um motorista de caminhão chamado George McMullen. Como Ossowiecki, McMullen tem a capacidade de psicomedir objetos e utilizá-los para sintonizar cenas do passado. McMullen também pode sintonizar o passado simplesmente visitando um sítio arqueológico. Uma vez lá, ele anda para trás e para frente até se orientar. Então, começa a descrever o povo e a cultura que uma vez floresceu no lugar. Numa dessas ocasiões Emerson olhava, quando McMullen pulou sobre um pedaço descoberto do chão, medindo com passos o que dizia ser o local de uma grande casa iroquesa. Emerson marcou a área com pinos de avaliação e seis meses mais tarde descobriu a estrutura antiga exatamente onde McMullen disse que estaria.²

Embora Emerson começasse como cético, seu trabalho com McMullen o fez acreditar. Em 1973, numa conferência anual dos principais arqueólogos, ele declarou: "É minha convicção que recebi conhecimento sobre instrumentos e lugares arqueológicos de um informante sensitivo, que relata esta informação para mim sem qualquer evidência do uso consciente da razão". Concluiu sua fala dizendo que achava que as demonstrações de McMullen abriam "toda uma nova perspectiva" na arqueologia, e deveria se dar uma "prioridade fundamental" à pesquisa da nova utilização de sensitivos nas investigações arqueológicas.³

Na verdade, a *retrocognição*, ou a capacidade de certos indivíduos mudarem o foco de sua atenção e literalmente olharem para o passado, foi confirmada repetidas vezes por pesquisadores. Numa série de experimentos conduzidos nos anos 60, W. H. C. Tenhaeff, diretor do Instituto Parapsicológico da Universidade Estadual de Utrecht, e Marius Valkhoff, deão da faculdade de artes na Universidade de Witwatersrand, Johannesburg, África do Sul, achou que o grande sensitivo holandês, Gerard Croiset, podia psicomedir até o menor fragmento de osso e descrever com exatidão seu passado.⁴ O dr. Lawrence Leshan, psicólogo clínico de Nova York e outro cético que se tornou crédulo, conduziu experimentos semelhantes com a famosa sensitivo americano Eileen Garrett.⁵ No encontro anual de 1961 da Associação Antropológica Americana, o arqueólogo Clarence W. Weiart revelou que não teria feito sua famosa descoberta de Três Zapotes, universalmente considerada como um dos mais importantes achados arqueológicos já feitos, não fosse a assistência de um sensitivo.⁶

Stephan A. Schwartz, membro da revista *National Geographic* e um dos fundadores de seu corpo editorial, além de integrante da Secretaria do Grupo de

Defesa de Discussão sobre Inovação, Tecnologia e Sociedade do Instituto de Tecnologia de Massachusetts, acredita que a retrocognição não só é real, como provocará finalmente uma mudança tão profunda na realidade científica quanto as mudanças que se seguiram às descobertas de Copérnico e Darwin. Schwartz tem tanto empenho no assunto que escreveu uma história abrangente da parceria entre clarividentes e arqueólogos intitulada *As Cavernas Secretas do Tempo*. "Durante três quartos de século a arqueologia sensitiva tem sido uma realidade," diz Schwartz. "Esta nova abordagem contribuiu muito para demonstrar que a estrutura do tempo e do espaço, tão crucial para a compreensão ampla da Grande Matéria, não é de maneira nenhuma um constructo tão absoluto quanto a maioria dos cientistas acredita."⁷

O Passado como Holograma

Tais capacidades sugerem que o passado não está perdido, mas ainda existe de uma forma acessível à percepção humana. Nossa visão normal do universo não leva em consideração um tal estado de coisas, mas o modelo holográfico, sim. A noção de Bohm de que o fluxo do tempo é o produto de uma série constante de descobrimentos e encobrimentos, sugere que, enquanto o presente se cobre e se torna parte do passado, não deixa de existir, mas simplesmente volta para o depósito cósmico do implícito. Ou, como Bohm argumenta: "O passado está ativo no presente como um tipo de ordem implícita".⁸

Se, como Bohm sugere, a consciência também tem sua origem no implícito, isto quer dizer que a mente humana e o registro holográfico do passado já existentes no mesmo domínio, são, num modo de dizer, já vizinhos. Assim, uma mudança no foco de atenção de alguém pode ser todo o necessário para ter acesso ao passado. Clarividentes tais como McMullen e Ossowiecki podem simplesmente ser indivíduos que têm um jeito inato para fazer essa mudança, mas outra vez, da mesma forma que muitas outras capacidades humanas extraordinárias que vimos, a idéia holográfica sugere que o talento está latente em todos nós.

Uma metáfora para o modo como o passado está armazenado no implícito também pode ser encontrado no holograma. Se cada fase de uma atividade, digamos, uma mulher soprando uma bolha de sabão, é registrada como uma série de imagens sucessivas num holograma de múltipla imagem, cada imagem se torna como um quadro num filme. Se o holograma é um holograma "de luz branca" — um pedaço de filme holográfico cuja imagem pode ser vista a olho nu e não precisa da luz laser para se tornar visível — quando um observador anda ao lado do filme e muda o ângulo de sua percepção, este verá o que equivale a um filme cinematográfico tridimensional da mulher soprando a bolha de sabão. Em outras palavras, à medida que as diferentes imagens se

cobrem e descubrem, parecerão fluir juntas e apresentar unia ilusão de movimento.

Uma pessoa que não esteja familiarizada com os hologramas pode erroneamente supor que os diversos estágios no sopro da bolha de sabão são transitórios e, uma vez percebidos, não podem nunca mais ser vistos outra vez, mas isto não é verdade. A atividade inteira é sempre registrada no holograma, e é a mudança de perspectiva do observador que fornece a ilusão de que está se desdobrando no tempo. A teoria holográfica sugere que o mesmo é verdade no nosso próprio passado. Em vez de desaparecer no esquecimento, ele também permanece registrado no holograma cósmico e pode-se ter acesso a ele sempre, mais uma vez.

Um outro aspecto sugestivamente parecido com o holograma da experiência retrocognitiva é a tridimensionalidade das cenas a que se tem acesso. Por exemplo, a sensitiva Rich, que também pode psico-medir objetos, diz que sabe o que Ossowiecki quis dizer quando disse que as imagens que via eram tão tridimensionais e reais, ainda mais reais do que o aposento no qual ele estava sentado. "É como se a cena tomasse posse", diz Rich. "É dominante e, uma vez que comece a se desdobrar, na verdade me torno parte dela. É como estar em dois lugares ao mesmo tempo. Tenho consciência de que estou sentada num aposento, mas estou também na cena."⁹

Igualmente holográfica é a natureza não local da capacidade. Os sensitivos são capazes de ter acesso ao passado de um determinado lugar arqueológico tanto quando estão no lugar como quando estão a muitos quilômetros de distância. Em outras palavras, o registro do passado não parece estar armazenado num lugar específico mas, como a informação num holograma, é não local e pode-se ter acesso a ela a partir de qualquer ponto na estrutura espaço-tempo. O aspecto não local do fenômeno é mais salientado pelo fato de que alguns sensitivos nem mesmo precisam recorrer à psicomетria a fim de sintonizar o passado. O famoso clarividente kentuckiano Edgar Cayce podia ter acesso ao passado simplesmente deitando-se num divã em sua casa e entrando num estado semelhante ao sono. Ele ditou volumes sobre a história da espécie humana e foi muitas vezes surpreendentemente correto. Por exemplo, ele apontou o local com precisão e descreveu o papel histórico da comunidade essênica em Qumran onze anos antes da descoberta dos manuscritos do mar Morto (nas cavernas no alto de Qumran) confirmarem suas declarações.¹⁰

É interessante notar que muitos indivíduos retrocognitivos também podem ver o campo de energia humano. Quando era criança, a mãe de Ossowiecki deu a ele um colírio na tentativa de livrá-lo das faixas de cor que ele disse a ela ver em volta das pessoas, e McMullen também pode diagnosticar a saúde de uma pessoa ao olhar para seu campo. Isto sugere que a retrocognição pode estar ligada à capacidade de ver os aspectos mais vibratórios e sutis da realidade. Colocado de um outro modo, o passado pode

ser apenas uma coisa a mais que está codificada no domínio de frequência, uma parte dos padrões de interferência cósmica que a maioria de nós censura completamente e apenas uns poucos sintonizam e convertem em imagens semelhantes ao holograma. "Talvez no estado holográfico — no domínio de frequência — 4 mil anos atrás seja amanhã", diz Pribram.¹¹

Fantasmas do Passado

A idéia de que o passado está holograficamente registrado nas ondas aéreas cósmicas, e conseqüentemente pode ser captado pela mente humana e convertido em hologramas, também pode explicar pelo menos alguns fantasmas. Muitas aparições fantasmáticas parecem ser pouco mais do que hologramas, registros tridimensionais de alguma pessoa ou cena proveniente do passado. Por exemplo, uma teoria sobre fantasmas é que eles são a alma ou espírito do indivíduo falecido, mas nem todos os fantasmas são humanos. Existem inúmeros casos registrados de indivíduos que viram fantasmas de objetos inanimados também, fato que desmente a idéia de que as aparições são almas desencarnadas. *Fantasmas da Vida*, um compacto conjunto de dois volumes de registros bem documentados de fantasmas e de outros fenômenos paranormais, compilados pela Sociedade de Pesquisa Sensitiva em Londres, oferece muitos desses exemplos. Por exemplo, num caso um oficial militar britânico e sua família viram quando uma carruagem espectral puxada por cavalos se ergueu sobre o gramado deles e parou. A carruagem fantasmática era tão real que o filho do oficial aproximou-se dela e viu o que parecia ser uma figura feminina lá dentro. A imagem desapareceu antes que ele pudesse olhar melhor e não deixou nenhum rastro de cavalo ou de roda.¹²

Quão habituais são estas experiências? Não sabemos, mas sabemos que nos Estados Unidos e na Inglaterra diversos estudos mostraram que de 10 a 17 por cento da população em geral viu uma aparição, indicando que tais fenômenos podem ser muito mais comuns do que a maioria de nós supõe.¹³

A noção de que alguns eventos deixam marcas mais fortes no registro holográfico do que outros também é apoiada pela tendência de fantasmas ocorrerem em locais onde alguns atos terríveis de violência ou outras ocorrências emocionais poderosas e incomuns aconteceram. A literatura está cheia de aparições surgindo nos lugares de assassinatos, batalhas militares e outros tipos de destruição. Isto sugere que, além das imagens e dos sons, as emoções sentidas durante um evento também são registradas no holograma cósmico. Outra vez, parece que é a intensidade emocional de tais eventos que os faz mais notáveis no registro holográfico e que permite que indivíduos normais inconscientemente tenham acesso a eles.

E, outra vez, muitos desses fantasmas parecem ser menos o produto de espíritos infelizes presos à terra e mais apenas aparições acidentais no registro holográfico do passado. Isto, também, é apoiado pela literatura sobre o assunto.

Por exemplo, em 1907, e sob a sugestão 'do poeta William Butler Yeats, um sábio religioso e antropólogo da UCLA chamado W. Y. Evans-Wentz embarcou numa viagem de dois anos para a Irlanda, Escócia, Gales, Cornualha e Bretanha para entrevistar pessoas que supostamente encontraram fadas e outros seres sobrenaturais. Evans-Wentz empreendeu o projeto porque Yeats disse a ele que à medida que os valores do século 20 substituíam as velhas crenças, encontros com fadas estavam se tornando menos freqüentes, sendo necessário documentá-los antes que a tradição se perdesse completamente.

Enquanto ia de aldeia em aldeia entrevistando os velhos robustos da fé, Evans-Wentz descobriu que nem todas as fadas que as pessoas encontravam nos vales profundos e nas campinas salpicadas de luar eram pequenas. Algumas eram altas e pareciam seres humanos normais, apesar de serem luminosos e translúcidos, e tinham o curioso hábito de usar roupas de períodos históricos primitivos.

Além do mais, essas "fadas" muitas vezes apareciam nas ruínas arqueológicas ou em volta delas — colinas de sepultamento, pedras verticais, fortalezas esmigalhadas do século 6 e assim por diante — e participavam das atividades associadas aos tempos passados. Evans-Wentz entrevistou testemunhas que viram fadas que se pareciam com homens, com roupas elisabetanas, ocupados na caça, fadas que caminhavam em procissões fantasmáticas para lá e para cá nas ruínas dos velhos fortes, e fadas que tocavam sinos enquanto estavam nas ruínas de igrejas antigas. Uma atividade à que as fadas pareciam excessivamente aficionadas era a promoção de brigas. Em seu livro *A Fé nas Fadas em Países Celtas*, Evans-Wentz apresenta o testemunho de inúmeros indivíduos que alegaram ver estes conflitos de espectros, campinas iluminadas pela lua repletas de homens lutando em armadura medieval ou pântanos desolados cobertos com soldados em uniformes coloridos. Algumas vezes estes combates eram misteriosamente silenciosos; algumas vezes eram muito estrondosos; e, talvez o mais assombroso de tudo, algumas vezes podiam ser ouvidos mas não vistos.

A partir disto, Evans-Wentz concluiu que pelo menos alguns dos fenômenos que suas testemunhas estavam interpretando como fadas talvez fossem na realidade algum tipo de pós-imagem dos eventos que aconteceram no passado. "A própria natureza tem uma memória", ele teoriza. "Existe algum elemento sensitivo indefinível na atmosfera da terra sobre o qual todas as ações físicas e humanas ou fenômenos estão fotografados ou gravados. Sob certas condições inexplicáveis, as pessoas normais que não são videntes podem observar os registros mentais da natureza como imagens projetadas numa tela — muitas vezes como filmes cinematográficos."¹⁴

Quanto à razão dos encontros com fadas terem se tornado menos freqüentes, uma observação feita por um dos entrevistados de Evans-Wentz fornece um indício. O entrevistado era um senhor idoso chamado John Davies,

que morava na ilha do Homem e que, depois de descrever inúmeras visões de pessoas boas, afirmou: "Antes do ensino entrar na ilha, mais pessoas podiam ver as fadas; agora muito poucas pessoas podem vê-las".¹⁵ Desde que a "educação" sem dúvida inclui um anátema contra acreditar em fadas, a observação de Davies sugere que foi uma mudança na atitude que fez com que difundidas capacidades retrocognitivas do povo Manx atrofiassem. Uma vez mais, isto salienta o imenso poder que nossas crenças têm em determinar quais dos nossos potenciais manifestamos e quais não.

Mas, se nossas crenças nos permitem ver estes filmes semelhantes a hologramas do passado ou fazer nosso cérebro censurá-los, a evidência sugere que, entretanto, eles existem. Nem estas experiências estão limitadas aos países celtas. Existem relatos de testemunhas que viram soldados fantasmas com trajes hindus antigos na Índia.¹⁶ No Havaí, estas demonstrações fantasmáticas são famosas e os livros nas ilhas estão cheios de relatos de indivíduos que viram procissões de fantasmas havaianos com capacetes de penas marchando junto com porretes de guerra e tochas.¹⁷ Visões de exércitos espectrais lutando em batalhas igualmente fantasmáticas são mencionados até em antigos textos assírios.¹⁸

De vez em quando, os historiadores são capazes de reconhecer o evento acontecendo de novo. Às 2 da manhã de 4 de agosto de 1951, duas mulheres inglesas em férias na aldeia à beira-mar de Puys, França, foram acordadas pelo som de armas de fogo. Correram até a janela mas ficaram chocadas ao descobrir que a aldeia e o mar mais adiante estavam calmos e livres de qualquer atividade que pudesse responder pelo que tinham ouvido. A Sociedade Britânica de Pesquisa Sensitiva investigou e descobriu que a cronologia dos eventos das mulheres espelhava exatamente registros militares de uma invasão que os aliados fizeram contra os alemães em Puys, em 19 de agosto de 1942. As mulheres, parece, tinham ouvido o som de uma matança que tinha acontecido 9 anos antes.¹⁹

Apesar de que a intensidade obscura de tais eventos dá a eles um perfil superior na paisagem holográfica, não devemos esquecer que contido dentro do penumbroso registro holográfico do passado estão todas as alegrias da espécie humana também. É, em essência, uma biblioteca de tudo que já foi, e aprender a ter acesso a este tesouro infinito e deslumbrante numa escala mais maciça e sistêmica poderia expandir nosso conhecimento lauto de nós mesmos como do universo, de maneiras que ainda não ousamos sonhar. Poderá chegar o dia em que poderemos manipular a realidade como o cristal da analogia de Bohm, fazendo o que é real e o que é invisível mudar caleidoscopicamente, evocando imagens do passado com a mesma facilidade com que agora evocamos um programa em nosso computador. Mas mesmo isso não é tudo que um entendimento mais holográfico do tempo pode oferecer.

O Futuro Holográfico

Tão desconcertante quanto pode ser a idéia de ter acesso ao passado inteiro, esta empalidece diante da noção de que o futuro também é acessível no holograma cósmico. A propósito, existe uma quantidade imensa de evidências que provam que pelo menos alguns eventos futuros são tão fáceis de ver quanto eventos passados.

Isto foi amplamente demonstrado em literalmente centenas de estudos. Nos anos 30, J. B. e Louisa Rhine descobriram que voluntários podiam adivinhar quais cartas seriam tiradas ao acaso de um maço, com um índice de sucesso maior do que a sorte ocasional em 3 milhões para um.²⁰ Nos anos 70, Helmut Schmidt, um físico da fábrica de aviões Boeing em Seattle, Washington, inventou um aparelho que o capacitava a testar se uma pessoa podia prever eventos subatômicos casuais. Em testes repetidos com três voluntários e cerca de 60 mil provas, ele obteve resultados que eram de 1 bilhão para 1 contra o acaso.²¹

Em seu trabalho no Laboratório do Sonho, no Centro Médico Maimonides, Montague Ullman, junto com o psicólogo Stanley Krippner e o pesquisador Charles Honorton, produziu evidências notáveis de que a informação precognitiva correta também pode ser obtida nos sonhos. Em seu estudo, foi pedido a voluntários para passarem oito noites consecutivas no laboratório do sonho e a cada noite era pedido a eles para tentar sonhar com uma imagem que seria escolhida ao acaso e no dia seguinte mostrada. Ullman e seus colegas esperavam um sucesso em oito, mas acharam que alguns sujeitos podiam alcançar até cinco "sucessos" dos oito.

Por exemplo, depois de acordar, um voluntário disse que tinha sonhado com "um grande edifício de concreto" do qual um "paciente" estava tentando escapar. O paciente tinha um sobretudo branco, como o jaleco de um médico, e tinha chegado "até a arcada". A pintura escolhida ao acaso no dia seguinte aconteceu de ser o *Corredor de Hospital em São Remy*, de Van Gogh, uma aquarela que retrata um paciente solitário, em pé, no fim de um corredor vazio, saindo rapidamente por uma porta embaixo de uma arcada.²²

Em seus experimentos de visão remota no Instituto de Pesquisa Stanford, Puthoff e Targ acharam que, além de ser capaz de descrever sensitivamente locais remotos que os experimentadores estavam visitando no presente, os cobaias do teste podiam também descrever locais que os experimentadores iriam visitar no futuro, *antes* dos locais terem sido decididos. Num caso, por exemplo, pediu-se a uma médium invulgarmente talentosa chamada Hella Hammid, fotógrafa por vocação, para descrever o lugar que Puthoff estaria visitando dali a uma hora e meia. Ela se concentrou e disse que podia vê-lo entrando "num triângulo de ferro preto". O triângulo era "maior do que um homem" e embora não soubesse exatamente o que era, podia ouvir um som rítmico guinchante que ocorria "cerca de uma vez por segundo".

Dez minutos antes de ela dizer isto, Puthoff saiu num passeio pelas áreas do Parque Menlo e Paio Alto. No final de meia hora e bem depois de Hammid ter relatado sua percepção do triângulo de ferro preto, Puthoff tirou dez envelopes selados, contendo dez diferentes locais-alvo. Utilizando um gerador de número, ele escolheu um ao acaso. Dentro, estava o endereço de um pequeno parque, a cerca de 10 quilômetros do laboratório. Ele dirigiu-se para o parque e, quando chegou lá, encontrou um balanço de crianças — o triângulo de ferro preto — e andou no meio dele. Quando sentou no balanço, este guinchou ritmicamente à medida que balançava para a frente e para trás.²³ Os achados de visão remota precognitiva de Puthoff e Targ foram duplicados por inúmeros laboratórios em todo o mundo, incluindo a pesquisa da capacidade de Jahn e Dunne em Princeton. Na verdade, em 334 provas formais, Jahn e Dunne concluíram que os voluntários eram capazes de se aproximar da informação precognitiva correta em 62 por cento das vezes.²⁴

Ainda mais impressionantes são os resultados dos assim chamados "testes da cadeira", uma famosa série de experimentos planejadas por Croiset. Primeiro, o experimentador selecionava ao acaso uma cadeira de uma planta dos assentos num evento público apresentado num grande hall ou auditório. O hall podia estar localizado em qualquer cidade do mundo e que somente tinha eventos sem reservas de assentos qualificados. Então, sem dizer a Croiset o nome ou o local do hall, ou a natureza do evento, o experimentador pedia ao sensitivo holandês para descrever quem estaria sentado na cadeira durante a noite em questão.

No decorrer de um período de cerca de 25 anos, inúmeros investigadores tanto da Europa como dos Estados Unidos fizeram Croiset passar pela exatidão minuciosa do teste da cadeira e acharam que ele era quase sempre capaz de dar uma descrição correta e detalhada da pessoa que estaria sentada na cadeira, inclusive descrevendo seu sexo, aspectos faciais, roupa, ocupação e mesmo acidentes de seu passado.

Por exemplo, em 6 de janeiro de 1969, num estudo conduzido pelo dr. Jule Eisenbud, um professor de psiquiatria clínica na Faculdade de Medicina da Universidade do Colorado, foi dito a Croiset que uma cadeira tinha sido escolhida para o evento que aconteceria em 23 de janeiro de 1969. Croiset, que estava em Utrecht, Holanda, na época, disse a Eisenbud que a pessoa que se sentaria na cadeira era um homem de 1,75 metro de altura que penteava o cabelo preto para trás, tinha um dente de ouro no maxilar inferior, uma cicatriz no dedão do pé, que trabalhava tanto em ciência como em indústria e algumas vezes usava o sobretudo de laboratório sujo de uma substância química esverdeada. Em 23 de janeiro de 1969, o homem que se sentou na cadeira, que era num auditório em Denver, Colorado, se encaixava à descrição de Croiset de todos os modos menos em um. Ele não tinha 1,75 metro de altura, mas 1,76.²⁵

E assim a lista prossegue, mais e mais.

Qual é a explicação para tais achados? Krippner acredita que a afirmação de Bohm de que a mente pode ter acesso à ordem implícita é uma explicação.²⁶ Tanto Puthoff quanto Targ acham que a interconexão quântica desempenha um papel na precognição, e Targ afirmou que durante uma experiência de visão remota a mente parece ser capaz de ter acesso a algum tipo de "sopa holográfica" ou domínio, no qual todos os pontos são infinitamente interligados não só no espaço, mas também no tempo.²⁷

O dr. David Loye, psicólogo clínico e membro fundador das Faculdades de Medicina da UCLA e de Princeton, concorda. "Para aqueles que pensam no enigma do conhecimento prévio, a teoria da mente holográfica de Pribram-Bohm parece oferecer a maior esperança, mesmo para o progresso na direção da busca de uma solução", ele afirma. Loye, que atualmente é co-diretor do Instituto para a Previsão do Futuro no norte da Califórnia, sabe a respeito do que fala. Ele passou as últimas duas décadas investigando a precognição e a arte de previsão em geral, e desenvolve técnicas para capacitar as pessoas entrarem em contato com sua própria consciência intuitiva do futuro.²⁸

A natureza semelhante ao holograma de muitas experiências de conhecimento prévio fornece mais evidências de que a capacidade de prever o futuro é um fenômeno holográfico. Como acontece com o retroconhecimento, os sensitivos relatam que a informação do conhecimento prévio muitas vezes lhes aparece na forma de imagens tridimensionais. O sensitivo cubano Tony Cordero diz que, quando vê o futuro, é como assistir a um filme na mente. Cordero viu um dos primeiros destes "filmes" quando era criança e teve uma visão do golpe comunista em Cuba. "Disse à minha família que via bandeiras vermelhas sobre toda Cuba e que eles teriam de deixar o país e que muitos membros da família seriam mortos", diz Cordero. "Na verdade vi parentes sendo mortos. Podia sentir o cheiro da fumaça e ouvir o som das armas de fogo. Sinto como se estivesse na situação, posso ouvir pessoas falando mas elas não podem me ouvir ou me ver. É como viajar no tempo ou algo assim."²⁹

As palavras que os sensitivos usam para descrever sua experiência também são parecidas com as de Bohm. Garrett descreveu a clarividência como "um sentido intensamente agudo de alguns aspectos de vida em funcionamento, e a partir de níveis clarividentes o tempo é *ininterrupto e total* (itálicos acrescentados), a pessoa muitas vezes percebe o objeto ou mesmo o evento em suas fases passada, presente e futura, em sucessões abruptamente rápidas".¹⁰

Nós Todos Temos o Conhecimento Prévio

A afirmação de Bohm de que toda consciência humana tem sua origem no implícito corresponde a que todos nós temos a capacidade de acessar o futuro e isto também é apoiado pela evidência. A descoberta de Jahn e Dunne de que mesmo indivíduos normais se dão bem nos testes de visão remota de conhecimento prévio é uma indicação da natureza difundida da capacidade.

Inúmeros outros achados, tanto experimentais como anedóticos, fornecem evidência adicional. Num programa da rádio da BBC em 1934, Dame Edith Lyttelton, membro da social e politicamente notável família Balfour da Inglaterra e presidente da Sociedade Britânica para a Pesquisa Sensitiva, convidou ouvintes a enviar relatos de suas próprias experiências de conhecimento prévio. Ela foi inundada pelo correio e mesmo depois de eliminar os casos que não tinham evidência corroborativa, ainda teve o suficiente para encher um volume sobre o assunto.³¹ Da mesma forma, levantamentos conduzidos por Louisa Rhine revelaram que os conhecimentos prévios ocorrem mais freqüentemente do que qualquer outro tipo de experiência sensitiva.³²

Estudos também mostram que visões de conhecimento prévio tendem a ser de tragédias, com premonições de eventos infelizes excedendo o número das felizes numa proporção de quatro para um. Pressentimentos da morte predominam, com acidentes vindo em segundo lugar e doenças em terceiro.³³ A razão para isto parece óbvia. Estamos tão completamente condicionados a acreditar que perceber o futuro *não* é possível, que nossas capacidades precognitivas naturais adormeceram. A exemplo de indivíduos de forças sobre-humanas, que se mostram durante emergências ameaçadoras da vida, elas só se derramam em nossa mente consciente durante épocas de crise — quando alguém perto de nós está quase para morrer; quando nossos filhos ou algum outro ente amado está em perigo, e assim por diante. Que nosso "sofisticado" entendimento da realidade é responsável por nossa incapacidade, tanto de apreender como de utilizar a verdadeira natureza de nossa relação com o tempo, está evidente no fato de que as culturas primitivas quase sempre fazem mais pontos nos testes ESP do que as assim chamadas culturas civilizadas.³⁴

Evidência adicional de que relegamos nossas capacidades inatas de conhecimento prévio ao interior do inconsciente podem ser encontrados na íntima associação entre as premonições e os sonhos. Estudos mostram que de 60 a 68 por cento de todas as precognições ocorrem durante o sonho.³⁵ Podemos ter banido nossa capacidade de ver o futuro a partir da mente consciente, mas ela ainda está muito ativa nas camadas mais profundas de nossa psique.

As culturas tribais são muito conscientes desse fato e as tradições xamanistas quase universalmente salientam o quanto é importante sonhar para adivinhar o futuro. Mesmo nossos escritos mais antigos prestam homenagem ao poder premonitório dos sonhos, como está evidenciado no relato bíblico do sonho do faraó sobre as sete vacas gordas e sete vacas magras. A antiguidade de tais tradições indica que a tendência das premonições ocorrerem em sonhos se deve a mais coisas além da nossa habitual atitude cética com relação à precognição. A proximidade que a mente inconsciente tem com o domínio atemporal do implícito também pode desempenhar um papel. Porque nosso eu sonhador está mais profundo na psique do que nosso eu consciente — e

portanto mais próximo do oceano primordial no qual o passado, o presente e o futuro se tornam um — pode ser mais fácil para ele ter acesso às informações do futuro.

Seja qual for a razão, não deveria ser surpresa que outros métodos de ter acesso ao inconsciente também possam produzir informação precognitiva. Por exemplo, nos anos 60, Karlis Osis e o hipnotizador J. Fahler acharam que sujeitos hipnotizados marcavam pontos significativamente mais altos em testes precognitivos do que sujeitos não hipnotizados.³⁶ Outros estudos também confirmaram os efeitos intensificadores da ESP na hipnose.³⁷ Porém, nenhuma quantidade de dados estatísticos puros tem o impacto de um exemplo da vida real. Em seu livro *O Futuro é Agora: A Importância da Precognição*, Arthur Osborn registra os resultados de um experimento de hipnose-precognição envolvendo a atriz francesa Irene Muza. Depois de ser hipnotizada, perguntou-se a ela se podia ver seu futuro e Muza respondeu: "Minha carreira será curta; não ousei dizer como será meu fim: será terrível".

Surpreendidos, os experimentadores decidiram não dizer a Muza o que tinha relatado e deram a ela uma sugestão pós-hipnose, para esquecer tudo o que tinha dito. Quando acordou de seu transe, ela não tinha nenhuma lembrança do que previra para si mesma. Mesmo se soubesse, não teria sofrido o tipo de morte que sofreu. Poucos meses mais tarde, seu cabeleireiro acidentalmente derramou um pouco de álcool mineral num forno aceso, fazendo o cabelo e as roupas de Muza pegarem fogo. Dentro de segundos ela foi engolfada pelas chamas e morreu num hospital poucas horas depois.³⁸

Holossaltos de Fé

Os eventos que aconteceram com Irene Muza levantam uma questão importante. Se Muza soubesse do destino que previra para si própria, seria capaz de evitá-lo? Colocado de um outro modo, o futuro está congelado e completamente predeterminado, ou pode ser mudado? À primeira vista, a existência de fenômenos precognitivos parecem indicar que o anterior é o caso, mas isso seria um estado de coisas muito perturbador. Se o futuro é um holograma onde todo detalhe já está fixado, quer dizer que não temos livre-arbítrio. Somos apenas marionetes do destino, movendo-nos negligentemente através de um roteiro que já foi escrito.

Felizmente, a evidência indica fortemente que este não é o caso. A literatura está cheia de exemplos de pessoas que foram capazes de usar seus vislumbres precognitivos do futuro para evitar desastres, exemplos nos quais indivíduos prevêm a queda de um avião e escapam de morrer não embarcando, ou tiveram uma visão de seus filhos se afogando numa inundação e os livram do perigo no momento exato. Existem dezenove casos documentados de pessoas que tiveram vislumbres precognitivos do afundamento do *Titanic* — alguns foram vivenciados por passageiros que

prestaram atenção a suas premonições e sobreviveram, alguns foram vivenciados por passageiros que ignoraram seus pressentimentos e se afogaram, e alguns foram vivenciados por indivíduos que não se encontravam em nenhuma destas duas categorias.³⁹

Tais incidentes sugerem fortemente que o futuro não está determinado, mas é plástico e pode ser mudado. Mas este ponto de vista também traz consigo um problema. Se o futuro ainda está num estado de fluxo, no que Croiset está penetrando quando descreve o indivíduo que se sentará numa determinada cadeira dali a dezessete dias? Como o futuro pode tanto existir como não existir?

Loye fornece uma resposta possível. Ele acredita que a realidade é um holograma gigante e nele o passado, presente e futuro estão na verdade fixados, pelo menos até certo ponto. A dificuldade é que ele não é o único holograma. Existem muitas dessas entidades holográficas flutuando nas águas eternas e ilimitadas do implícito, colidindo e nadando em volta uma da outra como muitas amebas. "Tais entidades holográficas também poderiam ser visualizadas como mundos paralelos, universos paralelos", diz Loye.

Assim, o futuro de qualquer universo holográfico dado é predeterminado e, quando uma pessoa tem um vislumbre precognitivo do futuro, está entrando em sintonia com o futuro apenas daquele holograma específico. Mas, como amebas, esses hologramas muitas vezes também absorvem e engolfam um ao outro, misturando-se e se dividindo como globos protoplásmicos de energia, que realmente são. Algumas vezes estas colisões nos balançam e são responsáveis pelas premonições que de tempos em tempos nos engolfam. E, quando agimos sobre uma premonição e parece que alteramos o futuro, o que estamos realmente fazendo é saltando de um holograma para outro. Loye chama esses saltos holográficos de "holossaltos" e acha que são o que nos fornece nossa verdadeira capacidade tanto de percepção como de liberdade.⁴⁰

Bohm repete a mesma situação, de uma maneira levemente diferente. "Quando as pessoas corretamente sonham com acidentes e não tomam o avião ou o navio, não é o futuro real que elas estavam vendo. É simplesmente algo no presente que está implícito e se move na direção de formai' o futuro. De fato, o futuro que elas viram difere do futuro real, porque elas o alteraram. Portanto, penso que é mais plausível dizer que, se estes fenômenos existem, existe uma antecipação do futuro na ordem implícita do presente. Como elas costumam dizer, eventos vindouros lançam sombras no presente. Suas sombras são lançadas da profundidade da ordem implícita."⁴¹

As descrições de Bohm e de Loye parecem ser dois modos diferentes de tentar expressar a mesma coisa — um ponto de vista do futuro enquanto um holograma que é substancial o bastante para o percebermos, mas maleável o bastante para ser suscetível à mudança. Outros usaram ainda diferentes palavras para resumir o que parece ser o mesmo pensamento básico. Cordero descreve o

futuro como um furacão que está começando a se formar e juntar força viva, tornando-se mais concreto e inevitável à medida que se aproxima.⁴² Ingo Swann, um talentoso sensitivo que produziu resultados impressionantes em diversos estudos, inclusive na pesquisa de visão remota de Puthoff e Targ, fala do futuro como fluido, mas em processo de "cristalização",⁴³ e acredita que os grandes eventos do mundo são cristalizados mais à frente, assim como os eventos mais importantes na vida de uma pessoa, como casamento, acidentes e morte.⁴⁴

As inúmeras premonições que, agora se sabe, precederam tanto o assassinato de Kennedy como a Guerra de Secessão americana (até George Washington teve uma visão precognitiva de uma futura guerra civil de alguma forma envolvendo a "África", a questão de que todos os homens são "irmãos" e a palavra *União*⁴⁵) parece corroborar esta crença kahuna.

A noção de Loye de que existem muitos futuros holográficos separados e de que escolhemos quais eventos vão se manifestar e quais não, ao saltar de um holograma para outro, carrega com ela uma outra implicação. Escolher um futuro holográfico sobre outro é essencialmente a mesma coisa que criar o futuro. Como vimos, existe muitas evidências sugerindo que a consciência desempenha um papel significativo na criação do aqui e agora. Mas, se a mente pode desviar-se para além das fronteiras do presente e muitas vezes aproximar-se da paisagem nebulosa do futuro, estamos metidos na criação dos eventos futuros também? Colocado de um outro modo, os caprichos da vida são realmente casuais ou nós desempenhamos um papel ao, literalmente, esculpir nosso próprio destino? De maneira notável, existem evidências intrigantes de que este último pode ser o caso.

A Sombria Matéria-prima da Alma

O dr. Joel Whitton, professor de psiquiatria da Faculdade de Medicina da Universidade de Toronto, também usou hipnose para estudar o que as pessoas inconscientemente sabiam sobre si mesmas. Porém, em vez de perguntar a elas sobre seu futuro, Whitton, que é um especialista em hipnose clínica e também tem graduação em neurobiologia, pergunta a elas sobre seu passado, seu passado distante, para ser exato. Durante as últimas décadas, Whitton, silenciosamente *t* sem ostentação, juntou evidências sugestivas da reencarnação.

Reencarnação é um assunto difícil, pois tanta tolice foi apresentada sobre ela que muitas pessoas a puseram de lado completamente. A maioria não compreendeu que, além dos (e pode-se dizer até, a despeito dos) apelos sensacionalistas das celebridades e as histórias de Cleópatras reencarnadas que chamam a atenção da maioria da mídia, existe uma grande quantidade de pesquisa séria sendo feita sobre a reencarnação. Nas últimas décadas, um pequeno mas crescente número de pesquisadores altamente credenciados

compilou uma quantidade impressionante de evidências sobre o assunto. Whitton é um destes pesquisadores.

A evidência não prova que a reencarnação existe, nem é a intenção deste livro criar tal discussão. De fato, é difícil imaginar o que poderia constituir uma prova perfeita da reencarnação. Antes, os achados que serão mencionados aqui são oferecidos apenas como possibilidades intrigantes e porque são relevantes para nossa presente discussão. Assim, merecem nossa consideração.

O impulso principal da pesquisa de hipnose de Whitton está baseado num fato simples e surpreendente. Quando os indivíduos estão hipnotizados, muitas vezes se lembram do que parecem ser memórias de existências anteriores. Estudos mostraram que cerca de 90 por cento de todos os indivíduos hipnotizáveis são capazes de se lembrar dessas aparentes memórias.⁴⁶

O fenômeno é amplamente reconhecido, mesmo pelos céticos. Por exemplo, o livro didático de psiquiatria *Trauma, Transe e Transformação* adverte aos hipnoterapeutas inexperientes para não ficarem surpresos se tais recordações emergirem espontaneamente em seus pacientes hipnotizados. O autor do texto rejeita a idéia de renascimento mas não nota que tais lembranças, entretanto, podem ter um notável potencial de cura.⁴⁷

O significado deste fenômeno é, claro, calorosamente discutido. Muitos pesquisadores discutem que tais recordações são fantasias ou fabricações da mente inconsciente e que não existe nenhuma dúvida de que este é algumas vezes o caso, principalmente se a sessão hipnótica ou "regressão" é conduzida por um hipnotizador inábil, que não conhece as técnicas apropriadas de questionamento exigidas para proteger contra as fantasias eliciadas. Mas existem também inúmeros casos registrados nos quais os indivíduos, sob a direção de profissionais hábeis, produzem lembranças que não parecem ser fantasias. A evidência acumulada por Whitton cai nesta categoria.

Para conduzir sua pesquisa, Whitton juntou um grupo de trinta pessoas. Estas incluíam indivíduos provenientes de todas os níveis da vida, desde motoristas de caminhão até cientistas de computação, alguns dos quais acreditavam na reencarnação e alguns dos quais não. Ele então hipnotizou-os individualmente e passou literalmente milhares de horas registrando tudo o que eles diziam sobre suas supostas existências anteriores.

Mesmo numa escala ampla, a informação era fascinante. Um aspecto surpreendente foi o grau de concordância entre as experiências dos sujeitos. Todos relataram inúmeras vidas passadas, algumas tão numerosas quanto 20 a 25, embora um limite prático tenha sido alcançado quando Whitton os regressou ao que ele chamou de suas "existências de homem das cavernas", quando uma existência se tornou indistinta da seguinte.⁴⁸ Todos relataram que o sexo não era específico da alma, e muitos viveram pelo menos uma vida como o sexo oposto. E todos relataram que o propósito da vida era se desenvolver e aprender, e que as existências múltiplas facilitavam este processo.

Whitton também encontrou evidências que sugeriam fortemente que as experiências eram vidas passadas reais. Um aspecto incomum era a capacidade que as memórias tinham de explicar um âmbito amplo de eventos aparentemente não relacionados e de experiências na vida atual dos sujeitos. Por exemplo, um homem, um psicólogo que nasceu e se criou no Canadá, tinha tido um sotaque britânico inexplicável quando criança. Ele também tinha um medo irracional de quebrar a perna, uma fobia de viagem aérea e um terrível problema de unha encravada, um fascínio obsessivo por tortura e quando era adolescente tinha tido uma breve e enigmática visão de estar num recinto com um oficial na/ista, logo depois de ulili/ar os podais de um carro durante um exame de motorista. Sob hipnose, o homem lembrou ter sido um piloto inglês durante a Segunda Guerra Mundial. Durante uma missão sobre a Alemanha, seu avião foi atingido por uma chuva de balas, uma das quais penetrou a fuselagem e quebrou sua perna. Isto por sua vez o fez perder o controle dos pedais do avião, forçando-o a aterrisar. Ele foi a seguir capturado pelos nazistas, torturado por informações, tendo as unhas arrancadas e morrendo pouco tempo depois.⁴⁹

Muitos dos sujeitos também experimentavam profundas curas psicológicas e físicas como resultado das memórias das traumáticas vidas passadas que eles descobriram e davam detalhes históricos esquisitamente corretos sobre as épocas nas quais tinham vivido. Alguns até falavam línguas desconhecidas para eles. Enquanto revivia uma suposta vida passada como um viking, um cientista comportamental de 37 anos gritou palavras que as autoridades lingüísticas mais tarde identificaram como escandinavo arcaico.⁵⁰ Depois de voltar para uma antiga existência persa, o mesmo homem começou a escrever numa escrita aranei forme estilo arábico, que um especialista em línguas do Oriente Próximo identificou como uma representação autêntica de Sassanid Pahalavi, uma língua mesopotâmica extinta há muito tempo, que floresceu entre 226 e 651 da nossa era.⁵¹

Mas a descoberta mais notável de Whitton veio quando ele fez os sujeitos regressarem para o íterim das vidas, um domínio cheio de luz, deslumbrante, no qual não havia "nenhuma dessas coisas como tempo ou espaço, da forma que os conhecemos".⁵² De acordo com seus sujeitos, parte do objetivo desse domínio era permitir-lhes *planejar sua próxima vida, para literalmente projetar os eventos importantes e as circunstâncias que aconteceriam a eles no futuro*. Mas esse processo não era simplesmente algum exercício de conto de fadas, de cumprimento da vontade. Whitton achou que, quando os indivíduos estavam no domínio entrevidas, entravam num estado incomum de consciência, no qual eram intensamente autoconscientes e tinham um elevado sentido ético e moral. Além disso, eles não tinham mais a capacidade de racionalizar para se livrar de quaisquer dos seus defeitos e delitos, e viam a si próprios com total

honestidade. Para distingui-Lo de nossa consciência cotidiana normal, Whitton chama esse estado da mente intensamente consciente de "metaconsciência".

Assim, quando os sujeitos planejavam sua próxima vida, faziam-no com o sentido de obrigação moral. Escolhiam renascer com pessoas com as quais tinham errado numa vida anterior, de forma que teriam a oportunidade de reparar suas ações. Planejavam encontros agradáveis com "companheiros de alma", indivíduos com os quais tinham construído uma relação mutuamente benéfica e amorosa em muitas existências, e fixavam eventos "acidentais" para cumprir ainda outras lições e propósitos. Um homem disse que, enquanto planejava sua próxima vida, visualizou "um tipo de instrumento com mecanismo de relógio, dentro do qual você podia colocar certas partes em ordem para conseqüências específicas acontecerem".⁵³

Estas conseqüências nem sempre eram agradáveis. Depois de voltar a um estado de metaconsciência, uma mulher que foi violentada quando tinha 37 anos revelou que tinha na realidade planejado o evento antes de entrar nessa encarnação. Como explicou, era necessário para ela mudar "a compleição inteira de sua alma" e assim evoluir em direção a um entendimento mais positivo e mais profundo do significado da vida.⁵⁴ Um outro sujeito, um homem afligido por sérios problemas renais que ameaçavam sua vida, descobriu que tinha escolhido a doença para punir-se por uma transgressão passada. Porém, também revelou que morrer da doença do rim não era parte de seu roteiro e, antes de entrar nesta vida, tinha também arranjado um encontro com alguém ou algo que o ajudaria a se lembrar desse fato e assim capacitá-lo a se curar, tanto da culpa como do corpo. Fiel a suas palavras, depois que começou suas sessões com Whitton, experimentou uma recuperação completa quase miraculosa.⁵⁵

Nem todos os pacientes de Whitton eram tão ávidos de aprender sobre o futuro que seus eus metaconscientes tinham formulado para eles. Diversos censuravam suas próprias memórias e pediam a Whitton para por favor dar a eles instruções pós-hipnóticas para *não* se lembrarem de nada que tivessem dito durante o transe. Como explicaram, não queriam ser tentados a pôr à prova os roteiros que seus eus metaconscientes tinham-lhes escrito.⁵⁶

Esta é uma idéia espantosa. É possível que nossa mente inconsciente não só esteja ciente do rude esboço do nosso destino, mas na verdade nos guie em direção ao seu cumprimento? A pesquisa de Whitton não só é a evidência de que este pode ser o caso. Num estudo estatístico de 28 acidentes sérios de estrada de ferro dos Estados Unidos, o parapsicólogo William Cox achou que significativamente menos gente tomava trens em dias de acidentes do que nos mesmos dias das semanas anteriores.⁵⁷

O achado de Cox sugere que todos nós podemos estar constantemente conhecendo previamente o futuro e tomando decisões baseadas nesta informação: alguns de nós, optando por evitar o infortúnio e talvez alguns —

como a mulher que escolheu experimentar uma tragédia pessoal e o homem que escolheu passar por uma doença renal — escolhendo experimentar situações negativas para cumprir outros desígnios e propósitos inconscientes. "Por cuidado ou por acaso, escolhemos nossas circunstâncias terrenas", diz Whitton. "A mensagem da metaconsciência é de que a situação de vida de todo ser humano não é nem casual nem inadequada. Vendo objetivamente a partir da intervida, toda experiência humana é simplesmente outra lição na sala de aula cósmica."⁵⁸

É importante notar que a existência de tais agendas inconscientes não significa que nossas vidas estejam rigidamente predestinadas e que todo o destino seja inevitável. O fato de muitos dos pacientes de Whitton pedirem para não se lembrar do que disseram sob hipnose significa que outra vez o futuro está apenas esboçado de maneira tosca e ainda sujeito à mudança.

Whitton não é o único pesquisador da reencarnação que descobriu evidências de que nosso inconsciente está mais metido em nossa vida do que podemos compreender. Um outro é o dr. Ian Stevenson, professor de psiquiatria na Faculdade de Medicina da Universidade de Virgínia. Em vez de utilizar a hipnose, Stevenson entrevistou crianças pequenas que se lembravam espontaneamente de existências anteriores autênticas. Ele passou mais de trinta anos nessa busca e colecionou e analisou milhares de casos de todas as partes do mundo.

De acordo com Stevenson, a lembrança espontânea da vida passada é relativamente comum entre crianças, tão comum que o número de casos que pareciam merecer consideração excediam muito a capacidade de seu pessoal para investigá-las. Em geral, as crianças tinham entre 2 e 4 anos quando começavam a falar sobre suas "outras vidas" e muitas vezes lembravam-se de inúmeras particularidades, inclusive seus nomes, o nome de membros da família e de amigos, onde moravam, como suas casas eram, o que fizeram durante uma vida, como morreram e até informações obscuras, tais como onde esconderam dinheiro antes de morrerem e, nos casos envolvendo assassinato, algumas vezes até quem as matara.⁵⁹

Na verdade, muitas vezes suas lembranças eram tão detalhadas que Stevenson era capaz de ir ao encalço da identidade da personalidade anterior delas e virtualmente verificar todas as coisas que elas disseram. Ele até levava as crianças para a região na qual sua encarnação passada vivera, e via como elas andavam sem esforço por vizinhanças estranhas e identificavam corretamente sua casa anterior, seus pertences, parentes e amigos da vida passada.

Como Whitton, Stevenson juntou uma enorme quantidade de dados sugestivos da reencarnação,⁶⁰ e até o momento publicou evidências de que o inconsciente desempenha um papel muito maior em nossa história e destino do que até agora suspeitamos.

Ele corroborou o achado de Whitton de que nós muitas vezes renascemos com indivíduos que conhecemos nas existências anteriores e que a força condutora por trás de nossas escolhas é muitas vezes afeição ou um sentimento de culpa ou obrigação.⁶¹ Ele concorda que a responsabilidade pessoal, e não o acaso, é o árbitro de nosso destino. Ele achou que, embora as condições materiais de uma pessoa possam variar grandemente de uma vida para a próxima, sua conduta moral, interesses, aptidões e atitudes permanecem os mesmos. Indivíduos que foram criminosos na existência anterior tendem a ser arrastados para o comportamento criminal outra vez; pessoas que foram generosas e bondosas continuam a ser generosas e bondosas e assim por diante. A partir disto, Stevenson conclui que não é o ornamento externo da vida que importa, mas os internos, as tristezas, alegrias e o "crescimento interior" da personalidade é que parece ser o mais importante.

Mais significativo de tudo, ele não encontrou nenhuma evidência irrefutável do "carma retribuidor" ou qualquer indicação de que somos cosmicamente punidos por nossos pecados. "Não existe, então — se julgarmos pela evidência dos casos —, nenhum juiz externo de nossa conduta e nenhum ser que nos mude de posição de uma vida para outra de acordo com nossos merecimentos. Se este mundo é (na frase de Keat) um vale de criação da alma', somos os criadores de nossa própria alma", afirma Stevenson,⁶²

Stevenson também descobriu um fenômeno que não apareceu no estudo de Whitton, uma descoberta que fornece evidência ainda mais expressiva do poder que a mente inconsciente tem para esculpir e influenciar nossas circunstâncias de vida. Ele achou que a encarnação anterior de uma pessoa pode afetar visivelmente a verdadeira forma e estrutura do nosso atual corpo físico. Ele descobriu, por exemplo, que as crianças birmanesas que se lembravam de vidas anteriores como pilotos da Força Aérea americana e inglesa, que derrubaram aviões sobre a Birmânia durante a Segunda Guerra Mundial, têm todas cabelos e compleições mais loiras do que seus irmãos.⁶³

Ele também encontrou casos nos quais os aspectos faciais característicos, deformidades dos pés e outras características foram transportadas de uma vida para a seguinte.⁶⁴ Os mais numerosos entre estes são os danos físicos transportados como cicatrizes e marcas de nascença. Num caso, um menino que se lembrava de ter sido assassinado em sua vida anterior, tendo a garganta cortada, ainda apresentava uma grande marca vermelha que lembrava uma cicatriz, de um lado a outro do pescoço.⁶⁵ Num outro caso, um menino que se lembrava de ter cometido suicídio atirando em si mesmo na cabeça, em sua encarnação passada, ainda tinha duas marcas de nascença semelhantes a cicatrizes que se alinhavam perfeitamente na trajetória da bala, uma onde a bala entrara e outra onde saía.⁶⁶ Num outro, um menino tinha uma marca de nascença que lembrava uma cicatriz cirúrgica completa, com uma linha de

marcas vermelhas, que lembram ferimentos de pontos, no local exato onde sua personalidade anterior tinha tido a cirurgia.⁶⁷

De fato, Stevenson juntou centenas desses casos e está atualmente compilando o quarto volume do estudo do fenômeno. Em alguns dos casos, ele até foi capaz de obter relatos do hospital e ou da autópsia da personalidade falecida e mostrar que tais ferimentos não só ocorreram, como foram no local exato da atual marca de nascença ou deformidade. Ele acha que tais marcas não só fornecem algumas das evidências mais fortes em favor da reencarnação, como também sugerem a existência de algum tipo de corpo não físico intermediário que funciona como um portador destes atributos entre uma vida e a seguinte. Ele afirma: "A mim parece que o carimbo de ferimentos sobre a personalidade anterior deve ser transportado entre existências em algum tipo de corpo prolongado, que por sua vez age como um modelo para a produção de um novo corpo físico de marcas de nascimento e de deformidades, que correspondem aos ferimentos sobre o corpo da personalidade anterior."⁶⁸

O "modelo de corpo" teorizado por Stevenson confirma a afirmação de Tiller de que o campo de energia humano é um modelo holográfico que dirige a forma e a estrutura do corpo físico. Colocado de um outro modo, é um tipo de projeto tridimensional em torno do qual o corpo físico se forma. Da mesma forma, seus achados com respeito às marcas de nascença dão mais apoio à idéia de que somos no íntimo apenas imagens, constructos holográficos criados pelo pensamento.

Stevenson também observou que, embora sua pesquisa sugira que somos os criadores de nossa própria vida e, até certo ponto, de nosso próprio corpo, nossa participação neste processo é tão passiva como se fosse quase involuntária. Camadas profundas da psique parecem estar envolvidas nestas escolhas, camadas que estão muito mais em contato com o implícito. Ou, como Stevenson coloca: "Níveis de atividade mental muito mais profundas do que aquelas que regulam a digestão ou o jantar em nosso estômago é nossa respiração comum, devem governar estes processos".⁶⁹

Ao contrário de quão pouco ortodoxas são tantas das conclusões de Stevenson, sua reputação como investigador completo e cuidadoso o fez obter respeito em algumas áreas diversas. Seus achados foram publicados em revistas científicas tão famosas como *American Journal of Psychiatry*, o *Journal of Nervous and Mental Disease* e o *International Journal of Comparative Sociology*. E numa crítica de uma de suas obras o prestigiado *Journal of the American Medical Association* afirmou que ele "coletou meticulosa e neutramente uma série detalhada de casos nos quais a evidência da reencarnação fica difícil de entender em quaisquer outras bases (...). Ele estabeleceu um registro de uma grande quantidade de dados que não podem ser ignorados".⁷⁰

O Pensamento como Construtor

Como ocorre com muitas "descobertas" que examinamos, a idéia de que alguma parte profundamente inconsciente e mesmo espiritual de nós pode alcançar até os limites do tempo e ser responsável por nosso destino, também pode ser encontrado em muitas tradições xamanistas e em outras fontes. De acordo com o povo Batak da Indonésia, tudo o que uma pessoa experimenta é determinado por sua própria alma, ou *tondi*, que reencarna a partir de um corpo para o seguinte e é um meio capaz de reproduzir não só o comportamento, como os atributos físicos do eu anterior da pessoa.⁷¹ Os índios Ojib-way também acreditavam que a vida de uma pessoa é escrita por um espírito ou alma invisível e é delineada de uma maneira que promova o crescimento e o desenvolvimento. Se uma pessoa morre sem completar todas as lições que precisa aprender, seu corpo espiritual volta e renasce num outro corpo físico.⁷²

Os kahunas chamam este aspecto invisível de *aumakua*, ou "eu superior". Como a metaconsciência de Whitton, é a parte inconsciente de uma pessoa que pode ver as partes do futuro que estão cristalizadas, ou "fixas". É também a parte de nós é responsável pela criação de nosso destino, mas que não está sozinha neste processo. Como muitos dos pesquisadores mencionaram neste livro, os kahunas acreditam que os pensamentos são coisas e são compostos de uma substância energética sutil que eles chamam de *kino mea*, ou "matéria-prima corporal sombria". Assim, nossas esperanças, medos, planos, preocupações, culpas, sonhos e imaginações não desaparecem depois que deixamos nossa mente, mas são transformados em formas de pensamento e estes, também, se tornam um pouco das fibras brutas a partir das quais o eu superior tece nosso futuro.

A maioria das pessoas não toma conta de seus próprios pensamentos, diziam os kahunas, e bombardeiam constantemente seus eus superiores com uma mistura contraditória e descontrolada de planos, vontades e medos. Isto confunde o eu superior e é a razão pela qual a vida da maioria das pessoas parece ser igualmente casual e descontrolada. Diz-se que os poderosos kahunas que estavam em comunicação direta com seus eus superiores eram capazes de ajudar uma pessoa a refazer seu futuro. Da mesma forma, era considerado extremamente importante que a pessoa tirasse um tempo a intervalos freqüentes para pensar sobre sua vida e para visualizar, em termos concretos, o que desejavam que acontecesse a elas próprias. Ao fazer isto, os kahunas afirmavam que uma pessoa pode controlar mais conscientemente os eventos que acontecem a ela e fazer seu próprio futuro.⁷³ Numa idéia que é remanescente da noção de Tiller e de Stevenson de um corpo intermediário sutil, os kahunas acreditavam que esta matéria-prima corporal sombria também forma um modelo sobre o qual o corpo físico é moldado. Outra vez, dizia-se que os kahunas que estavam numa sintonia extraordinária com seu eu superior podiam esculpir e reformar a matéria-prima corporal sombria, e conse-

qüentemente o corpo físico, de uma outra pessoa e era assim que as curas milagrosas eram feitas.⁷⁴ Este ponto de vista também fornece um paralelo interessante para algumas de nossas conclusões, como o motivo pelo qual os pensamentos e imagens têm um impacto tão poderoso sobre a saúde.

Os místicos tântricos do Tibete se referiam à "matéria-prima" dos pensamentos como *tsal* e afirmavam que toda ação mental produzia ondas desta energia misteriosa. Eles acreditavam que o universo inteiro é um produto da mente e é criado e animado pelo *tsal* coletivo de todos os seres. A maior parte das pessoas não está ciente de que possui este poder, diziam os tântricos, porque a mente humana média funciona "como uma pequena poça, isolada do grande oceano". Dizia-se que apenas os grandes iogues experimentados em entrar em contato com os níveis mais profundos da mente eram capazes de utilizar conscientemente tais forças e uma das coisas que eles faziam para conseguir este objetivo era visualizar repetidamente a criação desejada. Os textos tântricos tibetanos estão cheios de exercícios de visualização, ou *sadhanas*, destinados a tais propósitos e monges de algumas seitas, tais como os Kargyupa, passavam sete anos inteiros em completa solidão, numa caverna ou numa sala fechada, aperfeiçoando suas capacidades de visualização.⁷⁵

Os sufis persas do século 12 também salientavam a importância da visualização na alteração e reforma do destino de uma pessoa e chamavam a matéria sutil do pensamento de *alam almithal*. Como muitos clarividentes, eles acreditavam que os seres humanos têm um corpo sutil controlado por centros de energia semelhantes aos chakras. Eles também afirmavam que a realidade está dividida em uma série de planos mais sutis do ser, ou *Hadarat*, e que o plano do ser diretamente adjacente a este era um tipo de modelo de realidade no qual o *alam almithal* dos pensamentos da pessoa se transformavam em idéias-imagens, que por sua vez determinavam finalmente o curso da Vida da pessoa. Os sufis também acrescentaram uma idiosincrasia própria deles. Eles achavam que o chakra do coração, ou *himma*, era o agente responsável por este processo e que o controle do chakra do coração era portanto um pré-requisito para o controle do destino da pessoa.⁷⁶

Edgar Cayce também falava de pensamentos como coisas tangíveis, uma forma mais pura de matéria e, quando estava em transe, falou repetidas vezes a seus clientes que seus pensamentos criavam o destino deles e que "o pensamento é o construtor". Em seu ponto de vista, o processo de pensamento é como uma aranha tecendo constantemente, constantemente aumentando sua teia. A todo momento de nossa vida estamos criando as imagens e padrões que dão energia e forma ao nosso futuro, dizia Cayce.⁷⁷

Paramahansa Yogananda aconselhava as pessoas a visualizar o futuro que desejavam para si próprias e a cuidar dele com a "energia da concentração". Como ele coloca: "A visualização, aprimorada pelo exercício da concentração e do poder da vontade, nos capacita a materializar pensamentos, não só na forma

de sonhos ou de visões no domínio mental, como também na forma de experiências no domínio material".⁷⁸

Na verdade, tais idéias podem ser encontradas num círculo amplo de diferentes origens. "Somos o que pensamos", disse o Buda. "Tudo o que somos surge com nossos pensamentos. Com nossos pensamentos fazemos o mundo."⁷⁹ "Da maneira que um homem age, assim ele se torna. Da maneira que o desejo de um homem é, assim é seu destino", afirma o hindu pré-cristão Brihadaranyaka Upanishad.⁸⁰ "Todas as coisas no mundo da Natureza não são controladas pelo Destino, pois a alma tem um princípio próprio", dizia o filósofo grego do século 4 lamblichus.⁸¹ "Peça e te será dado (...). Se tens fé, nada te será impossível", diz a Bíblia.⁸² "O destino de uma pessoa está ligado às coisas que ela própria cria e faz", escreveu o rabino Steinsaltz no cabalístico *A Rosa de Treze Pétalas*.

Uma Indicação de Algo Mais Profundo

Mesmo hoje a idéia de que nossos pensamentos criam nosso destino ainda está muito no ar. Este é o assunto dos livros *best sellers* de auto-ajuda tais como *Visualização Criativa*, de Shakti Gawain, e *Você Pode Curar Sua Vida*, de Louise L. Hay. Hay, que diz que curou a si mesma ao mudar seu padrão mental, dá *workshops* extremamente bem-sucedidos sobre suas técnicas. É a filosofia principal inerente a muitos trabalhos populares "canalizados", tais como *Curso de Milagres*, sétimo livro de Jane Roberts.

Também está sendo adotado por alguns eminentes psicólogos. Jean Houston, presidente anterior da Associação para Psicologia Humanística e atual diretor do Fundação para Pesquisa da Mente em Pomona, Nova York, discute longamente a idéia em seu livro *O Humano Possível*. Houston também dá uma variedade de exercícios de visualização na obra e até chama uma de "Orquestrando o Cérebro e Entrando no Holoverso".⁸⁴

Um outro livro que extrai muito do modelo holográfico para apoiar a idéia de que podemos utilizar a visualização para reformar nosso futuro é *Mudando Seu Destino*, de Mary Orser e Richard A. Zarro. Além disso, Zarro é o fundador da Tecnologias Formadoras do Futuro, uma associação que dá seminários sobre técnicas de "formar o futuro" para os negócios e conta com a Panasonic, o Banco Internacional e a Associação de crédito entre seus clientes.⁸⁵

O antigo astronauta Edgar Mitchell, sexto homem a andar na Lua e há muito tempo um explorador do espaço, tanto interior como exterior, tomou uma direção parecida. Em 1973 ele achou o Instituto de Ciências Noéticas, uma organização estabelecida na Califórnia destinada a pesquisar tais poderes da mente. O instituto ainda continua forte e os projetos atuais incluem um estudo maciço do papel da mente nas curas milagrosas e nas remissões espontâneas, e um estudo do papel que a consciência desempenha na criação de um futuro

global positivo. "Criamos nossa própria realidade, porque em nosso emocional interior — em nosso subconsciente — a realidade nos puxa para dentro das situações a partir das quais aprendemos", afirma Mitchell. "Experimentamos isso como coisas estranhas acontecendo a nós é encontramos as pessoas na nossa vida com as quais precisamos aprender. E assim, criamos estas circunstâncias num nível subconsciente e metafísico muito profundo."⁸⁶

A atual popularidade da idéia de que criamos nosso próprio destino é apenas uma moda passageira ou sua presença em tantas culturas e épocas tão diferentes é sinal de alguma coisa que todos os seres humanos intuitivamente sabem que é verdade? No presente esta pergunta continua sem resposta, mas num universo holográfico — universo no qual a mente *participa* com a realidade e no qual a matéria-prima mais íntima de nossa psique pode se registrar como sincronidades no mundo objetivo — a noção de que também somos os escultores de nosso próprio destino não é tão artificial. Parece mesmo provável.

Três Últimos Fragmentos de Evidência

Antes de concluir, três últimos fragmentos de evidência merecem ser vistos. Embora não conclusivos, cada um oferece uma espreitada ainda em outras capacidades de transcendência do tempo, que a consciência pode ter num universo holográfico.

GRANDES SONHOS DO FUTURO

Outra pesquisadora da vida passada que surgiu com a evidência sugestiva de que a mente está envolvida na criação do destino de uma pessoa foi a recentemente falecida psicóloga estabelecida em San Francisco, dra. Helen Wambach. O método de Wambach era hipnotizar grupos de pessoas em pequenos *workshops*, fazê-las regredir até determinados períodos de tempo e perguntar a elas uma lista predeterminada de perguntas sobre sexo, o estilo de roupa, ocupação, utensílios usados para comer e assim por diante. No transcorrer de seus 29 anos de investigação do fenômeno das vidas passadas, ela hipnotizou literalmente milhares de indivíduos e acumulou alguns achados impressionantes.

Uma desaprovação dirigida contra a reencarnação é que as pessoas parecem lembrar apenas vidas passadas como personagens famosos ou históricos. Wambach, porém, achou que mais de 90 por cento de seus pacientes se lembravam de vidas passadas como camponeses, operários, fazendeiros e coletores de comida primitivos. Menos de 10 por cento lembravam de encarnações como aristocratas e nenhum se lembrava de ter sido alguém famoso, um achado que dá provas contra a noção de que as lembranças de vida passada são fantasias.⁸⁷ Seus pacientes eram também extraordinariamente

corretos quando se tratava de detalhes históricos, mesmo os obscuros. Por exemplo, quando as pessoas se lembravam de uma vida por volta de 1700, descreviam usar um garfo de três dentes para comer suas refeições da noite, mas depois de 1790 descreviam a maioria dos garfos com quatro dentes, uma observação que reflete corretamente a evolução histórica do garfo. Os pacientes eram igualmente corretos quando se tratava de descrever roupas e sapatos, tipos de alimentos comidos etc.⁸⁸

Wambach descobriu que ela também *podia progredir* as pessoas para vidas futuras. Na verdade, as descrições de seus pacientes dos séculos vindouros eram tão fascinantes que ela conduziu um projeto de progressão de vida futura na França e nos Estados Unidos. Infelizmente, ela faleceu antes de completar seu estudo, mas o psicólogo Chet Snow, um antigo colega de Wambach, continuou o trabalho dela e recentemente publicou os resultados num livro intitulado *Grandes Sonhos do Futuro*.

Quando os relatos de 2.500 pessoas que participaram do projeto foram registrados, diversos aspectos interessantes surgiram. Primeiro, virtualmente todos os que responderam concordaram que a população da Terra tinha diminuído drasticamente. Muitos nem mesmo se encontravam no corpo físico, nos diversos períodos de tempo futuro mencionados, e aqueles que se encontravam num corpo físico observavam que a população era muito menor do que é hoje.

Além disso, os que responderam se dividiam nitidamente em quatro categorias, cada uma relatando um futuro diferente. Um grupo descreveu um futuro triste e estéril, no qual a maioria das pessoas vivia em estações espaciais, usavam roupas prateadas e comiam comida sintética. Um outro, os da "Nova Era", relatavam uma vida mais feliz e mais natural em lugares naturais, em harmonia um com o outro e dedicados ao aprendizado e ao desenvolvimento espiritual. O tipo 3, os "urbanos oba-tecnologia", descreveram um futuro friamente mecânico, no qual as pessoas viviam em cidades subterrâneas ou fechadas em cúpulas e bolhas. O tipo 4 descreveu a si próprio como sobreviventes pós-desastre, vivendo num mundo que tinha sido devastado por algum desastre global, possivelmente nuclear. As pessoas deste grupo viviam em casas que iam desde ruínas urbanas até cavernas de fazendas isoladas, usavam roupas simples costuradas à mão, que eram muitas vezes feitas de peles de animais, e conseguiam a maior parte de sua comida na caça. •

Qual é a explicação? Snow volta-se para o modelo holográfico para responder e, como Loye, acredita que tais achados sugerem que existem diversos futuros em potencial, ou holoversos, se formando nas névoas reunidas do destino. Mas, como outros pesquisadores de vidas-passadas, ele também acredita que criamos nosso próprio destino, tanto individual como coletivamente, e portanto os quatro cenários são na verdade um vislumbre dos

diversos futuros em potencial que a espécie humana está criando para si mesma em massa.

Como consequência, Snow recomenda que, em vez de construir abrigos antibomba ou nos mudarmos para regiões que não serão destruídas pelas "mudanças vindouras da Terra" previstas por alguns sensitivos, deveríamos despendar o tempo acreditando e visualizando um futuro positivo. Ele cita a Comissão Planetária — o conjunto *ad hoc* de milhões de indivíduos em torno do mundo que concordam em passar das 12h00 à 1h00, hora de Greenwich, todo 31 de dezembro, em oração e meditação pela paz e cura mundial — como um passo na direção certa. "Se estamos constantemente formando nossa realidade física futura pelos pensamentos e ações coletivos de hoje, então o tempo de despertar para a alternativa do que criamos é *agora*", afirma Snow. "As escolhas entre o tipo de Terra representada por cada um dos tipos é claro. Qual nós queremos para nossos netos? Qual nós queremos, talvez para nós próprios voltarmos, algum dia?"⁸⁹

MUDANDO O PASSADO

O futuro pode não ser a única coisa a ser formada e reformada pelo pensamento humano. Na Convenção Anual da Associação Parapsicológica de 1988, Helmut Schmidt e Marilyn Schlitz declararam que diversos experimentos que tinham conduzido indicavam que a mente pode ser capaz de alterar o passado também. Num estudo, Schmidt e Schlitz utilizaram um processo computadorizado de escolha ao acaso para registrar mil seqüências de sons diferentes. Cada seqüência consistia de cem tons de duração variada, alguns deles agradáveis ao ouvido e alguns que eram apenas irrupções de barulho. Porque o processo de seleção era ao acaso, de acordo com as leis de probabilidade, cada seqüência podia conter grosseiramente 50 por cento de sons agradáveis e 50 por cento de barulho.

Gravações em cassete das seqüências eram então enviadas a voluntários. Era dito aos participantes do experimento que ouviam os cassetes gravados anteriormente, para tentar aumentar psicocineticamente a duração dos sons agradáveis e diminuir as durações do barulho. Depois que os participantes completavam a tarefa, comunicavam ao laboratório suas tentativas e Schmidt e Schlitz então analisavam as seqüências originais. Eles descobriram que as gravações que os participantes ouviam continham períodos mais longos de sons agradáveis do que de barulho. Em outras palavras, parecia que os participantes tinham conseguido atingir psicocineticamente o tempo passado e conseguido um efeito sobre o processo ao acaso, a partir do qual seus cassetes *gravados previamente* tinham sido feitos.

Num outro teste, Schmidt e Schlitz programaram o computador para produzir seqüências de cem tons casualmente compostos de quatro notas diferentes e os participantes eram instruídos a tentar fazer, psicocineticamente,

com que mais notas altas aparecessem nos videoteipes do que baixas. Outra vez, um efeito PK retroativo foi encontrado. Schmidt e Schlitz também descobriram que os voluntários que meditavam regularmente exerciam um efeito PK maior do que os que não meditavam, sugerindo outra vez que o contato com o inconsciente é a chave para se ter acesso às porções estruturantes da realidade da psique.⁹⁰

A idéia de que podemos alterar psicocineticamente os eventos que já aconteceram é uma noção incerta, pois estamos tão profundamente programados para acreditar que o passado está congelado, como se fosse uma borboleta no vidro, que é difícil para nós imaginarmos de outra maneira. Mas num universo holográfico, um universo no qual o tempo é uma ilusão e a realidade não é mais do que uma imagem criada pela mente, é uma possibilidade com a qual temos que nos acostumar.

UM PASSEIO PELO JARDIM DO TEMPO

Tio fantásticas quanto são as duas noções acima, são mudanças pequenas comparadas à última categoria de anomalia do tempo que merece nossa atenção. Em 10 de agosto de 1901, duas professoras de Oxford, Anne Moberly, diretora da Faculdade São Hugh, Oxford, e Eleanor Jourdain, vice-diretora, estavam andando pelo jardim do Petit Trianon, em Versalhes, quando viram um efeito de luz trêmula atravessar a paisagem na frente delas, nada diferente dos efeitos especiais num filme, quando muda de uma cena para outra. Depois que a luz trêmula passou, elas perceberam que a paisagem tinha mudado. De repente as pessoas em volta delas estavam usando trajes e perucas do século 18 e se comportavam de uma maneira agitada. Como as duas mulheres ficaram confusas, um homem repulsivo, com o rosto marcado por cicatrizes de varíola, se aproximou e insistiu para que elas mudassem de direção. Elas o seguiram perto de uma linha de árvores, para um jardim, onde ouviram canções musicais flutuando pelo ar e viram uma senhora aristocrática pintando uma aquarela.

Finalmente, a visão se desvaneceu e a paisagem voltou ao normal, mas a transformação foi tão drástica que, quando as mulheres olharam para trás, perceberam que o caminho que tinham acabado de descer estava agora bloqueado por uma velha parede de pedra. Quando voltaram para a Inglaterra, procuraram por registros históricos e concluíram que tinham sido transportadas de volta no tempo, para o dia em que o saque das Tulherias e o massacre do Corpo de Guarda Suíço tinha acontecido — o que respondia pela maneira agitada do povo no jardim — e aquela mulher no jardim era nada menos do que Maria Antonieta. A experiência foi tão vivida, que as mulheres encheram um livro inteiro sobre a ocorrência e o apresentaram à Sociedade Britânica para Pesquisa Sensitiva.⁹¹

O que torna a experiência de Moberly e Jourdain tão significativa é que elas não tiveram simplesmente uma visão retrocognitiva do passado, mas

realmente *retrocederam no passado*, encontrando pessoas e passeando nos jardins das Tulherias, como se fosse mais de uma centena de anos antes. A experiência de Moberly e Jourdain é difícil de aceitar como real, mas desde que não forneceu a elas nenhum benefício óbvio e mais certamente pôs a reputação acadêmica delas em risco, dificilmente alguém seria pressionado a imaginar o que as motivaria a criar uma história dessas.

E não é a única ocorrência destas Tulherias a ser relatada à Sociedade Britânica para Pesquisa Sensitiva. Em maio de 1955, um funcionário estadual de Londres e sua mulher também encontraram diversas figuras do século 18 no jardim. E, numa outra ocasião, os guardas da embaixada, que fiscalizam Versalhes, afirmaram ter visto o jardim retroceder de volta a um período anterior da história também.⁹² Nos Estados Unidos, o parapsicólogo Gardner Murphy, presidente anterior tanto da Associação Psicológica Americana como da Sociedade Americana para Pesquisa Sensitiva, investigou um caso parecido no qual uma mulher identificada apenas pelo nome de Buterbaugh olhou para fora da janela de seu escritório na Universidade Wesleyan, de Nebraska, e viu o campus como era cinquenta anos atrás. As ruas agitadas e a sonoridade das casas tinham desaparecido e em seu lugar, um campo aberto e um pouquinho de árvores, com as folhas agitadas pela brisa de um verão passado há muito tempo.⁹³

Será que a fronteira entre o presente e o passado é tão frágil que podemos, sob as circunstâncias certas, passear de volta no passado com a mesma facilidade com que passamos por um jardim? No momento simplesmente não sabemos, mas num mundo que consiste menos de objetos sólidos viajando no tempo e no espaço e mais de hologramas fantasmáticos de energia, suportado por processos que estão, pelo menos parcialmente, ligados à consciência humana, tais eventos podem não ser tão impossíveis como parecem.

Como se isso parecesse perturbador — essa idéia de que nossa mente e mesmo nosso corpo estão muito menos limitados pelos estreitamentos do tempo do que anteriormente imaginamos — deveríamos nos lembrar de que a idéia da Terra ser redonda uma vez demonstrou ser igualmente assustadora para uma humanidade convencida de que era plana. A evidência apresentada neste capítulo sugere que ainda somos crianças quando se trata de entender a verdadeira natureza do tempo. E, como todas as crianças equilibradas na idade da razão, deveríamos pôr de lado nossos medos e chegar a um acordo com o modo que o mundo realmente é. Pois num universo holográfico, um universo no qual todas as coisas são apenas brilhos fantasmáticos de energia, mais do que apenas nosso entendimento

do tempo deve mudar. Ainda existem outras luzes trêmulas a cruzar nossa paisagem, profundezas ainda mais imensas a sondar.

VIAJANDO NO SUPER-HOLOGRAMA

O acesso à realidade holográfica torna-se *experimentalmente* acessível quando a consciência de alguém está livre de sua dependência do corpo físico. Enquanto alguém permanece ligado ao corpo físico e suas modalidades sensoriais, a realidade holográfica *no máximo* pode ser apenas um constructo intelectual. Quando alguém [está livre do corpo físico] pode experimentá-lo diretamente. É por isso que os místicos falam sobre suas visões com tanta certeza e convicção, enquanto aqueles que não experimentaram este domínio por si próprios se sentem céticos e mesmo indiferentes.

— Kenneth Ring, Ph.D. *Vida ao Morrer*

O tempo não é a única coisa ilusória num universo holográfico. O espaço, também, deve ser visto como um produto do nosso modo de percepção. Isto é até mais difícil de compreender do que a idéia de que o tempo é um constructo, pois quando se chega a tentar conceituar a "infinitude" não existem analogias fáceis, nem imagens de universos amebóides ou futuros cristalizados, a que ceder. Estamos tão condicionados a pensar em termos do espaço como absoluto, que é difícil para nós até começar a imaginar o que seria existir num domínio no qual o espaço não existisse. Entretanto, existem evidências de que na realidade não somos mais limitados pelo espaço do que somos pelo tempo.

Uma indicação poderosa de que isto é assim pode se encontrado em fenômenos fora do corpo, experiências nas quais a consciência de um indivíduo parece se destacar do corpo físico e viajar para algum outro lugar. Experiências fora do corpo, ou OBE (*out-of-body experiences*), foram relatadas durante toda a história, por indivíduos de todos os níveis da vida. Aldous Huxley, Goethe, D. H. Lawrence, August Strindberg e Jack London, todos relataram ter OBE. Elas eram conhecidas pelos egípcios, pelos índios da América do Norte, pelos chineses, pelos filósofos gregos, pelos alquimistas medievais, pelos povos oceânicos, pelos hindus, pelos hebreus e pelos muçulmanos. Num estudo transcultural de 44 sociedades não ocidentais, Dean Shiels encontrou que apenas três *não* acreditavam nas OBE.' Num estudo parecido a antropóloga Erika Bourguignon viu 488 sociedades do mundo — ou grosseiramente 57 por cento de todas as sociedades conhecidas —

e encontrou que 437 delas, ou 89 por cento, tinham pelo menos alguma tradição relativa as OBE.²

Mesmo estudos atuais indicam que as OBE ainda são difundidas. O recentemente falecido dr. Robert Crookall, um geólogo da Universidade de Aberdeen e um parapsicólogo amador, investigou casos suficientes para encher nove livros sobre o assunto. Nos anos 60 Célia Green, diretora do Instituto de Pesquisa Parapsicológica em Oxford, apurou 115 estudantes na Universidade Southampton e encontrou que 19 por cento admitiam ter uma OBE. Quando 380 estudantes da Oxford foram perguntados da mesma forma, 34 por cento responderam na afirmativa.³ Numa avaliação de 902 adultos, Haraldson encontrou que 8 por cento tinham experimentado estar fora do corpo pelo menos uma vez na vida.⁴ E um levantamento de 1980 conduzido pelo dr. Harvey Irwin na Universidade da Nova Inglaterra, na Austrália, revelou que 20 por cento dos 177 estudantes tinham experimentado OBE.⁵ Quando se calcula a média, estes valores indicam que, grosseiramente falando, uma em cada cinco pessoas terão uma OBE em algum momento de sua vida. Outros estudos sugerem que o incidente pode estar mais próximo de uma em dez, mas o fato permanece: as OBE são muito mais comuns do que a maioria das pessoas percebe.

A OBE típica é em geral espontânea e ocorre mais frequentemente durante o sono, meditação, anestesia, doença, e momentos de dor traumática (apesar de que podem ocorrer sob outras circunstâncias também). De repente, uma pessoa experimenta a sensação vivida de que sua mente está separada do corpo. Muitas vezes ela se encontra flutuando sobre seu corpo e descobre que pode viajar ou voar para outros lugares. Como é achar-se livre do físico, olhar para baixo e ver o próprio corpo? Num estudo de 1980 de 339 casos de viagens fora do corpo, o dr. Glen Gabbard da Fundação Menninger em Topeka, o dr. Stuart Twemlow do Centro Médico da Administração dos Veteranos de Topeka e o dr. Fowler Jones do Centro Médico da Universidade de Kansas encontraram que um número enorme de 89 por cento descreveram a experiência como agradáveis e cerca da metade deles disse que era alegre.⁶

Conheço a sensação. Tive uma OBE espontânea quando era adolescente e, depois de me recuperar do choque de me encontrar flutuando sobre meu corpo e olhar para baixo e ver a mim mesmo dormindo na cama, tive um tempo indescritivelmente divertido voando através das paredes e planando sobre o topo das árvores. No decorrer de minha

viagem sem corpo, até topei com um livro da biblioteca que minha vizinha tinha perdido e fui capaz de dizer a ela onde o livro estava no dia seguinte. Descrevo esta experiência com detalhes em *Além do Quantum*.

Não é pouco significativo que Gabbard, Twemlow e Jones também tenham estudado o perfil psicológico dos que experimentam OBE e tenham achado que eram psicologicamente normais e no todo extremamente bem ajustados. No encontro de 1980 da Associação Psiquiátrica Americana eles apresentaram suas conclusões e disseram a seus colegas que reasseguram que as OBE são ocorrências comuns e que encaminhar o paciente a livros sobre o assunto pode ser "mais terapêutico" do que tratamento psiquiátrico. Eles até sugeriram que os pacientes poderiam obter mais alívio falando com um iogue do que com um psiquiatra!⁷

Apesar de tais fatos, nenhuma quantidade de achados estatísticos é mais convincente do que os relatos reais de tais experiências. Por exemplo, Kimberly Clark, uma operária social de um hospital em Seattle, Washington, não levava as OBE a sério até que encontrou uma paciente coronária chamada Maria. Vários dias depois de ser admitida no hospital, Maria teve uma parada cardíaca e foi revivida rapidamente. Clark visitou-a mais tarde naquela noite esperando encontrá-la ansiosa pelo fato de seu coração ter parado. Como esperava, Maria estava agitada, mas não pela razão que ela tinha antecipado.

Maria disse a Clark que tinha experimentado algo muito estranho. Depois que seu coração parou, ela de repente encontrou-se olhando para baixo, do teto, e assistindo os médicos e as enfermeiras trabalhando sobre ela. Então algo na rampa de acesso à sala de emergência a distraiu e assim que ela "se pensou lá", ela *estava* lá. Em seguida, Maria "se imaginou subindo" para o terceiro andar do edifício e achou-se "com os olhos vidrados nos cadarços" de um tênis. Era • um velho tênis e ela percebeu que o dedinho tinha feito um buraco no tecido. Ela também notou diversos outros detalhes, tais como o fato de que o cadarço estar esticado sob o calcanhar. Depois que Maria terminou seu relato pediu a Clark para por favor ir até a marquise e ver se havia um sapato lá, de forma que ela pudesse confirmar se sua experiência tinha sido real ou não.

Cética mas intrigada, Clark saiu e olhou para cima, para a marquise, mas não viu nada. Subiu para o terceiro andar e começou a entrar e sair dos quartos dos pacientes, olhando por janelas tão estreitas, que

tinha que pressionar o rosto contra o vidro só para ver a marquise de algum jeito. Finalmente, encontrou um quarto onde pressionou o rosto contra o vidro, olhou para baixo e viu o tênis. Ainda, a partir de sua perspectiva, não podia dizer se o dedinho tinha feito um buraco no tênis ou se algum outro detalhe que Maria tinha descrito estava certo. Não foi senão quando recuperou o tênis que confirmou as diversas observações de Maria. "O único modo dela ter tido uma perspectiva destas seria se tivesse flutuado exatamente do lado de fora e há bem pouca distância do tênis", afirma Clark, que desde então passou a acreditar nas OBE. "Foi uma evidência muito concreta para mim."⁸

Experimentar uma OBE durante uma parada cardíaca é relativamente comum, tão comum que Michael B. Sabom, um cardiologista e professor de medicina na Universidade Emory e médico do corpo docente do Centro Médico de Administração dos Veteranos de Atlanta, ficou cansado de ouvir seus pacientes recontarem estas "fantasias" e decidiu resolver o assunto de uma vez por todas. Sabom selecionou dois grupos de pacientes, um composto de 32 pacientes cardíacos maduros que tinham relatado OBE durante seus ataques cardíacos e um composto de 25 pacientes cardíacos maduros que nunca tinham experimentado uma OBE. Ele então entrevistou os pacientes, pedindo aos que tinham experimentado OBE para descrever sua própria ressurreição, da forma como a presenciaram no estado fora do corpo e pedindo aos que não tinham experimentado OBE para descrever o que imaginavam ter acontecido durante sua ressurreição.

Dos que não tinham experimentado OBE, vinte fizeram erros maiores quando descreveram sua ressurreição, três deram descrições certas mas gerais e dois não tinham nenhuma idéia do que tinha acontecido. Entre os que experimentaram OBE 26 deram descrições gerais mais corretas, seis deram descrições corretas e altamente detalhadas de sua própria ressurreição e um fez um relato ponto por ponto tão minucioso, que Sabom ficou surpreso. Os resultados o inspiraram a investigar ainda mais fundo o fenômeno e, como Clark, ele agora passou a acreditar ardentemente e a dar palestras amplamente sobre o assunto. Parece "não existir nenhuma explicação plausível para a exatidão destas observações envolvendo os sentidos físicos habituais", ele diz. "A hipótese de experiências fora do corpo simplesmente parece se ajustar bem aos dados disponíveis."⁹

Apesar das experiências OBE vivenciadas por tais pacientes serem espontâneas, algumas pessoas controlaram a capacidade bem o bastante para deixar seus corpos à vontade. Um dos mais famosos destes indivíduos é um antigo executivo de rádio e televisão chamado Robert Monroe. Quando Monroe teve sua primeira OBE nos passados anos 50, pensou que estava ficando louco e procurou imediatamente tratamento médico. Os médicos que ele consultou não acharam nada de errado, mas ele continuou a ter suas experiências estranhas e continuou a ficar muito preocupado com elas. Finalmente, depois de aprender com um amigo psicólogo que os iogues indianos relatavam deixar seus corpos todo o tempo, ele começou a aceitar seu talento inesperado. "Eu tinha duas opções", lembra Monroe. "Uma era a sedação do resto da minha vida; a outra era aprender algo sobre este estado, de forma que eu pudesse controlá-lo."¹⁰

A partir deste dia, Monroe começou a manter um diário escrito de suas experiências, documentando cuidadosamente todas as coisas que aprendia sobre o estado fora do corpo. Ele descobriu que podia passar através de objetos sólidos e viajar grandes distâncias num piscar de olhos, simplesmente "pensando" estar lá. Ele achou que outras pessoas raramente tinham consciência de sua presença, apesar dos amigos que ele viajou para ver enquanto estava neste "segundo estado" rapidamente acreditassem quando ele descrevia exatamente suas roupas e atividades na hora de sua visita fora do corpo. Ele também descobriu que não estava sozinho em sua busca e muitas vezes colidiu com outros viajantes desincorporados. Até aqui, ele catalogou suas experiências em dois livros fascinantes, *Viagens Fora do Corpo* e *Viagens Longínquas*.

As OBE também foram documentadas em laboratório. Num experimento, o parapsicólogo Charles Tart foi capaz de conseguir uma hábil experimentadora de OBE que ele identificou apenas como Senhorita Z, para identificar corretamente um número de cinco dígitos escrito num pedaço de papel, que só podia ser alcançado se ela estivesse flutuando num estado fora do corpo.¹¹ Numa série de experimentos conduzidos na Sociedade Americana para Pesquisa Sensitiva em Nova York, Karlis Osis e a psicóloga Janet Lee Mitchell acharam diversos sujeitos dotados, que eram capazes de "voar" a partir de vários lugares em todo o país e de descrever corretamente um âmbito amplo de imagens escolhidas, incluindo objetos colocados numa mesa, padrões geométricos coloridos colocados numa prateleira flutuante perto do teto e ilusões de ótica que

apenas podiam ser vistas quando um observador as observava através de uma pequena janela num aparelho especial.¹² O dr. Robert Morris, diretor da pesquisa na Fundação de Pesquisa Sensitiva em Durham, Carolina do Norte, até utilizou animais para detectar visitas fora do corpo. Num experimento, por exemplo, Morris descobriu que um gatinho que pertencia a um talentoso sujeito de experiência fora do corpo chamado Keith Harary conseqüentemente parava miando e começava a ronronar sempre que Harary estava presente de forma invisível.¹³

As OBE como um Fenômeno Holográfico

Consideradas como um todo, as evidências parecem inequívocas.

Embora ensinemos que "pensamos" com nosso cérebro, isto não é sempre verdade. Sob as circunstâncias certas, nossa consciência — o pensamento, a parte perceptiva de nós — pode se destacar do corpo físico e existir realmente em qualquer lugar que quiser. Nosso habitual conhecimento científico não pode responder por este fenômeno, mas se torna mais manejável em termos da idéia holográfica.

Lembre-se que num universo holográfico, o local é em si uma ilusão. Assim Como a imagem de uma maçã não tem nenhuma localização específica num pedaço de filme holográfico, num universo organizado holograficamente as coisas e os objetos também não têm nenhuma localização definida; todas as coisas são enfim não locais, inclusive a consciência. Assim, embora nossa consciência pareça estar localizada em nossa cabeça, sob certas condições pode tão facilmente parecer estar localizada no canto superior de um quarto, pairando sobre uma clareira gramada ou flutuando com os olhos grudados num tênis no terceiro andar de um edifício.

Se a idéia de uma consciência não local parece difícil de apreender, uma analogia útil pode mais uma vez ser encontrada no sonho. Imagine que você está sonhando que está comparecendo a uma exposição de arte cheia de gente. À medida que você anda entre as pessoas e olha as obras de arte, sua consciência parece estar localizada na cabeça da pessoa com quem você está no sonho. Mas onde está realmente sua consciência? Uma análise rápida revelará que está realmente em todos os lugares do sonho, na outra pessoa que comparece à exposição, nas obras de arte, mesmo em cada espaço do sonho. Num sonho, a localização também é uma ilusão porque tudo — pessoas, objetos, espaço, consciência e assim

por diante — está se desdobrando a partir da realidade mais fundamental e profunda do sonhador.

Um outro aspecto holográfico surpreendente da OBE é a plasticidade da forma que uma pessoa assume uma vez que está fora do corpo. Depois de se destacar do físico, os que experimentam OBE algumas vezes se encontram num corpo como de fantasma, que é uma réplica exata de seu próprio corpo biológico. Isto fez alguns pesquisadores no passado postularem que os seres humanos têm um "doblê fantasma" nada diferente do espectro da literatura.

Porém, achados recentes expuseram problemas com esta afirmação. Embora alguns daqueles que experimentam de OBE descrevam este doblê fantasma como despido, outros se encontram em corpos que estão completamente vestidos. Isto sugere que o doblê fantasma não é uma réplica energética permanente do corpo biológico mas, em vez disso, é um tipo de holograma que pode assumir muitas formas. Esta noção surgiu do fato de que os doblês fantasmas não são as únicas formas em que as pessoas se encontram durante as OBE. Existem inúmeros relatos onde as pessoas também se perceberam como bolas de luz, nuvens de energia sem forma e até sem nenhuma forma discernível de jeito nenhum.

Existem mesmo evidências de que a forma que uma pessoa assume durante um OBE é uma conseqüência direta de suas crenças e expectativas. Por exemplo, em seu livro de 1961 *A Vida Mística*, o matemático J. H. M. Whiteman revelou que experimentou pelo menos duas OBE por mês durante a maior parte de sua vida adulta e registrou cerca de 2 mil destes incidentes. Ele também revelou que sempre se sentia como uma mulher aprisionada num corpo de homem e, durante a separação, isto algumas vezes resultou nele se encontrar numa forma feminina. Whiteman experimentou diversas outras formas também durante suas aventuras OBE, inclusive corpos de crianças, e concluiu que as crenças, tanto conscientes como inconscientes, eram os fatores determinantes na forma que este segundo corpo assumia.¹⁴ Monroe concorda e afirma que são nossos "hábitos de pensamento" que criam nossas formas de OBE. Por estarmos tão acostumados a estar num corpo, temos a tendência de reproduzir a mesma forma no estado de OBE. Da mesma forma, ele acredita que é o desconforto que a maioria das pessoas sente quando está despida que faz com que os que experimentam OBE esculpam inconscientemente roupas para si,

mesmos quando assumem uma forma humana. "Suspeito que alguém pode modificar o Segundo Corpo da forma que quiser", diz Monroe.¹⁵

Qual é nossa verdadeira forma, ou talvez nenhuma, quando estamos num estado desincorporado? Monroe achava que, uma vez que renunciamos a estes disfarces, somos no íntimo um "padrão vibracional (que consiste) de muitas frequências ressonantes que interagem."¹⁶ Este achado também é notavelmente sugestivo de que algo holográfico está se passando e oferece evidência a mais de que nós — como todas as coisas num universo holográfico — somos na realidade um fenômeno de frequência, que nossa mente converte em diversas formas holográficas. Também acrescenta crédito à conclusão de Hunt, de que nossa consciência está contida, não no cérebro, mas num campo de energia holográfico plásmico, que tanto permeia como envolve o corpo físico.

A forma que assumimos enquanto estamos num estado OBE não é a única coisa que demonstra esta plasticidade holográfica. Apesar da exatidão das observações feitas por talentosos viajantes durante seus passeios desincorporados, os pesquisadores ficaram preocupados durante muito tempo com algumas das inexatidões patentes que também apareceram. Por exemplo, o título do livro de biblioteca perdido no qual tropecei durante minha própria OBE parecia verde brilhante enquanto eu estava num estado desincorporado. Mas, depois que estava de volta ao meu corpo físico e voltei para pegar o livro, vi que o título era na verdade preto. A literatura está cheia de relatos de discrepâncias parecidas, exemplos nos quais os viajantes OBE descreveram exatamente um recinto distante cheio de gente, mas acrescentavam uma pessoa extra ou percebiam um diva onde na realidade existia uma mesa.

Em termos da idéia holográfica, uma explicação pode ser que tais viajantes OBE ainda não desenvolveram totalmente a capacidade de converter as frequências, que eles percebem enquanto num estado desincorporado, numa representação holográfica completamente exata da realidade consensual. Em outras palavras, desde que os daqueles que experimentam de OBE parecem estar contando com um conjunto de sentidos completamente novo, estes sentidos pode estar ainda oscilantes e ainda não hábeis na arte de converter o domínio de frequência num constructo convenientemente objetivo da realidade.

Estes sentidos não físicos são mais impedidos pelos constrangimentos que nossas próprias crenças autolimitadas colocam sobre eles. Inúmeros viajantes de OBE talentosos notaram que uma vez

que se tornaram mais familiarizados com seu segundo corpo, descobriram que podiam "ver" em todas as direções ao mesmo tempo, sem virar a cabeça. Em outras palavras, embora ver em todas as direções pareça ser normal durante o estado de OBE, eles estavam tão acostumados a acreditar que podiam ver apenas por meio dos olhos — mesmo quando estavam num holograma não físico de seu corpo — que esta crença os impedia a princípio de perceber que tinham uma visão de 360 graus.

Existem evidências de que mesmo nossos sentidos físicos são vítimas desta censura. Apesar de nossa convicção inabalável de que vemos com nossos olhos, persistem relatos de indivíduos que têm "visão sem olhos" ou a capacidade de ver com outras áreas do corpo. Recentemente David Eisenberg, M. D., um membro de pesquisas clínicas na Faculdade de Medicina de Harvard, publicou um relato de duas irmãs chinesas de idade escolar em Pequim que podiam "ver" bem o bastante com a pele das axilas para ler anotações e identificar cores.¹⁷ Na Itália, o neurologista Cesare Lombroso estudou uma moça cega que podia ver com a ponta do nariz e o lobo da orelha esquerda.¹⁸ Nos anos 60, a prestigiada Academia Soviética de Ciência investigou uma mulher camponesa russa chamada Rosa Kuleshova, que podia ver fotografias e ler jornais com as pontas dos dedos e declarava suas habilidades genuínas. De maneira significativa, os soviéticos excluía a possibilidade de Kuleshova estar simplesmente detectando as diversas quantidades de calor acumulado que as diferentes cores naturalmente emanam — Kuleshova podia ler um jornal em branco e preto *mesmo quando este estava coberto com uma chapa de vidro aquecido*.¹⁹ Kuleshova se tornou tão famosa por suas habilidades que a revista *Life* finalmente publicou um artigo sobre ela.²⁰

Em suma, existem evidências de que também não estamos limitados a ver apenas por meio de nossos olhos físicos. Esta, é claro, é a mensagem inerente na habilidade do amigo de meu pai, Tom, de ler a inscrição num relógio mesmo quando estava coberto pelo abdome de sua filha e também no fenômeno da visão remota. Não se pode deixar de perguntar se a visão cega é na verdade apenas uma evidência a mais de que a realidade na verdade é *maya*, uma ilusão, e que nosso corpo físico, assim como o poder absoluto aparente de sua fisiologia, é tanto um constructo holográfico de nossa percepção como nosso segundo corpo. Talvez estejamos tão profundamente habituados a acreditar que

podemos ver apenas por meio dos olhos, que mesmo no físico excluímos nós mesmos do alcance total de nossas capacidades perceptivas.

Um outro aspecto holográfico das" OBE é a indistinção da divisão entre passado e futuro, que muitas vezes ocorre durante tais experiências. Por exemplo, Osis e Mitchell descobriram que quando o dr. Alex Tanous, um famoso sensitivo e um talentoso viajante OBE proveniente de Maine, flutuava e tentava descrever os objetos do teste que eles colocavam sobre a mesa, tinha a tendência de descrever itens que foram colocados lá dias *antes!*²¹ Isto sugere que o domínio em que as pessoas entram durante o estado OBE é um dos níveis mais sutis da realidade sobre o qual Bohm fala, uma região que está mais próxima do implícito e assim mais próxima do nível de realidade no qual a divisão entre passado, presente e futuro deixam de existir. Colocado de um outro modo, parece que, em vez de sintonizar as frequências que codificam o presente, a mente de Tanous inadvertidamente sintonizava as frequências que continham informações sobre o futuro e as convertia num holograma da realidade.

Que a percepção de Tanous do aposento fosse um fenômeno holográfico e não apenas uma visão precognitiva, que acontecia somente em sua cabeça, é salientado por um outro fato. No dia marcado para produzir uma OBE, Osis pediu à sensitiva de Nova York Christine Whiting para manter vigília no aposento e tentar descrever qualquer visionário que ela pudesse "ver" visitando ali. Apesar da ignorância de Whiting de quando e quem estaria flutuando ali, quando Tanous fez sua visita OBE, ela viu sua aparição claramente e o descreveu usando calças de veludo cotelê marrom e uma camisa de algodão branca, a roupa que o dr. Tanous estava usando em Maine na hora de sua tentativa.²²

Harary também fez viagens OBE ocasionais ao futuro e concorda que as experiências são qualitativamente diferentes das experiências precognitivas. "Nas OBE do futuro o tempo e o espaço diferem dos sonhos precognitivos normais, por eu estar definitivamente fora' e me movendo através do escuro, uma área escura que termina em alguma cena futura iluminada", ele afirma. Quando faz uma visita OBE ao futuro, ele algumas vezes até vê uma silhueta de seu próprio futuro em cena, e isto não é tudo. Quando os eventos que ele presenciou finalmente vêm a passar, *ele também pode sentir seu ego OBE que viajou no tempo, na cena real com ele.* Ele descreve esta sensação misteriosa como "encontrar eu mesmo 'atrás' de mim mesmo, como se fossem dois

seres", uma experiência que certamente deve dar vergonha à sensação de *déjà vu* habitual.²³

Existem também casos registrados de viagens OBE ao passado. O dramaturgo sueco August Strindberg, ele mesmo um freqüente viajante OBE, descreve uma em seu livro *Lendas*. A ocorrência aconteceu enquanto Strindberg estava sentado numa casa de vinho tentando persuadir um jovem amigo a não desistir de sua carreira militar. Para escorar seu argumento, Strindberg trouxe à baila um incidente passado que envolvia ambos, que tinha acontecido uma noite numa taverna. À medida que o teatrólogo continuava a descrever o evento, de repente "perdeu a consciência" apenas para se encontrar sentado na taverna em questão e revivendo o acontecido. A experiência durou somente uns poucos momentos e então ele abruptamente encontrou-se de volta em seu corpo e no presente.²⁴ O argumento também pode ser de que as visões retrocognitivas que examinamos no capítulo anterior, no qual os clarividentes tinham a experiência de estarem realmente presentes durante as cenas históricas que estavam descrevendo, e mesmo "flutuando" sobre elas, são também uma forma de projeção OBE no passado.

Na verdade, quando alguém lê a volumosa literatura agora disponível sobre o fenômeno OBE, fica repetidamente chocado com as semelhanças entre as descrições dos viajantes OBE de suas experiências e as características que vêm agora se associar com um universo holográfico. Além de descrever o estado OBE como um lugar onde o tempo e o espaço praticamente não existem mais, onde o pensamento pode ser transformado em formas parecidas com hologramas e onde a consciência é enfim um padrão de vibrações ou frequências, Monroe nota que a percepção durante as OBE parecem se basear menos num "reflexo de ondas de luz" e mais numa "impressão de radiação", observação que sugere mais uma vez que quando alguém entra no domínio OBE começa a entrar no domínio de frequência de Pribram.²⁵ Outros viajantes OBE também se referiram à qualidade semelhante à onda do Segundo Estado. Por exemplo, Mareei Louis Forhan, um experimentador de OBE francês que escreveu sob o nome de "Yram", passa a maior parte de seu livro *Projeção Astral Prática*, tentando descrever as qualidades aparentemente eletromagnéticas e semelhantes à onda do domínio OBE. Ainda outros comentaram sobre o sentido de unidade cósmica que

alguém experimenta durante o estado e a resumiram como um sentimento de que "tudo é tudo" e "eu sou isto".²⁶

Tão holográfica como é a OBE, é apenas a ponta do *iceberg* quando se chega à uma experiência mais direta dos aspectos de frequência da realidade. Embora as OBE sejam experimentadas apenas por um segmento da espécie humana, existe uma outra circunstância sob a qual entramos em contato íntimo com o domínio de frequência. É quando viajamos para aquele país não descoberto, de cuja fronteira nenhum viajante retorna. O obstáculo, com todo o devido respeito a Shakespeare, é que alguns viajantes *retornam*. E as histórias que eles contam estão cheias de aspectos que têm, outra vez, o sabor das coisas holográficas.

A Experiência no Limiar da Morte

Entretanto, quase todo mundo já ouviu sobre experiências no limiar da morte, ou NDE (*near-death experiences*), incidentes nos quais os indivíduos são declarados clinicamente "mortos", são ressuscitados e relatam que durante a experiência deixaram seu corpo físico e visitaram o que parecia ser o domínio do pós-vida. Em nossa própria cultura as NDE vieram a ser notórias pela primeira vez em 1975, quando Raymond A. Moody Jr., um psiquiatra que também tem um Ph.D. em Filosofia, publicou seu livro *best seller* de investigação sobre o assunto, *Vida após a Vida*. Logo depois disso, Elisabeth Kubler-Ross revelou que tinha conduzido simultaneamente uma pesquisa parecida e que tinha duplicado os achados de Moody. Na verdade, à medida que mais e mais pesquisadores começaram a documentar o fenômeno, tornou-se cada vez mais claro que as NDE não só eram incrivelmente difundidas — um levantamento da Gallup achou que 8 milhões de adultos americanos tinham experimentado uma NDE, ou falando grosseiramente 1 pessoa em 20 — mas fornecia a evidência mais marcante para datar a sobrevivência após a morte.

Como as OBE, as NDE parecem ser um fenômeno universal. Elas são descritas ao longo tanto do Livro Tibetano dos Mortos do século 8, como do Livro Egípcio da Morte de 2500. No Livro X da *República*, Platão dá um relato detalhado de um soldado grego chamado Er, que reviveu apenas segundos antes de sua pira funerária ser acesa e disse que tinha deixado seu corpo e ido por um "corredor" para a terra da morte. O Venerável Bede faz um relato semelhante em sua obra *Uma História da Igreja e do Povo Inglês* no século 8 e, de fato, em seu recente livro

Viagens a Outros Mundos, Carol Zaleski, uma lente no assunto de religião em Harvard, chama atenção para o fato da literatura medieval estar cheia de relatos de NDE.

Os que experimentam NDE não têm nenhuma característica demográfica especial. Diversos estudos mostraram que não existe nenhuma relação entre as NDE e a idade, sexo, estado civil, raça, religião e ou crenças espirituais, classe social, nível de educação, salário, frequência de comparecimento à igreja, tamanho da comunidade, do lar ou área de residência da pessoa. As NDE, como o raio, podem acontecer a qualquer um, a qualquer momento. Os devotos religiosos não são mais passíveis de ter uma NDE do que os não crentes.

Um dos aspectos mais interessantes do fenômeno NDE é a consistência que se encontra, de experiência em experiência. Um resumo de uma NDE típica é assim:

Um homem está morrendo e de repente se encontra flutuando sobre seu corpo e assistindo o que está se passando. Dentro de instantes, ele viaja a grande velocidade através da escuridão ou de um túnel. Entra num domínio de luz deslumbrante e é encontrado calorosamente por amigos e parentes recentemente falecidos. Muitas vezes, ouve uma música indescritivelmente bonita e tem visões — prados ondulantes, vales cheios de flores e rios cintilantes — mais fascinantes do que qualquer coisa que tenha visto na terra. Neste mundo cheio de luz, ele não sente nenhuma dor ou medo e é impregnado por um sentimento irresistível de alegria, amor e paz. Ele encontra um "ser (e/ou seres) de luz" que emanam um sentimento de enorme compaixão e é impelido pelo(s) ser(es) a experimentar um "retrospecto da vida", uma reprise panorâmica de sua vida. Ele fica tão arrebatado por sua experiência desta realidade maior, que não deseja nada mais do que ficar. Porém, o ser diz a ele que não é hora ainda e o convence a voltar para sua vida terrena e reentrar em seu corpo físico.

Deve-se notar que está é apenas uma descrição geral e nem todas as NDE contêm todos os elementos descritos. Alguns podem deixar de ter alguns dos aspectos mencionados acima e outras podem conter ingredientes adicionais. Os ornamentos simbólicos das experiências também podem variar. Por exemplo, embora os que experimentam NDE na cultura ocidental tenham a tendência de entrar no domínio do pós-vida passando por um túnel, os que experimentam NDE provenientes de

outras culturas podem descer uma estrada ou transpor um curso de água para chegar ao mundo do além.

Entretanto, existe um grau surpreendente de concordância entre as NDE relatadas pelas diversas culturas ao longo de toda a história. Por exemplo, o retrospecto da vida, um aspecto que aparece repetidas vezes nas NDE dos dias atuais, também é descrita no Livro Tibetano dos Mortos, no Livro Egípcio da Morte, no relato de Platão do que Er experimentou durante sua jornada na vida futura, e nos escritos iogues de 2 mil anos do sábio indiano Patanjali. As semelhanças trans-culturais entre as NDE também foram confirmadas num estudo formal. Em 1977, Osiris e Haraldsson compararam quase 9 mil visões em leito de morte relatadas pelos pacientes aos médicos e outros funcionários paramédicos, tanto na Índia como nos Estados Unidos e acharam que embora houvessem diversas diferenças culturais — por exemplo, os americanos tendem a ver o ser de luz como um personagem religioso cristão e os indianos o percebem como um hindu — a "essência" da experiência era substancialmente a mesma e se parecia com as NDE descritas por Moody e Kubler-Ross.²⁷

Apesar do ponto de vista ortodoxo em relação às NDE considerar que elas são apenas alucinações, existem evidências substanciais de que este não é o caso. Como ocorre com as OBE, quando os que experimentam NDE estão fora do corpo, são capazes de relatar detalhes que eles não têm nenhum meio sensorial normal de saber. Por exemplo, Moody relata um caso no qual uma mulher deixou o corpo durante a cirurgia, flutuou na sala de espera e viu que sua filha estava usando roupas xadrezes descombinadas. Como se verificou, a empregada tinha vestido a menininha tão apressadamente que não percebeu o erro e ficou surpresa quando a mãe, que não tinha visto fisicamente a menininha naquele dia, comentou sobre o fato.²⁸ Num outro caso, depois de deixar o corpo, uma mulher que experimentou NDE foi para a sala de espera do hospital e ouviu por acaso seu cunhado dizer a um amigo que pelo jeito teria de cancelar uma viagem de negócios e em vez disso ser uma das pessoas a carregar o caixão de sua cunhada. Depois que a mulher se recuperou, repreendeu seu cunhado atônito por dá-la por morta tão rapidamente.²⁹

E estes não são nem os exemplos mais extraordinários de consciência sensorial no estado ND fora do corpo. Os pesquisadores de NDE acharam que mesmo pacientes que são cegos e que não têm nenhuma

percepção de luz durante anos, podem ver e descrever exatamente o que está se passando em volta deles quando deixam seu corpo durante uma NDE. Kubler-Ross encontrou diversos destes indivíduos e os entrevistou longamente para determinar sua exatidão. "Para nosso assombro, eles eram capazes de descrever a cor e o desenho das roupas e das jóias que as pessoas presentes usavam", ela afirma.³⁰

Mais surpreendente de tudo são aquelas NDE e visões de leito de morte envolvendo dois ou mais indivíduos. Num caso, enquanto uma mulher que experimentava uma NDE se movia através do túnel e se aproximava do domínio da luz, viu um amigo voltando! Quando passaram um pelo outro, o amigo telepaticamente comunicou a ela que ele tinha morrido mas estava sendo "enviado de volta". A mulher, também, foi finalmente "enviada de volta" e depois de se recuperar ela descobriu que seu amigo tinha sofrido uma parada cardíaca aproximadamente ao mesmo tempo de sua própria experiência.³¹

Existem inúmeros outros casos registrados nos quais indivíduos morrendo sabiam quem estava esperando por eles no mundo do além, antes, da notícia da morte da pessoa chegar por meio dos canais normais.³² E se existe ainda alguma dúvida, um outro argumento contra a idéia de que as NDE são alucinações é a ocorrência delas em pacientes que tem eletroencefalogramas horizontais. Sob circunstância normais o que quer que uma pessoa fale, pense, imagine, sonhe ou faça perto de outra, seu EEG registra uma enorme quantidade de atividade. Mesmo as alucinações são medidas num EEG. Mas existem muitos casos nos quais pessoas com EEG horizontais tiveram NDE. Se suas NDE fossem simplesmente alucinações, teriam sido registradas em seus EEG. Em poucas palavras, quando todos estes dados são considerados juntos — a natureza difundida da NDE, a ausência de características demográficas, a universalidade da experiência essencial, a capacidade dos que experimentam NDE de ver e saber coisas que não têm nenhum meio sensorial normal de ver e de saber, e a ocorrência de NDE em pacientes que têm EEG horizontais — não se pode escapar da conclusão: as pessoas que têm NDE não estão sofrendo alucinações ou fantasias da imaginação, *mas estão na realidade fazendo visitas a um nível inteiramente diferente de realidade.*

Esta também é a conclusão alcançada por muitos pesquisadores da NDE. Um destes pesquisadores é o dr. Melvin Morse, pediatra em Seattle, Washington. Morse ficou pela primeira vez interessado pelas

NDE depois de tratar de uma vítima de afogamento de 7 anos de idade. Na época em que a menininha foi ressuscitada estava em coma profundo, tinha as pupilas fixas e dilatadas, nenhum reflexo muscular e nenhuma resposta da córnea. Em termos médicos isto dava a ela um Escore Glasgow de Coma de 3, indicando que ela estava num coma tão profundo que quase não tinha mais chance de se recuperar. Apesar destas possibilidades, ela teve uma recuperação total e quando Morse olhou para ela, pela primeira vez depois dela recuperar a consciência, ela o reconheceu e disse que o tinha visto trabalhando em seu corpo em coma. Quando Morse depois lhe perguntou, ela explicou que tinha deixado seu corpo e passado por um túnel no céu onde encontrou "O Papai do Céu". O Papai do Céu disse a ela que ela na verdade não estava destinada a estar ali ainda e perguntou se queria ficar ou voltar. Primeiro ela disse que queria ficar, mas quando o Papai do Céu chamou atenção de que aquela decisão significava que ela não veria mais sua mãe, ela mudou de idéia e voltou ao seu corpo.

Morse ficou cético mas fascinado e a partir daquele momento, começou a aprender tudo que podia sobre as NDE. Na época, ele trabalhava para um serviço de transporte aéreo em Idaho que transportava pacientes para o hospital e isto ofereceu a ele a oportunidade de falar com inúmeras crianças ressuscitadas. Durante um período de cerca de dez anos ele entrevistou toda criança sobrevivente de parada cardíaca no hospital e repetidas vezes elas contavam a ele a mesma coisa. Depois de ficarem inconscientes, se encontravam fora do corpo, assistiam os médicos trabalhando nelas, passavam por um túnel e eram confortadas por seres luminosos.

Morse continuou cético e em sua busca cada vez mais desesperada por alguma explicação lógica, ele leu tudo o que podia encontrar sobre os efeitos colaterais das drogas que seus pacientes estavam tomando, explorou diversas explicações psicológicas, mas nada parecia se adequar. "Então, um dia li um longo artigo num jornal médico que tentava explicar as NDE como sendo diversos truques do cérebro", diz Morse. "Até ali eu tinha estudado as NDE extensamente e nenhuma das explicações que este pesquisador alistava fazia sentido. Finalmente ficou claro para mim que ele tinha omitido a explicação mais óbvia de todas — as NDE são reais. Ele tinha omitido a possibilidade de que a alma realmente viaje."³³

Moody repete a opinião e diz que vinte anos de pesquisa o convenceram de que os que experimentam NDE na verdade se aventuraram num outro nível de realidade. Ele acredita que a maioria dos outros pesquisadores de NDE acham o mesmo. "Conversei com quase todos os pesquisadores de NDE no mundo sobre seu trabalho. Sei que a maioria deles no íntimo acredita que as NDE são um vislumbre do pós-vida. Mas, como cientistas e pessoas da medicina, eles ainda não chegaram a uma "prova científica" de que uma parte de nós continua a viver depois que nosso ser físico morre. Esta falta de provas os impede de ir a público com seus verdadeiros sentimentos."³⁴

Como resultado de sua avaliação de 1981, até George Gallup Jr., presidente das Pesquisas de Opinião Gallup, concorda: "Um número crescente de pesquisadores juntaram e avaliaram os relatos daqueles que tiveram estranhos encontros próximos da morte. E os resultados preliminares foram altamente sugestivos de que há algum tipo de encontro com um domínio extradimensional da realidade. Nosso própria e extensa avaliação é o mais recente destes estudos e também está descobrindo algumas tendências que apontam na direção de um superuniverso paralelo de algum tipo".³⁵

Uma Explicação Holográfica da Experiência no Limiar da Morte

Estas são afirmações surpreendentes. O que é ainda mais surpreendente é que a instituição científica em sua maior parte ignora tanto as conclusões destes pesquisadores, como o vasto corpo de evidências que os compele a fazer tais declarações. As razões para isto são complexas e variadas. Uma é que em geral não é de bom tom na ciência levar a sério qualquer fenômeno que pareça apoiar a idéia de uma realidade espiritual e, como foi mencionado no início deste livro, as crenças são como vícios e não rendem seu poder facilmente. Uma outra razão, como Moody menciona, é o preconceito difundido entre os cientistas, de que as idéias que têm algum valor ou importância são apenas aquelas que podem ser provadas num sentido científico estrito. Ainda, uma outra é a incapacidade de nosso atual conhecimento científico da realidade de mesmo começar a explicar se as NDE são reais.

Esta última razão, porém, pode não ser o problema que parece. Diversos pesquisadores da NDE chamaram atenção para o fato de que o modelo holográfico nos oferece um modo de entender estas expe-

riências. Um destes pesquisadores é o dr. Kenneth Ring, professor de psicologia na Universidade de Connecticut e um dos primeiros pesquisadores de NDE a utilizar análises estatísticas e técnicas de entrevistas padronizadas para estudar o fenômeno. Em seu livro de 1980 *Vida ao Morrer*, Ring passa um tempo considerável argumentando em favor de uma explicação holográfica da NDE. Colocando abruptamente, Ring acredita que as NDE são também aventuras nos aspectos mais semelhantes à frequência da realidade.

Ring baseia sua conclusão nos inúmeros aspectos sugestivamente holográficos da NDE. Uma é a tendência dos que as experimentam de descrever o mundo do além como um domínio composto de "luz", de "vibrações superiores" ou de "frequências". Algumas pessoas que experimentam as NDE se referem até à música celestial, que muitas vezes acompanha tais experiências, como mais "uma combinação de vibrações" do que realmente sons — observações que Ring acredita serem evidências de que o ato de morrer envolve uma mudança de consciência para longe do mundo habitual das aparências e para dentro de uma realidade mais holográfica de frequência pura. Os que experimentam as NDE também dizem muitas vezes que o domínio é cheio de uma luz mais brilhante do que qualquer uma que eles já viram na terra, mas que, apesar de sua intensidade imensa, não fere os olhos, características que Ring acha serem uma evidência a mais dos aspectos de frequência do pós-vida.

Um outro aspecto que Ring acha inegavelmente holográfico é a descrição que as pessoas que experimentam a NDE fazem do tempo e do espaço no domínio da vida após a morte. Uma das características mais comumente relatadas do mundo do além é que é uma dimensão na qual o tempo e o espaço deixam de existir. "Eu me encontrava num espaço, num período de tempo, eu diria, onde todo espaço e tempo eram negados", diz uma experimentadora da NDE toscamente.³⁶ "Tinha de ser fora do tempo e do espaço. *Devia* ser, porque... isso não pode ser colocado *em* termos temporais", diz um outro.³⁷ Dado que o tempo e o espaço perdem a força, e a localização não tem nenhum significado no domínio de frequência, isto é exatamente o que esperaríamos encontrar se as NDE acontecessem num estado holográfico de consciência, diz Ring.

Se o domínio próximo da morte é mesmo mais semelhante à frequência do que nosso próprio nível de realidade, por que parece ter

alguma estrutura, de alguma maneira? Dado que tanto as OBE como as NDE oferecem amplas evidências de que a mente pode existir independentemente do cérebro, Ring acredita que não é muito forçado admitir que ele, também, funciona holograficamente. Assim, quando a mente está nas frequências "superiores" da dimensão no limiar da morte, continua a fazer o que faz melhor, traduzir aquelas frequências num mundo de aparências. Ou como Ring coloca: "Acredito que este é um domínio que é criado pelas *estruturas de pensamento em interação*. Estas estruturas ou formas de pensamento se combinam para formar padrões, exatamente como ondas de interferência formam padrões num plano holográfico. E assim como a imagem holográfica parece ser totalmente real quando iluminada por um raio laser, assim as imagens produzidas pela interação de formas de pensamento parecem reais".³⁸

Ring não está sozinho em suas especulações. Na idéia básica da conferência para o encontro de 1989 da Associação Internacional para Estudos no Limiar da Morte (IANDS), a dra. Elizabeth W. Fenwke, uma psicóloga clínica com prática particular na Filadélfia, afirmou que ela, também, acredita que as NDE são viagens a um domínio holográfico de frequências superiores. Ela concorda com a hipótese de Ring de que as paisagens, flores, estruturas físicas e assim por diante de uma dimensão pós-vida são formadas a partir de padrões de pensamento em interação (ou em interferência). "Penso que chegamos a um ponto na pesquisa da NDE onde, é difícil fazer uma distinção entre o pensamento e a luz. Na experiência no limiar da morte o pensamento parece ser luz", ela observa.³⁹

O Céu como Holograma

Além das coisas mencionadas por Ring e Fenske, a NDE tem inúmeros outros aspectos que são notadamente holográficos. Como as pessoas que experimentam OBE, depois que os experimentadores da NDE se destacam do físico, encontram-se em uma de duas formas, seja como uma nuvem desincorporada de energia, seja como um corpo semelhante a um holograma esculpido pelo pensamento. Quanto o último é o caso, a natureza do corpo criado pela mente é muitas vezes surpreendentemente óbvio para quem experimenta a NDE. Por exemplo, um sobrevivente próximo da morte diz que quando saiu pela primeira vez de seu corpo, se parecia com "algo como uma água-viva" e caiu levemente no chão, como uma bolha de sabão. Então, rapidamente ele se

expandiu numa imagem fantasmática tridimensional de um homem nu. Porém, a presença de duas mulheres no recinto o embarçaram e para sua surpresa, este sentimento fez com que ele de repente ficasse vestido (as mulheres, porém, nunca mostraram nenhuma indicação de serem capazes de ver nada disto).⁴⁰

Que nossos sentimentos e desejos mais íntimos são responsáveis pela criação da forma que assumimos na dimensão pós-vida é evidente nas experiências de outras pessoas que experimentaram NDE. As pessoas que estão confinadas em cadeiras de rodas em sua existência física, acham-se no corpo celestial podendo correr e dançar. Os amputados invariavelmente têm seus membros de volta. Os mais velhos muitas vezes habitam corpos jovens e até mais estranho, crianças muitas vezes se vêem como adultos, fato que pode refetar a fantasia de toda criança de ser uma pessoa adulta, ou mais profundamente, pode ser uma indicação simbólica de que em nossa alma, alguns de nós é muito mais velho do que percebe.

Estes corpos parecidos com hologramas podem ser notavelmente detalhados. No incidente envolvendo o homem que ficou embaraçado com sua nudez, por exemplo, a roupa que ele materializou para si próprio era tão meticulosamente feita que ele podia até perceber as costuras no tecido!⁴¹ Da mesma forma, um outro homem que examinou suas mãos enquanto estava no estado NDE disse que eram "compostas de luz com finas estruturas nelas" e quando olhava mais de perto podia ver até "as delicadas espirais de suas impressões digitais e os tubos de luz que subiam de seus braços".⁴²

Algo das pesquisas de Whitton também é relevante para este assunto. De forma surpreendente, quando Whitton hipnotizava seus pacientes e os regredia para o estado entre-vidas, eles também relatavam todos os aspectos clássicos da NDE, passagem através de um túnel, encontros com parentes falecidos e/ou "guias", entradas num domínio esplendoroso cheio de luz no qual o tempo e o espaço não mais existiam, encontros com seres luminosos e um retrospecto da vida. De fato, de acordo com os sujeitos de Whitton o objetivo principal do retrospecto de vida era refrescar a memória deles de forma que pudessem planejar mais cuidadosamente sua próxima vida, processo no qual os seres de luz gentilmente e de modo nada coercivo ajudavam.

Como Ring, depois de estudar o testemunho de seus sujeitos, Whitton concluiu que as formas e estruturas que alguém percebe na dimensão

pós-vida são formas de pensamento criados pela mente. "O famoso dito de René Descartes, 'Penso, logo existo', nunca foi tão pertinente do que no estado intervistas", diz Whitton. "Não existe nenhuma experiência de existência sem pensamento."⁴³

Isto foi especialmente verdade quando se chegou à forma que os pacientes de Whitton assumiam no estado entre-vidas. Vários disseram que nem mesmo tinham um corpo a não ser que pensassem. "Um homem descreveu isso ao dizer que, se parasse de pensar, ele era simplesmente uma simples nuvem numa nuvem infinita, indiferenciada", ele observa. "Mas assim que começava a pensar, ele se tornava ele mesmo!"⁴⁴ (um estado de coisas que esquisitamente lembra os sujeitos no experimento de hipnose mútua de Tart, que descobriram que não tinham mãos a menos que *pensassem* na existência delas). No início o corpo assumido pelos sujeitos de Whitton se parecia com as pessoas que eles tinham sido em sua última existência. Mas, à medida que a experiência deles no estado intervista continuava, eles gradualmente se tornavam um tipo de combinação semelhante ao holograma de todas as suas vidas passadas.⁴⁵ Esta identidade combinada tinha até um nome separado de qualquer dos nomes que eles tiveram em suas encarnações físicas, embora nenhum dos sujeitos fosse capaz de pronunciá-lo usando suas cordas vocais físicas.⁴⁶

Com que os experimentadores da NDE se pareciam quando não construíam um corpo semelhante ao holograma para si mesmos? Muitos dizem que não estavam cientes de nenhuma forma e eram simplesmente "eles mesmos" ou "a mente deles". Outros têm impressões mais específicas e descrevem a si mesmos como "uma nuvem de cores", "uma névoa", um "padrão de energia", ou "um campo de energia", termos que outra vez sugerem que somos todos na realidade apenas fenômenos de frequência, padrões de alguma energia vibratória desconhecida encoberta na matriz maior do domínio de frequência. Alguns experimentadores da NDE afirmam que, além de sermos compostos de frequências coloridas de luz, somos também constituídos de som. "Compreendi que cada pessoa e coisa tem sua própria variação de tom musical assim como sua própria variação de cor", diz uma dona de casa do Arizona que teve uma NDE durante o parto. "Se você pode imaginar a si próprio se movendo sem esforço dentro e fora entre raios de luz prismáticas e ouvindo cada nota musical da pessoa se juntando e se harmonizando com as suas próprias quando você toca ou passa por ela,

você terá uma idéia do mundo invisível." A mulher, que encontrou muitos indivíduos no domínio pós-vida que se manifestavam apenas como nuvens de cores e sons, acredita que os tons melífluos que cada alma emana são o que as pessoas estão descrevendo quando dizem que ouvem uma música bonita na dimensão NDE.⁴⁷

Como Monroe, alguns experimentadores da NDE relatam serem capazes de ver em todas as direções ao mesmo tempo, enquanto num estado desincorporado. Depois de querer saber com o que eles se pareciam, um homem disse que ele de repente se achou olhando fixamente para suas próprias costas,⁴⁸ Robert Sullivan, um pesquisador amador da NDE da Pensilvânia que se especializou em NDE de soldados durante combate, entrevistou um veterano da Segunda Guerra Mundial que conservou esta capacidade mesmo depois que voltou para seu corpo físico. "Ele experimentou uma visão de 360 graus enquanto fugia de um ninho de metralhadoras alemãs", diz Sullivan. "Não só ele podia ver à frente enquanto corria, como podia ver os atiradores tentando mirá-lo, atrás dele."⁴⁹

O Conhecimento Instantâneo

Uma outra parte da NDE que tem muitos aspectos holográficos é o retrospecto da vida. Ring refere-se a isso como "um fenômeno holográfico por excelência". Grof e Joan Halifax, um antropólogo médico de Harvard e co-autor (com Grof) de *O Encontro Humano com a Morte*, também comentou sobre os aspectos holográficos do retrospecto da vida. De acordo com diversos pesquisadores da NDE, inclusive Moody, mesmo muitos experimentadores da NDE usam, eles próprios o termo "holográfico" quando descrevem a experiência.⁵⁰

A razão para esta caracterização é óbvia assim que alguém começa a ler relatos do retrospecto da vida. Repetidas vezes os experimentadores de NDE usam os mesmos adjetivos para descrevê-la, referindo-se a ela como um retrospecto tridimensional, envolvente, incrivelmente vivido de sua vida inteira. "É como entrar direto para dentro de um filme de sua vida", diz um experimentador da NDE. "Todos os momentos de todos os anos de sua vida são reprisados em detalhes sensoriais completos. Lembrança total, total. E isso tudo acontece num instante."⁵¹ "A coisa toda era realmente curiosa. Eu estava lá; estava realmente vendo aqueles *flashbacks*; estava realmente andando através deles e era tão rápido.

Ainda, era lento o bastante para que eu pudesse perceber tudo", diz um outro.⁵²

Durante estas lembranças panorâmicas e instantâneas, os experimentadores de NDE reexperimentavam todas as emoções, alegrias e tristezas, que acompanhavam todos os eventos em sua vida. Mais do que isso, eles sentiam todas as emoções da pessoa com a qual interagiram também. Eles sentem a felicidade de todos os indivíduos com quem foram bondosos. Se cometeram um ato prejudicial, se tornam intensamente conscientes da dor que sua vítima sentiu, como resultado de sua negligência. E nenhum evento parece muito trivial para ser dispensado. Enquanto revivia um momento de sua infância, uma mulher de repente experimentou toda a perda e impotência que sua irmã sentiu depois que ela (então uma criança) tomou um brinquedo de sua irmã.

Whitton descobriu evidências de que atos impensados não são as únicas coisas que fazem os indivíduos terem remorso durante o retrospecto de vida. Sob hipnose, seus sujeitos relatavam que sonhos e aspirações negligenciados — coisas que eles tinham esperança de realizar durante sua vida mas não o fizeram — também provocava neles pontadas de tristeza.

Os pensamentos, também, são repassados com fidelidade exata durante o retrospecto de vida. Devaneios, rostos percebidos de relance mas lembrados durante anos, coisas que fizeram a pessoa rir, a alegria que alguém sentiu quando olhou para um determinado quadro, preocupações infantis e quimeras esquecidas há muito tempo — tudo passa pela cabeça da pessoa num segundo. Como um experimentador da NDE resume: "Nem seus pensamentos de perdem... Cada pensamento estava lá".⁵³

E assim, o retrospecto de vida é holográfico não só em sua tridimensionalidade, mas na surpreendente capacidade de armazenagem de informação que o processo mostra. É também holográfico de um terceiro modo. Como o "aleph" cabalístico, um ponto mítico no espaço e no tempo que contém todos os outros momentos. Até a capacidade de perceber o retrospecto de vida parece holográfico naquilo que é uma faculdade capaz de experimentar algo que, paradoxalmente, é ao mesmo tempo, inacreditavelmente rápida e ainda lenta para ser presenciada em detalhes. Como um experimentador da NDE em 1821 coloca, c a capacidade de "compreender simultaneamente o todo e cada parte".⁵⁴

De fato, o retrospecto de vida revela uma semelhança notável com as cenas de julgamento da vida após a morte, descritas nos textos sagrados de muitas das grandes religiões do mundo, desde as egípcias até as judaico-cristãs, mas com uma diferença crucial. Como os sujeitos de Whitton, os que experimentam NDE universalmente relatam que *nunca são julgados pelos seres de luz*, mas sentem apenas amor e aceitação na presença deles. *O único julgamento que sempre acontece é o julgamento próprio e surge somente dos próprios sentimentos de culpa e arrependimento dos que experimentam a NDE*. Muitas vezes os seres reasseguram suas próprias presenças mas em vez de se comportarem de uma maneira autoritária, agem como guias e conselheiros, cujo único objetivo é ensinar.

Esta falta total de julgamento cósmico e/ou de qualquer sistema divino de punição e recompensa foi e continua sendo um dos aspectos mais controvertidos da NDE entre os grupos religiosos, mas é um dos aspectos mais freqüentemente relatados da experiência. Qual é a explicação? Moody acredita que é tão simples quanto polêmico. Vivemos num universo muito mais benevolente do que percebemos.

Isto não quer dizer que qualquer coisa continue durante o retrospecto de vida. Como os sujeitos de hipnose de Whitton, depois de atingir o domínio de luz, os que experimentam NDE parecem entrar num estado de consciência elevado ou de metaconsciência e se tornam lucidamente honestos em suas próprias auto-reflexões.

Isto também não quer dizer que os seres de luz não fixem nenhum valor. Em repetidas NDE eles dão ênfase a duas coisas. Uma é a importância do amor. Repetidas vezes eles repetem esta mensagem, de que devemos aprender a substituir a raiva pelo amor, aprender a amar mais, aprender a perdoar e amar cada um incondicionalmente e aprender que por sua vez *somos* amados. Isto parece ser o único critério moral que os seres usam. Mesmo a atividade sexual deixa de ter o estigma moral de que os humanos gostam muito de ligar a ela. Um dos sujeitos de Whitton relatou que depois de viver diversas encarnações deprimidas e retraídas, ele ansiava planejar uma vida como uma mulher sexualmente ativa e amorosa, a fim de aumentar a harmonia para o desenvolvimento global de sua alma.⁵⁵ Parece que na mente dos seres de luz, a compaixão é o barômetro da graça e repetidas vezes, quando os experimentadores de NDE querem saber se algum ato que cometeram estava certo ou

errado, os seres fazem suas indagações somente com uma pergunta: *Você fez isso por amor? A motivação era amor?*

Esta é razão de termos sido colocados aqui na terra, dizem os seres, para aprender que amar é a chave. Eles admitem que é um empreendimento difícil, mas anunciam que é crucial tanto para nossa existência biológica, como para a existência espiritual, de maneiras que nós talvez nem mesmo começamos a sondar. Mesmo as crianças voltam do domínio do limiar da morte com esta mensagem firmemente gravada em seus pensamentos. Menciona-se um menininho que depois de ser atropelado por um carro foi conduzido para o mundo do além por duas pessoas com vestes "muito brancas": "O que eu aprendi lá é que a coisa mais importante é amar enquanto você está vivo".⁵⁶

A segunda coisa que os seres dão ênfase é o conhecimento. Muitas vezes os que experimentam NDE comentam que os seres pareciam satisfeitos sempre que um incidente envolvendo conhecimento ou aprendizado perpassava o retrospecto de vida deles. Alguns são abertamente aconselhados a embarcar numa busca pelo conhecimento depois de voltarem para seus corpos físicos, em especial o conhecimento relacionado com o autocrescimento ou que intensifique a capacidade de alguém ajudar as outras pessoas. Outros são estimulados com declarações tais como "aprender é um processo contínuo e continua mesmo depois da morte" e "conhecimento é uma das poucas coisas que você será capaz de levar com você depois que morrer".

A primazia do conhecimento na dimensão da vida após a morte é evidente de um outro modo. Alguns experimentadores da NDE descobriram que na presença da luz, eles de repente tinham acesso direto a *todo* conhecimento. Este acesso se manifestava de diversos modos. Algumas vezes vinha em respostas à perguntas. Um homem disse que tudo o que tinha que fazer era perguntar uma coisa, por exemplo como era ser um inseto, e instantaneamente a experiência era sua.⁵⁷ Um outro experimentador de NDE descreveu isso dizendo: "Você pode pensar numa pergunta... e *imediatamente* saber a resposta dela. Tão simples assim. E pode ser toda e qualquer pergunta. Pode ser sobre um assunto do qual você não sabe nada, que você não está na posição adequada até para entender e a luz lhe dará a resposta correta instantaneamente e o fará entender".⁵⁸

Alguns experimentadores da NDE relatam que nem mesmo tinham de fazer as perguntas a fim de ter acesso a esta biblioteca infinita de

informações. Prosseguindo no retrospecto de sua vida eles quase de repente sabiam todas as coisas, todo o conhecimento que havia para saber desde o começo até o fim dos tempos. Outros entraram em contato com este conhecimento depois do ser de luz fazer algum gesto específico, tal como acenar com a mão. Ainda outros disseram que em vez de adquirir o conhecimento, eles *se lembravam*, mas esqueciam a maioria do que podiam recordar assim que voltavam para seu corpo físico (uma amnésia que parece ser universal entre os que experimentam NDE, que são privados de tais visões).⁵⁹ Seja qual for o caso, parece que uma vez que estejamos no mundo do além, não é mais necessário entrar num estado alterado de consciência a fim de ter acesso ao domínio de informação infinitamente interligada e transpessoal, experimentado pelos pacientes de Grof.

Além de ser a mais holográfica de todos os modos já mencionados, esta visão do conhecimento total tem uma outra característica holográfica. Os que experimentam NDE muitas vezes dizem que durante a visão a informação surge em "blocos" que se registram instantaneamente nos pensamentos da pessoa. Em outras palavras, em vez de serem arranjados numa forma linear como as palavras numa sentença ou cenas num filme, todos os fatos, detalhes, imagens e pedaços de informação irrompem na consciência da pessoa num instante. Uma pessoa que experimentou NDE se referiu a estas irrupções de informação como "feixes de pensamentos".⁶⁰ Monroe, que também experimentou tais explosões instantâneas de informação enquanto estava num estado OB, as chama de "bolas de pensamentos".⁶¹

Na verdade, qualquer um que tenha alguma capacidade sensitiva apreciável está familiarizado com esta experiência, pois esta é a forma na qual alguém recebe informação sensitiva também. Por exemplo, algumas vezes quando encontro um desconhecido (e em ocasiões em que nem mesmo ouvi o nome da pessoa), uma bola de pensamento de informações sobre aquela pessoa surge instantaneamente em minha consciência. Esta bola de pensamento pode incluir fatos importantes sobre a composição emocional e psicológica da pessoa, sua saúde e mesmo cenas de seu passado. Acho que sou especialmente propenso a ter bolas de pensamento sobre pessoas que estão em algum tipo de crise. Por exemplo, recentemente encontrei uma mulher e instantaneamente soube que ela estava planejando se suicidar. Também sabia de algumas das razões. Como sempre faço em tais situações, comecei a conversar

com ela e cuidadosamente manobrei a conversa para coisas sensitivas. Depois de descobrir que ela era receptiva ao assunto, eu a confrontei com o que eu sabia e a levei a falar sobre seus problemas. Eu a fiz prometer que ia procurar algum tipo de aconselhamento profissional em vez da opção mais sombria que ela estava 'considerando.

Receber informação desta maneira é semelhante ao modo com que alguém se torna ciente de informação durante o sonho. Virtualmente todo mundo teve um sonho no qual se encontra numa situação e de repente sabe todos os tipos de coisas sobre ela sem lhe ser dito. Por exemplo, você pode sonhar que está numa festa e assim que você chega ali você sabe para quem está sendo dada e por quê. Da mesma forma, todo mundo teve uma idéia detalhada ou inspiração que se tornou inteligível num lampejo. Tais experiências são versões menores do efeito da bola de pensamento.

De maneira interessante, porque estas irrupções de informação sensitiva chegam em blocos não lineares, algumas vezes levo algum tempo para traduzi-las em palavras. Como as gestalts psicológicas experimentadas por indivíduos durante experiências transpessoais, elas são holográficas no sentido de que são "totalidades" instantâneas com as quais nossa mente orientada pelo tempo deve se debater por um momento a fim de desembaraçar e converter num arranjo seriado de partes.

Que forma tem o conhecimento contido nas bolas de pensamento experimentadas durante as NDE? De acordo com os que experimentaram NDE todas as formas de comunicação são usadas, sons, imagens semelhantes a hologramas que se movem, mesmo telepatia — um fato que Ring acredita demonstrar mais uma vez que o pós-morte é "um mundo de existência onde o pensamento é rei".⁶²

O leitor atento pode querer saber imediatamente por que a busca pelo aprendizado é tão importante durante a vida, se temos acesso a todo conhecimento depois que morremos. Quando foi feita esta pergunta, os que experimentaram NDE responderam que não tinham certeza, mas sentiam fortemente que tinha algo a ver com o propósito da vida e com a capacidade de cada indivíduo estender a mão e ajudar os outros.

Planos de Vida e Caminhos de Tempo Paralelo

Como Whitton, os pesquisadores de NDE também descobriram evidências de que nossa vida está planejada de antemão, pelo menos até

certo ponto cada um de nós desempenha um papel na criação deste plano. Isto está evidente em diversos aspectos da experiência. Muitas vezes, depois de chegar no mundo da luz, é dito aos que experimentam NDE que "sua hora ainda não chegou". Como Ring salienta, esta observação envolve claramente a existência de algum tipo de "plano de vida".⁶³ Também fica claro que os que experimentam NDE desempenham um papel na formulação destes destinos, pois muitas vezes é dada a eles a *escolha* de voltar ou ficar. Existem mesmo exemplos de pessoas que experimentaram NDE, às quais foi dito que *era* a hora delas e ainda se permitiu que voltassem. Moody cita um caso no qual um homem começou a chorar quando percebeu que tinha morrido, porque tinha medo que sua mulher não fosse capaz de criar o sobrinho deles, sem ele. Ao ouvir isto o ser disse a ele que desde que ele não estava pedindo para si mesmo, seria permitido a ele voltar.⁶⁴ Num outro caso, uma mulher argumentou que não tinha dançado o bastante ainda. Sua observação, fez o ser de luz dar uma vigorosa risada e a ela também foi dada permissão para voltar para a vida física.⁶⁵

Que nosso futuro é pelo menos parcialmente esboçado, também é evidente no fenômeno que Ring chama de "flash pessoal futuro". Muitas vezes, durante a visão do conhecimento, são mostrados aos que experimentam NDE vislumbres de seu próprio futuro. Num caso particularmente surpreendente, foi dito a um menino que experimentou NDE diversas condições de seu futuro, inclusive o fato de que ele se casaria com 28 anos de idade e que teria dois filhos. Foi até mostrado seu eu futuro e seus futuros filhos, sentados num quarto da casa que ele eventualmente estaria vivendo, e quando ele olhou para o quarto, percebeu algo muito estranho na parede, algo que sua mente não podia captar. Décadas mais tarde e depois que cada uma destas previsões tinham acontecido, ele encontrou-se na cena exata que tinha presenciado quando criança e percebeu que o objeto estranho na parede era um "aquecedor de ar", um tipo de aquecedor que ainda não tinha sido inventado na época de sua NDE.⁶⁶

Num outro flash pessoal futuro igualmente surpreendente foi mostrado a uma mulher que experimentou NDE uma fotografia de Moody, seu nome, e foi dito que quando fosse a hora certa ela contaria a ele sobre sua experiência. O ano era 1971 e Moody ainda não tinha publicado *Vida Depois da Vida*, de forma que seu nome e a foto não significavam nada para a mulher. Porém, a hora "certa" chegou quatro

anos mais tarde, quando Moody e sua família involuntariamente se mudaram para a mesma rua na qual a mulher morava. Naquela Festa das Bruxas o filho de Moody estava fora brincando de pedir doces e bateu na porta da mulher. Depois de ouvir o nome do menino, a mulher disse a ele para falar a seu pai que ela tinha que falar com ele e quando Moody obrigou, ela relatou sua história notável.⁶⁷

Algumas pessoas que experimentam NDE até apoiam a proposta de Loye de que diversos universos holográficos paralelos, ou trilhos do tempo, existem. De vez em quando, são mostrados as que experimentaram NDE flashes pessoais futuros e é dito que o futuro que eles presenciaram virá a existir *apenas se eles continuarem em seu caminho habitual*. Num único exemplo, foi mostrado a um experimentador de NDE uma história da Terra completamente diferente, uma história que teria se desenvolvido se "certos eventos" não tivessem acontecido por volta do tempo do filósofo e matemático grego Pitágoras, 3 mil anos atrás. A visão revelava que se estes eventos, a natureza exata dos quais a mulher não descobriu, tivessem deixado de acontecer, nós agora viveríamos num mundo de paz e de harmonia marcado "pela ausência de guerras religiosas e de uma figura de Cristo".⁶⁸ Tais experiências sugerem que as leis do tempo e do espaço operantes num universo holográfico podem ser na verdade muito estranhas:

Mesmo os que experimentaram NDE e que não experimentam evidências diretas do papel que eles desempenham em seus próprio destino, muitas vezes voltam com o firme entendimento da interligação holográfica de todas as coisas. Como um homem de negócios de 62 anos que teve uma NDE durante uma parada cardíaca coloca: "Uma coisa que aprendi foi que somos todos parte de um grande universo vivo. Se achamos que podemos ferir outra pessoa ou outra coisa viva sem nos ferirmos a nós mesmos, estamos lamentavelmente enganados. Olho para uma floresta ou para uma flor ou para um passarinho agora, e digo: 'Isto sou eu, é parte de mim'. Estamos todos ligados a todas as coisas e, se enviamos amor junto com estas ligações, então somos felizes".⁶⁹

Você Pode Comer Mas Não Precisa Fazê-lo

Os aspectos holográficos criados pela mente na dimensão próxima da morte são evidentes de outras incontáveis maneiras. Ao descrever o pós-morte uma criança disse que a comida aparecia sempre que ela queria, mas não havia nenhuma necessidade de comer, uma observação

que ressalta mais uma vez a natureza ilusória semelhante ao holograma da realidade da vida após a morte.⁷⁰ Mesmo à linguagem simbólica da psique é dada uma forma "objetiva". Por exemplo, um dos sujeitos de Whitton disse que quando ele foi apresentado a uma mulher que seria uma figura importante em sua próxima vida, em vez de aparecer como um humano ela parecia com uma forma que era metade rosa e metade cobra. Depois de ser levado a imaginar o significado do simbolismo, ele compreendeu que ele e a mulher tinham amado um ao outro em duas outras existências. Porém, ela também tinha sido por duas vezes responsável pela morte dele. Assim, em vez de se manifestar como um humano, os elementos sinistros e amorosos da personalidade dela a fizeram aparecer numa forma semelhante ao holograma, que simbolizava melhor estas duas qualidades drasticamente opostas.⁷¹

O sujeito de Whitton não está sozinho em sua experiência. Hazrat Inayat Khan disse que quando entrava num estado místico e viajava para as "realidades divinas", os seres que ele encontrava também apareciam muitas vezes em formas metade humana, metade animal. Como o sujeito de Whitton, Khan percebeu que estas transfigurações eram simbólicas e quando um ser aparecia como parte animal era porque o animal simbolizava alguma qualidade que o ser possuía. Por exemplo, um ser que tinha uma grande força podia aparecer com a cabeça de um leão, ou um ser que era em geral esperto e astucioso podia ter alguns dos aspectos de um raposa. Khan teoriza que esta é a razão das antigas culturas, tal como a egípcia, representarem os deuses que regem o domínio da vida após a morte como tendo cabeças de animal.⁷²

A tendência que a realidade próxima da morte tem para moldar a si mesma em formas semelhantes a hologramas que espelham pensamentos, desejos e símbolos que povoam nossa mente, explica por que os ocidentais tendem a perceber os seres de luz como figuras religiosas cristãs, e por que os indianos as percebem como santos e divindades hindus, e assim por diante. A plasticidade do domínio NDE sugere que tais aparências externas podem não ser mais nem menos reais do que a comida desejada e inventada pela menininha mencionada acima, a mulher que apareceu como uma mistura de cobra e rosa e a roupa espectral invocada e existir pelo experimentador de NDE que ficou envergonhado com sua nudez. Esta mesma plasticidade explica as outras diferenças culturais que alguém encontra nas experiências no limiar da morte, tais como a razão de alguns que experimentam NDE alcançarem

o pós-morte ao viajar através de um túnel, alguns ao atravessar uma ponte, alguns ao ir sobre um leito de água e alguns simplesmente andando por uma estrada. Outra vez parece que na realidade criada apenas a partir de estruturas de pensamento em interação, mesmo a própria paisagem é esculpida pelas idéias e expectativas de quem experimenta.

Nesta conjuntura um ponto importante precisa ser visto. Tão surpreendente e estranho quanto parece ser o domínio no limiar da morte, a evidência apresentada neste livro revela que nosso próprio nível de existência pode não ser assim tão diferente. Como vimos, nós também temos acesso a todas as informações, apenas é um pouco mais difícil para nós. Nós também podemos muitas vezes ter flashes pessoais futuros e ficar cara a cara com a natureza fantasmática do tempo e do espaço. E nós também podemos esculpir e reformar nosso corpo e algumas vezes até nossa realidade, de acordo com nossas crenças, só que requer de nós mais tempo e esforço. Na verdade, as capacidades de Sai Baba sugerem que podemos até materializar comida simplesmente ao desejá-la e a inédua de Theresa Newmann oferece evidência de que comer pode na realidade ser desnecessário para nós, assim como é para os indivíduos no domínio próximo da morte.

De fato, parece que esta realidade e a próxima são diferentes em grau, mas não em tipo. Ambas são constructos semelhantes ao holograma, realidades que são estabelecidas, como Jahn e Dunne colocam, apenas pela interação da consciência com seu ambiente. Colocado de um outro modo, nossa realidade parece ser uma versão mais congelada da dimensão da vida após a morte. Leva mais tempo para nossas crenças esculpirem nosso corpo em coisas como estigmas parecidos com pregos e para a linguagem simbólica de nossa psique se manifestar externamente como sincronicidades. Mas elas se manifestam, num rio inexorável e lento, um rio cuja presença persistente nos ensina que vivemos num universo que estamos apenas começando a entender.

Informação Sobre o Domínio do Limiar da Morte Proveniente de Outras Fontes

Alguém não tem que estar numa crise ameaçadora da vida para visitar a dimensão da vida após a morte. Existem evidências que o domínio ND também pode ser alcançado durante OBE. Em seus escritos, Monroe descreve diversas visitas a níveis de realidade nos quais

ele encontrou amigos falecidos.⁷³ Um visitante fora do corpo para a terra dos mortos ainda mais experimentado foi o místico sueco Swedenborg. Nascido em 1688, Swedenborg era o Leonardo da Vinci de sua época. Em seus primeiros anos ele estudou ciência. Ele era o principal matemático na Suécia, falava nove línguas, era gravador, político, astrônomo e um homem de negócios, construiu relógios e microscópios como *hobby*, escreveu livros sobre metalurgia, teoria das cores, comércio, economia, física, química, mineração e anatomia e inventou protótipos para o avião e o submarino.

Do começo ao fim disto ele também meditou regularmente e, quando chegou à meia-idade, desenvolveu a capacidade de entrar em transe mais profundos durante os quais deixava o corpo e visitava o que parecia para ele ser o céu e conversava com "anjos" e "espíritos". Que Swedenborg estava experimentando algo profundo durante suas viagens não há nenhuma dúvida. Ele se tornou tão famoso por esta capacidade que a rainha da Suécia pediu a ele para descobrir por que seu irmão falecido tinha deixado de responder uma carta que ela tinha enviado a ele antes de sua morte. Swedenborg prometeu consultar o falecido e no dia seguinte voltou com a mensagem a qual a rainha confessou ter informações que apenas ela e seu irmão morto sabiam. Swedenborg realizou este serviço diversas vezes para vários indivíduos que pediram sua ajuda e numa outra ocasião disse a uma viúva onde encontrar um compartimento secreto na escrivaninha de seu marido falecido no qual ela achou alguns documentos absolutamente necessários. Este último incidente ficou tão famoso que inspirou o filósofo alemão Immanuel Kant a escrever um livro inteiro sobre Swedenborg intitulado *Sonhos de um Vidente Espiritual*.

Mas a coisa mais surpreendente sobre os relatos de Swedenborg sobre o domínio pós-vida é quão estreitamente elas espelham as descrições oferecidas pelos experimentadores da NDE dos dias atuais. Por exemplo, Swedenborg fala sobre passar por um túnel escuro, ser encontrado por espíritos de boas-vindas, paisagens mais bonitas do que qualquer uma na Terra e um lugar onde o tempo e o espaço não mais existem, uma luz deslumbrante que emite um sentimento de amor, aparecer diante de seres de luz, e ser envolvido por uma paz e serenidade que envolve tudo.⁷⁴ Ele também fala que foi permitido a ele observar em primeira mão a chegada de falecidos recentes no céu e assistir como eles foram submetidos ao retrospecto de vida, um processo que ele chamou

de "a abertura do Livro das Vidas". Ele admitiu que durante o processo uma pessoa presenciou "todas as coisas que tinha sido ou feito", mas acrescentou um detalhe singular. De acordo com Swedenborg, a informação que surgia durante a abertura do Livro das Vidas estava registrada no sistema nervoso do corpo espiritual da pessoa. Assim, a fim de evocar o retrospecto de vida um "anjo" tinha que examinar o corpo inteiro do indivíduo "começando pelos dedos de cada mão e prosseguindo até o corpo todo".⁷⁵

Swedenborg também se refere às bolas de pensamento holográfico que os anjos usam para se comunicar e diz que eles não são nada diferentes das representações que ele podia ver na "substância-onda" que circundava uma pessoa. Como a maioria dos que experimentam a NDE ele descreve estas irrupções telepáticas de conhecimento como uma linguagem de imagem tão densa de informação que cada imagem contém milhares de idéias. Uma série destas representações comunicada pode também ser totalmente prolongada e "durar até diversas horas, num tal arranjo seqüencial que a pessoa só pode se maravilhar".⁷⁶

Mas mesmo aqui Swedenborg acrescenta uma volta fascinante. Além de usar representações pictóricas, os anjos também empregam uma fala que contém conceitos que estão além do entendimento humano. De fato, a razão principal deles usarem representações é porque é o único modo que podem tornar mesmo uma pálida versão de seus pensamentos e idéias compreensíveis aos seres humanos.⁷⁷

As experiências de Swedenborg corroboram até alguns dos elementos menos relatados da NDE. Ele observou que no mundo espiritual a pessoa não tem mais nenhuma necessidade de comer comida, mas acrescenta que a informação toma seu lugar como uma fonte de nutrição.⁷⁸ Ele dizia que quando os espíritos e os anjos conversavam, os pensamentos deles constantemente se aglutinavam em imagens simbólicas tridimensionais, em especial animais. Por exemplo, ele dizia que, quando os anjos falavam sobre amor e afeição, "animais bonitos eram representados, tais como carneiros... Entretanto, quando os anjos estavam falando sobre sentimentos maus, isto era representado por animais inúteis, ferozes e horríveis, como tigres, ursos, lobos, escorpiões, cobras e ratos".⁷⁹ Apesar de não ser um aspecto relatado pelos experimentadores da NDE, Swedenborg dizia que ficava surpreendido ao achar que no céu existem também espíritos provenientes de outros

planetas, uma afirmação espantosa para um homem que nasceu há cerca de trezentos anos!⁸⁰

O mais intrigante de tudo são aquelas observações de Swedenborg que parecem se referir às qualidades holográficas da realidade. Por exemplo, ele dizia que embora os seres humanos pareçam estar separados uns dos outros, estamos todos ligados numa unidade cósmica. Além disso, cada um de nós é um céu em miniatura, e todas as pessoas, na verdade o universo físico inteiro, formam um microcosmo de uma realidade divina maior. Como vimos, ele também acredita que subjacente à realidade visível havia uma substância-onda.

De fato, diversos estudiosos de Swedenborg comentaram sobre os vários paralelos entre alguns de seus conceitos e a teoria de Bohm e de Pribram. Um destes estudiosos é o dr. George F. Dole, professor de teologia na Faculdade de Religião Swedenborg em Newton, Massachusetts. Dole, que obteve graduações em Yale, Oxford e em Harvard, observa que uma das doutrinas mais básicas do pensamento de Swedenborg é que nosso universo é criado constantemente e sustentado por dois fluxos semelhantes à onda, um proveniente do céu e um que vem de nossa própria alma ou espírito. "Se juntarmos estas imagens, a semelhança com o holograma é surpreendente", diz Dole. "Somos constituídos pela intersecção de dois fluxos — um direto, proveniente do divino, e um indireto, proveniente do divino via nosso ambiente. Podemos nos considerar como padrões de interferência, porque o influxo é um fenômeno de onda e estamos onde as ondas se encontram."⁸¹

Swedenborg também acreditava que, apesar de suas qualidades efêmeras e semelhantes a fantasmas, o céu é na realidade um nível mais fundamental de realidade do que nosso próprio mundo físico. É, ele dizia, a fonte arquetípica a partir da qual todas as formas terrenas se originam e para a qual todas as formas retornam, um conceito não muito diferente da idéia de Bohm das ordens implícita e explícita. Além disso, ele também acreditava que o domínio pós-vida e a realidade física são diferentes em grau mas não em tipo e que o mundo material é apenas uma versão congelada da realidade do céu construída de pensamento. A substância que abrange tanto o céu como a terra "flui por estágios" a partir do Divino, dizia Swedenborg e "a cada novo estágio se torna mais geral e portanto mais grosseiro e nebuloso e se torna mais lento e portanto mais viscoso e mais frio".⁸²

Swedenborg encheu quase vinte volumes com suas experiências e em seu leito de morte perguntaram a ele se havia algo que ele quisesse desdizer. Ele respondeu seriamente: "Todas as coisas que eu escrevi são tão verdadeiras como você estar me vendo agora. Teria dito muito mais se me fosse permitido. Depois da morte você verá tudo e então poderemos ter muito para dizer um ao outro sobre o assunto".⁸³

A Terra do Não-Lugar

Swedenborg não é o único indivíduo da história com a capacidade de fazer viagens fora do corpo para níveis mais sutis da realidade. Os sufis persas do século 12 também empregavam meditação como transes profundos para visitar a "terra onde os espíritos moram". E outra vez, os paralelos entre os relatos deles e o conjunto de evidências que resultaram neste capítulo são impressionantes. Eles alegam que neste outro domínio a pessoa tem um "corpo sutil" e conta com sentidos que não estão sempre associados com "órgãos específicos" naquele corpo. Eles afirmam que é uma dimensão povoada por muitos mestres espirituais, ou imames e algumas vezes o chamam de "o país do Imame oculto."

Eles sustentam que é um mundo criado somente a partir da matéria sutil do *alam almithal* ou pensamento. Mesmo o próprio espaço, inclusive "proximidade", "distâncias" e lugares "longínquos" eram criados pelo pensamento. Mas isto não queria dizer que o país do Imame oculto fosse irreal, um mundo constituído a partir do nada total. Nem que fosse uma paisagem criada apenas por uma mente. Ao contrário, era um plano de existência *criado pela imaginação de muitas pessoas* e um plano que até tinha sua própria corporeidade e dimensão, suas próprias florestas, montanhas e mesmo cidades. Os sufis dedicaram muito de seus escritos ao esclarecimento deste ponto. Esta idéia é tão estranha para muitos pensadores ocidentais que o falecido Henry Corbin, professor de Religião Islâmica na Sorbonne em Paris e uma das principais autoridades no pensamento Islâmico-Iraniano, cunhou o termo *imaginai* para descrevê-lo, significando um mundo que é criado pela imaginação mas não é nada menos real ontologicamente do que a realidade física. "A razão de eu ter achado absolutamente uma outra expressão foi que, durante muitos anos, meu professor exigiu que eu interpretasse textos persas e arábicos, cujo significado eu sem dúvida

teria traído se tivesse simplesmente me contentado com o termo *imaginário*", afirma Corbin.⁸⁴

Por causa da natureza imaginal do domínio pós-morte, os sufis concluíram que *apropriada imaginação é uma faculdade de percepção*, uma idéia que fornece nova luz na razão porque o sujeito de Whitton materializou uma mão apenas depois que começou a pensar, e porque visualizar imagens tem um efeito tão potente sobre a saúde e a estrutura física de nosso corpo. Também contribuiu para a crença dos sufis de que alguém poderia usar a visualização, um processo que eles chamavam de "oração criativa", para alterar e reformar a verdadeira textura do destino de alguém.

Numa noção que é paralela às ordens implícita e explícita de Bohm, os sufis acreditam que, apesar de suas qualidades fantasmáticas, o domínio da vida após a morte é a matriz geradora que dá luz ao universo físico inteiro. Todas as coisas na realidade física surgem desta realidade espiritual, diziam os sufis. Porém, mesmo os mais sábios entre eles achavam isto estranho, que ao meditar e se aventurar profundamente na psique, alguém chegasse num mundo interior que "mostra envolver, circundar ou conter aquilo que a princípio era externo e visível."⁸⁵

Esta compreensão, é claro, é apenas outra referência às qualidades holográficas e não locais da realidade. Cada um de nós contém a totalidade do céu. Mais do que isso, cada um de nós contém o lugar do céu. Ou como os sufis colocam, em vez de ter de procurar pela realidade espiritual "no onde", o "onde" está *em* nós. Na verdade, ao discutir os aspectos não locais da vida após a morte, um místico presa do século 12 chamado Sohrawardi disse que o país do Imame oculto poderia ser melhor chamado de *Na-Koja-Abad*, "a terra do não-lugar".⁸⁶

Reconhecidamente esta idéia não é nova. É o mesmo sentimento expresso na afirmação "o reino do céu está dentro". O que é novo é a idéia de que tais noções são na realidade referências aos aspectos não locais dos níveis mais sutis da realidade. Outra vez, sugeriu-se que quando uma pessoa tem uma OBE na verdade poderia não viajar para lugar nenhum. Poderia simplesmente alterar o sempre ilusório holograma da realidade de forma que tenha a experiência de viajar para algum lugar. Num universo holográfico a consciência não só está em todo lugar, está também em nenhum lugar.

A idéia de que o domínio da vida após a morte existe profundamente na expansão não local da psique foi aludida por alguns que experimentaram NDE. Como um menino de 7 anos de idade coloca: "A morte é como andar para dentro de sua mente".⁸⁷ Bohin propõe um ponto de vista não local parecido com o que acontece durante nossa transição desta vida para a próxima: "No presente, nosso processo total de pensamento está dizendo a nós que temos de manter nossa atenção aqui. Você não pode atravessar a rua, por exemplo, se não o fizer. Mas a consciência está sempre na profundidade ilimitada que está além do espaço e do tempo, em níveis mais sutis da ordem implícita. Portanto, se você fosse profundamente o bastante no presente real, então talvez não existisse nenhuma diferença entre este momento e o próximo. A idéia seria de que na experiência da morte você vai entrar nela. O contato com a eternidade está no momento presente, mas é mediada pelo pensamento. É uma questão de atenção".⁸⁸

Imagens de Luz Coordenadas e Inteligentes

A idéia de que se pode ter acesso aos níveis mais sutis da realidade por meio de uma mudança apenas na consciência também é uma das premissas principais da tradição da ioga. Muitas práticas iogues são destinadas em especial a ensinar os indivíduos como fazer tais viagens. E mais uma vez, os indivíduos que obtêm sucesso nestas aventuras descrevem, no entanto, uma paisagem familiar. Um destes sujeitos foi Sri Yukteswar Giri, pouco conhecido mas amplamente respeitado homem sagrado hindu que morreu em Puri, Índia, em 1936. Evans-Wentz, que encontrou Sri Yukteswar nos anos 20, o descreveu como um homem de "presença agradável e personalidade elevada" completamente "merecedor da veneração que seus seguidores concediam a ele".⁸⁹

Sri Yukteswar parece ter sido especialmente dotado para transpor para frente e para trás entre este mundo e o próximo e descreveu a dimensão da vida depois da morte como um mundo composto de "diversas vibrações sutis de luz e cor" e "centenas de vezes maior do que o cosmos material". Ele também dizia que era infinitamente mais bonito do que nosso próprio domínio de existência rico em "lagos de opala, mares brilhantes e rios de arco-íris." Por ser mais "vibrante com a luz criativa de Deus" seu clima é sempre agradável, e suas manifestações climáticas são muitas vezes precipitações de "neve branca luminosa e de chuva de luzes multicoloridas". Indivíduos que vivem neste domínio

maravilhoso podem materializar qualquer corpo que quiserem e podem "ver" com qualquer área do corpo que desejarem. Eles podem também materializar qualquer fruta ou outra comida que quiserem, embora eles "estejam sempre livres de qualquer necessidade de comer" e "se banqueteariam apenas na ambrosia do conhecimento eternamente novo".

Eles se comunicam por meio de séries telepáticas de "imagens de luz", se regozijam na "imortalidade da amizade, compreendem "a indestrutibilidade do amor", sentem uma dor aguda "se algum erro é cometido na conduta ou percepção da verdade" e quando são confrontados com a multidão de parentes, pais, mães, esposas, maridos e amigos conquistados durante suas "diferentes encarnações na terra", ficam perplexos com a quem devem amar em especial e assim aprendem a dar "um amor igual e divino a todos".

Qual é a natureza requintada de nossa realidade uma vez que fixamos residência nesta terra luminosa? A esta pergunta, Sri Yukteswar deu uma resposta que era tão simples quanto holográfica. Neste domínio onde comer e mesmo respirar são desnecessários, onde um único pensamento pode materializar "Todo um jardim de flores perfumadas", e todos os males corporais são "curados de uma só vez pelo simples desejo", somos por completo, simples "imagens de luz coordenadas e inteligentes".⁹⁰

Mais Referências à Luz

Sri Yukteswar não é o único mestre ioguc a usar tais termos semelhantes ao holograma quando descreve os níveis mais sutis de realidade. Um outro é Sri Aurobindo Ghose, um pensador, ativista político e místico que os indianos reverenciam lado a lado com Gandhi. Nascido em 1872 de uma família indiana de classe alta, Sri Aurobindo foi educado na Inglaterra, onde rapidamente desenvolveu reputação como um tipo de prodígio. Ele tinha fluência não só no inglês, hindi, russo, alemão, francês, mas também no antigo sânscrito. Ele podia ler uma caixa de livros por dia (quando jovem ele lia tudo de muitos e volumosos livros sagrados da Índia) e repetia literalmente cada palavra de toda página que lia. Seus poderes de concentração eram lendários e dizia-se que ele podia ficar sentado estudando na mesma posição durante toda a noite, abstraído até das picadas incessantes dos mosquitos.

Como Gandhi, Sri Aurobindo foi ativo no movimento nacionalista na Índia e passou um tempo na prisão por sedição. Porém, apesar de toda sua paixão humanitária e intelectual, ele permaneceu ateu até que um dia quando viu um ioguc errante curar instantaneamente seu irmão de uma doença que ameaçava sua vida. A partir deste momento Sri Aurobindo devotou sua vida às disciplinas iogues e como Sri Yukteswar, por meio da meditação finalmente aprendeu a se tornar, em suas próprias palavras, "um explorador dos níveis da consciência".

Não foi uma tarefa fácil para Sri Aurobindo e um dos obstáculos mais inconvenientes que ele teve que superar para realizar seu objetivo foi aprender como silenciar o murmúrio sem fim de palavras e pensamentos que fluem incessantemente através da mente humana normal. Qualquer um que já tenha tentado esvaziar sua mente de *todo* pensamento mesmo por um momento ou dois sabe o quão desanimadora uma tarefa desta é. Mas é também uma coisa necessária, pois os textos iogues são totalmente explícitos sobre este ponto. Sondar as regiões mais implícitas e sutis da psique exige na verdade uma mudança da atenção bohmiana (de Bohm). Ou como Sri Aurobindo coloca, para descobrir o "novo país dentro de nós precisamos aprender primeiro como "deixar o antigo para trás".

Levou anos para Sri Aurobindo aprender a silenciar sua mente e viajar para dentro, mas uma vez que obteve sucesso, descobriu o mesmo vasto território encontrado por todos os outros Marcos Pólos do espírito aos quais estivemos vendo — um domínio além do espaço e do tempo, composto de uma "infinidade multicolorida de vibrações" e povoado por seres não físicos tão mais adiantados do que a consciência humana que nos faz parecer crianças. Estes seres podem tomar qualquer forma à vontade, dizia Sri Aurobindo, o mesmo ser aparecendo a um cristão como um santo cristão e para um indiano como um santo hindu, apesar dele salientar que o propósito deles não é enganar mas simplesmente se tornarem mais acessíveis "a uma determinada consciência".

De acordo com Sri Aurobindo, em sua forma mais verdadeira estes seres aparecem como "vibração pura". Em sua obra de dois volumes, *Sobre loga*, ele até compara a capacidade deles de aparecerem tanto com uma forma como em vibração, com a dualidade onda-partícula descoberta pela "ciência moderna". Sri Aurobindo também observou que neste domínio luminoso a pessoa não está mais limitada a receber informação de uma maneira "ponto a ponto", mas pode absorvê-la "em

grandes massas" e num simples vislumbre perceber "grandes extensões de espaço e tempo".

De fato, um grande número de afirmações de Sri Aurobindo são indistinguíveis de muitas das conclusões de Bohm e de Pribram. Ele dizia que a maioria dos seres humanos têm uma "tela mental" que nos impede de ver além "do véu da matéria", mas quando a pessoa aprende a perscrutar para além deste véu, acha que todas as coisas consistem de "intensidades diferentes de vibrações luminosas". Ele afirmava que a consciência também composta de diferentes vibrações e acreditava que toda matéria é em algum grau consciente. Como Bohm, ele até afirmou que a psicocinese é um resultado direto do fato de que toda matéria é até certo grau consciente. Se a matéria não fosse consciente, nenhum iogue poderia mover um objeto com sua mente porque não haveria possibilidade de contato entre o iogue e o objeto, diz Sri Aurobindo.

Mais Bohmiana de todas são as observações de Sri Aurobindo sobre a totalidade e a fragmentação. De acordo com Sri Aurobindo, uma das coisas mais importantes que alguém aprende nos "grandes e luminosos reinos do Espírito" é que toda separação é uma ilusão e que todas as coisas estão na realidade interligadas e totalizadas. Repetidas vezes em seus escritos ele salientou este fato, e sustentou que era apenas quando uma pessoa descia de níveis vibratórios superiores da realidade para os mais inferiores que uma "lei progressiva de fragmentação" tomava posse. Fragmentamos as coisas porque existimos numa vibração inferior de consciência e de realidade que nos impede de experimentar a intensidade da consciência, da alegria, do amor e de nos deleitarmos com a existência que são a norma nestes reinos mais sutis e superiores.

Exatamente como Bohm acredita que não é possível a desordem existir num universo que é na realidade inteiro e total, Sri Aurobindo acreditava que o mesmo era verdade para a consciência. Se um único ponto do universo fosse totalmente inconsciente, todo o universo seria totalmente inconsciente, ele dizia, e se percebemos um seixo ao lado da estrada ou um grão de areia sob nossa unha como sem vida e morto, nossa percepção é outra vez ilusória e provocada somente por nosso hábito sonambúlico de fragmentação.

Como Bohm, o entendimento epifânico de Sri Aurobindo da totalidade também o fez consciente da relatividade real de todas as verdades e da arbitrariedade de tentar dividir o holomovimento sem costura inteiro em "coisas". Tão convencido ele estava de que qualquer tentativa

de reduzir o universo em fatos absolutos e em doutrinas imutáveis somente levava à distorção que ele foi mesmo contra a religião e toda sua vida enfatizou que a verdadeira espiritualidade vinha não de alguma organização ou sacerdócio, mas do universo espiritual interior:

Nós não só devemos cortar fora a cilada de nossa mente e dos sentidos, como também fugir da cilada do pensador, a cilada do teólogo e do construtor de igrejas, as malhas do Mundo e a escravidão da Idéia. Todos eles estão dentro de nós, esperando para emparedar o espírito em formas; mas devemos sempre ir além, sempre renunciar o menor pelo maior, o finito pelo Infinito; devemos estar preparados para prosseguir, de iluminação em iluminação, de experiência em experiência, de estado de alma em estado de alma (...). Não devemos nem mesmo nos ligar às verdades que sustentamos com firmeza, pois elas não são senão formas e expressões do Inefável, que se recusa a se limitar a qualquer forma ou expressão.⁹¹

Mas se o cosmos é na realidade inefável, uma mistura de vibrações multicoloridas, o que são todas as formas que percebemos? O que é a realidade física? É, dizia Sri Aurobindo, apenas "uma massa de luz estável".⁹²

Sobrevivência no Infinito

A imagem da realidade relatada pelos que experimentaram a NDE é notavelmente autoconsistente e é corroborada pelo testemunho de muitos dos mais talentosos místicos do mundo também, ainda mais espantoso é que excitantes e estranhos como são estes níveis mais sutis da realidade para aqueles de nós que residem nas culturas mais "avançadas" do mundo, eles são territórios familiares e mundanos para os assim chamados povos primitivos.

Por exemplo, o dr. E. Nandisvar Nayake Thero, um antropólogo que viveu e estudou uma comunidade de aborígenes na Austrália, chama atenção para o fato de que o conceito aborígene de "tempo do sonho", um reino que os xamãs australianos visitam ao entrar num transe profundo, é quase idêntico aos planos de vida após a morte da existência descritos nas fontes ocidentais. É o reino onde os espíritos humanos vão depois da morte e uma vez lá um xamã pode conversar com o morto e ter acesso instantâneo a todo conhecimento. É também uma dimensão na qual o tempo, espaço e outros limites da vida terrena deixam de existir e a pessoa deve aprender a lidar com o infinito. Por causa disto, os xamãs

australianos muitas vezes se referem à vida depois da morte como "sobrevivência no infinito".⁹³

Holger Kalweit, um etnopsicólogo alemão com graduações tanto em psicologia como em antropologia cultural, vai um pouco além de Thero. Um especialista em xamanismo que é também ativo na pesquisa do limiar da morte, Kalweit salienta que virtualmente *todas* as tradições xamanistas do mundo contêm descrições deste reino extra-dimensional e vasto, repleto de referências ao retrospecto de vida, seres espirituais superiores que ensinam e guiam, comida que aparecem a partir do pensamento e prados indescritivelmente belos, florestas e montanhas. Na verdade, a capacidade para viajar a reinos da vida após a morte não só é a exigência mais universal para ser um xamã, como os que experimentaram NDE são muitas vezes o verdadeiro catalisador que impulsiona o indivíduo para o papel. Por exemplo, os Oglala Sioux, os Seneca, os Yakut Siberianos, os Guajiro da América do Sul, os Zulu, os Kikuyu do Kcna, os Mu dang coreanos, os Mcntawai insulanos da Indonésia e os Caribou esquimós — todos têm tradições de indivíduos que se tornaram xamãs depois de uma doença com ameaça de vida que os impeliu abruptamente para o reino da vida após a morte.

Porém, diferentes dos que experimentam NDE ocidentais, para os quais tais experiências são de uma maneira desorientadamente nova, estes exploradores xamanismos parecem ter um conhecimento muito mais vasto da geografia destes reinos mais sutis e são muitas vezes capazes de voltar a eles repetidas vezes. Por quê? Kalweit acredita que é porque tais experiências são uma realidade diária para tais culturas. Enquanto que nossa sociedade suprime qualquer pensamento ou menção à morte e ao morrer, e desvalorizou o místico ao definir a realidade estritamente em termos do material, os povos tribais ainda têm contato diário com a natureza sensitiva da realidade. Assim, eles têm um entendimento maior das regras que governam estes reinos internos, diz Kalweit e são muito mais hábeis ao navegar seus territórios.⁹⁴ Que estas regiões internas tenham sido bem percorridas pelos povos xamanismos fica evidente na experiência que o antropólogo Michael Harner teve entre os índios Conibo do Amazonas peruano. Em 1960 o Museu Americano de História Natural enviou Harner numa expedição de um ano para estudar os Conibo e enquanto estava lá ele pediu aos nativos Amazonenses para contar a ele sobre suas crenças religiosas. Eles disseram a ele que se ele realmente quisesse aprender, tinha que tomar

uma bebida xamanista sagrada feito de uma planta alucinógena conhecida como *ayahuasca*, o "vinho da alma". Ele concordou e depois de beber a mistura amarga teve uma experiência fora do corpo na qual viajou a um nível de realidade povoado pelo que parecia ser deuses ou demônios da mitologia dos Conibos. Ele viu demônios com cabeças de crocodilos sorridentes. Viu uma rosa "com essência de energia" subir de seu peito e flutuar sobre um navio com cabeça de dragão tripulado por figuras de estilo egípcio com cabeças de gaio-azul e sentiu o que achou ser a lenta chegada do entorpecimento de sua própria morte.

Mas a experiência mais dramática que ele teve durante sua viagem de espírito foi um encontro com um grupo de seres parecidos com dragões alados que surgiram de sua espinha. Depois de terem rastejado para fora de seu corpo, eles "projetaram" uma cena visual na frente dele na qual lhe mostravam que o que diziam era a "verdadeira" história da Terra. Por meio de uma espécie de "linguagem de pensamento" eles explicaram que eram os responsáveis tanto pela origem como pela evolução de toda vida no planeta. Na verdade, eles residiam não só nos seres humanos mas em toda vida e tinham criado a multidão de formas vivas que povoam a Terra para fornecer a si próprios um lugar escondido de alguns inimigos não revelados no espaço exterior (Harner observou que embora os seres fossem quase como o DNA, na época, 1961, ele não sabia nada do DNA).

Depois que esta concatenação de visões acabou, Harner procurou por um xamã conibo cego considerado por seus talentos paranormais para falar com ele sobre a experiência. O xamã, que tinha feito muitas viagens ao mundo do espírito, acenava com a cabeça muitas vezes quando Harner relatava os eventos que tinham acontecido com ele, mas quando ele contou ao velho homem sobre os seres parecidos com dragões e as afirmações deles de que eram os verdadeiros senhores da terra, o xamã sorriu com deleite. "Oh, eles estão sempre dizendo isto. Mas eles são apenas os Senhores da Escuridão Exterior", ele corrigiu.

"Fiquei atordoado", diz Harner. "O que eu tinha experimentado já era familiar para este xamã cego descalço. Conhecido por ele a partir de suas próprias explorações do mesmo mundo escondido no qual tinha me aventurado." Porém, este não foi o único choque que Harner recebeu. Ele também recontou sua experiência a dois missionários cristãos que viviam perto dali e ficou intrigado quando eles também pareceram saber sobre o que ele estava falando. Depois que terminou eles disseram a ele

que algumas de suas descrições eram virtualmente idênticas a certas passagens no Livro da Revelação, passagens que Harner, um ateu, nunca tinha lido.⁹⁵ Assim, parecia que o velho xamã conibo talvez não fosse o único indivíduo a ter viajado à mesma terra que Harner mais tarde e mais hesitantemente percorreu. Algumas das visões e "viagens ao céu" descritas pelos profetas do Velho e do Novo Testamento podem também ter sido viagens xamanistas ao reino interior.

É possível que o que consideramos como um folclore estranho e fascinante mas mitologia ingênua seja na realidade relatos sofisticados da cartografia dos níveis mais sutis da realidade? Kalweit de sua parte acredita que a resposta é um enfático sim. "À luz dos revolucionários achados da recente pesquisa da natureza do morrer e da morte, não podemos mais olhar para as religiões tribais e suas idéias sobre o Mundo da Morte como concepções limitadas", ele diz. "[Em vez disso] o xamã deveria ser considerado como o mais atualizado e instruído psicólogo."⁹⁶

Um Brilho Espiritual Inegável

Um último fragmento de evidência da realidade da NDE é o efeito transformador que ela tem sobre aqueles que a experimentam. Os pesquisadores descobriram que os que experimentam a NDE são quase sempre profundamente alterados por suas viagens ao além. Eles se tornam mais felizes, mais otimistas, mais calmos e menos preocupados com as posses materiais. O mais impressionante de tudo, a capacidade deles para amar se expande enormemente. Maridos indiferentes de repente se tornam calorosos e afetivos, os viciados no trabalho começam a relaxar e dedicar tempo à família e os introvertidos se tornam extrovertidos. Estas mudanças são muitas vezes tão drásticas que as pessoas que conhecem os que experimentam a NDE freqüentemente notam que ele ou ela se tornou uma pessoa inteiramente diferente. Existem mesmo casos registrados de criminosos que modificam completamente suas condições e pregadores irascíveis substituindo sua mensagem por uma de amor e compaixão incondicionais. Os que experimentam NDE também se tornam muito mais espiritualmente orientados. Eles voltam não só firmemente convencidos da imortalidade da alma humana, como também com um profundo e duradouro sentido de que o universo é compassivo e inteligente e que esta presença amorosa está sempre com eles. Porém, esta consciência não resulta necessariamente neles se tornarem mais religiosos. Como Sri Aurobindo, muitos que

experimentam a NDE salientam a importância da distinção entre religião e espiritualidade e afirmam que é o último que floresceu em grande plenitude em suas vidas, não o primeiro. Na verdade, estudos mostram que subsequente à suas experiências os que experimentam NDE demonstram uma abertura crescente à idéias externas às suas próprias bases religiosas tal como reencarnação e religiões orientais.⁹⁷

Esta ampliação de interesse muitas vezes se estende a outras áreas também. Por exemplo, os que experimentam NDE muitas vezes desenvolvem um notável fascínio pelos tipos de assuntos discutidos neste livro, em especial os fenômenos sensitivos e a nova física. Um experimentador de NDE investigado por Ring, por exemplo, era um motorista de maquinaria pesada que não demonstrava nenhum interesse por livros ou buscas acadêmicas antes de sua experiência. Porém, durante sua NDE ele teve uma visão de conhecimento total e apesar de ser incapaz de se lembrar do conteúdo da visão depois que se recuperou, diversos termos sensitivos começaram a pipocar em sua cabeça. Uma manhã não muito depois de sua experiência ele deixou escapar a palavra *quantum*. Mais tarde ele declarou criticamente: "Max Planck — você ouvirá falar dele num futuro próximo", e à medida que o tempo foi passando, fragmentos de equações e de símbolos matemáticos começaram a emergir em seus pensamentos.

Nem ele nem sua esposa sabiam o que a palavra *quantum* queria dizer, ou quem era Max Planck (amplamente considerado como o pai fundador da física quântica) até que o homem foi à uma biblioteca e pesquisou as palavras. Mas depois de descobrir que ele não estava falando uma linguagem inarticulada, começou a ler vorazmente, não apenas livros sobre física como também sobre parapsicologia, metafísica e consciência superior; e até se matriculou numa faculdade como um físico formado. A esposa do homem escreveu uma carta a Ring tentando descrever a transformação de seu marido:

Muitas vezes ele diz uma palavra que nunca ouviu antes em nossa realidade — poderia ser uma palavra estrangeira de uma língua diferente — mas tem conhecimento (...) dela em relação à teoria da "luz" (...) Ele fala sobre coisas mais rápidas do que a velocidade da luz e é difícil para mim entender (...) Quando ele escolhe um livro sobre física ele já sabe a resposta e parece saber mais (...).⁹⁸

O homem também começou a desenvolver diversas capacidades sensitivas depois de sua experiência, o que não é raro entre os que expe-

rimentam NDE. Em 1982, Bruce Greyson, um psiquiatra da Universidade de Michigan e diretor de pesquisas da IAND, deu a 69 experimentadores da NDE um questionário destinado a estudar esta matéria e achou que havia um progresso virtualmente em todos, dos fenômenos sensitivos e relacionados ao psi que ele avaliou." Phyllis Atwater, uma dona de casa de Idaho que se tornou uma pesquisadora da NDE subsequente a sua própria NDE transformadora, entrevistou inúmeras pessoas que experimentaram NDE e obteve achados semelhantes. "Telepatia e dons curativos são comuns", ela afirma. "Bem como 'lembrar' do futuro. O tempo e o espaço param e você vive numa sequência futura em detalhes. Então, quando o evento acontece, você o reconhece."¹⁰⁰

Moody acredita que a profunda e positiva mudança de identidade que tais indivíduos experimentam é a mais forçosa evidência de que as NDE são na realidade viagens para algum nível espiritual da realidade. Ring concorda. "No âmago da NDE encontramos um brilho espiritual inegável e absoluto", ele diz. "Esta essência espiritual é tão terrível e irresistível que a pessoa é de uma vez por todas empurrada para um modo inteiramente novo de ser."¹⁰¹

Os pesquisadores de NDE não são os únicos indivíduos que estão começando a aceitar a existência desta dimensão e do componente espiritual da espécie humana. O ganhador do Prêmio Nobel Brian Josephson, ele próprio um meditador há muito tempo, também está convencido de que existem níveis mais sutis da realidade, níveis a que se pode ter acesso por meio da meditação e para onde, possivelmente, a pessoa viaja depois da morte.¹⁰²

Num simpósio de 1985 sobre a possibilidade da vida depois da morte biológica realizado na Universidade Georgetown e convocado pelo senador dos EUA Claiborne Pell, o físico Paul Davies expressou uma franqueza parecida. "Nós todos concordamos que, pelo menos à medida que como seres humanos estejamos interessados, a mente é um produto da matéria, ou colocado mais exatamente, a mente encontra expressão através da matéria (em especial nosso cérebro). A lição do quantum é que a matéria pode apenas alcançar existência concreta, bem definida em conjunto com a mente. É claro, se a mente é *padrão* em vez de ser *substância*, então é capaz de muitas representações diferentes."¹⁰³

Mesmo a psiconeuroimunologista Candace Pert, outra participante do simpósio, foi receptiva à idéia. "Acho que é importante compreender

que a informação está armazenada no cérebro e é concebível para mim que esta informação pudesse transformar a si própria em algum outro domínio. Para onde a informação vai depois da destruição de moléculas (a massa) que a compõe? A matéria não pode ser criada nem destruída e talvez o fluxo de informação biológica possa não apenas desaparecer na morte e deve ser transformada num outro reino", ela diz.¹⁰⁴

É possível que o que Bohm chamou de nível implícito da realidade seja o reino do espírito, a origem do brilho espiritual que transfigurou os místicos de todas as épocas? O próprio Bohm não descarta a idéia. O domínio implícito "poderia muito bem ser chamado de Idealismo, Espírito, Consciência", ele afirma com notoriedade característica. "A separação dos dois — matéria e espírito — é uma abstração. O terreno é sempre o mesmo."¹⁰⁵

Quem São os Seres de Luz?

Porque a maioria das observações acima foram feitas por físicos e não por teólogos, alguém não poderia deixar de perguntar se talvez o interesse pela nova física mostrado pelos experimentadores da NDE de Ring é uma indicação de alguma coisa mais profunda. Se, como Bohm sugere, a física está começando a fazer invasões em áreas que foram uma vez a província exclusiva do místico, é possível que estas intromissões já tenham sido antecipadas pelos seres que habitam o domínio próximo da morte? É por isso que aos que experimentam NDE é dada uma fome insaciável de tal conhecimento? Eles estão, e por procuração o resto da espécie humana, sendo preparados para alguma confluência vindoura entre a ciência e o espiritual?

Exploraremos esta possibilidade um pouco mais tarde. Primeiro, uma outra pergunta deve ser feita. Se a existência desta dimensão superior não está mais em questão, então quais são seus parâmetros? Mais especificamente, quem são os seres que o habitam e com o que realmente se parece a sociedade deles, ou, pode-se atrever a dizer, a civilização deles?

Existem, é claro, perguntas difíceis de responder. Quando Whitton tentou descobrir a identidade dos seres que aconselhavam as pessoas no estado entre-vidas, ele achou a resposta enganosa. "A impressão que meus sujeitos davam — aqueles que podiam responder à pergunta — era que estas eram entidades que tinham completado seu ciclo de encarnações aqui", ele diz.¹⁰⁶

Depois de centenas de viagens ao domínio interior e depois de entrevistar um grande número de outros talentosos companheiros experimentadores da OBE sobre o assunto, Monroe também acabou de mãos vazias. "O que quer que eles sejam, [estes seres] têm a capacidade de irradiar um ardor de amizade que desperta confiança total", ele observa. "Perceber nosso pensamentos é absurdamente fácil para [eles]. "E a história inteira da humanidade e da Terra está disponível para eles no mais mínimo detalhe." Mas Monroe, também, confessa ignorância quando se trata do identidade real destas entidades não físicas, a não ser que o negócio deles parece ser "solicitude total quanto ao bem estar dos seres humanos com os quais estão associados".¹⁰⁷

Nem *muito* mais pode ser dito sobre as civilizações destes domínios sutis, a não ser que os indivíduos que são privilegiados o bastante para visitá-los relatam universalmente ver cidades celestialmente belas e muito grandes lá. Os que experimentaram NDE, adeptos da ioga e xamãs que usam *ayahuasca* — todos descrevem estas metrópoles misteriosas com notável persistência. Os sufis do século 12 estavam tão familiarizados com elas que até deram nomes a muitas delas.

O aspecto mais notável destas grandes cidades é que elas são brilhantemente luminosas. São também muitas vezes descritas como estranhas na arquitetura e tão sublimemente bonitas que, como todos os outros aspectos destas dimensões implícitas, as palavras são insuficientes para transmitir sua grandeza. Ao descrever uma destas cidades Swedenborg disse que era um lugar "de design arquitetônico estonteante, tão bonito que você diria que é o lar e a origem da própria arte".¹⁰⁸

Pessoas que visitam estas cidades também muitas vezes afirmam que elas têm um número incomum de escolas e outros edifícios associados com a busca do conhecimento. A maioria dos sujeitos de Whitton se lembrava de passar pelo menos algum tempo trabalhando diligentemente em vastos salões de aprendizado equipados com bibliotecas e salas de seminários enquanto estavam no estado entre existências.

¹⁰⁹ Muitos dos que experimentam NDE também relatam que lhes foram mostradas "escolas", "bibliotecas", e "instituições de aprendizado superior" durante suas experiências.¹¹⁰ E pode-se mesmo achar referências a grandes cidades dedicadas ao aprendizado e alcançáveis apenas ao viajar às "profundezas ocultas da mente" nos textos tibetanos do século 11. Edwin Bernbaum, um professor de sânscrito da

Universidade da Califórnia em Berkeley, acredita que o romance de James Hilton *Horizonte Perdido*, no qual ele criou uma comunidade imaginária de Shangri-La, foi na realidade inspirado em uma destas lendas tibetanas.*

O único problema é que num domínio imaginai tais descrições não querem dizer muita coisa. Ninguém pode nunca ter certeza se as estruturas arquitetônicas espetaculares que os que experimentam NDE encontram como realidades são apenas fantasmas alegóricos. Por exemplo, tanto Moody como Ring relataram casos nos quais os que experimentaram NDE diziam que os edifícios de aprendizado superior que eles visitaram não eram apenas destinados ao conhecimento, mas eram literalmente *construídos de* conhecimento.¹¹² Esta escolha curiosa de palavras sugere que talvez as vistas a estes edifícios sejam na realidade encontros com alguma coisa tão além da concepção humana — talvez uma nuvem viva dinâmica de puro conhecimento, ou que a informação se torna, como Pert coloca, depois que foi *convertida num outro domínio* — que traduzi-la num holograma de um edifício ou biblioteca seja o único modo que a mente humana pode processá-la.

* Durante todos os meus anos de colegial e de faculdade, tive sonhos vívidos e freqüentes de que estava assistindo aulas sobre assuntos espirituais numa universidade estranhamente bonita em algum lugar sobrenatural, sublime. Nenhum sonho refletia ansiedade a respeito da ida à escola, mas eles incluíam vãos incrivelmente agradáveis nos quais eu flutuava levemente para conferências sobre o campo energético humano e reencarnação. Durante esses sonhos, algumas vezes eu encontrava pessoas conhecidas desta vida que tinham morrido e mesmo pessoas que se identificavam como almas a nascer. De maneira intrigante, encontrei diversos outros indivíduos, em geral pessoas com mais capacidade sensitiva do que o normal, que também tinham esse tipo de sonho (uma dessas pessoas, um talentoso clarividente do Texas chamado Jim Gordon, ficou tão confuso com a experiência que muitas vezes perguntava a sua mãe nada confusa por que ele tinha que ir à escola *duas vezes*, uma durante o dia com todas as outras crianças, e outra durante a noite, enquanto dormia. É relevante mencionar aqui que Monroe e inúmeros outros pesquisadores de OBE acreditam que sonhos de voar são na realidade apenas OBE pobremente lembradas, me fazendo curioso em saber se talvez alguns de nós, pelo menos, está visitando estas escolas incorpóreas mesmo enquanto estamos vivos.

O mesmo é verdade dos seres que a pessoa encontra nas dimensões mais sutis. Nunca podemos saber a partir apenas da aparência deles, o que eles realmente são. Por exemplo, George Russell, um vidente irlandês da virada do século e um experimentador de OBE extraordi-

nariamente talentoso, encontrou muitos "seres de luz" durante o que ele chamava de suas viagens para o "mundo interior". Quando uma vez foi pedido a ele durante uma entrevista para descrever com que estes seres se pareciam, ele afirmou:

O primeiro destes que vi, me lembro muito claramente, e a maneira de seu aparecimento: houve primeiro um deslumbramento de luz e então eu vi que ela vinha do coração de uma figura alta, com um corpo aparentemente formado de um ar opalescente ou meio transparente e por todo o corpo corria um fogo elétrico, brilhante, do qual o coração parecia ser o centro. Em volta da cabeça deste ser e pelos luminosos cabelos ondulados, que se espalhavam por todo o corpo como fios vivos de ouro, apareciam auras, como asas flamejantes. A partir do próprio ser a luz parecia jorrar para fora em todas as direções e o efeito deixado em mim depois da visão foi de uma extraordinária brandura, alegria ou êxtase.¹¹³

Por outro lado, Monroe afirma que uma vez que estava na presença de uma destas entidades não físicas por um tempo, ela descartava sua aparência e ele não percebia nada, embora continuasse a sentir "a radiação que é a entidade".¹¹⁴ Outra vez a pergunta pode ser feita, Quando um viajante dos domínios interiores encontra um ser de luz, este ser é uma realidade ou apenas um fantasma de alegoria? A resposta, é claro, é que é um pouco dos dois, pois num universo holográfico *todas* as aparências são ilusões, imagens parecidas com hologramas construídas pela interação da consciência presente, mas baseadas na ilusão, como Pribram diz, em *alguma coisa* que está lá. Tais são os dilemas que alguém enfrenta num universo que aparece a nós de forma explícita mas que sempre tem sua origem em alguma coisa inefável, no implícito.

Podemos considerar seriamente o fato de que as imagens parecidas com hologramas que nossa mente constrói no domínio da vida após a morte parece ter pelo menos alguma relação com a *alguma coisa* que está lá. Quando encontramos uma nuvem desincorporada de puro conhecimento, nós a convertemos numa escola ou numa biblioteca. Quando um experimentador de NDE encontra uma mulher com a qual ele teve uma relação de amor-ódio, ele a vê como metade rosa, metade cobra, um símbolo que ainda transmite a quintessência do caráter dela; e quando os viajantes dos domínios sutis encontram consciências não físicas de ajuda, eles as vêem como seres angelicais e luminosos.

Quanto à identidade real destes seres, podemos deduzir a partir do comportamento deles que são mais velhos, mais sábios e têm alguma ligação amorosa e profunda com a espécie humana, mas além disto a pergunta permanece sem resposta, quanto a eles serem deuses, anjos, almas de seres humanos que já terminaram a reencarnação ou alguma coisa que está totalmente além da compreensão humana. Especular mais seria presunçoso no que não só seria tentar resolver uma questão que milhares de anos de história humana não conseguiram resolver, mas seria também ignorar o aviso de Sri Aurobindo de não transformar entendimentos espirituais em entendimentos religiosos. À medida que a ciência junta mais evidências, a resposta certamente se tornará mais clara, mas até então, a pergunta de quem ou o que são estes seres permanece em aberto.

O Universo Objetivo

O domínio futuro não é o único domínio no qual podemos encontrar aparições parecidas com hologramas esculpidas por nossas crenças. Parece que de vez em quando podemos mesmo ter tais experiências em nosso próprio nível de existência. Por exemplo, o filósofo Michael Grosso acredita que as aparições milagrosas da Virgem Maria também podem ser projeções parecidas com hologramas criadas pelas crenças coletivas da espécie humana. Uma visão de Maria que é particularmente holográfica em sabor é a famosa aparição da Virgem de Knock, Irlanda, em 1879. Naquela ocasião, pessoas de 14 anos viram três figuras misteriosamente imóveis e incandescentes que consistiam de Maria, José e São João Evangelista (identificado porque se parecia muito com uma estátua do santo de uma vila próxima) de pé numa campina próxima à igreja local. Estas figuras brilhantemente luminosas eram tão reais que quando as testemunhas se aproximaram, podiam até ler as letras sobre um livro que São João estava segurando. Mas quando uma das mulheres presentes tentou abraçar a Virgem, seus braços se fecharam no espaço vazio. As figuras pareciam tão plenas e naturais que eu não podia entender por que minhas mãos não podiam sentir o que era tão manifesto e distinto à minha visão", a mulher mais tarde escreveu.¹¹⁵

Uma outra visão de maria impressionantemente holográfica é a aparição igualmente famosa da Virgem de Zeitoun, Egito. As visões começaram em 1968 quando dois mecânicos de automóvel muçulmanos viram uma aparição luminosa de Maria de pé sobre a borda da cúpula

central de uma igreja copta no subúrbio pobre do Cairo. Durante os três anos seguintes imagens tridimensionais incandescentes de Maria, José e do Cristo Menino apareceram semanalmente sobre a igreja, algumas vezes pairando num ponto do céu durante seis horas.

Diferente das figuras de Knock, as aparições de Zeitoun se moviam continuamente e acenavam para a multidão de pessoas que se reunia regularmente para vê-las. Porém, elas também tinham muitos aspectos holográficos. Sua aparição sempre foi anunciada por um flash brilhante de luz. Como hologramas mudando a partir de seus aspectos de frequência e lentamente entrando em foco, elas eram em princípio amorfas e lentamente se aglutinavam em forma humana. Elas eram muitas vezes acompanhadas por pombas "formadas de pura luz" que se elevavam há grandes distâncias sobre a multidão, mas nunca batiam as asas. Mais impressionante de tudo, depois de três anos de manifestações e à medida que o interesse no fenômeno começou a diminuir, as figuras de Zeitoun também diminuíram, tornando-se cada vez mais enevoadas até que em várias de suas últimas aparições, elas eram um pouco mais do que nuvens de nevoeiro luminoso. Entretanto, durante seu apogeu, as figuras foram vistas por literalmente centenas de milhares de testemunhas e foram extensamente fotografadas. "Entrevistei um grande número destas pessoas e quando você as ouve falar sobre o que elas viram, não pode deixar de sentir que elas estão descrevendo algum tipo de projeção holográfica", diz Grosso.¹¹⁶

Em seu incitante livro *A Escolha Final*, Grosso diz que depois de estudar a evidência ele se convenceu que tais visões não são aparições da Maria histórica, mas na realidade projeções holográficas sensitivas criadas pelo inconsciente coletivo. De maneira interessante, nem todas as aparições de Maria são silenciosas. Algumas, como as manifestações em Fátima e em Lourdes, falam, e quando fazem sua mensagem é invariavelmente um aviso para impedir o apocalipse se nós mortais não melhorarmos nossos modos. Grosso interpreta isto como evidência de que o inconsciente coletivo humano está profundamente perturbado pelo impacto violento que a ciência moderna teve sobre a vida humana e sobre a ecologia da terra. Nossos sonhos coletivos estão, em essência, nos avisando da possibilidade de nossa própria autodestruição.

Outros também concordam que acreditar na Virgem é uma força motivadora que faz estas projeções se aglutinarem na existência. Por exemplo, Rogo chama atenção para o fato que em 1925, enquanto a

igreja cóptica que se tornou o local das manifestações de Zeitoun estava sendo construída, o filantropo responsável por sua construção teve um sonho no qual a Virgem disse a ele que ela apareceria na igreja assim que ela estivesse pronta. Ela não apareceu no tempo determinado, mas a profecia ficou famosa na comunidade. Assim, *"existiu uma tradição de 41 anos de que a visitação de Maria finalmente aconteceria na igreja"*, diz Rogo. *"Estas preocupações podem ter erigido gradualmente um projeto' sensitivo da Virgem dentro da própria igreja, isto é, uma associação de energia sensitiva cada vez mais crescente criada pelo pensamento dos zeíounianos que em 1968 se tornou tão alto que uma imagem da Virgem Maria irrompeu na realidade física!"*¹¹¹ Em escritos anteriores eu, também apresentei uma explicação parecida das visões de Maria.¹¹⁸

Existem evidências de que alguns OVNI's (objetos voadores não identificados) podem ser algum tipo de fenômeno parecido com o holograma. Quando as pessoas pela primeira vez começaram a relatar visões do que parecia ser embarcações espaciais provenientes de outros planetas nos anos 40, pesquisadores que investigavam os relatos de maneira bastante profunda a ponto de perceber que eles eram exatamente o que pareciam ser — vislumbres de embarcações guiadas de maneira inteligente provenientes de civilizações provavelmente extraterrestres e mais avançadas. Porém, à medida que os encontros com os OVNI's se tornam mais difundidos — em especial aqueles que envolvem contato com os ocupantes dos OVNI's — e os dados se acumulam, se torna cada vez mais evidente para muitos pesquisadores que estas assim chamadas embarcações espaciais *não* são extraterrestres em origem. Alguns dos aspectos do fenômeno que indicam que não são extraterrestres incluem o seguinte: primeiro, existem muitas aparições; literalmente milhares de casos de pessoas que encontram OVNI's e seus ocupantes foram documentados, tantos que é difícil acreditar que possam ser visitas reais provenientes de outros planetas. Segundo, os ocupantes dos OVNI's muitas vezes não têm peculiaridades que alguém esperaria de uma forma de vida verdadeiramente extraterrestre; muitos deles são descritos como seres humanóides que respiram nosso ar, não mostram nenhum medo de contrair vírus terrenos, são bem adaptados à gravidade da terra e às emissões eletromagnéticas do sol, mostram emoções reconhecíveis em seus rostos e falam nossa língua — dos quais

todos são possíveis mas características improváveis em visitantes realmente extraterrestres.

Terceiro, eles não se comportam como visitantes extraterrestres. Em vez de fazer a proverbial aterrissagem sobre o gramado da Casa Branca, eles aparecem para fazendeiros e motoristas encalhados. Eles perseguem aviões a jato mas não atacam. Movem-se rapidamente pelo céu permitindo que inúmeras e algumas vezes centenas de testemunhas os vejam, mas não mostram nenhum interesse em fazer qualquer contato formal. E muitas vezes, quando entram em contato com indivíduos o comportamento deles ainda parece ilógico. Por exemplo, um dos tipos de contato mais comumente relatado é aquele que envolve algum tipo de exame médico. E ainda, discutível, uma civilização que tem a capacidade tecnológica para viajar regiões do espaço exterior quase incompreensíveis teria mais seguramente os recursos científicos de obter tal informação sem qualquer contato físico de qualquer forma ou, no mínimo, sem ter que raptar o grande número de pessoas que parecem ser vítimas legítimas deste fenômeno curioso.

Finalmente, e o mais curioso de tudo, os OVNI's nem mesmo se comportam como objetos físicos. Eles foram observados por postos de radar fazendo voltas instantâneas de um ângulo de 90 graus enquanto viajavam à uma enorme velocidade — um extravagância que faria um objeto físico em pedaços. Eles podem mudar de tamanho, desaparecer instantaneamente no nada, aparecer do nada, mudar de cor, e mesmo mudar de forma (características que também são demonstradas por seus ocupantes). Em resumo, o comportamento deles não é de maneira nenhuma o que alguém poderia esperar de um objeto físico, mas de alguma coisa completamente diferente, alguma coisa com a qual nos tornamos mais do que familiarizados neste livro. Como o antropólogo dr. Jacques Vallée, um dos mais respeitados pesquisadores de OVNI do mundo e modelo para o personagem La Combe no filme *Contatos Imediatos do Terceiro Grau*, afirmou recentemente: "É o comportamento de uma imagem, ou de uma projeção holográfica".¹¹⁹

À medida que as qualidades não físicas iguais as do holograma se tornam cada vez mais evidentes para os pesquisadores, alguns concluíram que em vez de serem provenientes de outros sistemas estelares, os OVNI's são na realidade visitantes provenientes de outras dimensões, ou níveis de realidade (é importante notar que nem todos os pesquisadores concordam com este ponto de vista e alguns continuam

convencidos de que os OVNI's são de origem extraterrestre). Porém, esta explicação ainda não explica adequadamente muitos dos outros aspectos bizarros do fenômeno, tais como porque os OVNI's não fazem contato formal, porque se comportam de maneira tão absurda, e assim por diante.

Na verdade, a inadequação da explicação extra-dimensional, pelo menos nos termos com os quais foi inicialmente expresso, apenas se tornou mais evidente a medida em que mais aspectos incomuns do fenômeno OVNI entra em foco. Uma das mais desnorteantes destas é a evidência que os encontros com OVNI's são menos uma experiência objetiva e mais uma experiência subjetiva, ou psicológica. Por exemplo, a famosa "viagem interrompida" de Betty e Barney Hill, um dos casos mais completamente documentados de rapto de OVNI registrados, parece como se fosse um contato realmente alienígena de todos os modos com exceção de um: o comandante do OVNI estava vestindo um uniforme nazista, fato que não faz sentido se os raptos de Hill fossem realmente visitantes provenientes de uma civilização alienígena, mas faz sentido se o evento fosse de natureza psicológica e mais parecido com um sonho ou alucinação, experiências que muitas vezes contêm símbolos óbvios e desconcertantes falhas lógicas.¹²⁰

Outros encontros com OVNI's são mesmo mais surrealistas e parecidos com sonhos em natureza e na literatura pode-se encontrar casos nos quais as entidades OVNI's cantam canções absurdas ou jogam objetos estranhos (tal como batatas) nas testemunhas; casos que surgem como raptos honestos a bordo de espaçonaves mas que terminam como jornadas alucinógenas através de uma série de realidades dantescas; e casos nos quais os alienígenas humanóides se transformam em passarinhos, insetos gigantes e outras criaturas fantasmagóricas.

Já em 1959, e mesmo antes da maioria destas evidências acontecerem, o componente arquetípico e psicológico do fenômeno OVNI inspirou Carl Jung a propor que os "discos voadores" eram na realidade um produto do inconsciente coletivo humano e um tipo de mito moderno em criação. Em 1969 e à medida que a dimensão mítica das experiências OVNI's se tornavam mais distintas, Vallée deu um passo a mais na observação. Em seu livro notável *Passaporte para Magonia* ele chama a atenção para o fato que, longe de ser um fenômeno, os OVNI's na realidade parecem ser um fenômeno muito antigo com uma nova aparência e se parece muito com várias tradições folclóricas, desde

descrições de duendes e gnomos nos países europeus até relatos medievais de anjos e até seres sobrenaturais descritos nas lendas dos nativos americanos.

O comportamento absurdo das entidades OVNIs é o mesmo que o comportamento travesso dos duendes e fadas nas lendas celtas, nos deuses escandinavos, e nas figuras malandras entre os nativos americanos, diz Vallée. Quando despidos até seus arquétipos subjacentes, todos estes fenômenos que mudam sua aparência para se adequar à cultura e ao período de tempo no qual se manifestam, mas que tem a ver com a espécie humana há muito, muito tempo. O que é essa coisa? No *Passaporte para Magonia* Vallée diz que podemos excluir a possibilidade de que eles sejam a expressão de alguma inteligência não humana extraordinariamente avançada, uma inteligência tão além de nós que é lógico aparecerem para nós como absurdo.¹²¹

Mas se isto é verdade, como explicarmos as conclusões dos especialistas da mitologia desde Mircea Eliade até Joseph Campbell de que os mitos são uma expressão necessária e orgânica da espécie humana, um subproduto humano tão inevitável quanto a linguagem e a arte? Podemos realmente aceitar que a psique humana coletiva seja tão estéril e infrutífera que desenvolveu mitos apenas como uma resposta a uma outra inteligência?

E ainda, se os OVNIs e os fenômenos relacionados são simplesmente projeções sensitivas, como vamos explicar os vestígios físicos que eles deixam atrás, os círculos queimados e as impressões fundas encontradas nos lugares das aterrissagens, os inconfundíveis rastros que fazem nos postos de radar e as cicatrizes e marcas de incisão que deixaram nas pessoas nas quais realizaram seus exames médicos. Num artigo publicado em 1976, propus que tais fenômenos são difíceis de categorizar porque estamos tentando elaborá-las numa imagem da realidade que está fundamentalmente incorreta.¹²² Dado que a física quântica nos mostrou que a mente e a matéria estão inextricavelmente ligadas, sugeri que os OVNIs e os fenômenos relacionados são uma evidência a mais desta real falta de divisão entre os mundos físico e psicológico. Elas são, na verdade, um produto da psique humana coletiva, *mas são também totalmente reais*. Colocado de um outro modo, elas são alguma coisa que a espécie humana ainda não aprendeu a compreender de maneira adequada, um fenômeno que não é nem objetivo nem subjetivo mas "onijetivo" — um termo que eu cunhei para

me referir a este estado incomum de existência (não percebi na época que Corbin já tinha cunhado o termo *imaginai para*. descrever o mesmo estado obscuro de realidade, só que no contexto das experiências místicas dos sufis).

Este ponto de vista torna-se cada vez mais predominante entre os pesquisadores. Num artigo recente Ring discute que os encontros com OVNIs são experiências imaginais e são parecidas não só com as confrontações com o real mas mundos criados pela mente que os indivíduos experimentam durante NDE, mas também as realidades míticas que os xamãs encontram durante jornadas através de dimensões mais sutis. Elas são, em suma, uma evidência a mais de que a realidade é um holograma gerado pela mente de múltiplas camadas.¹²³

"Estou achando que sou puxado mais e mais a pontos de vista que me permitem não só reconhecer e honrar a realidade destas experiências diferentes, mas também ver as ligações entre domínios que, para a maior parte, foram estudados por diferentes categorias de estudiosos", afirma Ring. "O xamanismo tende a ser jogado para a antropologia. Os OVNIs tendem a ser jogados para o que quer que a ufologia seja. As NDE são estudadas por parapsicólogos e pessoas médicas. E Stan Grof estudou as experiências psicodélicas a partir de uma perspectiva psicológica transpessoal. Acho que existem boas razões para esperar que o imaginai possa ser, e o holográfico pode ainda se provar ser, perspectivas que possam permitir a alguém ver não as identidades, mas as ligações e o que têm em comum entre estes diferentes tipos de experiências".¹²⁴ Tão convencido Ring está da relação profunda entre estes fenômenos, a princípio aparentemente disparatados que recentemente obteve uma doação para fazer um estudo comparativo em pessoas que tiveram encontros com OVNIs e pessoas que tiveram NDE.

O dr. Peter M. Rojcewicz, folclorista na Faculdade Juilliard na cidade de Nova York, também concluiu que os OVNIs são onijetivos. De fato, ele acredita que chegou a hora dos folcloristas compreenderem que provavelmente todos os fenômenos discutidos por Vallée no *Passaporte para Magonia* são tão reais como simbólicos dos profundos processos na psique humana. "Existe um contínuo de experiências onde a realidade e a imaginação de forma imperceptível fluem para dentro uma da outra", ele afirma. Rojcewicz admite que este contínuo é uma evidência a mais da unidade Bohmiana de todas as coisas e pensa que, à luz da evidência

de que tais fenômenos são imaginais-objetivos, não é mais justificável aos folcloristas tratá-los simplesmente como crenças.¹²⁵

Inúmeros outros pesquisadores, inclusive Vallée, Grosso e Whitley Strieber, autor do *best seller* *Comunhão* e uma das mais famosas e articuladas vítimas de um rapto por OVNI, também admitiu a aparente natureza onijetiva do fenômeno. Como Strieber afirma, encontros com seres de OVNI "podem ser nossa primeira descoberta quântica verdadeira em larga escala no mundo: o verdadeiro ato de observar pode estar criando-o como uma realidade concreta, com sentido, definição e uma consciência própria sua".¹²⁶

Em suma, existe uma crescente concordância entre os pesquisadores deste fenômeno misterioso de que o imaginai não está confinado ao domínio da vida depois da morte, mas transbordou para dentro da aparente solidez de nosso mundo de paus e pedras, não mais confinado às visões dos xamãs, os antigos deuses navegaram seus barcos celestiais direto para a entrada da geração do computador, só que em vez de navios com cabeças de dragão suas embarcações são naves espaciais e eles trocaram suas cabeças de gaio-azul por elmos espaciais. Talvez devêssemos ter antecipado este derramamento há muito tempo atrás, esta mistura de Terra da Morte com nosso próprio reino, pois como Orfeu, o poeta-músico da mitologia grega uma vez aconselhou: "Os portões de Plutão não devem ser abertos, lá dentro está um povo de sonhos".

Tão importante como esta realização é — de que o universo não é objetivo mas onijetivo, que bem além do território de nossa própria vizinhança segura existe uma diversidade vasta, uma paisagem numinosa (mais propriamente uma paisagem da mente) que é tanto uma parte de nossa própria psique como é a terra incógnita — ainda não lança luz sobre o mistério mais profundo de todos. Como Carl Raschke, professor de faculdade no Departamento de Estudos Religiosos na Universidade de Denver obseva: "No cosmo onijetivo, onde os OVNI's têm seus lugares ao lado de quasares e salamandras, o problema do verídico, ou alucinatório, estado de incandescência, aparições circulares, torna-se discutível. O problema *não é* se eles existem ou em que sentido existem, mas a que objetivo real eles servem".¹²⁷

Em outras palavras, qual é a identidade final destes seres? Outra vez, como com as entidades encontradas no domínio próximo da morte, nem existem respostas definidas. Num extremo do espectro, pes-

quisadores tais como Ring e Grosso tendem em direção à idéia de que, apesar de suas influências no mundo da matéria, elas são mais projeções sensitivas do que inteligência não humana. Grosso, por exemplo, acha que, como as visões de Maria, elas são uma evidência a mais de que o psíquico da espécie humana está num estado de desassossego. Como ele afirma, "OVNI's e outros fenômenos extraordinários são manifestações de uma perturbação no inconsciente coletivo da espécie humana".¹²⁸

Na outra extremidade do espectro estão aqueles pesquisadores que sustentam que, apesar de suas características arquetípicas, os OVNI's são mais inteligência alienígena do que projeções sensitivas. Por exemplo, Raschke acredita que os OVNI's são "uma materialização holográfica proveniente de uma dimensão conjugada do universo" e que esta interpretação "certamente deve ter precedência sobre a hipótese da projeção sensitiva, que se debate quando alguém examina atenciosamente os espantosos, vividos, complexos e consistentes aspectos dos alienígenas' e de suas espaçonaves' descritas pelos raptados".¹²⁹

Vallée também está neste campo: "Acredito que o fenômeno OVNI é um dos modos por meio do qual uma forma alienígena de inteligência de inacreditável complexidade está se comunicando conosco *simbolicamente*. Não existe nenhuma indicação de que seja extraterrestre. Em vez disso, existem evidências de apoio de que (...) [vêm de] *outras dimensões além do lempo-espaço*; provenientes de um *multiverso* que está todo em volta de nós e ao qual temos nos recusado obstinadamente a considerar, apesar da evidência disponível a nós há séculos".¹³⁰

Quanto à minha própria opinião, acredito que provavelmente nenhuma explicação única possa responder por todos os variados aspectos do fenômeno OVNI. Dada a evidente vastidão dos níveis mais sutis da realidade, é fácil para mim acreditar que não existe nenhuma dúvida de que existem inúmeras espécies não físicas nos domínios vibratórios superiores. Apesar da abundância de aparições de OVNI's poderem prognosticar contra sua existência extraterrestre — dado o obstáculo apresentado pelas imensas distâncias interestelares que separam a Terra das outras estrelas na galáxia — num universo holográfico, um universo no qual pode haver uma infinidade de realidades ocupando o mesmo espaço como nosso próprio mundo, deixa não só de ser um ponto de partida, mas pode de fato ser a evidência de quão insondavelmente abundantes de vida inteligente o super-holograma é.

A verdade é que nós simplesmente não temos a informação necessária para afirmar quantas espécies não físicas estão partilhando nosso próprio espaço. Embora o cosmos físico possa se mostrar como sendo um Saara ecológico, as extensões eternas e infinitas do cosmos interior podem ser tão ricas de vida quanto a floresta tropical e o recife de corais. Apesar de tudo, pesquisar as NDE e as experiências xamanistas por enquanto nos levaram apenas bem dentro das bordas deste domínio coberto de nuvens. Ainda não sabemos quão grandes são seus continentes ou quantos oceanos e cadeias de montanhas ele tem.

E se estamos sendo visitados por seres que são tão insubstanciais e plásticos em forma como os corpos dentro dos quais os que experimentam OBE se encontram depois que se exteriorizaram, não é de modo nenhum surpreendente que eles possam aparecer num infinidade camaleônica de formas. De fato, a aparência real deles pode estar tão além de nossa compreensão que pode ser que nossa própria mente organizada holograficamente que dê a eles estas formas. Assim como convertemos os seres de luz encontrados durante as NDE em personagens históricas religiosas, e nuvens de pura informação em bibliotecas e instituições de aprendizado, nossa mente pode também estar esculpindo a aparência exterior do fenômeno OVNI.

É interessante notar que se este é o caso, quer dizer que a verdadeira realidade destes seres é aparentemente tão transmundo e estranho que temos de sondar as regiões mais profundas de nossa própria memória de povo e do inconsciente mitológico para encontrar os símbolos necessários para lhes dar forma. Também quer dizer que temos de ser extremamente cuidadosos ao interpretar as ações deles. Por exemplo, os exames médicos que são a parte central de tantos raptos de OVNI podem ser apenas uma representação *simbólica* do que está se passando. Mais do que investigar nosso corpo físico, estas inteligências não físicas na realidade podem estar sondando alguma parte de nós para a qual nós em geral não temos nenhum rótulo, talvez a anatomia sutil de nossos eus 'energéticos ou mesmo nossas próprias almas. Tais são os problemas que alguém encara se o fenômeno é na verdade uma manifestação de uma inteligência não humana.

Por outro lado, se é possível para a fé dos cidadãos de Knock e de Zeitoun fazer imagens luminosas da Virgem virem a existência, para a mente dos físicos se intrometer na realidade do neutrino e para iogues como Sai Baba materializar objetos físicos a partir do ar, é apenas

razoável que também nos encontrássemos na superfície com projeções holográficas de nossas crenças e mitologias. Pelo menos algumas experiências anômalas podem cair nesta categoria.

Pó exemplo, a história nos fala que Constantino e seus soldados viram uma enorme cruz flamejante no céu, um fenômeno que parece ser nada mais do que uma exteriorização sensitiva de emoções do exército responsável simplesmente pela cristianização do mundo pagão que estava passando pela véspera de seu empreendimento histórico. A famosa manifestação dos Anjos de Mons, na qual centenas de soldados ingleses na Segunda Guerra Mundial viram uma imensa aparição de São Jorge e um esquadrão de anjos no céu enquanto lutavam o que era no início uma batalha perdida na frente, em Mons, Bélgica, também parece cair na categoria de projeções sensitivas.

Está claro para mim que o que estamos chamando de OVNI e outras experiências folclóricas são na verdade um amplo âmbito de fenômenos e provavelmente incluem tudo isso acima. Eu também tive durante muito tempo a opinião de que estas duas explicações não são mutuamente exclusivas. Pode ser que a cruz flamejante de Constantino fosse também uma manifestação de uma inteligência extradimensional. Em outras palavras, quando nossas crenças e emoções coletivas se tornam agudas o bastante para criar uma projeção sensitiva, talvez o que realmente estamos fazendo é abrir uma entrada entre este mundo e o seguinte. Talvez a única vez que estas inteligências possam aparecer e interagir conosco seja quando nossas próprias crenças poderosas criem um tipo de nicho sensitivo para elas.

Um outro conceito proveniente da nova física pode ser relevante aqui. Depois de admitir que a consciência é o agente que permite a uma partícula subatômica tal como um elétron pipocar na existência, não deveríamos portanto pular para a conclusão de que somos os únicos agentes neste processo criativo, adverte o físico da universidade do Texas John Wheeler. Estamos criando partículas subatômicas e assim o universo inteiro, diz Wheeler, mas elas também estão nos criando. Cada um cria o outro no que ele chama uma "cosmologia auto-referente".¹³¹ Visto sob esta luz, as entidades OVNI podem muito bem ser arquétipos provenientes do inconsciente coletivo da espécie humana, mas podemos também ser arquétipos no inconsciente coletivo delas. Podemos tanto ser uma parte dos processos sensitivos profundos deles como eles são dos nossos. Strieber também repetiu esta opinião e diz que o universo de

seres que o raptaram e o nosso próprio estão "girando um ao outro juntos" num ato de comunhão cósmica.¹³²

O espectro de eventos que estamos considerando na vasta categoria de encontros com OVNI's podem incluir também fenômenos com os quais não estamos nem mesmo familiarizados. Por exemplo, pesquisadores que acreditam que o fenômeno é algum tipo de projeção sensitiva invariavelmente admitem que é uma projeção da mente humana coletiva. Porém, como vimos neste livro, num universo holográfico não podemos mais encarar a consciência como exclusivamente confinada ao cérebro. O fato que Carol Dryer foi capaz de comunicar com meu baço e me dizer que ele estava perturbado porque eu tinha gritado com ele indica que outros órgãos em nosso corpo também têm sua própria forma singular de mentalidade. Os psiconeuroimunologistas dizem o mesmo sobre as células em nosso sistema imune e de acordo com Bohm e outros físicos, mesmo as partículas subatômicas têm sua peculiaridade. Tão estranho quanto isso soa, alguns aspectos dos OVNI's e dos fenômenos relacionados podem ser projeções destas mentalidades coletivas. Certos aspectos do encontro de Michael Harner com os seres parecidos com dragões certamente sugeriam a possibilidade de que os seres do OVNI sejam aquilo com que "a força da evolução se parece quando é aplicada à uma mente consciente".¹³³ Devemos permanecer abertos a todas estas possibilidades. Num universo que é inteiramente consciente até as profundezas, animais, plantas, mesmo a própria matéria podem todos estar participando na criação destes fenômenos.

Uma coisa que sabemos é que num universo holográfico, um universo no qual a separação deixa de existir e os processos mais íntimos da psique podem derramar e vir a ser também uma parte da paisagem objetiva como as flores e as árvores, a própria realidade se torna mais do que um sonho partilhado pela massa. Na dimensão superior da existência, estes aspectos semelhantes a sonhos se tornam até mais evidentes e na verdade inúmeras tradições comentaram sobre este fato. O Livro Tibetano dos Mortos salienta repetidas vezes a natureza semelhante ao sonho do domínio da vida depois da morte e esta é também, claro, a razão dos aborígenes australianos se referirem a ele como tempo do sonho. Uma vez que aceitamos esta noção, de que a realidade em todos os níveis é onijetiva e tem o mesmo *status* ontológico de um sonho, a questão se torna, De quem é este sonho?

Das religiões e tradições mitológicas que tratam desta questão, a maioria dá a seguinte resposta: é o sonho de uma inteligência divina, de Deus. Os Vedas hindus e os textos iogues afirmam repetidas vezes que o universo é um sonho de Deus. No cristianismo o sentimento é adicionado no ditado muitas vezes repetido, somos todos pensamentos na mente de Deus, ou como o poeta Keats coloca, somos todos parte do "grande sonho mortal" de Deus.

Mas estamos sendo sonhados por uma única inteligência divina, por Deus, ou estamos sendo sonhados pelo inconsciente coletivo de todas as coisas — "por todos os elétrons, partículas Z, borboletas, estrelas de nêutrons, pepinos do mar, inteligências humanas e não humanas no universo? Aqui outra vez colidimos abruptamente com as barreiras de nossas próprias limitações conceituais, pois num universo holográfico esta pergunta não tem sentido. Não podemos perguntar se a parte está criando o todo ou se o todo está criando a parte porque *a parte é o todo*. Assim, se chamamos a consciência coletiva de todas as coisas de "Deus", ou simplesmente de "consciência de todas as coisas" não muda a situação. O universo é sustentado por um ato de tal inefável e estupenda criatividade que simplesmente não pode ser reduzida a tais termos. Outra vez é uma cosmologia auto-referente. Ou como o bosquímano do deserto de Kalaharí de maneira tão eloquente coloca: "O sonho está sonhando a si mesmo".

RETORNO AO TEMPO DO SONHO

Apenas os seres humanos chegaram a um ponto onde não sabem mais por que existem. Eles não usam seu cérebro e esqueceram o conhecimento secreto de seu corpo, de seus sentidos, ou de seus sonhos. Eles não usam o conhecimento que o espírito colocou dentro de cada um deles; eles não estão nem mesmo cientes disto, e assim cambaleiam para diante cegamente, no caminho para lugar nenhum — uma estrada pavimentada que eles terraplenam e tornam lisa, de forma que possam ir mais depressa para o grande buraco vazio que eles encontrarão no final, esperando para tragá-los completamente. É uma superestrada, rápida e confortável, mas eu sei para onde ela leva. Eu vi. Estive lá em minha visão e me faz estremecer pensar nisso.

— o xamã Lakota Lame Deer *Lame Deer* — *O Que Procura Visões*

Para onde vai o modelo holográfico a partir daqui? Antes de examinar as possíveis respostas, devemos querer ver onde a questão estava antes. Neste livro, me referi ao conceito holográfico como uma teoria nova, e isto é verdade no sentido de que é a primeira vez que foi apresentada num contexto científico. Mas, como vimos, diversos as-

pectos desta teoria já foram prefigurados em diversas tradições antigas. Eles não são os únicos presságios, o que é intrigante, pois sugere que também foram encontradas outras razões de considerar o universo como holográfico, ou pelo menos de intuir suas qualidades holográficas.

Por exemplo, a idéia de Bohm de que o universo pode ser visto como composto de duas ordens básicas, a implícita e a explícita, pode ser encontrado em muitas outras tradições. Os budistas tibetanos chamam estes dois aspectos de vácuo e não vácuo. O não vácuo é a realidade dos objetos visíveis. O vácuo, como a ordem implícita, é o lugar de nascimento de todas as coisas no universo, as quais vazam daí num "fluxo ilimitado". Porém, apenas o vácuo é real e todas as formas no mundo objetivo são ilusórias, existindo simplesmente do fluxo incessante entre as duas ordens.¹

Por sua vez, o vácuo é descrito como "sutil", "indivisível" e livre de características distintivas". Porque é uma totalidade contínua não pode ser descrita em palavras.² Propriamente falando, mesmo o não vácuo não pode ser descrito em palavras porque ele, também, é uma totalidade na qual a consciência e a matéria e todas as outras coisas são indissolúveis e completas. Nisto existe um paradoxo, pois apesar de sua natureza ilusória o não vácuo ainda contém "um complexo infinitamente vasto de universos". E ainda seus aspectos indivisíveis estejam sempre presentes. Como o sábio tibetano John Blofeld afirma: "Num universo assim composto, todas as coisas se interpenetram, e é interpenetrado por todas as outras coisas; como com o vácuo, assim com o não vácuo — a parte é todo".³

Os tibetanos prefiguraram alguns dos pensamentos de Pribram também. De acordo com Milarepa, um iogue tibetano do século 11 e o mais renomado dos santos budistas tibetanos, a razão de sermos incapazes de perceber o vácuo diretamente é porque nossa mente inconsciente (ou, como Milarepa coloca, nossa "consciência interior") está também muito "condicionada" em suas percepções. Este condicionamento não só nos impede de ver o que ele chama de "fronteira entre a mente e a matéria" ou o que chamaríamos de domínio de frequência, mas também nos faz formar um corpo para nós mesmos quando estamos no estado entre existências e não temos mais um corpo. "No domínio invisível dos céus (...) a mente ilusória é o grande culpado", escreve Milarepa, que aconselhava seus discípulos a praticar "a visão perfeita e a contemplação" a fim de compreender esta "Realidade Última".⁴

Os zen-budistas também reconhecem a indivisibilidade última da realidade e na verdade o objetivo principal do Zen é aprender como perceber esta totalidade. Em seu livro *Os Jogos Zen que os Mestres Jogam* e em palavras que poderiam ter sido plagiadas direto de um dos papéis de Bohm, Robert Sohl e Andreey Carr afirmam: "Confundir a natureza indivisível da realidade com arquivos de linguagem conceitual é a ignorância básica da qual o Zen procura nos livrar. As respostas últimas para a existência não são encontradas nos conceitos intelectuais e nas filosofias, por mais sofisticadas, mas sim num nível de experiência não conceitual direta da realidade".⁵

Os hindus chamam o nível implícito da realidade de Brahma.⁶ Brahma é sem forma mas é o lugar de nascimento de todas as formas na realidade visível, que aparecem a partir dela e então se encobrem de volta nela no fluxo infinito.⁷ Como Bohm, que diz que a ordem implícita pode tão facilmente ser chamada de espírito, os hindus algumas vezes personificam este nível de realidade e dizem que é composta de pura consciência. Assim, a consciência não é somente uma forma mais sutil de matéria, mas é mais fundamental do que a matéria; e na cosmogonia hindu é a matéria que emergiu da consciência e não o contrário. Ou como os Vedas colocam, o mundo físico é trazido à existência por meio tanto dos poderes de "velamento" como de "projeção" da consciência.⁸

Porque o universo material é apenas uma realidade de segunda geração, uma criação da consciência velada, os hindus dizem que é transitória ou irreal, ou *maya*. Como o Svetasvatara Upanishad afirma: "A pessoa deve saber que a Natureza é ilusão (*maya*) e que Brâmane é o criador da ilusão. Todo este mundo é permeado de seres que são parte dele".⁹ Da mesma forma, o Kena Upanishad diz que Brâmane é alguma coisa esquisita "que muda sua forma a cada momento, da forma humana a uma folha de grama".¹⁰

Porque todas as coisas se revelam a partir da totalidade irreduzível de Brahma, o mundo também é um todo contínuo, dizem os hindus e é outra vez *maya* que nos impede de perceber que não existe na realidade nenhuma coisa tal como separação. "*Maya* separa a consciência unitária de forma que o objeto é visto como diferente do eu e então como separado completamente dos numerosos objetos no universo", diz o sábio védico Sir John Woodroffe. "E existe tal objetividade enquanto a consciência da humanidade estiver velada ou contraída. Mas na base última da experiência a divergência desaparece, pois nela existe, na

massa indiferenciada, experimentador, experiência, e o experimentado."¹¹

Este mesmo conceito pode ser encontrado no pensamento judaico. De acordo com a tradição cabalística "a criação inteira é uma projeção ilusória dos aspectos transcendentais de Deus", diz Leo Schaya, um especialista suíço da Cabala. Porém, apesar de sua natureza ilusória, não é um nada completo, "pois cada reflexo da realidade, mesmo remoto, partido e transitório, tem necessariamente alguma coisa de sua origem."¹² A idéia de que a criação se põe em movimento pelo Deus do Gênesis é uma ilusão, se reflete até na linguagem hebraica, pois como o Zohar, um comentário cabalístico do século 13 no Tora e o mais famosos dos textos esotéricos judaicos, observa, o verbo *baro* "criar" implica na idéia de "criar uma ilusão".¹³

Existem muitos conceitos holográficos no pensamento xamanístico também. Os kahunas havaianos dizem que todas as coisas no universo estão infinitamente interligadas e que esta interligação pode quase ser pensada como uma teia. O xamã, reconhecendo a interligação de todas as coisas, vê a si próprio no centro desta teia e assim capaz de afetar todas as outras partes do universo (é interessante notar que o conceito de *maya* também é freqüentemente ligado a uma teia no pensamento hindu).¹⁴

Como Bohm, que diz que a consciência sempre tem sua origem no implícito, os aborígenes acreditam que a verdadeira origem da mente está na realidade transcendente do tempo do sonho. As pessoas normais não percebem isto e acreditam que sua consciência está em seu corpo. Porém, os xamãs sabem que isto não é verdade e que é a razão deles serem capazes de fazer contato com os níveis mais sutis da realidade.¹⁵

O povo Dogon do Sudão também acredita que o mundo físico é o produto de um nível mais fundamental e profundo da realidade e está perpetuamente fluindo dele e então jorrando de volta para dentro deste aspecto mais fundamental da existência. Como um Dogon de idade avançada descreveu: "Tirar para fora e então voltar o que foi tirado — esta é a vida do mundo".¹⁶

De fato, a idéia do implícito-explicito pode ser encontrada em virtualmente todas as tradições xamanísticas. Douglas Sharon afirma em seu livro *Mágico dos Quatro Ventos: História de um Xamã*: "Provavelmente o conceito central do xamanismo, onde quer que o encontremos no mundo, seja a noção de que, subjacente a todas as

formas visíveis no mundo, animadas e inanimadas, existe uma essência vital a partir da qual elas emergem e pela qual elas são criadas. Enfim, todas as coisas voltam para este inefável, misterioso e impessoal desconhecido".¹⁷

A Vela e o Laser

Certamente uma das propriedades mais fascinantes de um pedaço de filme holográfico é o modo não local de uma imagem ser distribuída em sua superfície. Como vimos, Bohm acredita que o próprio universo também é organizado desta maneira e emprega um experimento pensado envolvendo um peixe e dois monitores de televisão para explicar por que ele acredita que o universo é da mesma forma não local. Inúmeros pensadores antigos também pareciam ter reconhecido, ou pelo menos intuído, este aspecto da realidade. Os sufis do século 12 repetiram isso dizendo simplesmente que "o macrocosmo e o microcosmo", um tipo de versão precoce da noção de Blake de ver o mundo num grão de areia.¹⁸ Os filósofos gregos Anaxímenes de Miletus, Pitágoras, Heráclito e Platão; os antigos Gnósticos; o filósofo judeu pré-cristão Philo Judaeus; e o filósofo judeu medieval Maimonides — todos adotaram a idéia macrocosmo-microcosmo.

Depois de uma visão xamanista dos níveis mais sutis da realidade o antigo profeta egípcio scmítico Hermes Trismegistos empregou uma fase ligeiramente diferente e disse que uma das chaves principais para o conhecimento era o entendimento de que "o fora é como o dentro das coisas; o pequeno é como o grande".¹⁹ Os alquimistas medievais, dos quais Hermes Trismegistos se tornou um tipo de santo patrono, distilaram o pensamento no lema "Tal como acima, em baixo". Ao falar sobre a mesma idéia macrocosmo-se-igualao-microcosmo o Tantra hindu Visvasara utiliza termos um pouco mais rudes e afirma simplesmente: "O que está (é) aqui, está (é) acolá".²⁰ O curandeiro sioux Oglala Alce Negro coloca um detalhe mais não local ao mesmo conceito. Enquanto estava no Pico Harney nas Montanhas negras ele testemunhou uma "grande visão" durante a qual ele: "Vi mais do que eu posso contar e entendi mais do que vi; pois estava vendo de uma maneira sagrada as formas de todas as coisas no espírito e a forma de todas as formas como devem viver, juntas, enquanto um ser". Um dos mais profundos entendimentos com o qual ele foi embora depois de seu encontro com o inefável foi que o pico Harney era o centro do mundo.

Porém, esta distinção não era limitada ao pico Harney, pois como Alce Negro coloca: "Qualquer lugar é o centro do mundo".²¹ Cerca de 25 séculos antes o filósofo grego Empédocles esbarrou com a mesma diversidade sagrada e escreveu que "Deus é um círculo cujo centro é em todo lugar e sua circunferência em nenhum lugar".²²

- Não satisfeito com meras palavras, alguns antigos pensadores recorreram a analogias ainda mais elaboradas em sua tentativa de comunicar as propriedades holográficas da realidade. Para este fim o autor da Sutra hindu Avatamsaka comparou o universo com uma legendaria rede de pérolas que se dizia pender do palácio do deus Indra e "arranjada de tal forma que se você olha para uma pérola, você vê todas as outras refletidas nela". Como o autor do Sutra explica: "Do mesmo modo, cada objeto no mundo não é simplesmente em próprio, mas envolve todos os outros objetos e, de fato, é tudo o mais".²³

Fa-Tsang, o fundador da escola de pensamento budista Huayen no século 7, empregou uma analogia notavelmente parecida quando tentou comunicar a interligação e interpenetração fundamental de todas as coisas. Fa-Tsang, que afirmava que o cosmo inteiro estava implícito em cada uma de suas partes (e que também acreditava que todo ponto no cosmo era seu centro), comparou o universo com uma rede multidimensional de jóias, cada uma refletindo todas as outras ad infinitum.²⁴

Quando a imperatriz Wu anunciou que ela não entendia o que Fa-Tsang queria dizer com esta imagem e pediu a ele mais esclarecimentos, Fa-Tsang suspendeu uma lâmpada no meio de um aposento cheio de espelhos. Isto, ele disse à imperatriz Wu, representava a relação do Uno com os muitos. Então ele pegou um cristal polido e o colocou no centro do aposento de forma que ele refletia todas as coisas em volta dele. Isto, ele disse, mostrava a relação dos muitos com o Uno. Porém, como Bohm, que salienta que o universo não é simplesmente um holograma mas um holomovimento, Fa-Tsang salientou que seu modelo era estático e não refletia o dinamismo e o constante movimento da interrelação cósmica entre todas as coisas no universo.²⁵

Em resumo, muito antes da invenção do holograma, inúmeros pensadores já tinham vislumbrado a organização não local do universo e tinham chegado aos seus próprios e singulares modos de expressar este insight. Vale notar que estas tentativas, rudes como podem parecer para aqueles de nós que são sofisticados de uma maneira mais tecnológica,

podem ter sido muito mais importantes do que percebemos. Por exemplo, parece que o matemático e filósofo alemão do século 17 Leibniz era familiarizado com a escola Huayen de pensamento budista. Alguns argumentaram que esta foi a razão dele propor que o universo seja constituído de entidades fundamentais que ele chamou de "mônadas", cada um dos quais contém um reflexo do universo inteiro. O que é significativo é que Leibniz também deu ao mundo o cálculo integral e foi o cálculo integral que capacitou Dennis Gabor a inventar o holograma.

O Futuro da Idéia Holográfica

E assim, uma idéia antiga, uma idéia que parece encontrar pelo menos alguma expressão virtualmente em todas as tradições metafísicas e filosóficas, chega ao círculo completo. Mas se estes entendimentos antigos podem levar à invenção do holograma, e a invenção do holograma pode levar à formulação do modelo holográfico de Bohm e de Pribram, para que novos avanços e descoberta poderia levar o modelo holográfico? Já existem mais possibilidades no horizonte.

O SOM HOLOFÔNICO

Valendo-se do modelo holográfico do cérebro de Pribram, o fisiologista argentino Hugo Zuccarelli recentemente desenvolveu uma nova técnica de registro que permite a uma pessoa criar o que equivale a hologramas feito a partir de som em vez de luz. Zuccarelli baseia sua técnica sobre o curioso fato de que o ouvido humano na realidade emite som. Percebendo que estes sons que ocorrem naturalmente eram o equivalente em áudio do "laser de referência" utilizado para recriar uma imagem holográfica, ele os utilizou como a base para uma nova técnica de registro revolucionário que reproduz sons que são ainda mais realísticos e tridimensionais do que aqueles produzidos por meio do processo estereofônico. Ele chama esta nova técnica de som de "som holofônico".²⁶

Depois de ouvir um dos registros holofônicos de Zuccarelli, um repórter do *Times* de Londres escreveu recentemente: "Dei uma olhada furtiva nos números tranquilizadores do meu relógio para ter certeza de onde eu estava (...). Pessoas se aproximavam por trás de mim onde eu sabia que só havia parede (...). No final de sete minutos eu estava tendo

a impressão de figuras, a personificação das vozes na fita. É uma imagem' multidimensional criada pelo som".²⁷

Porque a técnica de Zuccarelli está baseada no próprio modo holográfico do cérebro processar o som, parece ser tão bem sucedido ao enganar o ouvido da maneira que a luz dos hologramas enganam os olhos. Como resultado, os ouvintes muitas vezes mexem os pés quando ouvem uma gravação de alguém andando na frente deles e mexem a cabeça quando ouvem o que soa como um palito de fósforo sendo aceso muito perto do seu rosto (alguns, dizem, sentiram até o cheiro do fósforo). De maneira notável, porque uma gravação holográfica não tem nada a ver com o som estereofônico convencional, mantém sua misteriosa tridimensionalidade mesmo quando alguém o escuta através de apenas um lado de um fone de ouvido. Os princípios holográficos envolvidos também parecem explicar porque pessoas que são surdas de um ouvido ainda podem localizar a origem do som sem mexer a cabeça.

Inúmeros grandes artistas de gravação, inclusive Paul McCartney, Peter Gabriel e Vangelis, se aproximaram de Zuccarelli por causa de seu processo, mas por causa de considerações com a patente ele ainda não abriu a informação necessária para um total entendimento de sua técnica.

ENIGMAS NÃO RESOLVIDOS NA QUÍMICA

O químico Ilya Prigogine recentemente observou que a idéia de Bohm da ordem implícita-explicita pode ajudar a explicar certos fenômenos anômalos na química. A ciência por muito tempo acreditou que uma das regras mais absolutas no universo é que as coisas sempre tendem em direção a um estado maior de desordem. Se você deixa cair um estêreo do Edifício Empire State, quando ele se despedaçar na calçada não se torna mais ordenado e se transforma num VCR. Ele se torna mais desordenado e se transforma numa pilha de partes estilhaçadas.

Prigogine descobriu que isto não é verdade para todas as coisas no universo. Ele chama atenção para o fato que, quando misturadas, algumas substâncias químicas desenvolvem um arranjo mais ordenado, não um mais desordenado. Ele chama estes aparecimentos espontâneos de sistemas ordenados de "estruturas dissipáveis" e ganhou um Prêmio Nobel por elucidar seus mistérios. Mas como pode um sistema mais complexo e novo quase de repente pipocar na existência? Colocado de

um outro modo, de onde vêm as estruturas dissipáveis? Prigogine e outros sugeriram que, longe de se materializarem a partir de lugar nenhum, eles são uma indicação de um nível mais profundo de ordem no universo, evidência dos aspectos implícitos da realidade se tornando explícitos.²⁸

Se isto é verdade, teria profundas implicações e entre outras coisas, leva a um entendimento mais profundo de como novos níveis de complexidade — tal como atitudes e novos padrões de comportamento — surgem na existência na consciência humana e mesmo como esta complexidade mais intrigante de todas, a própria vida, apareceu sobre a terra há vários bilhões de anos.

NOVOS TIPOS DE COMPUTADORES

O modelo do cérebro holográfico recentemente também foi estendido até o mundo dos computadores. No passado, os cientistas de computação pensavam que o melhor modo de construir um computador melhor era simplesmente construir um computador maior. Mas na última metade da década mais ou menos, os pesquisadores desenvolveram uma nova estratégia e em vez de construir uma só máquina monolítica, alguns começaram a conectar grande número de computadores pequenos juntos numa "rede neural" que se parecia mais com a estrutura biológica do cérebro humano. Recentemente, Marcus S. Cohen, um cientista de computação da Universidade do Estado do Novo México, chamou atenção para o fato que os processadores que contam com ondas de interferência de luz passando através de "grades holográficas multiplexas" poderiam fornecer um analógico ainda melhor da estrutura neural do cérebro.²⁹ Da mesma forma, a física Dana Z. Anderson da Universidade do Colorado recentemente mostrou como grades holográficas podiam ser usadas para construir uma "memória óptica" que mostra memória associativa.³⁰ Excitantes como são estes desenvolvimentos, são ainda apenas refinamentos a mais da abordagem mecanicista para entender o universo, avanços que acontecem apenas dentro da estrutura material da realidade. Mas como vimos, a afirmação mais extraordinária da idéia holográfica é que a materialidade do universo pode ser uma ilusão e a realidade física pode ser apenas uma pequena parte de um vasto e sensível cosmo não físico. Se isto é verdade, que implicações isto tem para o futuro? Como começamos a

mudar de rumo penetrando realmente os mistérios destas dimensões mais sutis?

A Necessidade de Uma Estruturação Básica da Ciência

Em geral um dos melhores instrumentos que temos para explorar os aspectos desconhecidos da realidade é a ciência. E ainda, quando se trata de explicar as dimensões espirituais e sensitivas da existência humana, a ciência na maior parte repetidas vezes caiu perto do alvo. É claro, se a ciência deve avançar mais nestas áreas, precisa passar por uma reestruturação básica, mas o que especificamente poderia um tal vínculo de reestruturação?

Obviamente o primeiro e mais necessário passo é aceitar a existência dos fenômenos espirituais e sensitivos. Willis Harman, presidente do Instituto de Ciências Noéticas e um antigo cientista social do Instituto Internacional de Pesquisas Stanford, acha que esta aceitação é crucial não só para a ciência, mas para a sobrevivência da civilização humana. Além disso, Harman, que escreveu extensamente sobre a necessidade de uma reestruturação básica da ciência, está abismado que esta aceitação ainda não tenha acontecido. "Por que não admitimos que qualquer classe de experiências ou fenômenos que foram relatados, através das eras e das culturas, tem uma validade frontal que não pode ser negada?", ele pergunta.³¹

Como foi mencionado, pelo menos parte da razão é a tendência que existe há muito tempo na ciência ocidental contra tais fenômenos, mas o problema não é tão simples assim. Considere por exemplo as memórias de vida passada de pessoas sob hipnose. Se estas são memórias reais de vidas anteriores ou não ainda não foi provado, mas o fato permanece, o inconsciente humano tem uma propensão natural para gerar pelo menos memórias *evidentes* de encarnações anteriores. Em geral, a comunidade psiquiátrica ortodoxa ignora este fato. Por quê?

À primeira vista a resposta pareceria ser porque a maioria dos psiquiatras simplesmente não acredita em tais coisas, mas este não é necessariamente o caso. O psiquiatra da Flórida Brian L. Weiss, um graduado da Faculdade de Medicina de Yale e atualmente presidente de psiquiatria no Centro Médico Monte Sinai em Miami, diz que desde a publicação de seu *best seller Muitas Vidas, Muitos Mestres* em 1988 — no qual ele discute como deixou de ser um cético para acreditar na reencarnação depois que uma de suas pacientes começou a falar

espontaneamente sobre suas vidas passadas enquanto estava sob hipnose — ele é inundado com cartas e chamadas telefônicas de psiquiatras que dizem que eles, também, secretamente acreditam. "Penso que é apenas a ponta do iceberg", diz Weiss. "Existem psiquiatras que me escrevem que fizeram terapia de regressão de 10 a 20 anos, na privacidade de seu consultório e 'por favor, não fale para ninguém, mas...' Muitos são receptivos a isso, mas não admitem."³²

Da mesma forma, numa conversa recente com Whitton, quando perguntei a ele se achava que a reencarnação alguma vez viria a ser um fato científico aceito, ele respondeu: "Acho que já é. Minha experiência com os cientistas é que se eles leram a literatura, acreditam na reencarnação. A evidência é simplesmente tão obrigatória que a aprovação intelectual é virtualmente natural".³³

As opiniões de Weiss e de Whitton parecem corroboradas por um levantamento recente sobre fenômenos sensitivos. Depois de serem assegurados de que suas respostas permaneceriam anônimas, 58 por cento de 228 psiquiatras que responderam (muitos deles chefes de departamento e reitores de faculdades médicas) disseram que acreditavam que "um entendimento dos fenômenos sensitivos" era importante para os futuros graduados de psiquiatria! 44 por cento admitiram acreditar que os fatores-sensitivos eram importantes no processo de cura.³⁴

Assim, parece que o medo do ridículo pode não ser mais do que um obstáculo enquanto descrença, para que o estabelecimento científico comece a tratar da pesquisa sensitiva com a seriedade que merece. Precisamos de mais pioneiros como Weiss e Whitton (e inúmeros outros pesquisadores corajosos cujo trabalho foi discutido neste livro) para ir a público com suas crenças e descobertas particulares. Em poucas palavras, precisamos do equivalente parapsicológico de uma Rosa Parks.

Um outro aspecto que deve ser parte da reestruturação da ciência é um alargamento da definição do que constitui evidência científica. Fenômenos espirituais e sensitivos desempenharam um papel significativo na história humana e ajudou a formar alguns dos aspectos mais fundamentais de nossa cultura. Mas porque não são fáceis de cingir com cordas e pesquisar no ambiente de um laboratório, a ciência teve a tendência de ignorá-los.

Ainda pior, quando são estudados, são muitas vezes os aspectos menos importantes dos fenômenos que são isolados e catalogados. Por exemplo, uma das poucas descobertas com respeito às OBE que é

considerada válida num sentido científico é que as ondas cerebrais mudam quando uma pessoa que experimenta OBE deixa o corpo. E ainda, quando alguém lê relatos como os de Monroe, percebe que se as experiências dele são reais, envolvem descobertas que poderiam ter de maneira sustentável um impacto sobre a história humana como a descoberta de Colombo do Novo Mundo ou a invenção da bomba atômica. Na verdade, aqueles que assistiram a um clarividente realmente talentoso em trabalho sabe imediatamente que presenciou algo muito mais profundo do que é transmitido nas estatísticas secas de R. H. e Louise Rhine.

Isto não que dizer que o trabalho de Rhine não é importante. Mas quando um grande número de pessoas começa a relatar as mesmas experiências, seus relatos anedóticos também deveriam ser considerados como evidência importante. Não deveriam ser descartadas simplesmente porque não podem ser documentadas tão rigorosamente quanto outras e muitas vezes aspectos menos significativos do mesmo fenômeno podem ser documentados. Como Stevenson afirma: "Acredito que é melhor aprender o que é provável sobre assuntos importantes do que ter certeza dos triviais".³⁵

Vale notar que esta norma prática já é aplicada a outros fenômenos naturais mais aceitos. A idéia que o universo começou numa única explosão primordial, ou Big Bang, é aceita sem que tioneamento pela maioria dos cientistas. É isto é curioso porque, apesar de existirem forçosas razões para acreditar que isto é verdade, ninguém nunca provou que isto é verdade. Por outro lado, se um psicólogo próximo da morte fosse exprimir de modo nivelado que o domínio de luz para onde os experimentadores da NDE vão durante suas experiências é um outro nível real de realidade, o psicólogo seria atacado por fazer uma afirmação que não pode ser provada. E isto é curioso, pois existem igualmente forçosas razões para acreditar que isto é verdade. Em outras palavras, a ciência já aceita o que é provável sobre assuntos muito importantes se estes assuntos caírem na categoria de "coisas que está na moda acreditar", mas não se caem na categoria "coisas que estão fora de moda acreditar". Este padrão duplo deve ser eliminado antes que a ciência possa começar a fazer invasões significativas no estudo tanto de fenômenos espirituais como sensitivos.

O mais crucial de tudo, a ciência deve substituir seu atração pela objetividade — a idéia de que o melhor modo de estudar a natureza é ser

destacado, analítico e objetivo de uma maneira desapaixonada — com um abordagem mais participativa. A importância desta mudança foi salientada por inúmeros pesquisadores, inclusive Harman. Também vimos evidências desta necessidade repetidas vezes durante este livro. Num universo no qual a consciência de um físico afeta a realidade de uma partícula subatômica, a atitude de um médico afeta se um placebo funciona ou não, a mente de um experimentar afeta o modo da máquina funcionar e o imaginário pode se derramar na realidade física, não podemos mais fingir que estamos separados daquilo que estamos estudando. Num universo objetivo e holográfico, um universo no qual todas as coisas são parte de um contínuo ininterrupto, a estrita objetividade deixa de ser possível.

Isto é verdade em especial quando estudam-se fenômenos espirituais e sensitivos e parece ser porque alguns laboratórios são capazes de alcançar resultados espetaculares quando realizam experimentos de visão-remota e alguns fracassam miseravelmente. Na verdade, alguns pesquisadores no campo paranormal já mudaram de uma abordagem estritamente objetiva para uma abordagem mais participatória. Por exemplo, Valerie Hunt descobriu que seus resultados experimentais eram afetados pela presença de indivíduos que tinham bebido álcool e assim não permitia nenhum destes indivíduos em seu laboratório enquanto estava fazendo medições. Neste mesmo veio, os parapsicólogos russos Dubrov e Pushkin acharam que tinham mais sucesso duplicando os achados de outros parapsicólogos se hipnotizassem todos os sujeitos do teste presentes. Parece que a hipnose elimina a interferência provocada pelos pensamentos conscientes e crenças dos sujeitos do teste e ajuda a produzir resultados "mais limpos".³⁶ Embora tais práticas possam parecer curiosas ao extremo para nós hoje em dia, podem vir a ser procedimentos de operação padrão à medida que a ciência elucida mais segredos do universo holográfico.

Uma substituição de objetividade por participação também afetará com toda certeza, o papel do cientista. À medida que se torna cada vez mais evidente que é a *experiência* do observador que é importante e não apenas o ato de observação, é lógico admitir que os cientistas por sua vez verão a si mesmos cada vez menos como observadores e cada vez mais como experimentandos. Como Harman afirma, "Uma boa vontade para ser transformado é uma característica essencial do cientista participante".³⁷ Outra vez, existem evidências de que umas poucas

destas transformações já estão acontecendo. Por exemplo, em vez de apenas observar o que aconteceu ao Conibo depois que bebeu o vinho da alma *ayahuasca*, o próprio Harner tomou o alucinógeno. É óbvio que não só o antropólogo estava disposto a enfrentar um risco destes, como é claro também que ao se tornar um participante em vez de apenas um observador, ele foi capaz de aprender muito mais do que poderia ao simplesmente sentar-se ao lado e tomar notas.

O sucesso de Harner sugere que em vez de apenas entrevistar os que experimentam de NDE, de OBE, e de outras jornadas aos domínios mais sutis, os cientistas participativos do futuro podem planejar métodos de viajar para lá eles próprios. Já os pesquisadores de sonhos lúcidos estão explorando e relatando de volta suas próprias experiências de sonhos lúcidos. Outros podem desenvolver técnicas até mais novas e diferentes para explorar as dimensões internas. Por exemplo, embora não seja um cientista na definição estrita do termo, Monroe desenvolveu registros de sons rítmicos especiais que ele acha que facilitam as experiências fora do corpo. Ele também fundou um centro de pesquisa chamado Instituto Monroe de Ciências Aplicadas nas Montanhas Ridge Blue e alega ter treinado centenas de indivíduos para fazer as mesmas jornadas fora do corpo que ele fez. Estes desenvolvimentos são precursores do futuro, presságios de um tempo em que não só os astronautas, mas os "psiconautas" se tornam heróis que assistimos no noticiário noturno?

Um Empurrão Evolutivo em Direção à Consciência Superior

A ciência pode não ser a única força que nos oferece passagem para a terra do nenhum lugar. Em seu livro *Chefiando em Direção à Ômega* Ring chama atenção para o fato de que existem evidências obrigatórias de que as NDE estão aumentando. Como vimos, nas culturas tribais os indivíduos que têm NDE, muitas vezes são tão transformados que se tornam xamãs. Os que experimentam de NDE modernos se tornam espiritualmente transformados também, mudando de suas personalidade pré-NDE para indivíduos mais amorosos, compassivos, e até mais sensitivos. A partir disto Ring conclui que talvez o que estamos testemunhando seja "a xamanização da humanidade moderna".³⁸ Mas se é assim, por que as NDE estão aumentando? Ring acredita que a resposta é tão simples quanto profunda; o que estamos presenciando é

"um empurrão evolutivo em direção à consciência superior de toda humanidade".

E as NDE podem não ser o único fenômeno transformador que borbulha da psique humana coletiva. Grosso acredita que o aumento de visão de Maria durante o último século tem implicações evolutivas também. Da mesma forma, inúmeros pesquisadores, inclusive Raschke e Valle, acham que a explosão de aparições de OVNI's nas últimas décadas têm um significado evolucionário. Diversos investigadores, inclusive Ring, chamaram atenção para o fato de que os encontros com OVNI's, na realidade se parecem com as iniciações xamânicas e podem ser uma evidência a mais da xamanização da humanidade moderna. Strieber concorda. "Acho que é muito óbvio que, se o fenômeno OVNI está sendo feito por alguém ou está acontecendo naturalmente, estamos lidando com um salto exponencial de uma espécie para outra. Suspeito que aquilo para o qual estamos olhando seja o processo de evolução em ação."³⁹

Se tais especulações são verdadeiras, qual é o objetivo desta transformação evolutiva? Parece haver duas respostas. Inúmeras tradições antigas falam de um tempo em que o holograma da realidade física era muito mais plástico do que é agora, muito mais parecido com a realidade fluida e amorfa das dimensões da vida após a morte. Por exemplo, os aborígenes australianos dizem que existiu um tempo em que o mundo inteiro era tempo de sonho. Edgar Cayce ecoou este pensamento e afirmou que a terra estava "a princípio simplesmente na natureza das formas de pensamento ou visualização, feitas ao se empurrarem a si próprias para fora de si próprias, da maneira que desejassem ... Então veio a materialidade, como esta na terra, por meio do Espírito empurrando a si mesmo para dentro da matéria."⁴⁰

Os aborígenes afirmam que chegará o dia, em que a terra voltará para o tempo do sonho. No espírito de pura especulação, alguém poderia perguntar se, à medida que aprendemos a manipular o holograma da realidade mais e mais, veremos o cumprimento desta profecia. À medida que nos tornamos mais adeptos do remendo que Jahn e Dunne chamam de interface entre a consciência e seu ambiente, é possível para nós experimentarmos uma realidade que é outra vez maleável? Se isto é verdade, precisaremos aprender muito mais do que atualmente sabemos para manipular um ambiente tão plástico com segurança, e talvez este

seja um objetivo dos processos evolutivos que parecem estar se desdobrando em nosso meio.

Muitas tradições antigas também afirmam que a humanidade não se originou na terra e que nosso lar verdadeiro é com Deus, ou pelo menos num domínio mais paradisíaco e não físico de puro espírito. Por exemplo, existe um mito hindu de que a consciência humana começou como uma ondulação que decidiu deixar o oceano da "consciência como tal, infinita, ilimitada e eterna."⁴¹ Consciente de si mesma, esqueceu que era uma parte deste oceano infinito e se sentiu isolada e separada. Loye argumentou que a expulsão de Adão e Eva do Jardim do Éden pode também ser uma versão deste mito, uma antiga memória de como a consciência humana, em algum lugar de seu passado insondável, deixou seu lar no implícito e esqueceu que era uma parte da totalidade cósmica de todas as coisas.⁴² Neste ponto de vista a terra é um tipo *deployment* "no qual a pessoa está livre para experimentar todos os prazeres da carne, fornecidos àquele que compreende que é uma projeção holográfica de uma (...) dimensão espacial de ordem superior".⁴³

Se isto é verdade, o fogo evolutivo que está começando a tremeluzir e a dançar através de nossa psique coletiva pode ser nosso chamado de despertar, o toque de trombeta nos informando de que nosso verdadeiro lar é em outro lugar e que podemos voltar para lá se quisermos. Strieber, por sua vez, acredita que é exatamente a razão dos OVNIS estarem aqui: "Acho que eles provavelmente estão partejando nosso nascimento no mundo não físico — que é a origem deles. Minha impressão é que o mundo físico é apenas um pequeno estágio num contexto muito maior e que a realidade é fundamentalmente revelada de um modo não físico. Não acho que a realidade física seja a fonte original do ser. Acho que o ser, como a consciência, provavelmente data de antes do físico".⁴⁴

O escritor Terence McKenna, outro defensor do modelo holográfico há muito tempo, concorda:

O que parece estar acontecendo é que desde o tempo da consciência da existência da alma até a resolução do potencial apocalíptico, existem grosseiramente 50 mil anos. Estamos agora, não há nenhuma dúvida, nos segundos históricos finais daquela crise — um crise que envolve o fim da história, nossa partida do planeta, é o triunfo sobre a morte. Estamos, de fato, há pouca distância do evento mais profundo

que uma ecologia planetária pode encontrar — a libertação da vida, da crisálida escura da matéria.⁴⁵

É claro que estas são apenas especulações. Mas se estamos quase na beira de uma transição, como Strieber e McKenna sugerem, ou se a linha divisória de águas ainda está em caminhos remotos no futuro, é evidente que estamos seguindo algum vestígio de evolução espiritual. Dada a natureza holográfica do universo, é também evidente que pelo menos alguma coisa como as duas possibilidades acima esperam por nós em algum tempo e lugar.

E mesmo que sejamos tentados a admitir que a libertação do físico é o fim da evolução humana, existem evidências de que o domínio mais plástico e imaginário da vida após a morte também é um simples degrau. Por exemplo, Swedenborg disse que além do céu que ele visitou havia outro céu, tão brilhante e sem forma para a percepção dele, que parecia apenas como "um jorro de luz".⁴⁶ Os que experimentam NDE também descrevem muitas vezes estes domínios até mais insondavelmente tênues. "Existem muitos planos superiores e para voltar a Deus, para alcançar o plano onde Seu espírito reside, você tem que deixar sua roupa cair todas as vezes, até que seu espírito esteja verdadeiramente livre," afirma um dos sujeitos de Whitton. "O processo de aprendizado nunca para (...). Algumas vezes nos é permitido vislumbrar os planos superiores — cada um é mais iluminado e brilhante do que o anterior."⁴⁷

Pode ser amedrontador para alguns que a realidade pareça se tornar cada vez mais parecida com frequências à medida que alguém penetra mais fundo no implícito. E isto é compreensível. É óbvio que ainda somos como crianças, que precisam da segurança de um livro colorido, ainda não prontos para pintar formas livres e sem as linhas para guiar nossas mãos desajeitadas. Sermos mergulhados no domínio de Swedenborg de luz transbordante, seria equivalente a nos mergulhar numa alucinação de LSD completamente fluida. E ainda não estamos maduros o bastante, ou com o controle suficiente de nossas emoções, atitudes e crenças, para lidar com os monstros que nossa psique criaria para nós mesmos lá.

Mas talvez esta seja a razão de estarmos aprendendo a lidar com pequenas doses do objetivo aqui, na forma de confrontações relativamente limitadas com o imaginário, que os OVNI's e outras experiências semelhantes fornecem.

E talvez esta seja a razão dos seres de luz nos dizerem repetidas vezes que o objetivo da vida é aprender.

Estamos na verdade numa jornada de xamã, simples crianças lutando para nos tornarmos técnicos do sagrado. Estamos aprendendo como lidar com a plasticidade, que é parte e parcela de um universo no qual a mente e a realidade são um contínuo, e nesta jornada, uma lição se sobressai acima de todas as outras. Enquanto a liberdade excitante e sem forma do Além permanecer amedrontadora para nós, continuaremos a sonhar um holograma para nós mesmos que é confortavelmente sólido e bem definido.

Mas devemos sempre atender ao conselho de Bohm, de que os compartimentos conceituais que utilizamos para analisar o universo são feitos por nós mesmos. Eles não existem "lá fora", pois "lá fora" está apenas a totalidade indivisível. Brahma. E quando tivermos nos tornado grandes demais para qualquer dado conjunto de compartimentos conceituais, devemos sempre estar preparados para nos mudarmos, para avançar de estado de alma em estado de alma, como Sri Aurobindo coloca, e de iluminação em iluminação. Pois nosso pró parece ser tão simples quanto infinito.

Estamos, como dizem os aborígenes, apenas aprendendo a sobreviver no infinito.

NOTAS

Introdução

1. Irvin L. Child, "Psicologia e Observações Anômalas", *American Psychologist* 40, n? 11 (novembro, 1985), pp. 1219-30.

1. O Cérebro como Holograma

1. Wilder Penfield, *O Mistério da Mente: Um Estudo Critico da Consciência e do Cérebro Humano* (Princeton, N. J.: Princeton University Press, 1975).

2. Karl Lashley, "Em Busca do Engram", in *Mecanismos Fisiológicos no Comportamento Animal* (Nova York: Academic Press, 1950), pp. 454-82.

3. Karl Pribram, "A Neurofisiologia da Lembrança", *Scientific American* 220 (janeiro, 1969), p. 75

4. Karl Pribram, *Linguagens do Cérebro* (Monterey, Calif.: Wadsworth Publishing, 1977), p. 123

5. Daniel Goleman, "Memória Holográfica: Karl Pribram Entrevistado por Daniel Goleman", *Psychology Today* 12, n? 9 (fevereiro, 1979), p. 72

6. J. Colher, C. B. Burckhardt e L. H. Lin, *Holografia Óptica* (Nova York: Academic Press, 1971).

7. Pieter van Heerden, "Modelos para o Cérebro", *Nature* 227 (25 de julho, 1970), pp. 410-11.

8. Paul Pietsch, *Subterfúgios Cerebrais: A Pesquisa da Mente Holográfica* (Boston: Houghton Mifflin, 1981), p. 78.

9. Daniel A. Pollen e Michael C. Tractenberg, "Ritmo Alfa e os Movimentos na Imagem Eidética", *Nature* 237 (12 de maio, 1972), p. 109.

10. Pribram, *Linguagens*, p. 169

11. Paul Pietsch, "Subterfúgios do Cérebro", *Harper's Magazine* 244 (maio, 1972), p. 66.

12. Karen K. DeValois, Russell L. DeValois e W. W. Yund, "Respostas das 359 Células Corticais Estriadas para os Padrões de Tabuleiros de Damas e Grades", *Journal of Physiology*, vol. 291 (1979), pp. 483-505.

13. Goleman, *Psychology Today*, p. 71.

14. Larry Dossey, *Espaço, Tempo e Medicina* (Boston: Biblioteca da Nova Ciência, 1982), pp. 108-9.

15. Richard Restak, "O Poder Cerebral: Uma Nova Teoria", *Science Digest* (março, 1981), p. 19.

16. Richard Restak, *O Cérebro* (Nova York: Warner Books, 1979), p. 253.

2. O Cosmo como Holograma

1. Basil J. Hiley e F. David Peat, "Desenvolvimento das Idéias de David Bohm do Plasma até a Ordem Implícita", in *Implicações Quânticas*, ed. Basil J. Hiley e F. David Peat (Londres: Routledge e Kegan Paul, 1987), p. 1.

2. Nick Herbert, "Quão Grande é a Luminosidade da Estrela? Um Breve Vislumbre da Realidade Quântica", *Revision* 10, n? 1 (verão, 1987), pp. 31-35.

3. Albert Einstein, Boris Podolsky e Nathan Rosen, "A Descrição Mecânica-Quântica da Física Pode Ser Considerada Completa?" *Physical Review* 47 (1935), p. 777.

4. Hiley e Peat, *Quantum*, p. 3.

5. John P. Briggs e F. David Peat, *Universo do Espelho* (Nova York: Simon & Schuster, 1984), p. 96.

6. David Bohm, "Variáveis Ocultas e a Ordem Implícita", in *Implicações Quânticas*, ed. Basil J. Hiley e F. David Peat (Londres: Routledge & Kegan Paul, 1987), p. 38.

7. "A Não Localidade na Física e na Psicologia: Uma Entrevista com John Stewart Bell", *Psychological Perspectives (Fall-Winter 1988)*, p. 306.

8. Robert Temple, "Uma Entrevista com David Bohm", *New Scientist* (11 de novembro, 1982), p. 362.

9. Bohm, *Quantum*, p. 40.

10. David Bohm, *A Totalidade e a Ordem Implícita* (Londres: Routledge & Kegan Paul, 1980), p. 205.

11. Comunicação particular com o autor, 28 de outubro, 1988.

12. Bohm, *Totalidade*, p. 192.

13. Paul Davis, *Superforça* (Nova York: Simon & Schuster, 1984), p. 48.

14. Lee Smolin, "Do Que Realmente Trata a Mecânica Quântica?" *New Scientist* (24 de outubro, 1985), p. 43.

15. Comunicação particular com o autor, 14 de outubro, 1988.

16. Saybrook Publishing Company, *O Alcance da Mente: Conversações do Prêmio Nobel* (Dallas, Texas: Saybrook Publishing Co., 1985), p. 91.

360

17. Judith Hooper, "Uma Entrevista com Karl Pribram", *Omni* (Outubro, 1982), p. 135:

18. Comunicação particular com o autor, 8, Fevereiro, 1989.

19. Renee Weber, "O Universo Encoberto-Descoberto: Uma Conversa com David Bohm", in *O Paradigma Holográfico*, ed. Ken Wilber (Boulder, Colo.: Biblioteca Nova Ciência, 1982), pp. 83-84.

20. Ibid., p. 73.

3. O Modelo Holográfico e a Psicologia

1. Renee Weber, "O Universo Encoberto-Descoberto: Uma Conversa Com David Bohm", in *O Paradigma Holográfico*, ed. Ken Wilber (Boulder, Colo.: Biblioteca Nova Ciência, 1982), p. 72.

2. Robert M. Anderson .Ir., "Um Modelo Holográfico da Consciência Trans-pessoal", *Journal of Transpersonal Psychology* 9, n? 2 (1977), p. 126.

3. Jon Tolaas e Montague Ullman, "Comunicação Extra-sensorial e os Sonhos", in *Handbook of Dreams*, ed. Benjamin B. Wolman (Nova York: Van Nostrand Reinhold, 1979), pp. 178-79.

4. Comunicação pessoal com o autor, 31 de outubro, 1988.

5. Montague Ullman, "Totalidade e Sonho", in *Quantum Implications*, ed. Basil J. Hiley e F. David Peat (Nova York: Routledge & Kegan Paul, 1987), p. 393.

6.1. Matte-Blanco, "Um Estudo do Pensamento Esquizofrênico: Sua Expressão em Termos da Lógica Simbólica e Sua Representação em Termos do Espaço Multidimensional", *International Journal of Psychiatry* 1, n? 1 (janeiro de 1965), p. 93.

7. Montague Ullman, "Psi e Psicopatologia", artigo distribuído na conferência da Sociedade Americana para Pesquisa Sensitiva sobre Fatores Sensitivos em Psicoterapia, 8 de novembro, 1986.

8. See Stephen LaBerge, *Sonhos Lúcidos* (Los Angeles: Jeremy P. Tarcher, 1985).

9. Fred Alan Wolf, *Onda Estelar* (Nova York: Macmillan, 1984), p. 238.

10. Jayne Gackenbach, "Entrevista com o físico Fred Alan Wolf sobre a Física dos Sonhos Lúcidos", *Lucidity Letter* 6, n? 1 (junho de 1987), p. 52.

11. Fred Alan Wolf, "A Física da Consciência do Sonho: O Sonho Lúcido É um Universo Paralelo?" *Second Lucid Dreaming Symposium Proceedings-Lucidity Letter* 6, n? 2 (dezembro, 1987), p. 133.

12. Stanislav Grof, *Domínios do Inconsciente Humano* (Nova York: E. P. Dutton, 1976), p. 20.

13. Ibid., p. 236.
36114. Ibid., pp. 159-60.
15. Stanislav Grof, *A Aventura da Auto-descoberta* (Albany, N.Y.: New York State University Press, 1988), pp. 108-9.
16. Stanislav Grof, *Além do Cérebro* (Albany, N.Y.: New York State University Press, 1985), p. 31.
17. Ibid., p. 78.
18. Ibid., p. 89.
19. Edgar A. Levenson, "Um Modelo Holográfico da Mudança Psicanalítica", *Contemporary Psychoanalysis* 12, n? 1 (1975), p. 13.
20. Ibid., p. 19.
- ' 21. David Shainberg, "Vórtices do Pensamento na Ordem Implícita", in *Implicações Quânticas*, ed. Basil J. Hiley e K David Peal (Nova York: Routledge & Kegan Paul, 1987), p. 402.
22. Ibid., p. 411.
23. Frank Putnam, *Diagnóstico e Tratamento da Desordem de Múltipla Personalidade* (Nova York: Guilford, 1988), p. 68.
24. "Ciência e Sincronicidade: Uma Conversa com C. A. Meier", *Psycho-logical Perspectives* 19, n? 2 (outono-inverno de 1988), p. 324.
25. Paul Davies, *O Projeto Cósmico* (Nova York: Simon & Schuster, 1988), p.
26. F. David Peat, *Sincronicidade: A Ponte Entre a Mente e a Matéria* (Nova York: Bantam Books, 1987), p. 235.
27. Ibid., p. 239.

4. Eu Canto o Corpo Holográfico

1. Staphanie Matthews-Simonton, O. Carl Simonton e James L. Creighton, *Ficando Bem Outra Vez* (Nova York: Bantam Books, 1980), pp. 6-12.
2. Jeanne Achterberg, "Mente e Medicina: O Papel da Imaginação na Cura", *ASPR Newsletter* 14, no. 3 (junho de 1988), p. 20.
3. Jeanne Achterberg, *A Imaginação na Cura* (Boston, Mass.: Biblioteca Nova Ciência, 1985), p. 134.
4. Comunicação particular com o autor, 28 de outubro, 1988.
5. Achterberg, *ASPR Newsletter*, p. 20.
6. Achterberg, *IMaginação*, pp. 78-79.
7. Jeanne Achterberg, Ira Collerain e Pat Craig, "Uma Relação Possível entre Câncer, Retardamento Mental e Desordens Mentais", *Journal of Social Science and Medicine* 12 (maio de 1978), pp. 135-39.
8. Bernie S. Siegel, *Amor, Medicina e Milagres* (Nova York: Harper & Row, 1986), p. 32.
- 362
9. Achterberg, *Imaginação*, pp. 182-87.
10. Bernie S. Siegel, *Amor*, p. 29.
11. Charles A. Garfield, *Pico de Performance: Técnicas de Treinamento Mental dos Maiores Atletas do Mundo* (Nova York: Warner Books, 1984), p. 16.
12. Ibid., p. 62.
13. Mary Orser e Richard Zarro, *Mudando Seu Destino* (Nova York: Harper & Row, 1989), p. 60.

14. Barbara Brown, *Supermente: A Energia Fundamental* (Nova York: Harper & Row, 1980), p. 274: conforme citado in Larry Dossey, *Espaço, Tempo e Medicina* (Boston, Mass.: Biblioteca Nova Ciência, 1982), p. 122.
15. Brown, *Supermente*, p. 275: conforme citado in Dossey, *Espaço*, pp. 112-13.
16. Larry Dossey, *Espaço, Tempo e Medicina* (Boston, Mass.: Biblioteca Nova Ciência, 1982), p. 112.
17. Comunicação particular com o autor, 8 de fevereiro, 1989.
18. Brendan O'Regan, "Cura, Remissão e Curas Milagrosas", *Relato Especial do Instituto de Ciências Noéticas* (maio de-1987), p. 3.
19. Lewis Thomas, *A Medusa e a Lesma* (Nova York: Bantam Books, 1980), p. 63.
20. Thomas J. Hurley III, "Efeitos Placebo: Território Não Mapeado das Interações Mente-Corpo", *Investigations* 2, n? 1 (1985), p. 9.
21. Ibid.
22. Steven Locke e Douglas Colligan, *O Terapeuta Interior* (Nova York: Nova Biblioteca Americana, 1986), p. 224.
23. Ibid., p. 227.
24. Bruno Klopfer, "Variáveis Psicológicas no Câncer Humano", *Journal of Prospective Techniques* 31 (1957), pp. 331-40.
25. O'Regan, *Relato Especial*, p. 4.
26. G. Timothy Johnson e Stephen E. Goldfinger, *The Harvard Medical School Health Letter Book* (Cambridge, Massachusetts: Universidade Harvard Press, 1981), p. 416.
27. Herbert Benson e David P. McCallie, Jr., "A Angina Pectoris e o Efeito Placebo", *New England Journal of Medicine* 300, n? 25 (1979), pp. 1424-29.
28. Johnson e Goldfinger, *Health Letter Book*, p. 418.
29. Hurley, *Investigações*, p. 10.
30. Richard Alpert, *Esteja Aqui Agora* (San Cristóbal, N.M.: Fundação Lama, 1971).
31. Lyall Watson *Além da Supremacia* (Nova York: Bantam Books, 1988), p. 215.
32. Ira L. Mintz, "Uma Nota Sobre a Personalidade Viciada" *American Journal of Psychiatry* 134, n? 3 (1977), p. 327.
36333. Alfred Stelter, *Cura Psi* (Nova York: Bantam Books, 1976), p. 8.
34. Thomas J. Hurley III, "Aprendizado Placebo: O Efeito Placebo Enquanto uma Resposta Condicionada", *Investigações* 2, n? 1 (1985), p. 23.
35. O'Regan, *Relato Especial*, p. 3.
36. Conforme citado in Thomas J. Hurley III, "Variedades de Experiência Placebo: Uma Definição Pode Abranger Todas?" *Investigações* 2, n? 1 (1985), p. 13.
37. Daniel Seligman, "Grandes Momentos na Pesquisa Médica", *Fortune* 117, n? 5 (29 de fevereiro, 1988), p. 25.
38. Daniel Goleman, "Sondando o Enigma da Múltipla Personalidade", *New York Times* (25 de junho, 1988), p. C1.
39. Comunicação privada com o autor, 11 de janeiro, 1990.
40. Richard Restak, "Pessoas com Mentes Múltiplas", *Science Digest* 92, n? 6 (junho, 1984), p. 76.
41. Daniel Goleman, "Novos Focos na Múltipla Personalidade", *New York Times* (21 de maio, 1985), p. C1.
42. Truddi Chase, *Quando o Coelho Uiva* (Nova York: E.P. Dutton, 1987), p. x.
43. Thomas J. Hurley III, "Fases Internas da Multiplicidade", *Investigações* 1, n? 34 (1985), p. 4.

44. Thomas J. Hurley III, "Multiplicidade e o Problema Mente-Corpo: Novas Portas para a Plasticidade Natural", *Investigações* 1, n? 34 (1985), p. 19.

45. Bronislaw Malinowski, "Baloma: Os Espíritos da Morte nas Ilhas Tro-briand", *Journal of the Royal Anthropological Institute of Great Britain and Ireland* 46 (1916), pp. 353-430.

46. Watson, *Além da Supernatureza*, pp. 58-60.

47. Joseph Chilton Pearce, *A Rachadura no Ovo Cósmico* (Nova York: Pocket Books, 1974), p. 86.

48. Pamela Weintraub, "Pré-escola?" *Omnill*, n? 11 (agosto, 1989), p. 38.

49. Kathy A. Fackelmann, "Impulsos de Hostilidade, Risco de Problema Cardíaco", *Science News* 135, n? 4 (28 de janeiro, 1989), p. 60.

50. Steven Locke, in *Longevidade* (novembro, 1988), conforme citado em "Os Poderes Curativos de Sua Mente", *Readeris Digest* (setembro, 1989), p. 5.

51. Bruce Bower, "Ligação Emoção-Imunidade na Infecção HIV", *Science News* 134, n? 8 (20 de agosto, 1988), p. 116.

52. Donald Robinson, "Sua Atitude Pode Lhe Fazer Bem", *Readeris Digest* (abril, 1987), p. 75.

53. Daniel Goleman em *The New York Times* (20 de abril, 1989), conforme citado em "Os Poderes Curativos de Sua Mente", *Reader's Digest* 92, n? 4 (abril, 1984), p. 100.

364

56. John Raymond, "Jack Schwarz: A Mente Sobre o Corpo do Homem", *NewRealities* 1, n? 1 (abril, 1978), pp. 72-76; veja também, "Jack Schwartz: Investigue... Mas Sem agulhas", *BrainMind Bulletin* 4, n? 2 (4, dezembro, 1978), p. 2.

57. Stelter, *A Cura Psi*, pp. 121-24.

58. Donna e Gilbert Grosvenor, "Ceilão", *National Geographic* 129, n? 4 (abril, 1966).

59. D. D. Kosambi, "Pré-história Viva na Índia", *Scientific American* 216, n? 2 (fevereiro, 1967), p. 104.

60. A. A. Mason, "Um Caso de Ictiose Congênita", *British Medical Journal* 2 (1952), pp. 422-23.

61. O'Regan, *Relato Especial*, p. 9.

62. D. Scott Rogo, *Milagres* (Nova York: Dial Press, 1982), p. 74.

63. Herbert Thurston, *Os Fenômenos Físicos do Misticismo* (Chicago: Henry Regnery Company, 1952), pp. 120-29.

64. Thomas of Celano, *Vita Prima* (1229), conforme citado por Thurston, *Fenômenos Físicos*, pp. 45-46.

65. Alexander P. Dubrov e Veniamin N. Pushkin, *Parapsicologia e Ciência Contemporânea*, trad. Aleksandr Petrovich (Nova York: Plenum, 1982), p. 50.

66. Thurston, *Fenômenos Físicos*, p. 68.

67. Ibid.

68. Charles Fort, *O Livro Completo de Charles Fort* (Nova York: Dover, 1974), p. 1022.

69. Ibid., p. 964.

70. Comunicação particular com o autor, 3 de novembro, 1988.

71. Candace Pert com Harris Dienstfrey, "A Rede de Neuroeptídio", em *Neuroimunomodulação: Intervenções no Envelhecimento e no Câncer*, ed. Wal-ter Pierpaoli e Novera Herbert Spector (Nova York: Academia de Ciências de Nova York, 1988), pp. 189-94.

72. Terrence D. Oleson, Richard J. Kroening e David E. Bresler, "Uma Avaliação Experimental do Diagnóstico Auricular: O Mapeamento Somatotópi-co da Dor Musculoesquelética nos Pontos de Acupuntura na Orelha", *Pain* 8 (1980), pp. 217-29.

73. Comunicação particular com o autor, 24 de setembro, 1988.

74. Terrence D. Oleson e Richard J. Kroening, "Desintoxicação Narcótica Rápida em Pacientes com Dores Crônicas Tratados com Eletroacupuntura Auricular e Naloxone", *International Journal of the Addictions* 20, n? 9 (1985), pp. 1347-60.

75. Richard Leviton, "O Corpo Holográfico", *East West* 18, n? 8 (agosto, 1988), p. 42.

76. Ibid., p. 45.

36577. Ibid., pp. 36-47.

78. "Impressões Digitais, Uma Chave para a Senilidade", *Science Digest* 91, n? 11 (novembro, 1983), p. 91.

79. Michael Meyer, "O Modo como as Espirais Giram", *Newsweek* (fevereiro, 13, 1989), p. 73.

S. Um Punhado de Milagres

1. D. Scott Rogo, *Milagres* (Nova York: Dial Press, 1982), p. 79.

2. Ibid., p. 58; veja também, Herbert Thurston, *Os Fenômenos Físicos do Misticismo* (Londres: Burns Oates, 1952); e A.P. Schimberg, *A História de Theresa Neumann* (Milwaukee, Wis.: Bruce Publishing Co., 1947).

3. David J. Bohm, "Uma Nova Teoria da Relação da Mente e da Matéria", *Journal of the American Society for Psychical Research* 80, n? 2 (Abril 1986), p. 128.

4. Ibid., p. 132.

5. Robert G. Jahn e Brenda J. Dunne, *Margens da Realidade: O papel da Consciência no Mundo Físico* (Nova York: Harcourt Brace Jovanovich, 1987), pp. 91-123.

6. Ibid., p. 144.

7. Comunicação particular com o autor, 16, dezembro, 1988.

8. Jahn e Dunne, *Margens*, p. 142.

9. Comunicação particular com o autor, 16, Dezembro, 1988.

10. Comunicação particular com o autor, 16, Dezembro, 1988.

11. Steve Fishman, "Perguntas Para o Cosmos", *Revista New York Times* (26, Novembro, 1989), p. 55.

12. Comunicação particular com o autor, 25, Novembro, 1988.

13. Rex Gardner, "Milagres de Cura na Nortumbria Anglo-Celta Segundo Registradas pelo Venerável Bede e Seus Contemporâneos: Uma Louvação à Luz da Experiência do Século Vinte", *British Medical Journal* 287 (Dezembro 1983), p. 1931.

14. Max Freedom Long, *A Ciência Secreta Atrás dos Milagres* (Nova York: Robert Collier Publications, 1948), pp. 191-92.

15. Louis-Basile Carre de Montgeron, *A Verdade dos Milagres* (Paris: 1737), vol. i, p. 380, conforme citado em H. P. Blavatsky, *Ísis Desvelada*, vol. I (Nova York: J. W. Bouton, 1877), p. 374.

16. Ibid., p. 374.

17. B. Robert Kreiser, *Milagres, Convulsões e Política Eclesiástica na Antiga Paris do Século 18* (Princeton, N. J.: Princeton University Press, 1978), pp. 260-61.

366

18. Charles Mackey, *Ilusões Populares Extraordinárias e a Loucura das Multidões* (Londres: 1841), p. 318.

19. Kreiser, *Milagres*, p. 174-

20. Stanislav Grof, *Além do Cérebro* (Albany, N.Y.: Universidade do Estado da New York Press, 1985), p. 91.

21. Long, *A Ciência Secreta*, pp. 31-39.

22. Frank Podmore, *Médiuns do Século 19*, vol. 2 (New Hyde Park, N.Y.: University Books, 1963), p. 264.
23. Vincent H. Gaddis, *Fogos e Luzes Misteriosos* (Nova York: Dell, 1967), pp. 114-15.
24. Blavatsky, *Ísis*, p. 264.
25. Podmore, *Médiuns*, p. 264.
26. Will e Ariel Durant, *A Época de Luís XIV*, vol. XIII (Nova York: Si-mon & Schuster, 1963), p. 73.
27. Franz Werfel, *A Canção de Bernadette* (Garden City, N.Y.: Sun Dial Press, 1944), pp. 326-27.
28. Gaddis, *Fogos Misteriosos*, pp. 106-7.
29. Ibid., p. 106.
30. Berthold Schwarz, "Provações com Serpentes, Fogo e Estricnina", *Psychiatric Quarterly* 34 (1960), pp. 405-29.
31. Comunicação particular com o autor, 17 de julho, 1989.
32. Karl H. Pribram, "O Cérebro Implícito", em *Implicações Quânticas*, ed. Basil J. Hiley e F. David Peat (Londres: Routledge & Kegan Paul, 1987), p. 367.
33. Comunicação particular com o autor, 8 de fevereiro, 1989; veja também, Karl H. Pribram, "A Revolução Cognitiva e as Ordens Mente-Cérebro", *American Psychologist* 41, n° 5 (maio 1986), pp. 507-19.
34. Comunicação particular com o autor, 25 de novembro, 1988.
35. Gordon G. Globus, "Três Abordagens Holonômicas para o Cérebro" em *Implicações Quânticas*, ed. Basil J. Hiley e F. David Peat (Londres: Routledge & Kegan Paul, 1987), pp. 372-85; veja também, Judith Hooper e Dick Teresi, *O Universo de Três-Libras* (Nova York: Dell, 1986), pp. 295-300.
36. Comunicação particular com o autor, 16, Dezembro, 1988.
37. Malcolm W. Browne, "A Teoria Quântica: Perturbadoras Perguntas Permanecem Não Resolvidas", *New York Times* (11, Fevereiro, 1986), p. C3.
38. Ibid.
39. Jahn e Dunne, *Margens*, pp. 319-20; veja também, Dietrik E. Thom-sen, "Anômalos Ficam Mais e Mais Anômalos", *Science News* 125 (25 de fevereiro, 1984).
40. Christine Sutton, "A Vida Secreta do Neutrino", *New Scientist*, n° 1595 (14, Janeiro, 1988), pp. 53-57; veja também, "Os Neutrinos Soviéticos 367Têm Massa", *New Scientist* 105, n° 1446 (7, Março, 1985), p. 23; *Science News*, n° 24 (14 de junho, 1980), pp. 377-83.
41. S. Edmunds, *Hipnotismo e o Sobrenatural* (Londres: Aquarian Press, 1967), conforme citado em *Supernatureza*, Lyall Watson (Nova York: Bantam Books, 1973), p. 236.
42. Leonid L. Vasiliev, *Experimentos de Influência à Distância* (Nova York: E. P. Dutton, 1976).
43. Veja Russell Targ e Harold Puthoff, *Alcance da Mente* (Nova York: De-lacorte Press, 1977).
44. Fishman, *Revista New York Times*, p. 55; veja também, Jahn e Dunne, *Margens*, p. 187.
45. Charles Tart, "Correlates Fisiológicos da Cognição Psi", *International Journal of Neuropsychiatry* 5, n° 4 (1962).
46. Targ e Puthoff, *Alcance da Mente*, pp. 130-33.
47. E. Douglas Dean, "Registros Pletismográficos das Respostas PÉS", *International Journal of Neuropsychiatry* 2 (setembro, 1966).
48. Charles T. Tar, "Experiências Psicodélicas Associadas a um Novo Procedimento Hipnótico, Hipnose Mútua", em *Estado?: Alterados da Consciência*, Charles T. Tart (Nova York: John Wiley & Filhos, 1969), pp. 291-308.
49. Ibid.
50. John P. Briggs e F. David Peat, *Universo do Espelho* (Nova York: Si-mon & Schuster, 1984), p. 87.
51. Targ e Puthoff, *Alcance da Mente*, pp. 130-33.
52. Russel Targ, et al., *Research in Parapsychology* (Metuchen, N.J.: Sca-recrow, 1980).
53. Bohm, *Journal of the American Society for Psychical Research*, p. 132.
54. Jahn e Dunne, *Margens*, pp. 257-59.
55. Gardner, *British Medical Journal*, p. 1930.
56. Lyall Watson, *Além da Supernatureza* (Nova York: Bantam Books, 1988), pp. 189-91.
57. A.R.G.Owen, *Podemos Explicar o Poltergeist* (Nova York: Garret Publications, 1964).
58. Erlendur Haraldsson, *Os Milagres Modernos: Um Relato Investigativo sobre os Fenômenos Sensitivos Associados com Sathya Sai Baba* (Nova York: Fawcett Columbine Books, 1987), pp. 26-27.
59. Ibid., pp. 35-36.
60. Ibid., p. 290.
61. Paramahansa Yogananda, *Autobiografia de um logue* (Los Angeles: Self-Realization Fellowship, 1973), p. 134.
62. Rogo, *Milagres*, p. 173.
- 368
63. Lyall Watson, *Presentes de Coisas desconhecidas* (Nova York: Simon & Schuster, 1976), pp. 203-4.
64. Comunicação particular com o autor, 9 de fevereiro, 1989.
65. Comunicação particular com o autor, 17 de outubro, 1988.
66. Comunicação particular com o autor, 16 de dezembro, 1988.
67. Judith Hooper e Dick Teresi, *O Universo de Três Libras* (Nova York: Dell, 1986), p.300.
68. Carlos Castaneda, *Contos de Poder* (Nova York: Simon & Schuster, 1974), p. 100.
69. Marilyn Ferguson, "A Realidade Mutante de Karl Pribram", em *O Paradigma Holográfico*, ed. Ken Wilber (Boulder, Col?: Biblioteca Nova Ciência, 1982), p. 24.
70. Erlendur Haraldsson e Loftur R. Gissurason, *O Médium Físico Islan-dês: Indrídi Indridason* (Londres: Sociedade para Pesquisa Sensitiva, 1989).
- 6. Vendo Holograficamente**
1. Karl Pribram, "A Neurofisiologia da *l.jembmñça*", *Science* 166 (janeiro, 1969), pp. 76-78.
2. Judith Hooper, "Entrevista: Karl Pribram", *Omni* 5, n° 1 (outubro, 1982), p. 172.
3. Wil van Beek, *Hazrat Inayat Khan* (Nova York: Vantage Press, 1983), p. 135.
4. Barbara Ann Brennan, *Mãos de luz* (Nova York: Bantam Books, 1987), pp. 3-4.
5. Ibid., p.4.
6. Ibid., citação de capa.
7. Ibid., citação de capa.
8. Ibid., p. 26.
9. Comunicação particular com o autor, 13, novembro, 1988.
10. Shafica Karagulla, *Irrupção de Criatividade* (Marina del Rey, Calif.: De-Vorss, 1967), p. 61.
11. Ibid., pp. 78-79.
12. W. Brugh Joy, *Caminho da Alegria* (Los Angeles: J.P. Tarcher, 1979), pp. 155-56.

13. Ibid., p.48.
14. Michael Crichton, *Viagens* (Nova York: Knopf, 1988), p. 262.
15. Ronal S. Miller, "Construindo Uma Ponte Sobre o Vazio: Uma Entrevista com Valerie Hunt", *Science Of Mind* (outubro, 1983), p. 12.
16. Comunicação particular com o autor, 7 de fevereiro, 1990.
- 369.17. Ibid.
18. Ibid.
19. Ibid.
20. Valerie V. Hunt, "Mente Infinita", *Magical Blend* n? 25 (janeiro, 1990), p. 22.
21. Comunicação particular com o autor, 28, outubro,, 1988.
22. Robert Temple, "David Bohm ", *New Scientist* (11, novembro, 1982), p. 362.
23. Comunicação particular com o autor, 13 de novembro, 1988.
24. Comunicação particular com o autor, 18 de outubro,, 1988.
25. Comunicação particular com o autor, 13 de novembro, 1988.
26. Ibid.
27. Ibid.
28. George F. Dole, *Uma Visão de Dentro* (Nova York: Fundação Sweden-borg, 1985), p. 376.
30. Brennan, *Mãos*, p. 26.
31. Comunicação particular com o autor, 13 de setembro, 1988.
32. Karagulla, *O Irromper*, p. 39.
33. Ibid., p. 132.
34. D. Scott Rogo, "Xamanismo, PÉS e o Paranormal", em *Xamanismo*, ed. Shirley Nicholson (Wheaton, 111.: Casa de Publicação Teosófica, 1987), p. 135.
35. Michael Harner e Gary Doore, "A Antiga Sabedoria nas Culturas Xa-mânicas", em *Xamanismo*, ed. Shirley Nicholson (Wheaton, III.: Casa de Publicação Teosófica, 1987), p. 10.
36. Michael Harner, *O Caminho do Xamã* (Nova York: Harper & Row, 1980), p. 17.
37. Richard Gerber, *Medicina Vibracional* (Santa Fé, N.M.: Bear & Co., 1988), p. 17.
38. Ibid., p. 154.
39. William A. Tiller, "Consciência, Radiação e o Desenvolvimento do Sistema Sensorial", conforme citado em *As Fronteiras Sensitivas da Medicina*, ed. Bill Schul (Nova York: Balantin Books, 1977), p. 95.
40. Ibid., p. 94.
41. Hirishi Motoyama, *Teorias dos Chacras* (Wheaton, 111.: Casa de Publicação Teosófica, 1981), p. 239.
42. Richard M. Restak, "A Livre Vontade É Uma Fraude?" *ScienceDigesi* (outubro de 1983), p. 52.
43. Ibid.
44. Comunicação particular com o autor, 7 de fevereiro, 1990.
45. Comunicação particular com o autor, 13 de novembro, 1988.
- 370

7. Tempo desvairado

1. Veja Stephan A. Schwartz, *Os Saltos Secretos do Tempo* (Nova York: Grosset & Dunlap, 1978); Stanislaw Poniatowski, "Investigação Parapsicológica de Culturas Pré-históricas", em *Arqueologia Sensitiva*, ed. J. Goodman (Nova York: G. P. Putnam &

- Filhos, 1977); e Andrzej Borzmowski, "Experimentos com Ossowiecki", *International Journal of Parapsychology* 7, n? 3 (1965), pp. 259-84.
2. J. Norman Emerson, "Arqueologia Intuitiva", *Midden* 5, n? 3 (1973).
3. J. Norman Emerson, "Arqueologia Intuitiva: Uma Abordagem Sensitiva", *M?w Horizon* 1, n? 3 (1974), p. 14.
4. Jack Harrison Pollack, *Croiset, o Clarividente* (Nova York: Doubleday, 1964).
5. Lawrence LeShan, *O Médium, o Místico e o Físico* (Nova York: Ballantine Books, 1974), pp. 30-31.
6. Stephan A. Schwartz, *Os Saltos Secretos do Tempo* (Nova York: Grosset & Dunlap, 1978), pp. 226-37; veja também Clarence W. Weiand, "Parapsicologia e Antropologia", *Manas* 13, n? 15 (1960).
7. Schwartz, op. cit. pp. X e 314.
8. Comunicação particular com o autor, 28 de outubro, 1988.
9. Comunicação particular com o autor, 18 de outubro, 1988.
10. Veja Glenn D. Kittler, *Edgar Cayce Sobre os Pergaminhos do Mar Morto* (Nova York: Warner Books, 1970).
11. Marilyn Ferguson, "A Abordagem da Ação do Cérebro Quântico Complementa o Modelo Holográfico", *Brain-Mind Bulletin*, matéria especial atualizada (1978), p. 3.
12. Edmund Gurney, F.W.H. Myers e Frank Podmore, *Fantasmas da Vida* (Londres: Trubner's, 1886).
13. Veja J. Palmer, "Uma Comunidade de Levantamentos postais de Experiências Sensitivas", *Jornal da Sociedade Americana para Pesquisa Sensitiva* 10 (1894), pp. 25-422; e D.J. West, "Uma Observação-Questionário em Massa Sobre Alucinações", *Jornal da Sociedade para Pesquisa Sensitiva* 34 (1948), pp. 187-96.
14. W.Y. Evans-Wentz, *A Fé em Fadas nos Países Celtas* (Oxford: Oxford University Press, 1911), p. 485.
15. Ibid., p. 123.
16. Charles Fort, *Novas Terras* (Nova York: Boni & Liveright, 1923), p. 111.
17. Veja Max Freedom Long, *A Ciência Sagrada por trás dos Milagres* (Tarrytown, N. Y.: Robert Collier Publications, 1948), pp. 206-8.
18. Editores dos Livros Time-Life, *Fantasmas* (Alexandria, Va.: Time-Life Books, 1984), p. 75.
37119. Editores do Reader's Digest, *Histórias Estranhas, Fatos Surpreendentes* (Pleasantville, N.Y.: Reader's Digest Association, 1976), pp. 384-85.
20. J. B. Rhine, "Experimentos Conduzidos Sobre a Hipótese de Precogição: III. Cartas Seleccionadas Mecanicamente", *Jornal de Parapsicologia* 5 (1941).
21. Helmut Schmidt, "Psicinese", em *Exploração Sensitiva: Um Desafio para a Ciência*, ed. Edgar Mitchell e John White (Nova York: G.P. Putnam e Filhos, 1974), pp. 179-93.
22. Montague Ullman, Stanley Krippner e Alan Vaughan, *Telepatia do Sonho* (Nova York: Macmillan, 1973).
23. Russel Targ e Harold Puthoff, *Alcance da Mente* (Nova York: Delacorte Press, 1977), p. 116.
24. Robert G. Jahn e Brenda J. Dunne, *Margens da Realidade* (Nova York: Harcourt Brace Jovanovich, 1987), pp. 160, 185.
25. Jule Eisenbud, "Um Experimento Transatlântico em Precogição com Gerard Croiset", *Jornal da Sociedade Americana de Pesquisa Psicológica* 67 (1973), pp. 1-25; veja também W.H.C. Tenhaeff, "Experimento das Cadeiras com Gerard Croiset", *Métodos de*

Parapsicologia 1 (1960), pp. 53-65; e U. Timm, "Neue Experiments mit dem Sensitiven Gerard Croiset", *Z.F. Parapsy-chologia und Grezgeb. dem Psychologia* 9 (1966), pp. 30-59.

26. Marilyn Ferguson, *Boletim*, p. 4.

27. Comunicação pessoal com o autor, 26 de setembro, 1989.

28. David Loye, *A Esfinge e o Arco-íris* (Boulder, Col.: Shambhala, 19830).

29. Bernard Gittelton, *Evidência Intangível* (Nova York: Simon & Schuster, 1987), p. 174.

30. Eileen Garrett, *Minha Vida Como uma Busca pelo Sentido da Mediu-nidade* (Londres: Ryder & Company, 1949), p. 179.

31. Edith Lyttelton, *Alguns Casos de Predição* (Londres: Bell, 1937).

32. Louisa E. Rhine, "Frequência de Tipos de Experiência na Precognição Espontânea", *Jornal de Parapsicologia* 18, n? 2 (1954); veja também "Precognição e Intervenção", *Jornal de Parapsicologia* 19 (1955); e *Canais Ocultos da Mente* (Nova York: Sloane Associates, 1961).

33. E. Douglas dean, "Precognição e Retrognição", em *Exploração Sensitiva*, ed. Edgar D. Mitchell e John White (Nova York: G.P. Putnam e Filhos, 1974), p. 163.

34. Veja A. Foster, "Testes PÉS com Crianças índias Americanas", *Jornal de Parapsicologia* 7, n? 94 (1943); Dorothy H. Pope, "Testes PÉS com Povos Primitivos", *Boletim de Parapsicologia* 30, n? 1 (1953); Ronald Rose e Lyndon Rose, "Experimentos Psi com Aborígenes Australianos", *Jornal de Parapsicologia* 15, n? 122 (1951); Robert L. Van de Castle, "Antropologia e Pesquisa Sensitiva", em *Exploração Sensitiva*, ed. Edgar D. Mitchell e John White (Nova York: G.P. Putnam e Filhos, 1974); e Robert L. Van de Castle, "Capacidades Psi nos Grupos Primitivos", *Procedimentos da Associação Parapsicológica* 1, n? 97 (1970).

35. Ian Stevenson, "Precognição de Desastres", *Jornal da Sociedade Americana para Pesquisa Sensitiva* 64, n? 2 (1970).

36. Karlis Osis e J. Fahler, "Variáveis de Espaço e Tempo em PÉS", *Jornal da Sociedade Americana para Pesquisa Sensitiva* 58 (1964).

37. Alexander P. Dubrov e Veniamin N. Pushkin, *Parapsicologia e Ciência Contemporânea*, trad. Aleksandr Petrovich (Nova York: Consultants Bureau, 1982), pp. 93-104.

38. Arthur Osborn, *O Futuro É Agora: A Importância da Precognição* (Nova York: University Books, 1961).

39. Ian Stevenson, "Uma Revisão e Análise das Experiências Paranormais Ligadas ao Afundamento do Titanic", *Jornal da Sociedade Americana para Pesquisa Sensitiva* 54 (1960), pp. 153-71; veja também Ian Stevenson, "Mais Sete Experiências Paranormais Associadas com o Afundamento do Titanic", *Jornal da Sociedade Americana para Pesquisa Sensitiva* 59 (1965), pp. 211-25.

40. Loye, *Esfinge*, pp. 158-65.

41. Comunicação particular com o autor, 28 de outubro, 1988.

42. Gittelton, *Evidência*, p. 175.

43. Ibid., p. 125.

44. Long, op. cit., p. 165.

45. Shafica Karagulla, *Irrupção de Criatividade* (Marina dei Rey, Calif.: Devorss, 1967), p. 206.

46. De acordo com H.N. Banerjee, em *Americanos que Reencarnaram* (nova York: Macmillan Publishing Company, 1980), p. 105, um estudo feito por James Parejko, professor de Filosofia na Universidade do Estado de Chicago, revelou que 93 dos 100 voluntários hipnotizados produziram conhecimento de uma possível existência anterior; o

próprio Whitton achou que *todos* os seus sujeitos hipnotizados eram capazes de ter tais memórias.

47. M. Gerald Edelstein, *Trauma, Transe e Thmsformação* (Nova York: Brun-nerMazel, 1981).

48. Michael Talbot, "Vidas Entre Vidas: Uma Entrevista com o Dr. Joel Whitton" *Omni WholeMind Newsletter* 1, n? 6, (maio 1988), p. 4.

49. Joel L. Whitton e Joe Fisher, *Vida Entre Vida* (Nova York: Doubleday, 1986), pp. 116-27.

50. Ibid., p. 154.

51. Ibid., p. 156.

52. Comunicação particular com o autor, 9, novembro, 1987.

53. Whitton e Fisher, *Vida*, p. 43.

54. Ibid., p. 47.55. Ibid., pp. 152-53.

56. Ibid., p. 52.

57. William E. Cox. "Precognição: Uma Análise I e II" *Jornal da Sociedade Americana para Pesquisa Sensitiva* 50 (1956).

58. Whitton e Fisher, *Life*, p. 186.

59. Veja Ian Stevenson, *Vinte Casos Sugestivos de Reencarnação* (Charlot-tesville, Vá.: University Press da Virgínia, 1974); *Casos de Reencarnação do Caráter* (Charlottesville, Vá.: University Press da Virgínia, 1974), vols. 1-4; e *Crianças que Se Recordam das Vidas Anteriores* (Charlottesville, Vá.: University Press da Virgínia, 1987).

60. Veja referências acima.

61. Ian Stevenson, *Crianças que se Recordam das Vidas Anteriores* (Charlottesville, Vá.: Universsity Press da Virgínia, 1987), pp. 240-43.

62. Ibid., pp. 259'60.

63. Stevenson, *Vinte Casos*, p. 80.

64. Ibid., pp. 196, 233.

65. Ibid., p. 92.

66. Sylvia Cranston e Carey Willaims, *Reencarnação: Um Novo Horizonte na Ciência, Religião e Sociedade* (Nova York: Julian Press, 1984), p. 67.

67. Ibid., p. 260.

68. Ian Stevenon, "Algumas Perguntas Relacionadas aos Casos de Reencarnação do Caráter", *Jornal da Sociedade Americana para Pesquisa Sensitiva* (outubro, 1974), p. 407.

69. Stevenson, *Crianças*, p. 255.

70. *Jornal da Associação Médica Americana* 1? de dezembro, 1975), conforme citado em Cranston e Williams, *Reencarnação*, p. x.

71. J. Warneck, *DieReligion der Batak* (Gottingen, 1909), conforme citado em Holger Kalweit, *Tempo de Sonho e Espaço Interior: O Mundo do Xamã* (Boulder, Colo.: Shambhala, 1984), p. 23.

72. Basil Johnston, *Und Manitu erschufdie Welt, Mythen e Visionen der Ojibwa* 9Cologne: 1979), conforme citado em Holger Kalweit, *Tempo de Sonho e Espaço Interior: O Mundo do Xamã* (Boulder, Colo.: Shambhala, 1984), p. 25.

73. Long, op. cit., pp. 165-69.

74. Ibid., p. 193.

75. John Blofeld, *O Misticismo Tântrico do Tibete* (Nova York: E.K. Dut-ton, 1970), p. 84; veja também Alexandra David-Neel, *Mágica e Mistério no Tibete* (Baltimore, Md.: Penguin Books, 1971), p. 293.

76. Henry Corbin, *Imaginação Criativa no Suflsmo de Ibn'Arabi* trad. Ralph Manheim (Princeton, N.J.: Princeton University Press, 1969), pp. 221-36.

77. Hugh Lynn Cayce, *O Leitor Edgar Cayce*. VolIII (Nova York: Biblioteca 374 Paperback, 1969), pp. 25-26; veja também Noel Langley, *Edgar Cayce Sobre Reencarnação* (Nova York: Warner Books, 1967), p. 43.
 78. Paramahansa Yogananda, *A Busca Eterna do Homem* (Los Angeles: Self-Realization Fellowship, 1982), p. 238.
 79. Thomas Byron, *O Dhammapada: O Dizeres de Buda* (Nova York: Vin-tage Books, 1976), p. 13.
 80. Swami Prabhavananda e Frederick Manchester, Trad., *Os Upanishads* (Hollywood, Calif.: Vedanta Press, 1975), p. 177.
 81. Iamblichus, *Os Mistérios Egípcios*, trad. Alexander Wilder (Nova York: Publicações Metafísicas, 1911), pp. 122, 175, 259-60.
 82. Mateus 7:7, 17, 20.
 83. Rabino Adin Steinsatz, *A Rosa de Treze Pétalas* (Nova York: Basic Books, 1980), pp. 64-65.
 84. Jean Houston, *O Humano Possível* (Los Angeles: J.P. Tarcher, 1982), pp. 200-5.
 85. Mary Orser e Richard A. Zarro, *Mudando Seu Destino* (São Francisco: Harper & Row, 1989), p. 213.
 86. Florence Graves, "A Última Fronteira: Edgar Mitchell, o Astronauta que Virou Filósofo Explora as Guerras Estelares, a Espiritualidade e como Criamos Nossa Própria Realidade", *New Age* (maiojunho 1988), p. 87.
 87. Helen Wambach, *Revivendo Vidas Passadas* (Nova York: Harper & Row, 1978) p. 116.
 88. Ibid., pp. 128-34.
 89. Chet B. Snow e Helen Wambach, *Muitos Sonhos do Futuro* (Nova York: McGraw-Hill, 1989), p. 218.
 90. Henry Reed, *Alcançando o Passado com a Mente Sobre a Matéria, Ven-ture Inward 5*, n? 3 (maiojunho 1989), p. 6.
 91. Anne Moberly e Eleanor Jourdain, *Uma Aventura* (Londres: Faber, 1904).
 92. Andrew Mackenzie, *O Inexplicável* (Londres: Barker, 1966) conforme citado em Ted Holiday, *O Universo Gnomo* (St. Paul, Minn.: Llewellyn Publications, 1986), p. 96.
 93. Gardner Murphy e H. L. Klemme, "Negócios Inacabados", *Jornal da Sociedade Americana para Pesquisa Sensitiva* 60, n? 4 (1966), p. 5.
- 8. Viajando no Super-holograma**
1. Dean Shields, "Um Estudo Transcultural das Crenças nas Experiências Fora do Corpo", *Jornal da Sociedade para Pesquisa Sensitiva* 49 (1978), pp. 697-741.
 2. Erika Bourguignon, "Sonhos e Estados Alterados da Consciência na Pesquisa Antropológica" em *Antropologia Psicológica*, ed. E.L.K. Hus (Cam-bridge, Maas.: Schenkman, 1972), p. 418.
 3. Célia Green, *Experiências Fora do Corpo* (Oxford, Inglaterra: Instituto de Pesquisa Parapsicológica, 1968).
 4. D. Scott Rogo, *deixando o Corpo* (Nova York: Prentice-Hall, 1983), p. 5.
 5. Ibid.
 6. Stuart W. Twenlow, Glen O. Gabbard e Fowler C. Jones, "A Experiência Fora do Corpo: I, Fenomenologia; II, Perfil Psicológico; III, Diagnóstico Diferencial" (Artigos distribuídos na Convenção da Associação Psiquiátrica Americana). Veja também Twenlow, Gabbard e Jones, "A Experiência Fora do Corpo: Uma Tipologia Fenomenologica Baseada em Respostas a Questionários", *Jornal Americano de Psiquiatria* 139 (1982), pp. 450-55.
 7. Ibid.

8. Bruce Greyson e C.P. Flynn, *A Experiência no Limiar da Morte* (Chicago: Charles C. Thomas, 1984), conforme citado em Stanislov Groff, *A Aventura da Autodescoberta* (Albany, N.Y.: SUNY Press, 1988), pp. 71-72.
9. Michael B. Sabom, *Lembranças da Morte* (Nova York: Harper e Row, 1982), p. 184.
10. Jean-Noel Bassior, "Viagem Astral", *New Age Journal* (novembro-dezembro 1988), p. 46.
11. Charles Tart, "Um Estudo Parapsicológico das Experiências Fora do Corpo num Sujeito Selecionado", *Jornal da Sociedade Americana para Pesquisa Sensitiva* 62 (1968), pp. 3-27.
12. Karlis Osis, "Nova Pesquisa ASPR de Experiências Fora do Corpo", *Newsletter da Sociedade Americana para Pesquisa Sensitiva* 14 (1972); veja também Karlis Osis, "Pesquisa Fora do Corpo na Sociedade Americana para Pesquisa Sensitiva", em *A Mente Atrás do Corpo*, ed. D. Scott Rogo (Nova York: Penguin, 1978), pp. 162-69.
13. D. Scott Rogo, *Irrupções Sensitivas Hoje* (Wellingborough, Grã-Bretanha: Aquarian Press, 1987). pp. 163-64.
14. J.H.M. Whiteman, *A Vida Mística* (Londres: Faber & Faber, 1961).
15. Robert A. Monroe, *Viagens Fora do Corpo* (Nova York: Doubleday, 1985), p. 64.
17. David Eisenberg, com Thomas Lee Wright, *Encontros com Qi* (Nova York: Penguin, 1987). pp. 79-87.
18. Frank Edwards, "Pessoas que Viram Sem Olhos", *Gente Estranha* (Londres: Pan Books, 1970).
19. A. Ivanov, "Experimentos Soviéticos na Visão Sem Olhos", *Jornal Internacional de Parapsicologia* 6 (1964); veja também M.M. Bongard e M.S. Smirnov, "Sobre a Visão Dérmica de R. Kuleshova", *Biofísica* 1 (1965).
20. A. Rosenfeld, *Viendo Cores com os Dedos*, *Life* (12 de junho, 1964); 376 para um relato mais extenso de Kuleshova e a "visão sem olhos" em geral, veja Sheila Ostrander e Lynn Schroeder, *descobertas Sensitivas Por Trás da Cortina de Ferro* (Nova York: Bantam Books, 1970), pp. 170-85.
21. Rogo, *Irrupções Sensitivas*, p. 161.
22. Ibid.
23. Janet Lee Mitchell, *Experiências Fora do Corpo* (Nova York: Ballantine Books, 1987), p. 81.
24. August Strindberg, *tendas* (edição 1912), conforme citado em Colin Wilson, *O Oculto* (Nova York: Vintage Books, 1973), pp. 56-57.
25. Monroe, *Jornadas Fora do Corpo*, p. 184.
26. Whiteman, *Vida Mística*, conforme citado em Mitchell *Experiências*, p. 44.
27. Karlis Osis e Erlendur Haraldsson, "Observações de Leito de Morte por Médicos e Enfermeiras: Um Levantamento Transcultural", *Jornal da Sociedade Americana para Pesquisa Sensitiva* 71 (Julho 1977), pp. 237-59. .
28. Raymond A. Moody Jr. com Paul Perry, *A Luz Além* (Nova York: Bantam Books, 1988), pp. 14-15.
29. Ibid.
30. Elisabeth Kubler-Ross, *Sobre Crianças e Morte* (Nova York: MacMillan, 1983), p. 208.
31. Kenneth Ring, *Vida ao Morrer* (Nova York: Quill, 1980), pp. 238-39.
32. Kubler-Ross, *Crianças*, p. 210.
33. Moody e Perry, *Luz*, pp. 103-7.
34. Ibid., p. 151.
35. George Gallup Jr., com William Proctor, *Aventuras na Imortalidade* (Nova York: McGraw-Hill, 1982), p. 31.

36. Ring, *Vida ao Morrer*, p. 98.
37. Ibid. pp. 97-98.
38. Ibid., p. 247.
39. Comunicação particular com o autor, 24 de maio, 1990.
40. F. W. H. Myers, *Personalidade Humana e Sua Sobrevivência da Morte Corporal* (Londres: Longmans, Green & Co., 1904), pp. 315-21.
41. Ibid.
42. Moody e Perry, *Luz*, p. 8.
43. Joel L. Whitton e Joe Fisher, *Vida entre Vida* (Nova York: Doubleday, 1986), p. 32.
44. Michael Talbot, "Existências entre Existências: Uma Entrevista com Joel Whitton", *Omni WholeMind Newsletter* 1, n? 6 (maio de 1988), p. 4.
45. Comunicação particular com o autor, 9 de novembro, 1987.
46. Whitton e Fisher, *Vida entre Vida*, p. 35.
37747. Myra Ka Lange, "Ao Topo do Universo", *Aventura Interior* 4, n? 3 (maio-Junho de 1988), p. 42.
48. Moody e Perry, *Luz*, p. 129.
50. Raymond A. Moody Jr., *Reflexões sobre a Vida depois da Vida* (Nova York: Bantam Books, 1978), p. 38.
51. Whitton e Fisher, *Vida entre Vida*, p. 39.
52. Raymond A. Moody Jr. *Vida entre Vida* (Nova York: Bantam Books, 1976), p. 68.
53. Moody, *Reflexões sobre a Vida depois da Vida*, p. 35.
54. O experimentador de NDE de 1821 era a mãe do escritor inglês Thomas de Quincey e o incidente está descrito em suas *Confissões de um Comedor de Ópio Inglês com Suas Seqüelas Suspiria de Profundis e o Divã-Correio Inglês*, ed. Malcolm Elwin (Londres: Macdonald & Co., 1956), pp. 511-12.
55. Whitton e Fisher, *Vida entre Vidas*, pp. 42-43.
56. Moody e Perry *Luz*, p. 50.
57. Ibid., p. 35.
58. Kenneth Ring, *Dirigindo em Direção à Ômega* (Nova York: William Morrow, 1985), pp. 58-59.
59. Veja Ring, *Dirigindo em Direção à Ômega*, p. 199; Moody, *Reflexões Sobre a Vida depois da Vida*, pp. 9-14; e Moody e Perry, *Luz*, p. 35.
60. Moody e Perry, *Luz*, p. 35.
61. Monroe, *Jornadas Distantes*, p. 73.
62. Ring *Vida ao Morrer*, p. 248.
63. Ibid., p. 242.
64. Moody, *Vida depois da Vida*, p. 75.
65. Moody e Perry, *Luz*, p. 13.
66. Ring, *Dirigindo em Direção à Ômega*, pp. 186-87.
67. Moody e Perry, *Luz*, p.22.
68. Ring, *Dirigindo em Direção à Ômega*, pp. 217-18.
69. Moody e Perry *Luz*, p. 34.
70. Ian Stevenson, *Crianças que se Recordam de Vidas Anteriores* (Charlottesville, Va.: University Press da Virgínia, 1987), p. 110.
71. Whitton e Fisher, *Vida entre Vida*, p. 43.
72. Wil van Beek, *Hazrat Inayat Khan* (Nova York: Vantage Press, 1983), p. 29.
73. Monroe, *Jornadas Fora do Corpo*, pp. 101-15.
74. Veja Leon S. Rhodes, "Swedenborg e a Experiência no Limiar da Morte", em *Emanuel Swedenborg: Uma Visão Contínua*, ed. Robin Larsen e col. (Nova York: Fundação Swedenborg, 1988), pp. 237-40.
75. Wilson Van Dusen, *A Presença de Outros Mundos* (Nova York: Fundação Swedenborg, 1974), p. 75.
- 378
76. Emanuel Swedenborg, *O Humano Universal e a Interação Alma-Corpo*, ed. e trad. George F. Dole (Nova York: Paulist Press, 1984), p. 43.
77. Ibid.
78. Ibid., p. 156.
79. Ibid., p. 45.
80. Ibid., p. 161.
81. George F. Dole, "Uma Imagem de Deus num Espelho", em *Emanuel Swedenborg: Uma Visão Contínua*, ed. Robin Larsen e col. (Nova York: Fundação Swedenborg, 1988), pp. 374-81.
82. Ibid.
83. Theophilus Parsons *Ensaio* (Boston: Otis Clapp, 1845), p. 225.
84. Henry Corbin, *Mundus Imaginalis* (Ipswich, Inglaterra: Golgonooza Press, 1976), p. 4.
85. Ibid., p. 7.
86. Ibid., p. 5.
87. Kubler-Ross, *Crianças*, p. 222.
88. Comunicação particular com o autor, 28 de outubro, 1988.
89. Paramahansa Yogananda, *Autobiografia de um logue* (Los Angeles: Self-Realization Fellowship, 1973), p. vii.
90. Ibid., pp. 475-97.
91. Satprem, *SriAurobindo ou a Aventura da Consciência* (Nova York: Instituto para Pesquisa Evolutiva, 1984), p. 195.
92. Ibid., p. 219.
93. E. Nandisvara Nayake Thero, "Um Tempo de Sonho, Misticismo e Liberação: o Xamanismo na Austrália", em *Xamanismo*, ed. Shirley Nicholson (Wheaton, III.: Casa da Publicação Teosófica, 1987), pp. 223-32.
94. Holger Kalweit, *Tempo de Sonho e Espaço Interior* (Boston: Shambhala Publicações, 1984), pp. 12-13.
95. Michael Harner, *O Caminho do Xamã* (Nova York: Harper & Row, 1980), pp. 1-8.
96. Kalweit, *Tempo de Sonho*, pp. 13, 57.
97. Ring, *Dirigindo em Direção à Ômega*, pp. 143-64.
98. Ibid., pp. 114-20.
99. Bruce Greyson, "Aumento de Fenômenos Psi-relacionados e Sensíveis depois das Experiências no Limiar da Morte", *Thefa*, conforme citado em Ring, *Dirigindo em Direção à Ômega*, p. 180.
100. Jeff Zaleski, "Vida depois da Morte: Nem Sempre um depois Fe-liz", *Omni Wholemind Newsletter* 1, n? 10 (setembro de 1988), p. 5.
101. Ring, *Dirigindo em Direção à Ômega*, p. 50.
102. John Gliedman, "Entrevista com Brian Josephson", *Ow* 4, n? 10 (Julho 1982), pp. 114-16.

379103. P.C.W.Davies, "O Problema da Mente-Corpo e a Teoria Quântica", em *Procedimentos do Simpósio sobre a Consciência e Sobrevivência*, ed. John S. Spong (Sausalito, Calif.: Instituto de Ciências Noéticas, 1987), pp. 113-14.
 104. Candace Pert, *Neuropeptídeos, as Emoções e Mente Corporal nos Procedimentos do Simpósio sobre Consciência e Sobrevivência*, ed. John S. Spong (Sausalito, Calif.: Instituto de Ciências Noéticas, 1987), pp. 113-14.
 105. David Bohm e Renee Weber, "Natureza Enquanto Criatividade", *Re-Visão* 5, n? 2 (Outono 1982), p. 40.
 106. Comunicação particular com o autor. 9, novembro, 1987.
 107. Monroe, *Jornadas Fora do Corpo*, pp. 51 e 70.
 108. Dole, em *Emanuel Swedenborg*, p. 44.
 109. Whitton e Fisher, *y ida entre Vida*, p. 45.
 110. Veja, por exmplo, *Moody Reflexões Sobre a Vida após a Vida*, pp. 13-14; e Ring, *Dirigindo em Direção à Ômega*, pp. 71-72.
 111. Edwin Bernbaum, *O Caminho para Shambhala* (Nova York: Anchor Books, 1980), pp. xiv, 3-5.
 112. Moody, *Reflexões Sobre a Vida depois da Vida*, p. 14; e Ring *Dirigindo em Direção à Ômega*, p. 71.
 113. W.Y. Evans-Wentz, *A Fé nas Fadas nos países Celtas* (Oxford: Oxford University Press, 1911), p. 61.
 114. Monroe, *Jornadas Fora do Corpo*, pp. 50-51.
 115. Jacques Vallée, *Passaporte para Magonia* (Chicago: Henry Pegnery Co., 1969), p. 134.
 116. Comunicação particular com o autor, 3 de novembro, 1988.
 117. D. Scott Rogo, *Milagres* (Nova York: Dial Press, 1982), pp. 256-57.
 118. Michael Talbot, "OVNIs: Além do Real e do Irreal", em *deuses de Aquarius*, ed. Brad Steiger (Nova York: Harcourt Brace Jovanovich, 1976), pp. 28-33.
 119. Jacques Vallée, *Dimensões: Um Livro de Registro de Contato Alienígena* (Chicago: Contemporary Books, 1988), p. 259.
 120. John G. Fuller, *A Jornada Interrompida* (nova York: Dial Press, 1966), p. 91.
 121. Jacques Vallée, *Passaporte para Magonia*, pp. 160-62.
 122. Talbot, em *deuse de Aquarius*, pp. 28-33.
 123. Kenneth Ring, "Por Uma Interpretação Imaginai das Abduções OV-*W*ReVisão 11, n? 4 (Primavera 1989), pp. 17-24.
 124. Comunicação pessoal com o autor, 19, setembro, 1988.
 125. Peter M. Rojewicz, "O Folclore dos Homens em Negro: Um Desafio ao Paradigma Predominante", *ReVisão* 11, n? 4 (primavera de 1989), pp. 5-15.
 - 380
 126. Whitley Strieber, *Comunicação* (Nova York: Beech Tree Books, 1987), p. 295.
 127. Carl Raschke, "OVNIs Agentes Ultraterrestres de Destruição Cultural", em *Estudos Ciberbiológicos do Componente Imaginai na Experiência de Contato OVNI*, ed. Dennis Stillings (St. Paul, Minn.: Archaeus Project, 1989), p. 24.
 128. Michael Grosso, "OVNIs e o Mito da Nova Era", em *Estudos Ciberbiológicos do Componente Imaginai nas Experiências de Contato OVNI*, ed. Dennis Stillings (St. Paul, Minn.: Archaeus Project, 1989), p. 81.
 129. Raschke, em *Estudos Ciberbiológicos*, p. 24.
 130. Jacques Vallée, *Dimensões: Um Livro de Registro do Contato Alienígena* (Chicago: Contemporary Books, 1988), pp. 284-89.
 131. John A. Wheeler, com Charles Misner e Kip S. Thorne, *Gravitação* (São Francisco: Freeman, 1973).
 132. Strieber, *Comunicação*, p. 295.
 133. Comunicação particular com o autor, 8 de junho, 1988.
- 9. Retorno ao Tempo do Sonho**
1. John Blofeld, *O Misticismo Tântrico do Tibete* (Nova York: E.P. Dut-ton, 1970), pp. 61-62.
 2. Garma C.C. Chuang, *Ensinaamentos de loga Tibetana* (Secaucus, N.J.: Citabel Press, 1974), p. 26.
 3. Blofeld, *Misticismo Tântrico*, pp. 61-62.
 4. Lobsang P. Lhalungpa, trad., *A Vida de Milarepa* (Boulder, Colo.: Shambhala Publicações, 1977), pp. 181-82.
 5. Reginald Horace Blyth, *Jogos Tjen que os Mestres Jogam*, ed. Robert Sohl e Andrey Carr (Nova York: Nova Biblioteca Americana, 1976), p. 15.
 6. Margaret Stutley, *Hinduismo* (Welüingborough, Inglaterra: Aquarian Press, 1985), pp. 9, 193.
 7. Swami Prabhavananda e Frederick Manchester, trad., *Os Upanishads* (Holywood, Calif.: Vedanta Press, 1975), p. 197.
 8. Sir John Woodrolle, *O Poder da Serpente* (Nova York: Dover, 1974), p. 33.
 9. Stutley, *Hinduismo*, p. 27.
 10. Ibid., pp. 27-28.
 11. Woodroffe, *O Poder da Serpente*, pp. 29, 33.
 12. Leo Schaya, *O Sentido Universal da Cabala* (Baltimore, Md.: Penguin 1973), p. 67.
 13. Ibid.
 38114. Serge King, "O Caminho do Aventureiro", em *Xamanismo*, ed. Shirley Nicholson (Wheaton, 111.: Casa da Publicação Teosófica, 1987), p. 193.
 15. E. Nandisvara Nayake Thero, "O Tempo de Sonho, Misticismo e Liberação: O Xamanismo na Austrália", em *Xamanismo*, ed. Shirley Nicholson (Wheaton, 111.: Casa da Publicação Teosófica, 1987), p. 226.
 16. Mareei Griaule, *Conversas com Ogotemeli* (Londres: Universidade de Oxford Press, 1965), p. 108.
 17. Douglas Sharon *Magos dos Quatro ventos: A História de um Xamã* (Nova York: Free Press, 1978), p. 49.
 18. Henry Corbin, *Imaginação Criativa no Suflismo de Ibn'Arabi*, trad. Ralph Manheim (Princeton, N.J.: Universidade Princeton Press, 1969), p. 259.
 19. Brian Brown, *A Sabedoria dos Egípcios* (Nova York: Brentano's, 1923), p. 156.
 20. Woodroffe, *O Poder da Serpente*, p. 22.
 21. John G. Neihardt, *O Alce Negro Fala* (Nova York: Pocket Books, 1972), p. 36.
 22. Tryon Edwards, *Um Dicionário do Pensamento* (Detroit: F.B. Dicker-son Co., 1901), p. 196.
 23. Sir Charles Eliot, *O Budismo Japonês* (Nova York: Barnes e Noble, 1969), pp. 109-10.

24. Alan Watts, *Tão — O Caminho do Curso D'água* (Nova York: Barnes & Noble, 1975), p. 35.

25. F. Franck, *Livro de Angelus Silesius* (Nova York: Random House, 1976), conforme citado em Stanislaw Grof, *Além do Cérebro* (Albany, N. Y.: SUNY Press, 1985), p. 76.

26. "Sons Holofônicos Transmitidos Diretamente do Cérebro", *Boletim CérebroMente* 8, n° 10 (30 de maio, 1983), p. 1.

27. "A Mídia Européia Vê a Holofonia como uma Superação", *Boletim CérebroMente* 8, n° 10 (30 de maio, 1983), p. 3.

28. Ilya Prigogine e Yves Elskens, "Irreversibilidade, Estocasticidade e a Não-Localidade nas Dinâmicas Clássicas", em *Implicações Quânticas*, ed. Basil J. Hiley e F. David Peat (Londres: Routledge & Kegan Paul, 1987), p. 214; veja também "Uma Adaptação Holográfica?" *Boletim CérebroMente* 4, n° 13 (21, Maio, 1979), p. 3.

29. Marcus S. Chen, "Projeto de um Novo Meio para o Processamento de Informação de Volume Holográfico," *lógica Aplicada* 25, n° 14 (15 de julho, 1986), pp. 2288-94.

30. Dana Z. Anderson, "Memória de Estado Eigen Óptico Coerente", *Cartas Ópticas* 11, n° 1 (janeiro de 1986), pp. 56-58.

31. Willis W. Harman, "O Enigma Persistente: A Necessidade de uma Reestruturação Básica da Ciência", *Revisão das Ciências Noéticas*, n° 8 (outono de 1988), p. 23.

32. "Entrevista: Brian L. Weiss, M.D.", *Aventura Interior* 6, n° 4 (julho-gosto de 1990), pp. 17-18.

33. Comunicação particular com o autor, 9 de novembro, 1987.

34. Stanley R. Dean, C.O. Plyler Jr. e Michael L. Dean, "Os estudos Sensitivos Podem Ser Incluídos no Ensino Psiquiátrico? Um Levantamento de Opinião", *Jornal Americano de Psiquiatria* 137, n° 10 (outubro de 1980), pp. 1247-49.

35. Ian Stevenson, *Crianças que Se Recordam de Vidas Passadas* (Charlottesville, Va.: University Press da Virgínia, 1987), p. 9.

36. Alexander P. Dubrov e Veniamin N. Pushkin, *Parapsicologia e Ciência Contemporânea* (Nova York: Consultants Bureau, 1982), p. 13.

37. Harman. *Revisão de Ciências Noéticas*, p. 25.

38. Kenneth Ring, "Encontros OVN1 e no Limiar da Morte como Iniciações Xamânicas: Algumas Implicações Evolutivas e Conceituais", *Revisão* 11, n° 3 (inverno de 1989), p. 16.

39. Richard Daab e Michael Peter Langevin, "Uma Entrevista com Whitley Strieber", *Mifg/c0/ Blend* 25 (janeiro de 1990), p. 41.

40. Lytle Robinson, *A História de Edgar Cayce da Origem e do Destino do Homem* (Nova York: Berkley Medallion, 1972), pp. 34, 42.

41. Proveniente da Lankavatara Sutra conforme citado por Ken Wilbur, "Física, Misticismo e o Novo Paradigma Holográfico", em Ken Wilbur, *O Paradigma Holográfico* (Boulder, Colo.: Biblioteca Nova Ciência, 1982), p. 161.

42. David Loye, *A Esfinge e o Arco-íris* (Boulder, Colo.: Shambhala Publicações, 1983), p. 156.

43. Terence McKenna, "Novos Mapas do Hiperespaço", *Afag/ca/ Blend* 22 (abril de 1989), pp. 58, 60.

44. Daab e Langevin, *Magical Blend*, p. 41.

45. McKenna, *Magical Blend*, p. 60.

46. Emanuel Swedenborg *O Humano Universal e a interação Alma-Corpo*, ed. e trad. George F. Dole (Nova York: Paulist Press, 1984), p. 54.

47. Joel L. Whitton e Joe Fisher, *Vida entre Vida* (Nova York: Doubleday, 1986), pp. 45-46.